

FRANZ KAFKA

L&PM EDITORES

DIÁRIOS 1909-1912

FRANZ KAFKA

**DIÁRIOS
1909-1912**

Tradução do alemão e notas de RENATO ZWICK

Apresentação e cronologia de MARCELO BACKES

L&PM EDITORES

APRESENTAÇÃO

A unidade essencial de Kafka

*Marcelo Backes**

KAFKA É SEMPRE O mesmo, e no melhor dos sentidos!

Não importa sequer o gênero, se romance, se conto, se diário, se carta, Kafka é sempre o mesmo. Independentemente até da feição que assume, Kafka é sempre ele.

Quando é Joseph K. ou um camundongo – inclusive quando é a cantora e rainha dos camundongos –, quando é Gregor Samsa ou quando é um cão, quando é um solteirão ou um pai de família, quando é um médico rural ou um professor de aldeia, quando é um comerciante ou um vizinho, quando é Ulisses ou as sereias que o encantam, quando é Sancho Pança ou Bucéfalo, quando é Prometeu ou Posídon, quando é um pião ou o filósofo que o persegue, até quando é um índio ou o campeão de natação que não sabe nadar, o herói de Kafka é sempre o mesmo, Kafka é sempre o mesmo.

No retrato resultante da elaboração que faz de si próprio nas notas de seus diários, percebemos que Kafka também não muda e continua igual a seus personagens. É marcado pelas mesmas vicissitudes, pela mesma ausência de perspectivas, a mesma impossibilidade de se adequar ao entorno. Ainda que pelo gênero as notas do diário devessem ter um cunho bem mais pessoal, percebe-se nelas mais uma vez como são aparentadas as criações ficcionais e as elaborações autorais-biográficas de Kafka.

Até num aforismo, e os diários de Kafka são também coleções de aforismos brilhantes, o autor se confunde de maneira lúdica e insinuante

com seu personagem sempre igual, e diz de um certo e aparentemente indeterminado “ele”: “Há quem negue a existência das desgraças apontando para o sol; ele nega a existência do sol apontando para as desgraças”.

“Ele” também é sempre Kafka!

O DIÁRIO COMO GÊNERO LITERÁRIO

A discussão em torno da validade do diário como obra literária é imensa, continua existindo, mas cedeu em importância com o passar dos anos. A solução de muitos críticos para tangenciar o debate, e isso bem antes do nascimento da internet, dos blogs, do Facebook e do Instagram, era dizer que um diário como os diários de Goethe, de Friedrich Hebbel ou os diários de Kafka, que apresentam altas elaborações literárias, não é um diário, no fundo.

Em termos históricos, o diário começou a ser valorizado literariamente na Alemanha apenas durante o pietismo, movimento protestante do século XVII, surgido em oposição à teologia racionalista e ao dogmatismo que dominavam a igreja oficial alemã. A autoanálise literária, da qual Montaigne (1533-1592) é o primeiro grande representante moderno, deu ao diário o maior impulso universal. Não há referências precisas de que o diário tenha sido cultivado com regularidade antes disso como possibilidade literária de algum alcance. Casos como o do *Diário de um burguês de Paris*, escrito por um frade do século XV, são individuais e esporádicos.

Pouco mais tarde, os diários passaram a ser vistos com interesse literário cada vez maior, sobretudo entre os ingleses. No século XVII, o gênero era praticado na Inglaterra como em nenhum outro país, ainda que, em muitos casos, sem finalidade de publicação. Exemplo disso é o *Diário* (1660-1669)

de Samuel Pepys, publicado em 1825, quase 150 anos após a morte do autor. A obra é um vasto painel da sociedade inglesa da época e sumamente penetrante na análise do país. Outra crônica inestimável dos acontecimentos de seu tempo foi o *Diário* de John Evelyn, que abrange o período entre 1641 e 1697 e foi publicado em 1818.

No século XVIII, os maiores escritores de diários ainda eram os ingleses: Daniel Defoe, Jonathan Swift e Henry Fielding, entre outros. Na França, o diário de Louis Petit de Bachaumont na primeira metade do século XVIII é uma obra valiosa, sobretudo do ponto de vista histórico. Já o diário dos irmãos Goncourt, intitulado *Journal des Goncourts* – imenso em seus 22 volumes, com publicação iniciada em 1851 –, é uma das obras mais importantes do gênero e talvez a única das obras dos célebres irmãos que ainda hoje guarda interesse. Na condição de documento de época, ela desnuda a vida social e literária da Paris do século XIX, num painel bem elaborado, de requintes impressionistas, que seria um dos pontos de partida, ainda superficial, para a análise profunda da sociedade empreendida por Marcel Proust da torre de sua solidão algumas décadas mais tarde.

Voltando à Alemanha – ou à língua alemã, para ser mais preciso –, o filósofo, teólogo, poeta e teórico do “magnetismo animal” Johann Kaspar Lavater praticou o diário em segredo, e Johann Gottfried von Herder o disfarçou em relatos de viagem; ambos na segunda metade do século XVIII. Em Goethe, que passou a fazer apontamentos diários a partir de 1775, o diário continua um testemunho privado, ainda que *Poesia e verdade*, uma de suas obras-primas, seja puramente autobiográfica e mantenha algumas características típicas do diário. Ademais, Goethe fortaleceu a literariedade do gênero ao conceder ao diário de Otília, no romance *Afinidades eletivas*, uma potência literária poucas vezes igualada. Depois de Goethe vieram o

poeta Gustav von Platen e sua confissão absoluta, irremediável, total; e Franz Grillparzer, entre outros; e em seguida Friedrich Hebbel, que já registrou a vontade de que seus diários fossem publicados, mas apenas após sua morte. Os *Diários* de Hebbel são o registro de sua obra e atuação em seu tempo. Influenciaram escritores da estatura de Franz Kafka e de Thomas Mann, que mais tarde se desnudaria por inteiro na imensidão oceânica de seus diários, mostrando em registros feitos antes do quinze anos a convicção secreta e sutil de que as anotações pessoais seriam publicadas algum dia.

De grande valor poético, os *Diários* de Hebbel antecipam de modo mais direto aquilo que seriam os diários de Kafka. Eles são um testemunho da obra de arte literária total. Neles, o autor comenta sua vida pessoal e a do mundo que o rodeia, escreve e analisa cartas, relata viagens, anota leituras, glosa a respeito de suas obras, registra os seus e os sonhos de suas mulheres, entabula poesias, pratica a crítica (sobra para Goethe, inclusive, mas com respeito, Heine, Jean Paul e outros; ao passo em que Lessing, Lichtenberg e Moritz Saphir, o folhetinista vienense, são elogiados à exaustão) e até faz comentários metaliterários acerca da importância do diário.

OS DIÁRIOS DE KAFKA

Kafka começou a fazer registros em seus diários em 1909 e só parou em 1923, pouco antes de morrer. Publicados em várias coletâneas mais ou menos completas, eles hoje existem em sua completude, em edição crítica e comentada, na Alemanha. Além da grande coleção de aforismos geniais, os diários de Kafka apresentam fluxos narrativos quase acabados, como a

história da bailarina russa Ievguênia Eduardova (1882-1960) logo no princípio do presente volume, todos marcados por um tom sempre bem kafkiano. Franz Kafka, assim como Friedrich Hebbel, registra tudo em seus diários em elaborações que atingem a profundidade de suas melhores obras. Como por exemplo quando fala do desespero que sente em relação ao próprio corpo, com o qual tem – Kafka descobre a existência do corpo, assim como todos nós, no descabro em que o mesmo corpo se recusa a funcionar – uma relação tão próxima, íntima e inseparável, a ponto de às vezes sentir que é um soldado cobrindo a retirada de um companheiro, enquanto sente o corpo esfaqueado pelas balas do inimigo.

A angústia da escrita, mais que a da página em branco, a agonia de achar que tudo aquilo que registra não corresponde à essência e não chega ao âmago, é manifestada um sem-número de vezes. Em determinado momento chega a dizer que não conseguiu escrever nada de essencial há mais de um ano. As fantasias de morte, a invenção até de uma incineração aniquiladora e repetida por dez vezes como garantia à eficácia do processo também é registrada. E o “eu” que se manifesta nos diários é sempre o mesmo dos contos, dos romances, tanto que não foi por acaso que se chegou a dizer que Kafka é mais autobiográfico em *A metamorfose* do que em *Carta ao pai*.*

A diferença é que Kafka, do ponto de vista da forma, apenas faz em seus diários uma tentativa de se entender de um modo mais diretamente autoral, na medida em que o texto registrado no diário se pressupõe, como gênero, mais próximo da realidade do que um texto ficcional. Mas em Kafka essa diferenciação é sempre diluída. Nos diários, ele busca se compreender inclusive a partir da análise da educação à qual foi submetido, buscando decifrar de onde vem sua inadequação, sua impossibilidade de se adaptar

com alguma naturalidade ao mundo à sua volta. Numa passagem, ele fala de seu corpo, e, essa é a surpresa, caracteriza-o como “relativamente pequeno e um tanto gordo”; logo em seguida, Kafka diz que mesmo assim agrada a muitos, inclusive às moças; e fala de uma que lhe manifestou ao ouvido o desejo de vê-lo nu e lhe dar beijos, ao que elabora: “Mas se aqui me faltasse o lábio superior, ali a concha do ouvido, aqui uma costela e ali um dedo, se tivesse manchas sem cabelo na cabeça e cicatrizes de varíola no rosto, isso ainda não seria uma contraparte satisfatória de minha imperfeição interior.” Quase entendemos, diante do ensejo, a necessidade que faz Gregor Samsa amanhecer transformado num inseto monstruoso: só a feição externa de inseto monstruoso dá contornos realistas ao descalabro interno. Em outro momento Kafka diz que seu corpo é certamente um obstáculo capital ao seu progresso, que com um corpo desses não se consegue nada, que seu corpo é longo demais para sua fraqueza, que esse corpo não tem, conforme agora diz, a mínima gordura para produzir um calor propício, para conservar o fogo interno, uma gordura da qual o espírito pudesse se nutrir; além de falar repetidamente de seu coração fraco, dizendo que ele é incapaz de impelir o sangue por todo o comprimento imenso de suas pernas.

Kafka aborda sua relação cheia de conflitos com o mundo do trabalho, que o impedia de cultivar literariamente em tempo integral seu atormentado eu. Percebe-se como Kafka era solitário, que tinha poucos amigos, mas que levava uma vida cultural até intensa, fazendo muitas visitas à casa de Max Brod, indo ao teatro, fazendo comentários críticos a peças e romances publicados, acompanhando a vida literária e mundana, frequentando conferências de palestrantes mais ou menos conhecidos. Muitas coisas surpreendem, como um materialismo que se manifesta de maneira

avassaladora quando analisa determinado costume judaico: “O costume de, logo após o despertar, mergulhar os dedos três vezes na água, pois durante a noite os maus espíritos se sentam sobre a segunda e a terceira falanges. Explicação racionalista: cabe evitar que os dedos passem logo pelo rosto, pois durante o sono e o sonho, afinal, podem ter tocado, sem controle, todas as partes possíveis do corpo, as axilas, o traseiro, os genitais”.

Kafka fala da relação com a antroposofia de Rudolf Steiner em piadas às vezes engraçadas: “– A senhora Fanta: tenho memória ruim. Dr. Steiner: não coma ovos”. Menciona Charles Dickens, George Sand, o amigo Max Brod, e admite que odeia Franz Werfel e que o inveja, mas diz que não o odeia porque o inveja, apesar de Werfel ser saudável, jovem e rico. Kafka também fala de Knut Hamsun, que ele admirava, e de Alfred Kubin, que em certo sentido é seu precursor.

Goethe e os diários de Goethe são comentados e lidos com atenção. Kafka ousa dizer que há trechos falhos em *Ifigênia em Táuride*, mas louva a língua límpida e pura de Goethe. Num encontro com Alfred Kubin, discute a prisão de ventre que acossa a ambos, e fala da despedida dos encontros em que a última palavra de Kubin é sempre: “Regulin!”, o remédio que ele fazia questão de recomendar para o referido mal. De Friedrich Hebbel, Kafka fala com intimidade, especulando sobre um parentesco que aliás vai muito além dos diários que o autor também cultivou. Intimidade e parentesco que só são mais intensos com Kleist. A importância da visão de mundo de Heinrich von Kleist na obra de Kafka – sobretudo na relação entre sistema avassalador e indivíduo acossado – já foi vislumbrada por Kurt Tucholsky, que chamou o escritor tcheco de “neto de Kleist”. O próprio Kafka admitia que a novela *Michael Kohlhaas*, de Heinrich von Kleist* – ele chegou a ver no personagem um “parente consanguíneo” –, era

uma de suas obras preferidas. A grande admiração e o parentesco visível – afinidades não eletivas, afinidades fatais – com Kleist são registrados em várias notas do diário. Em dado momento, ao serem lembrados os cem anos do suicídio precoce do autor que também jamais conseguiu se adequar ao mundo à sua volta, Kafka se limita a dizer, com a ironia mais séria deste mundo, que a família de Kleist mandou botar em seu túmulo uma inscrição que dizia: “Ao melhor de sua estirpe”.

Kafka também fala de suas visitas ao bordel, de sua insônia, da questão judaica, das experiências extensivas com o teatro iídiche, que ecoaria de modo importante, ainda que sutil, em sua obra. O interesse pela história e pela cultura judaicas é grande. Em dado momento, Kafka se debruça extensivamente sobre a circuncisão, analisando-a em diversos aspectos.

Vários sonhos, que também estão muito próximos de suas narrativas, são contados. Kafka menciona suas refeições vegetarianas, seus gases, assim como a fantasia, ao se sentir saudável, de engolir com os olhos todo o tipo de embutidos e doces. A imagem é extraordinária e mostra que seriam procedentes as especulações acerca de um distúrbio alimentar: “Se vejo uma salsicha com um cartaz indicando que é uma salsicha caseira, velha e dura, mordo-a, em imaginação, com todos os meus dentes e a engulo rápida, regular e impensadamente como uma máquina. O desespero, que, mesmo em imaginação, é a consequência imediata desse ato, aumenta minha pressa. Enfio na boca longos pedaços de costeletas, sem mastigá-las, e depois os puxo para fora por trás, rasgando o estômago e os intestinos. Esvazio, comendo, mercearias imundas inteiras. Encho-me com arenques, pepinos e todo tipo de comidas estragadas, velhas e picantes. Bombons são derramados de suas latas dentro de mim como granizo. Assim não gozo apenas meu estado saudável, e sim também um sofrimento, que é sem dor e

logo pode passar”.

Sua relação suave com a mãe também é dissecada. Ele diz em determinando momento não a ter amado mais desde o princípio porque a chamava de *Mutter*, que era a mãe por excelência em alemão – e nada tinha a ver com a sua mãe judia –, com um contorno linguístico no qual se mostrava não apenas esquisita, mas inclusive estranha em sua entonação carregada de cristianismo; e que até se salvaria chamando-a de *Mama*, se mesmo assim não imaginasse o *Mutter* por trás do conceito.

O significado de ser solteiro, tematizado em tantos contos como “Blumfeld, um solteirão de mais idade”*, é analisado extensivamente em diversos registros do diário. Em determinado momento, no registro de 15 de novembro de 1911, Kafka diz de modo impressionante, mostrando mais uma vez a relação íntima existente entre ele e seus personagens: “Não me deixarei ficar cansado. Saltarei para dentro de minha novela, mesmo que isso corte meu rosto”.

Às vezes, parece claro que Kafka já coqueteia com uma publicação de seus diários, quando por exemplo diz: “Minha irmã casada acaba de chegar para nos visitar pela primeira vez”. Alguém que escreve para si mesmo não escreve desse jeito, e Kafka na verdade parece estar apresentando sua irmã Elli aos leitores. Em um momento de alta voltagem poética, o escritor tcheco conta como uma brisa de Paris pode soprar em seu rosto na praça central de Praga logo depois de passar um automóvel com cheiro de gasolina.

Os embriões do que seriam contos, futuramente, como acontece com a narrativa “*Unglücklichsein*” [Infelicidade], no início do segundo caderno, que depois faria parte do primeiro livro de Kafka, *Betrachtung* [Contemplação], publicado em 1912, também são registrados. As tentativas

de emendar a novela *Beschreibung eines Kampfes* [*Descrição de uma luta*] em vários trechos reelaborados, em vários novos recortes e versões, aparecem igualmente. Há esboços inclusive de contos que jamais seriam publicados, um fragmento de romance [*Richard e Samuel*] escrito a quatro mãos com Max Brod e, ao final do segundo caderno, um trecho até bem longo de “O foguista”, que depois faria parte do romance *O desaparecido* (rebatizado por Max Brod com o título de *América*).

São vários os comentários sobre uma viagem a Paris com Max Brod. Mas Kafka também fala da agitação que sentiu no dia em que a governanta lhe leu *Sonata a Kreutzer* de Tolstói em voz alta. Quando descreve o conhecido desenho de Schiller feito por Gottfried Schadow, Kafka é tão peculiar e profundo que não conseguimos deixar de contemplar o referido esboço com atenção mais uma vez.

Os aforismos já pululam a cada página. A presença deles se tornaria ainda mais constante nos diários entre setembro de 1917 e abril de 1918, a ponto de Max Brod reunir 109 aos quais deu o título de “Considerações sobre pecado, esperança, sofrimento e o verdadeiro caminho” (1931), também conhecidos como Aforismos de Zürau, o lugarejo em que Kafka foi tratar de sua tuberculose, na casa da irmã Ottla, sua preferida. Apesar do amargor contínuo dos aforismos (“O caminho verdadeiro segue sobre uma corda estendida não no alto, mas pouco acima do chão. Ela parece estar destinada antes a fazer tropeçar do que a ser percorrida.”), Kafka caracterizaria a época como “talvez” a melhor de sua vida, também porque estava livre de todas as responsabilidades do trabalho, da pressão dos pais e das mulheres.

Os diários do período de formação, entre 1909 e 1912, mostram que não há nada mais silencioso do que um canhão antes do tiro. Logo em seguida

viria *A metamorfose* e toda a obra madura do autor. Capaz de fantasiar em relação às ilusões da realidade mais palpável, Kafka chega a falar dos quarenta anos que tem, quando na verdade nasceu em 1883 e poderia, portanto, ter no máximo 28 anos à época em que faz o registro. Em 1911, Kafka já prevê também que dificilmente chegará aos quarenta anos, e nesse momento não aventa o suicídio, mas as vicissitudes do próprio corpo, parecendo situar seus maiores problemas no coração. Mas a relatividade do tempo, kafkiano ou proustiano, ensina que a idade também não é medida pelos relógios. E não há, ademais, nada mais desesperadamente kafkiano do que anotações lapidares como: “Hoje nem sequer ousou me fazer recriminações. Chamado a entrar nesse dia vazio, isso teria um eco asqueroso”. Profundidade dolorosa que volta a se manifestar alguns meses depois: “Hoje cedo, pela primeira vez desde muito tempo, outra vez a alegria com a ideia de uma faca sendo torcida em meu coração”.

Os diários de Kafka mostram Kafka sendo autenticamente Kafka mais uma vez.

* Marcelo Backes é escritor, tradutor e professor da Casa do Saber. Doutor em germanística e romanística pela Universidade de Freiburg, na Alemanha, é autor dos romances *A casa cai* e *O último minuto*, ambos pela Companhia das Letras, entre outras obras. (N.E.)

* Ambas as obras foram publicadas em tradução minha na Coleção L&PM POCKET. Na apresentação de *Carta ao pai*, detalho ainda mais a tese.

* A tradução da novela para a coleção Fanfarrões, Libertinas & Outros Heróis recebeu o Prêmio Paulo Rónai da Academia Brasileira de Letras.

* A narrativa dá título à coletânea de contos de Kafka *Blumfeld, um solteirão de mais idade e outras histórias* (Civilização Brasileira, 2018), em cujo posfácio também falo dos diários de Kafka e desenvolvo ainda mais extensivamente a tese da unicidade de sua obra.

NOTA DO TRADUTOR

A edição alemã empregada para esta tradução baseia-se nos manuscritos de Kafka. Tal edição reproduz, portanto, todas as incorreções e peculiaridades gramaticais, ortográficas, de pontuação e de grafia de nomes próprios contidas nesses manuscritos. Estas características foram conservadas, na medida do possível, na tradução. Assim, será muito comum encontrar durante a leitura: 1) justaposição de orações (e não a esperada ligação por meio de conectivos), 2) ausência de ponto final em muitos trechos e 3) discrepâncias entre a grafia dos nomes próprios no texto de Kafka e aquela empregada nas notas de rodapé.

Além disso, os *Diários* não apresentam uma ordem cronológica estrita. O primeiro e o segundo cadernos, por exemplo, foram iniciados no mesmo ano, mas tinham originalmente funções distintas: o primeiro deveria servir para o diário propriamente dito, e o segundo, para o registro de textos ficcionais. Este segundo, porém, também acabou sendo transformado em diário, assim como o primeiro não deixa de conter fragmentos literários.

As inserções no texto de Kafka, indicadas por colchetes, são de dois tipos. Ou provêm dos editores alemães, como no caso de complementos ou retificações de datas, ou são do tradutor, informando geralmente a tradução de títulos de obras inéditas em português.

Quanto às notas de rodapé, basearam-se sobretudo no detalhado comentário da edição alemã, mas também em obras de referência e obras específicas citadas.

DIÁRIOS

1909-1912

PRIMEIRO CADERNO

Os espectadores se paralisam quando passa o trem.

“Se ele me perguntar.” O *a*, separado da frase, voou longe como uma bola pelo gramado.

A seriedade dele me mata. A cabeça no colarinho, os cabelos imovelmente arrumados em torno do crânio, os músculos embaixo das bochechas tensos em seu lugar.

O bosque ainda está aí? O bosque ainda estava mais ou menos aí. Porém, mal meu olhar tinha se afastado dez passos, cedi, novamente apanhado pela conversa tediosa.

No bosque escuro, no chão completamente amolecido, só pude me orientar pela brancura de seu colarinho.

Em sonhos, pedi à bailarina Eduardova¹ para que dançasse a xarda mais uma vez. Ela tinha uma larga faixa de sombra ou luz no meio do rosto, entre a borda inferior da testa e o meio do queixo. Acabava de chegar alguém, com os movimentos asquerosos do intriguista inconsciente, para lhe dizer que o trem logo partiria. Pela maneira como ouvia a notícia, ficou terrivelmente claro para mim que ela não dançaria mais. “Sou uma mulher má, ruim, não é verdade?”, disse ela. Oh, não, eu disse, isso não, e me virei numa direção qualquer para ir embora.

Antes a interoguei sobre as muitas flores que estavam enfiadas em seu cinto. “São de todos os príncipes da Europa”, disse ela. Refleti sobre o sentido que poderia ter o fato de essas flores, que estavam frescas enfiadas em seu cinto, terem sido presenteadas à bailarina Eduardova por todos os príncipes da Europa.

A bailarina Eduardova, uma amante da música, também anda no bonde, como em toda parte, acompanhada por dois violinistas, a quem manda tocar com frequência. Pois não há qualquer proibição impedindo que se toque música no bonde se a execução for boa, agradável aos passageiros e não custar nada, isto é, se ninguém passar o chapéu depois. No começo, porém, é um pouco surpreendente e, por um breve momento, todos acham que é impróprio. Mas à plena velocidade, com uma forte corrente de ar e ruas silenciosas, soa bonito.

A bailarina Eduardova não é tão bonita ao ar livre quanto é no palco. A cor pálida, esses zigomas que retesam a pele a tal ponto que mal há um movimento mais forte no rosto, o nariz grande – que se eleva como que de uma depressão –, com o qual não se pode fazer nenhuma brincadeira, como testar a dureza da ponta ou pegá-lo levemente pelo dorso e puxá-lo para cá e para lá dizendo “mas agora tu vens junto”, a figura larga de cintura alta com saias pregueadas demais, a quem agrada isso – ela quase se parece com uma de minhas tias, com uma senhora avelhantada, muitas tias mais velhas de muita gente são parecidas. Mas para essas desvantagens, não se

acha na Eduardova ao ar livre, exceto pelos pés muito bons, propriamente qualquer substituto, não há realmente nada aí que fosse motivo de entusiasmo, espanto ou mesmo apenas consideração. E foi assim que também vi a Eduardova ser tratada muitas vezes com uma indiferença que mesmo senhores normalmente muito gentis e muito corretos não conseguiam esconder, embora, como é natural, se esforçassem muito nesse sentido diante de uma bailarina conhecida como era, de todo modo, a Eduardova.

A concha de meu ouvido era fresca, áspera, fria e succulenta ao toque como uma folha.

Escrevo isso com toda certeza de desespero por meu corpo e pelo futuro com esse corpo.

Quando o desespero se dá com tanta certeza, quando está tão ligado ao seu objeto, tão contido como o de um soldado que cobre a retirada e se deixa estraçalhar, então não é o verdadeiro desespero. O verdadeiro desespero ultrapassou seu alvo logo e sempre, (Essa vírgula mostra que só a primeira frase estava correta)



Estás desesperado?

Sim? Tu estás desesperado?

Estás fugindo? Queres te esconder?

Passei em frente ao bordel como se passasse em frente à casa de uma amante.

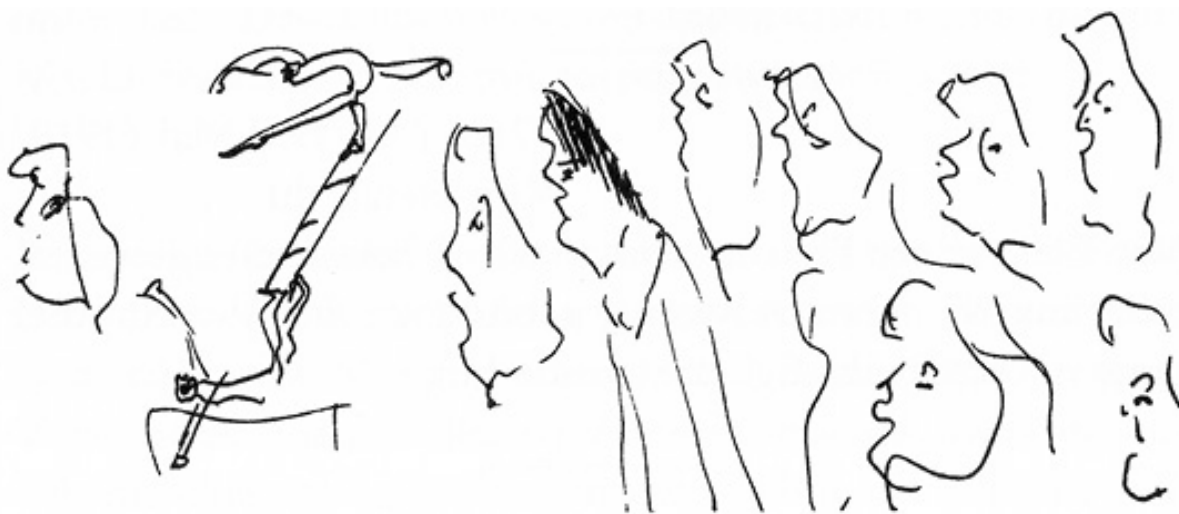
Escritores falam fedor

As costureiras de roupa-branca sob o aguaceiro.²

Da janela do compartimento do trem

Finalmente, depois de cinco meses de minha vida em que não consegui escrever nada que me satisfizesse e que poder algum irá me restituir, embora todos estivessem obrigados a isso, tenho a ideia de dirigir-me a palavra outra vez. Sempre me respondi quando de fato me perguntei, sempre havia algo em mim a ser extraído à base de golpes, de mim, esse monte de palha que sou há cinco meses e cujo destino parece que é ser incendiado no verão e queimar, mais rápido que o piscar de olhos do espectador. Quem dera isso acontecesse comigo! E que me acontecesse dez vezes, pois não lamento sequer a época desventurada. Meu estado não é infelicidade, mas tampouco é felicidade, não é indiferença, não é fraqueza, não é cansaço, não é outro interesse, o que é ele então? O fato de não o saber decerto está ligado à minha incapacidade de escrever. E acredito compreendê-la, sem conhecer sua razão. É que todas as coisas que me vêm à mente não me vêm à mente a partir da raiz, e sim apenas a partir de algum lugar próximo ao meio delas. Que alguém tente então segurá-las, que alguém tente segurar uma erva que começa a crescer somente no meio do talo, e a si mesmo nela. Alguns por certo conseguem fazê-lo, como os malabaristas japoneses, por exemplo, que sobem por uma escada que não se assenta no chão, mas sobre as plantas levantadas dos pés de alguém meio deitado, e que não se apoia na parede, mas apenas sobe pelos ares.³ Não

consigo fazê-lo, sem considerar que nem mesmo aquelas plantas dos pés estão à disposição de minha escada. Isso naturalmente não é tudo, e tal pergunta ainda não me faz falar. Mas cada dia pelo menos uma linha deve ser dirigida a mim, tal como agora as pessoas dirigem os telescópios ao cometa. E se então, por uma vez, eu aparecesse diante dessa frase, atraído por essa frase, como a pessoa que fui, por exemplo, nos últimos Natais, quando tinha ido tão longe que mal podia me segurar e quando realmente parecia estar sobre o último degrau de minha escada, que, no entanto, estava imovelmente apoiada no chão e encostada à parede. Mas que chão! Que parede! E, no entanto, aquela escada não caiu, tanto a pressionavam meus pés contra o chão, tanto a levantavam meus pés junto a parede.



Hoje, por exemplo, cometi três insolências, contra um cobrador de bonde, contra um de meus superiores, foram portanto apenas duas, mas elas me doem como dores de estômago. Seriam insolências da parte de qualquer pessoa, quanto mais da minha. Saí, portanto, de mim, lutei nos ares, em meio à nevoa, e o pior é que ninguém percebeu que também frente a meus acompanhantes cometi a insolência como uma insolência, tive de cometê-la,

tive de ostentar a cara certa, tive de arcar com a responsabilidade; mas o mais grave foi quando um de meus conhecidos não tomou essa insolência nem sequer como sinal de um caráter, e sim como o próprio caráter, chamou-me a atenção para minha insolência e a admirou. Por que não fico em mim? Agora me digo, contudo: veja, o mundo se deixa espancar por ti, o cobrador de bonde e o superior permaneceram quietos quando foste embora, o último inclusive te cumprimentou. Mas isso não significa nada. Nada podes alcançar quando te abandonas, mas o que perdes, além disso, em teu círculo? A essa pergunta, respondo apenas: também preferiria que me surrassem dentro do círculo do que eu mesmo surrar alguém fora dele, mas onde diabos está esse círculo? Por algum tempo, vi-o no chão, como se tivesse sido salpicado com cal, mas agora ele paira por aí, nem sequer paira.

17/18 de maio

Noite do cometa

Estive com Blei⁴, sua mulher e seu filho, ouvi-me por um momento a partir de mim mesmo, como o choramingar de um filhote de gato, mas pelo menos isso.

Quantos dias já se passaram mudamente outra vez; hoje é 29 de maio. Não tenho nem mesmo a firmeza de tomar na mão todo dia essa caneta, esse pedaço de madeira. Já acredito que não a tenho. Remo, cavalgo, nado, fico deitado ao sol. Por isso as panturrilhas estão boas, as coxas não estão mal, a barriga ainda é passável, já o peito, porém, é bem fajuto, e quando a cabeça, na nuca, me

Domingo, 19 de junho de 1910, dormi, acordei, dormi, acordei, vida miserável.

Quando reflito a respeito, tenho de dizer que minha educação me prejudicou bastante em vários sentidos. Afinal, não fui educado em algum lugar à parte, talvez numa ruína nas montanhas, contra o que não poderia pronunciar nenhuma palavra de censura. Com o risco de que toda a série de meus antigos professores não possa compreendê-lo, eu teria sido de bom grado e de preferência aquele pequeno habitante das ruínas, queimado de sol, que lá, entre os escombros, teria me iluminado de todos os lados sobre a hera tépida, ainda que no início eu tivesse sido fraco sob a pressão de minhas boas qualidades, que teriam crescido em mim com a força das ervas daninhas.

Quando reflito a respeito, tenho de dizer que minha educação me prejudicou bastante em vários sentidos. Essa censura atinge um grande número de pessoas, a saber, meus pais, alguns parentes, algumas visitas de nossa casa, vários escritores, uma cozinheira bem específica que, por um ano, levava-me à escola, um monte de professores (que em minha memória tenho de apertar compactamente, caso contrário escapa-me um aqui e ali, mas, visto que os comprimi tanto, o todo se despedaça em alguns lugares), um inspetor escolar, passantes andando lentamente, em suma, essa censura serpenteia como um punhal pela sociedade. Não quero ouvir protesto algum contra essa censura, pois já ouvi protestos demais, e, visto que na maioria

dos protestos também fui refutado, incluo esses protestos em minha censura e declaro agora que minha educação e essa refutação me prejudicaram bastante em vários sentidos.

Reflito com frequência a respeito e então sempre tenho de dizer que minha educação me prejudicou bastante em muitas coisas. Essa censura se dirige a um grande número de pessoas, mas aqui elas estão reunidas, não sabem, como em antigas fotografias de grupo, o que fazer umas com as outras, não lhes ocorre baixar os olhos e, devido à expectativa, não se atrevem a sorrir. Aí estão meus pais, alguns parentes, alguns professores, uma cozinheira bem específica, algumas moças das aulas de dança, algumas visitas de nossa casa de tempos antigos, alguns escritores, um professor de natação, um bilheteiro, um inspetor de escola, também alguns que só encontrei uma vez na rua e outros de quem neste exato momento não consigo me lembrar e aqueles de quem nunca mais me lembrarei e, por fim, aqueles de cujas lições, distraído de alguma maneira na época, nem sequer me dei conta, em suma, são tantos que é necessário prestar atenção para não mencionar alguém duas vezes. E contra todos eles pronuncio minha censura, apresento-os desse modo uns aos outros, mas não tolero qualquer protesto. Pois, na verdade, já suportei protestos suficientes e, visto que na maioria deles fui refutado, não posso fazer outra coisa senão incluir também esses protestos em minha censura e dizer que, além de minha educação, também essas refutações me prejudicaram bastante em muitas coisas.

Espera-se, talvez, que eu tenha sido educado em algum lugar à parte? Não, fui educado em plena cidade, em plena cidade. Não, por exemplo, numa ruína nas montanhas ou às margens de um lago. Meus pais e seu séquito ficaram até agora encobertos e cinzentos pela minha censura; agora a empurram facilmente para o lado e sorriem, porque tirei minhas mãos

deles e as levei à testa e penso: eu deveria ter sido o pequeno habitante das ruínas, ouvindo a gritaria das gralhas, sobrevoado por suas sombras, refrescando-me sob a lua, queimado pelo sol, que, passando entre os escombros, me iluminaria de todos os lados em meu leito de hera, ainda que no início eu tivesse sido um pouco fraco sob a pressão de minhas boas qualidades, que teriam de crescer em mim com a força das ervas daninhas.

Reflito com frequência a respeito e deixo os pensamentos seguirem seu curso sem me intrometer, e sempre, não importa de que ângulo veja o assunto, acabo por concluir que minha educação me prejudicou terrivelmente em muitas coisas. Nessa percepção há uma censura que se dirige a um grande número de pessoas. Aí estão meus pais, com os parentes, uma cozinheira bem específica, os professores, alguns escritores, famílias amigas, um professor de natação, nativos de lugares de veraneio, algumas senhoras no parque municipal, de quem jamais se suspeitaria algo assim, um barbeiro, uma mendiga, um timoneiro, o médico da família e ainda muitos outros, e seriam ainda mais numerosos se eu quisesse e pudesse indicar todos pelos nomes, em suma, são tantos que é necessário prestar atenção para não mencionar um deles duas vezes no monte. Alguém poderia achar que já devido a esse grande número uma censura perde a solidez, e simplesmente tem de perdê-la, pois uma censura não é um general, ela só anda em linha reta e não sabe se dispersar. Especialmente nesse caso, quando se dirige a pessoas de outro tempo. Tais pessoas podem ser conservadas na memória com uma energia esquecida, mas mal ainda terão um assoalho sob os pés e mesmo suas pernas já serão fumaça. E pessoas em tal estado devem ser agora censuradas com algum proveito pelos erros que certa vez cometeram em épocas remotas na educação de um menino que agora lhes é tão incompreensível quanto elas nos são. Mas nem

sequer as levamos a recordar aqueles tempos, elas não conseguem se recordar de nada, e, se insistimos com elas, empurram-nos mudamente para o lado, homem algum pode obrigá-las a tanto, mas, evidentemente, não se pode falar de forma alguma em obrigar, pois com grande probabilidade nem sequer ouvem as palavras. Ficam aí paradas como cachorros cansados, pois gastam toda sua força para se manterem em pé na memória. Mas se realmente as levássemos a ouvir e a falar, zuniriam contracensuras em nossos ouvidos sem parar, pois as pessoas levam a convicção da respeitabilidade dos mortos junto consigo para o além, e de lá a defendem dez vezes mais. E se talvez essa opinião não estivesse correta e os mortos tivessem um respeito particularmente grande pelos vivos, então abraçariam ainda mais o seu passado vivo, que afinal lhes é a coisa mais próxima, e nossos ouvidos zuniriam outra vez. E se também essa opinião não estivesse correta e os mortos fossem bastante imparciais, mesmo assim jamais poderiam aprovar que os perturbássemos com censuras indemonstráveis. Pois tais censuras já são indemonstráveis de pessoa para pessoa. Não se pode provar a existência de erros de educação no passado, quanto mais sua autoria. E que alguém mostre a censura que, em tal situação, não se transformasse num suspiro.

Essa é a censura que tenho a apresentar. Ela tem um âmago saudável, a teoria a sustenta. Mas aquilo que realmente foi arruinado em mim, esqueço-o por ora ou o perdoo e não faço barulho com isso. Em compensação, posso provar a qualquer momento que minha educação quis fazer de mim outro homem que não aquele que me tornei. Censuro meus educadores, portanto, pelo dano que, segundo sua intenção, poderiam ter me causado, exijo de suas mãos o homem que agora sou e, como não me podem dá-lo, faço-lhes, com censuras e risadas, um rufar de tambores que vai até o além-mundo.

Mas tudo isso serve apenas a outro fim. A censura por terem arruinado uma parte de mim, por terem arruinado uma boa e bela parte – às vezes ela me aparece em sonhos, como a outros a noiva morta –, essa censura, que está sempre na iminência de se transformar num suspiro, deve sobretudo passar incólume ao outro lado como a censura honesta que de fato é. Ocorre assim que a censura grande, à qual nada pode acontecer, toma a pequena pela mão, anda a grande, saltita a pequena, mas, uma vez que a pequena tenha chegado ao outro lado, ainda se distingue, sempre o esperamos, e toca a trombeta para acompanhar o tambor.

Reflito com frequência a respeito e deixo os pensamentos seguirem seu curso, sem me intrometer, mas sempre acabo por concluir que minha educação me arruinou mais do que consigo compreender. Em meu exterior, sou um homem como outros, pois a educação de meu corpo se ateve ao comum, tal como meu corpo também era comum, e ainda que eu seja relativamente pequeno e um tanto gordo, agrado a muitos, também às moças. Não há nada a dizer sobre isso. Ainda recentemente, uma delas disse algo bastante razoável: “Ah, se uma vez pudesse vê-lo nu, o senhor deve ser realmente bonito e merecer uns beijos”, disse ela. Mas se aqui me faltasse o lábio superior, ali a concha do ouvido, aqui uma costela e ali um dedo, se tivesse manchas sem cabelo na cabeça e cicatrizes de varíola no rosto, isso ainda não seria uma contraparte satisfatória de minha imperfeição interior. Essa imperfeição não é inata e, por isso, é ainda mais dolorosa de carregar. Pois, como qualquer pessoa, desde o nascimento também tenho meu centro de gravidade em mim, que mesmo a mais louca educação não pôde deslocar. Ainda tenho esse bom centro de gravidade, mas, de certa maneira, não tenho mais o corpo correspondente. E um centro de gravidade que não tem nada a fazer se transforma em chumbo e fica no corpo como uma bala

de espingarda. Mas essa imperfeição tampouco é merecida, sofri seu aparecimento sem ter culpa. Por isso também não posso achar remorso dentro de mim em parte alguma, por mais que o procure. Pois o remorso seria bom para mim, afinal ele se desfaz em lágrimas dentro de si mesmo; ele coloca a dor de lado e resolve cada coisa individualmente como uma questão de honra; mantemo-nos de pé enquanto ele nos alivia.

Minha imperfeição, como disse, não é inata, não é merecida, apesar disso a suporto melhor do que outros suportam, mediante um grande trabalho da imaginação, com meios excepcionais, uma infelicidade muito menor, como por exemplo uma esposa abominável, uma situação de pobreza ou empregos miseráveis, e nisso meu rosto não fica de forma alguma negro de desespero, e sim branco e vermelho

Ele não ficaria assim se minha educação tivesse penetrado tão longe em mim quanto pretendia. Talvez minha juventude tenha sido muito breve para isso, e então louvo sua brevidade ainda agora, em meus quarenta anos, a plenos pulmões. Apenas assim foi possível que ainda me restassem forças para me dar conta das perdas de minha juventude e, além disso, para aguentar essas perdas e, além disso, para apresentar censuras ao passado em todas as direções e, por fim, para conservar um resto de força para mim mesmo. Mas todas essas forças, por sua vez, são apenas um resto daquelas que eu possuía quando criança e que me expuseram mais do que os outros aos corruptores da juventude, até um bom carro de corrida é perseguido e ultrapassado sobretudo pela poeira e pelo vento, e os obstáculos voam ao encontro de suas rodas de tal maneira que quase se deveria acreditar em amor.

O que ainda sou agora me fica claríssimo na força com que as censuras querem sair de mim. Houve épocas em que nada tinha em mim senão

censuras impelidas pela raiva, a ponto de, em condições de bem-estar físico, me segurar em pessoas estranhas na rua, pois as censuras se jogavam de um lado para o outro em mim, como a água numa vasilha que se carrega depressa.

Esses tempos se foram. As censuras estão jogadas por aí dentro de mim, como ferramentas alheias que mal ainda tenho ânimo de pegar e ajuntar. Ao mesmo tempo, a corrupção de minha antiga educação parece agir novamente em mim cada vez mais, a mania de recordar, talvez uma característica geral dos solteirões da minha idade, abre outra vez meu coração àquelas pessoas a quem minhas censuras deveriam golpear, e um acontecimento como o de ontem, antes tão frequente quanto comer, é tão raro agora que o anoto.

Mas, indo além disso, talvez eu mesmo, que agora coloquei a pena de lado para abrir a janela, seja o melhor ajudante de meus agressores. É que me subestimo, e isso já significa uma superestimação dos outros, mas, além disso, ainda os superestimo e, sem considerar isso, ainda me prejudico diretamente. Se me sobrevém o gosto por censuras, olho pela janela.⁵ Quem negará que os pescadores estão ali sentados em seus barcos como estudantes que foram levados da escola para o rio; bem, sua quietude é com frequência incompreensível como aquela das moscas nas vidraças. E, sobre a ponte, passam naturalmente os bondes como sempre, com um ruído embrutecido de vento e tocando suas campainhas como se fossem relógios danificados; não há dúvida de que o policial, negro da cabeça aos pés, com a luz amarela da medalha no peito, não lembra outra coisa senão o inferno, e agora, com pensamentos semelhantes aos meus, contempla um pescador que, subitamente – ele chora, tem uma visão ou é a cortiça que estremece? –, se curva em direção à borda do barco. Tudo isso está correto, mas, em

seu momento, agora, apenas as censuras estão corretas.

Elas se dirigem contra um grande número de pessoas, o que pode mesmo assustar, e não só eu, também qualquer outro preferiria olhar o rio pela janela aberta. Aí estão os pais e os parentes, e o fato de terem me prejudicado por amor torna sua culpa ainda maior, pois o quanto poderiam ter-me sido úteis por amor; além disso, famílias amigas com olhar maléfico que, por consciência de culpa, se fazem pesadas e não querem ascender à consciência; além disso, os montes de babás, professores e escritores, e, no meio deles, uma cozinheira bem específica; além disso, confundindo-se uns com os outros por castigo, um médico de família, um barbeiro, um timoneiro, uma mendiga, um vendedor de papel, um guarda de parque e um professor de natação; além disso, senhoras desconhecidas do parque municipal, em quem de forma alguma suspeitaríamos disso, nativos dos lugares de veraneio, como escárnio da natureza inocente, e muitos outros; mas eles seriam ainda mais numerosos se eu quisesse e pudesse chamar todos pelo nome, em suma, são tantos que é necessário prestar atenção para não mencionar um deles duas vezes.

Reflito a respeito com frequência e deixo os pensamentos seguirem seu curso sem me intrometer, mas sempre concluo que a educação me arruinou mais do que a todas as pessoas que conheço e mais do que compreendo. Mas só posso abordar isso de tempos em tempos, pois quando me perguntam: “Verdade? Isso é possível? Pode-se acreditar nisso?”, já busco limitar o assunto devido a um sobressalto nervoso.

Por fora, pareço-me com qualquer outra pessoa; tenho pernas, tronco e cabeça, calças, casaco e chapéu; fizeram-me praticar ginástica a valer, e se, apesar disso, fiquei relativamente pequeno e fraco, foi porque era inevitável. De resto, agrado a muitos, mesmo a moças jovens, e aqueles a

quem não agrado me acham, contudo, suportável.

Conta-se, e estamos dispostos a acreditar, que homens em perigo não têm qualquer respeito mesmo por mulheres desconhecidas e bonitas; jogam-nas contra a parede, golpeiam-nas com a cabeça e as mãos, os joelhos e os cotovelos quando são atrapalhados por essas mulheres na fuga do teatro em chamas. Então nossas mulheres tagarelas se calam, seu falar interminável recebe verbo⁶ e ponto, as sobrancelhas se levantam de sua posição de repouso, cessa o movimento respiratório das coxas e dos quadris, na boca apenas frouxamente fechada de medo circula mais ar do que o normal e as bochechas parecem um pouco inchadas.⁷

Sand⁸: os franceses são todos comediantes; no entanto, só os mais fracos dentre eles atuam em comédias

A claqué nos teatros franceses: comandantes na plateia. Ha-ha para os mais próximos, deixam cair um jornal para os homens da galeria

Um martelo de madeira indica o início

19/2/11

Quando quis levantar-me hoje da cama, simplesmente tive um colapso. A razão é muito simples, estou completamente esgotado pelo trabalho. Não devido ao escritório, mas devido ao meu outro trabalho. O escritório só tem uma participação inocente nisso, pois, se eu não precisasse ir até lá, poderia viver tranquilamente para o meu trabalho e não precisaria passar lá todo dia

essas seis horas, que, em especial sexta e sábado, porque eu estava cheio das minhas coisas, me torturaram de uma maneira que o senhor é incapaz de imaginar. Por fim, sei-o realmente, isso é apenas tagarelice, a culpa é minha e o escritório tem as mais claras e mais justificadas exigências em relação a mim. Só que precisamente para mim isso é uma apavorante vida dupla, para qual é provável que só reste a saída da loucura. Escrevo isso a uma excelente luz matinal e por certo não o escreveria se não fosse tão verdadeiro e se não o amasse tanto como a um filho.

De resto, amanhã certamente minhas forças já estarão restauradas outra vez e irei ao escritório, onde a primeira coisa que ouvirei é que o senhor me quer longe de seu departamento.⁹

19/2/11

A índole particular de minha inspiração, em que eu, felicíssimo e infelicíssimo, vou dormir agora, por volta das duas horas da madrugada (talvez ela permaneça, caso eu suporte a ideia disso, pois é mais elevada que todas as anteriores), é o fato de eu poder tudo, e não apenas com vista a um trabalho determinado. Se escrevo uma frase ao acaso, por exemplo, “Ele olhava pela janela”, ela já é perfeita.

– Ainda ficarás aqui por muito tempo? – perguntei. – Na fala repentina, voou de minha boca, como um mau sinal, um pouco de saliva.

– Incomoda-te? Se te incomoda ou talvez te impede de subir, irei logo, caso contrário, ainda ficaria de bom grado, pois estou cansado.¹⁰

28/3/11. O pintor Pollak-Karlin, sua mulher¹¹ com dois incisivos superiores grandes e largos, que afilam o rosto grande, mais para achatado, a esposa de

Bittner¹², conselheiro da corte, mãe do compositor, a quem a idade ressalta tanto seu forte esqueleto que ela, pelo menos quando sentada, parece um homem: – os discípulos ausentes do dr. Steiner¹³ ocupam tanto o seu tempo. – Durante a conferência, os mortos se apinham ao seu redor. Curiosidade? Mas eles precisam mesmo disso? Parece que sim. – Dorme duas horas. Desde que uma vez lhe cortaram a energia elétrica, sempre tem uma vela consigo. – Esteve muito próximo de Cristo. – Levou sua peça teatral ao palco em Munique. (“Podes estudá-la durante um ano e não a compreendes.”) Desenhou os figurinos, escreveu a música. – Deu lições a um químico. – Löwy Simon¹⁴, negociante de sedas em Paris, no Quai Moncey, recebeu dele os melhores conselhos comerciais. Ele traduziu as obras de Steiner ao francês. Por isso consta no caderno de anotações da esposa do conselheiro da corte: “Como se obtém o conhecimento dos mundos superiores? Com S. Löwy, em Paris”.¹⁵ – Na loja de Viena há um teósofo de 65 anos, extraordinariamente forte, outrora um grande bebedor cabeça-dura, que acredita continuamente e tem dúvidas continuamente. Dizem que foi muito engraçado quando, certa vez, num congresso em Budapeste, por ocasião de um jantar no monte Blocksberg, numa noite enluarada, ele se escondeu de susto, com sua caneca, atrás de um barril de cerveja quando o dr. Steiner apareceu inesperadamente no grupo (embora este não tivesse se irritado com isso). – Talvez ele não seja o maior investigador espiritual da atualidade, mas só ele recebeu a tarefa de unificar a teosofia com a ciência. Por isso, também sabe tudo. –

Certa vez, chegou a seu povoado natal um botânico, um grande mestre ocultista. Esse mestre o iluminou. – O fato de que visitarei o dr. Steiner foi interpretado pela senhora como uma reminiscência incipiente. – O médico da senhora, quando se mostraram nela os princípios de uma gripe,

perguntou ao dr. Steiner sobre um remédio, prescreveu-o à senhora e assim a curou de imediato. – Uma francesa despediu-se dele com “*Au revoir*”. Ele abanou a mão atrás dela. Dois meses depois ela morreu. Outro caso parecido em Munique. – Um médico muniquense cura com o uso de cores, determinadas pelo dr. Steiner. Também manda doentes à pinacoteca com a prescrição de se concentrar diante de determinado quadro durante uma meia hora ou mais. – O fim do mundo de Atlântida¹⁶, o declínio de Lemúria¹⁷ e agora o declínio causado pelo egoísmo. – Vivemos numa época decisiva. O experimento do dr. Steiner será bem-sucedido desde que as forças de Arimã¹⁸ não se tornem preponderantes. – Alimenta-se com dois litros de leite de amêndoas e frutas que crescem nas alturas. – Relaciona-se com seus discípulos ausentes mediante formas mentais que lhes envia, sem se ocupar mais delas após sua geração. Mas elas logo se desgastam e ele tem de produzi-las novamente. – A sra. Fanta¹⁹: tenho memória ruim. Dr. Steiner: não coma ovos.

Minha visita ao dr. Steiner.

Uma mulher já se encontra à espera (em cima, no segundo andar do hotel Viktoria, na Jungmannsstrasse), mas me pede insistentemente para entrar antes dela. Esperamos. A secretária vem e nos pede para ter paciência. Ao dar uma olhada pelo corredor, vejo-o. Logo depois, ele vem em nossa direção com os braços meio estendidos. A mulher declara que eu estava ali primeiro. Então o sigo enquanto ele me conduz ao seu quarto. Seu casaco imperial²⁰ preto, como que lustrado nas noites de conferência (não lustrado, mas apenas brilhante devido ao seu negror puro), é agora, à luz do dia (três da tarde), poeirento e até manchado, especialmente nas costas e nos

ombros. Em seu quarto, procuro demonstrar minha humildade, que não consigo sentir, ao buscar um lugar ridículo para meu chapéu; coloco-o sobre um pequeno cavalete de madeira para amarrar as botas. A mesa no meio, sento-me com o olhar para a janela, ele, ao lado esquerdo da mesa. Sobre a mesa, uns tantos papéis com alguns desenhos, que lembram aqueles das conferências sobre fisiologia ocultista. Um número dos *Annalen für Naturphilosophie* [Anais de filosofia natural] cobre uma pequena pilha de livros, que também parecem estar espalhados pelo lugar. Só que não se pode olhar em torno, já que ele sempre tenta segurar a pessoa com seu olhar. Mas se alguma vez não o faz, é preciso estar atento para o retorno do olhar. Ele começa com algumas frases soltas: “Então o senhor é o dr. Kafka? O senhor já se ocupou detidamente da teosofia?”. Mas me adianto com meu discurso preparado: “Sinto como uma grande parte de meu ser anseia pela teosofia, mas ao mesmo tempo tenho dela o maior medo. É que receio dela uma nova confusão, que para mim seria muito grave, visto que minha infelicidade atual já consiste apenas em confusão. Essa confusão está no seguinte: minha felicidade, minhas capacidades e toda possibilidade de ser útil de alguma maneira encontram-se desde sempre no âmbito literário. E nele certamente vivenciei estados (não muitos) que, segundo minha opinião, estão muito próximos dos estados clarividentes descritos pelo senhor, nos quais eu morava completamente em cada ideia, mas também realizei cada ideia, e nos quais não apenas me senti nos meus limites, mas nos limites do humano em geral. No entanto, faltou a esses estados, ainda que não inteiramente, apenas a quietude do entusiasmo tal como ela provavelmente é peculiar ao clarividente. Deduzo isso do fato de não ter escrito meus melhores trabalhos nesses estados. – Bem, mas não posso me dedicar inteiramente a esse âmbito literário como deveria, e isso por

diversas razões. Sem considerar minhas relações familiares, não poderia viver da literatura já devido ao lento surgimento de meus trabalhos e ao seu caráter peculiar; além disso, minha saúde e meu caráter também me impedem de me dedicar a uma vida no melhor dos casos incerta. Por isso me tornei funcionário numa agência social de seguros. Porém, esses dois ofícios jamais podem ser compatíveis entre si e admitir uma felicidade comum a ambos. A menor felicidade num deles se transforma numa grande infelicidade no outro. Se numa noite escrevi algo bom, no dia seguinte queimo por dentro no escritório e não consigo terminar nada. Esse vai e vem fica cada vez pior. No escritório, cumprio exteriormente meus deveres, mas não cumprio meus deveres interiores, e cada dever interior não cumprido se transforma numa infelicidade que não sai mais de mim. E, além desses dois esforços que jamais podem ser conciliados, devo agora praticar um terceiro, a teosofia? Será que não perturbará os dois lados e não será ela mesma perturbada pelos dois? Será que eu, um homem atualmente já tão infeliz, conseguirei levar as três a um termo? Vim para perguntar isso ao senhor, doutor, pois presumo que se o senhor me julgar capaz de fazê-lo também poderei realmente tomá-lo a meu cargo”.

Ele ouviu com extrema atenção, sem aparentemente me observar sequer o mínimo, por inteiro entregue às minhas palavras. Ele assentia com a cabeça de vez em quando, o que aparentemente considera um auxílio para uma concentração intensa. No início, perturbou-o um resfriado silencioso, seu nariz escorria e ele lidava sem parar com o lenço, metendo-o fundo no nariz, um dedo em cada orifício nasal.

Visto que nas narrativas judaicas contemporâneas da Europa ocidental o

leitor se acostumou a buscar e a encontrar logo abaixo ou acima da narrativa também a solução da questão judaica, mas que em *Jüdinne[n]* [Judias]²¹ não se apresenta e nem sequer se conjectura tal solução, é possível que o leitor reconheça nisso, sem vacilar, uma deficiência em *Jüdinne[n]*, vendo apenas de mau grado que judeus andem por aí à luz do dia sem encorajamentos políticos do passado ou do futuro. A propósito disso, tem de dizer a si mesmo que, em especial desde o aparecimento do sionismo, as possibilidades de solução se encontram tão claramente organizadas em torno do problema judaico que, por fim, o escritor apenas precisa virar o corpo para encontrar uma determinada solução, adequada à parte do problema que estiver sendo tratada.

Ao vê-lo, suspeitei dos esforços que tinha assumido por minha causa e que agora – talvez apenas porque estivesse cansado – lhe davam essa segurança. Não teria bastado mais um pequeno esforço e a trapaça teria dado certo, talvez ainda desse agora? Eu estava me defendendo? É verdade que estava obstinadamente parado aqui diante do prédio, mas, com a mesma obstinação, hesitava em subir. Será que eu esperava até que os convidados viessem me buscar com canções?²²

15 de agosto de 1911. O tempo transcorrido até agora, e em que não escrevi palavra alguma, foi importante para mim porque deixei de sentir vergonha de meu corpo nas escolas de nataçã²³ de Praga, Königssaal e Czernoschitz. Com que atraso recupero agora, aos vinte e oito anos, minha educação; numa corrida, chamariam de largada retardada. E o dano de tal desgraça não

consiste, talvez, no fato de não vencer; esta última, afinal, é apenas o cerne ainda visível, claro e saudável da desgraça que continua se desvanecendo, tornando-se ilimitada, que empurra a pessoa, que deveria correr ao redor do círculo, para o interior dele. De resto, também observei muitas outras coisas em mim nesse período, também feliz em pequena parte, e tentarei anotá-las nos próximos dias.

20/8/11

Tenho a crença infeliz de que não tenho tempo nem para o mais insignificante bom trabalho, pois realmente não tenho tempo, para uma história, de me desdobrar em todas as direções do mundo como deveria. Mas então volto a acreditar que minha viagem²⁴ será melhor, que minha compreensão será melhor se eu tiver me soltado através de um pouco de escrita e, assim, faço nova tentativa.

Ao vê-lo, suspeitei dos esforços que tinha assumido por minha causa e que agora, talvez apenas porque estivesse cansado, davam-lhe essa segurança. Não teria bastado mais um pequeno esforço e a trapaça teria dado certo, talvez ainda desse agora? Eu estava me defendendo? É verdade que estava obstinadamente parado aqui diante do prédio, mas, com a mesma obstinação, hesitava em subir. Será que eu esperava até os convidados virem me buscar com canções?²⁵

Li a respeito de Dickens. Será tão difícil, e poderá alguém de fora compreender, que se viva uma história dentro de si desde o seu começo, do ponto distante até a locomotiva de aço, carvão e vapor que chega, mas sem

abandoná-la mesmo agora, e sim querendo ser perseguido por ela e com tempo para tanto, ou seja, ser perseguido por ela e correr à sua frente por impulso próprio, para onde quer que ela empurre e para onde quer que se a atraia?

Não posso compreendê-lo e nem sequer acreditá-lo. Vivo apenas aqui e ali numa pequena palavra, em cuja metaforia (*stösst*, acima), por exemplo, perco por um instante minha cabeça inútil.²⁶ A primeira e a última letra são o começo e o fim de meu sentimento com feitiço de peixe.

24 de agosto de 1911

Estar sentado ao ar livre à mesa de um café com conhecidos e observar na mesa vizinha uma mulher que acabou de chegar, respira pesadamente sob os seios grandes e se senta com o rosto afogueado, brilhando castanhamente. Ela inclina a cabeça para trás, um abundante laivo de barba se torna visível, vira os olhos para cima, quase como às vezes, talvez, olha para o marido, que agora lê uma revista ilustrada ao seu lado. Se fosse possível convencê-la de que um homem jamais deve ler uma revista ao lado de sua mulher no café, no máximo um jornal. Por um momento, ela se torna consciente de sua corpulência e se afasta um pouco da mesa.

26 de agosto. Amanhã partirei para a Itália. Agora à noite meu pai²⁷ não pôde pegar no sono de agitação, pois estava inteiramente tomado pela preocupação com a loja e por sua doença despertada em razão disso. Um pano molhado sobre o coração, ânsia de vômito, falta de ar, caminhar suspirando de um lado para o outro. A mãe encontra novo consolo em seu

medo. Ele sempre foi tão enérgico, diz ela, conseguiu superar tudo, e agora... Digo que essa miséria com a loja só poderá durar mais um trimestre, então tudo deverá ficar bem. Ele caminha para cima e para baixo, suspirando e balançando a cabeça. Está claro que, de seu ponto de vista, suas preocupações não são diminuídas por nós e nem sequer aliviadas, mas nem mesmo de nosso ponto de vista, mesmo na melhor de nossas intenções ainda há algo dessa convicção tão triste de que ele tem de cuidar da família. – Mais tarde, pensei que ele estava deitado com minha mãe; pois que se aperte contra ela, a carne próxima e aparentada deve acalmar. – Com o seu frequente bocejar ou o seu gesto, aliás não repugnante, de colocar a mão no nariz, meu pai produz um pequeno apaziguamento, que mal chega à consciência, sobre o seu estado, embora em geral ele não o faça quando está saudável. Ottla²⁸ confirmou. – Minha pobre mãe pretende ir amanhã suplicar ao senhorio.

26 de setembro de 1911. O desenhista Kubin²⁹ recomenda Regulin como laxante, uma alga triturada que se intumescce no intestino e o faz vibrar, ou seja, age mecanicamente, à diferença do efeito químico malsão de outros laxantes, que apenas rasgam os excrementos, ou seja, deixam-nos pendurados nas paredes do intestino. – Ele se encontrou com Hamsun³⁰ na casa de Langen. Hamsun sorri sarcasticamente sem motivo. Durante a conversa, sem interrompê-la, levantou o pé sobre o joelho, pegou da mesa uma grande tesoura de papel e cortou os fiapos de sua calça fazendo toda a volta. Vestido andrajosamente, mas com algum detalhe valioso, por exemplo, a gravata. – Histórias de uma pensão de artistas em Munique onde moravam pintores e médicos veterinários (a escola destes ficava nas proximidades) e onde as coisas se passavam tão dissolutamente que as

janelas da casa em frente, de onde se tinha uma boa vista, foram alugadas. Para contentar esses espectadores, um pensionista subia às vezes ao parapeito e, em posição de macaco, esvaziava às colheradas sua tigela de sopa. – Um fabricante de antiguidades falsas, que produzia a corrosão do tempo com descargas de chumbo e que disse de uma mesa: agora ainda precisamos tomar café sobre ela três vezes e então pode ser mandada ao museu de Innsbruck. – O próprio Kubin: muito forte, mas um rosto de movimentos um tanto uniformes, ele descreve as coisas mais diversas com a mesma tensão dos músculos. Parece diversamente velho, grande e forte conforme estiver sentado, em pé, com um mero casaco ou de sobretudo.

Quinta-feira, 27/09/11. Ontem, na Wenzelsplatz, passei por duas moças, detive o olhar numa delas por muito tempo, enquanto era justamente a outra, como se verificou tarde demais, que usava um casaco caseiramente macio, marrom, pregueado, amplo, um pouco aberto na frente e tinha um pescoço e um nariz delicados. O cabelo era bonito de uma maneira já esquecida. – Homem velho com calças frouxamente pendentes no belvedere.³¹ Assobia; quando olho para ele, ele para; afasto o olhar, ele recomeça; por fim, também assobia quando estou olhando. – O botão bonito e grande, belamente preso embaixo, na manga do vestido de uma moça. O vestido também lhe ficava bonito, flutuando sobre botas americanas. Como é raro que eu tenha êxito em algo bonito, e esse botão despercebido e sua costureira insciente têm. – A narradora no caminho ao belvedere, cujos olhos vivazes, independentemente das palavras do momento, abrangem contentes sua história até o final. – Vigoroso semigiro do pescoço de uma moça forte,

29/9/11. Os diários de Goethe: um homem que não tem diário se encontra numa posição equivocada em relação a um diário. Quando ele lê nos diários de Goethe, por exemplo: “11/1/1797, o dia todo em casa ocupado com diversas disposições”, parece-lhe que ele próprio jamais fez tão pouco num dia. – As observações de viagem de Goethe são diferentes das atuais, pois, feitas de uma mala-posta, desenrolam-se de modo mais simples com as lentas mudanças do terreno e podem ser acompanhadas muito mais facilmente mesmo por aquele que não conhece essas regiões. Tem início um pensar tranquilo, realmente paisagístico. Visto que a região se apresenta intacta em seu caráter nativo ao ocupante da carruagem e que as estradas cortam o campo de modo muito mais natural do que as linhas ferroviárias, com as quais talvez se encontrem na mesma relação dos rios com os canais, o observador tampouco precisa de quaisquer violências e pode ver sistematicamente sem grande esforço. Por isso, há poucas observações momentâneas, na maioria das vezes apenas em espaços interiores onde pessoas determinadas irrompem logo sem limites diante dos olhos, por exemplo, oficiais austríacos em Heidelberg; em compensação, o trecho sobre os homens de Wiesenheim se aproxima mais da paisagem: “Usam casacos azuis e coletes brancos enfeitados com flores bordadas” (citado de memória). Ele escreveu muito sobre as cataratas do Reno em Schaffhausen; em meio às anotações, em letras maiores, “ideias excitadas”.

Cabaré Lucerna. Lucie König expõe fotografias com penteados antigos. Rosto gasto. Às vezes consegue algo com o nariz levantado, com o braço erguido e um giro de todos os dedos. Rosto acovardado. – As piadas mímicas de Longhen (o pintor Pittermann³²). Uma atuação que

evidentemente não tem alegria e, no entanto, não pode ser pensada com tanta falta de alegria, pois então não poderia ser realizada toda noite, especialmente porque, mesmo quando de sua invenção, era tão sem alegria que não se apresentou qualquer esquema satisfatório que poupasse a entrada em cena, bastante frequente, do homem inteiro. Bonito salto de palhaço sobre uma cadeira rumo ao vazio dos bastidores laterais. O todo lembra uma apresentação numa festa privada em que por necessidade social se aplaude de modo especial uma atuação trabalhosa e insignificante a fim de obter, considerando a insuficiência da atuação, algo lisamente arredondado mediante a abundância do aplauso. – O cantor Vašata. Tão ruim que nos perdemos ao olhá-lo. Mas, por ser um homem forte, mantém a atenção do público razoavelmente concentrada com uma força animalesca da qual por certo só eu me dou conta. – Grünbaum produz efeito com a desolação, supostamente apenas aparente, de sua existência. Odys, bailarina. Quadris rígidos. Uma verdadeira ausência de carnes. A meu ver, joelhos vermelhos combinam com a dança *Frühlingsstimmung* [Espírito primaveril].

30/9/1911

A moça do quarto ao lado, anteontem (Helli Haas). Estava deitado no canapé e, à beira do semissono, ouvi sua voz. Pareceu-me vestida de maneira particularmente pesada, não só com suas roupas, mas também com todo o quarto ao lado, apenas seu ombro modelado, nu, roliço, forte e escuro, que vi nos banhos³³, competia com suas roupas. Por um momento, pareceu-me que ela fumegava e enchia todo o quarto ao lado com seus vapores. Em seguida, estava com um corpete de cor cinza que, embaixo, se afastava tanto do corpo que alguém poderia sentar-se ali em cima e assim, de certo modo, cavalgar.

Mais sobre Kubin: o hábito de repetir as últimas palavras da outra pessoa, de toda maneira em tom aprovador, ainda que se verifique, pela fala própria aí entrelaçada, que não se concorda de forma alguma com o outro. Irritante. – Ao ouvir suas muitas histórias pode-se esquecer o que ele vale. De súbito somos lembrados disso e nos assustamos. Falava-se que um bar ao qual queríamos ir era perigoso; ele disse que não iria para lá; perguntei se ele era medroso, ao que ele respondeu, ainda por cima com o braço enganchado no meu: mas é claro, sou jovem e ainda tenho muito pela frente. – Durante a noite inteira e, segundo minha opinião, com toda a seriedade, falou com frequência da minha e da sua prisão de ventre. Por volta da meia-noite, quando deixei minha mão pendendo da borda da mesa, ele viu uma parte do meu braço e exclamou: “Mas o senhor está realmente doente!”. A partir de então, tratou-me de maneira ainda muito mais condescendente e, mais tarde, também rechaçou os outros, que queriam me convencer a acompanhá-los ao b.³⁴ Quando já nos tínhamos despedido, ele ainda me gritou à distância: “Regulin!”.

Tucholski³⁵ e Safranski.³⁶ O dialeto aspirado de Berlim, em que a voz precisa de pausas que são formadas por “*nich*”.³⁷ O primeiro, um homem inteiramente uniforme de vinte e um anos. A começar pelo balanço comedido e enérgico da bengala, que eleva o ombro de modo juvenil, até à diversão e ao desdém deliberados quanto a seus próprios trabalhos literários. Quer tornar-se advogado, vê apenas poucos obstáculos – ao mesmo tempo, com a possibilidade de sua eliminação: sua voz clara, que, após o tom masculino da primeira meia hora de conversa, parece se tornar

feminil – dúvida em relação à própria capacidade para a pose, a qual no entanto espera obter de uma maior experiência do mundo – por fim, medo de uma conversão ao mero tédio de viver, como observou em judeus berlinenses mais velhos da sua linha, ainda que por ora não sinta absolutamente nada disso. Irá casar-se em breve.

Safranski, aluno de Bernhard³⁸, faz caretas enquanto desenha e observa, relacionadas àquilo que está desenhando. O que me lembra que eu, por minha parte, tenho uma acentuada capacidade de metamorfose que ninguém percebe. Quantas vezes tive de imitar Max.³⁹ Ao voltar para casa ontem à noite, poderia, como espectador, ser confundido com Tucholski. A essência alheia tem de ser tão nítida e tão invisível em mim quanto o elemento oculto de um rébus, no qual jamais se acharia algo caso não se soubesse que está ali. Por ocasião dessas metamorfoses, gostaria muitíssimo de acreditar numa turvação de meus próprios olhos.

Primeiro de outubro, segunda-feira.⁴⁰ Ontem, sinagoga Velha Nova.⁴¹ *Kol nidre*.⁴² Murmúrio abafado de bolsa de valores. Na entrada, caixa com a inscrição: “Esmolas dadas com discrição apaziguam a irritação”. Interior com feitiço de igreja. Três judeus devotos, evidentemente orientais. De meias. Curvados sobre o livro de orações, o xale de orações puxado sobre a cabeça, apequenados ao máximo. Dois choram; apenas tocados pelo dia festivo? Um deles talvez tenha apenas os olhos doloridos, sobre os quais coloca fugazmente o lenço ainda dobrado para logo aproximar outra vez o rosto do texto. A palavra não é propriamente, ou principalmente, cantada, mas extraem arabescos dela, formados a partir da palavra, fina como um cabelo, que continuam a fiar. O juvenzinho que, sem a menor ideia do todo

e sem possibilidade de orientação, o barulho nos ouvidos, empurra-se e é empurrado entre a multidão aglomerada. O aparente vendedor que se sacode rapidamente durante a oração, o que só pode ser compreendido como tentativa de acentuar cada palavra com a maior força possível, ainda que talvez sem compreender, no que a voz é poupada, a qual, além disso, não conseguiria dar uma acentuação clara e grande em meio ao barulho. A família do dono do bordel. Na sinagoga Pinkas⁴³ fui tocado pelo judaísmo de maneira incomparavelmente mais forte.

No b. Suha⁴⁴ trasanteontem. Uma das judias tem rosto estreito, ou melhor, o rosto termina num queixo estreito, mas se alarga pelo balanço de um penteado vastamente ondulado. As três portas pequenas que levam do interior do prédio ao salão. Os clientes como numa sala de guarda sobre o palco, bebidas na mesa que mal são tocadas. A mulher de rosto achatado e com um vestido anguloso que começa a se movimentar apenas bem embaixo, num debrum. Algumas, agora e antes, vestidas como as marionetes dos teatros infantis vendidas na feira de Natal, isto é, com babados e ouro colados e frouxamente costuradas, de modo que se pode descosê-las num só puxão e elas se desfazem entre os dedos. A dona, com o cabelo louro-pálido esticado sobre uma base sem dúvida nojenta, com o nariz descendo em ângulo agudo, cuja direção se encontra numa relação geométrica qualquer com os seios caídos e a barriga que mantém rija, queixa-se de dores de cabeça, causadas pelo fato de hoje, sábado, haver uma algazarra tão grande e isso não dar em nada.

Sobre Kubin: a história de Hamsun é suspeita. Tais histórias, tiradas das obras deste, poderiam ser contadas aos milhares como algo vivido.

Sobre Goethe: “ideias excitadas” são meramente as ideias excitadas pelas cataratas do Reno. Depreende-se isso de uma carta a Schiller. – A observação momentânea isolada “o ritmo de castanholas das crianças com tamancos” causou tal efeito, foi aceita de modo tão universal, que é impensável que alguém, mesmo que jamais tivesse lido essa nota, pudesse sentir essa observação como uma ideia original própria.

2 de outubro. Noite insone. Já é a terceira consecutiva. Adormeço bem, mas desperto uma hora depois como se tivesse colocado a cabeça num buraco indevido. Estou completamente acordado, tenho a sensação de não ter dormido absolutamente nada ou apenas sob uma fina membrana, tenho outra vez diante de mim o trabalho de adormecer e me sinto repellido pelo sono. E, a partir de agora, as coisas continuam assim até por volta das cinco, é verdade que durmo, mas, ao mesmo tempo, sonhos intensos me mantêm acordado. É como se eu dormisse ao meu lado, enquanto eu mesmo tenho de me bater com os sonhos. Por volta das cinco, o último vestígio de sono se consumiu e apenas sonho, o que é mais cansativo do que estar acordado. Em suma, passo a noite inteira no estado em que uma pessoa saudável se encontra por um breve momento antes do adormecer propriamente dito. Quando acordo, todos os sonhos estão reunidos em torno de mim, mas me resguardo de examiná-los a fundo. Por volta do amanhecer, suspiro no travesseiro porque, para esta noite, toda a esperança

se foi. Penso naquelas noites em cujo final fui elevado do sono profundo e acordei como se estivesse preso numa noz. Uma aparição medonha dessa noite foi uma criança cega, pelo visto a filha de minha tia de Leitmeritz⁴⁵, que, aliás, não tem filhas, mas apenas filhos, dos quais um deles quebrou certa vez o pé. Em compensação, havia relações entre essa criança e a filha do dr. Marschner⁴⁶, que, conforme vi recentemente, está em vias de se transformar, de uma criança bonita, numa mocinha gorda, rijamente vestida. Essa criança cega ou de vista fraca tinha os dois olhos cobertos por um par de óculos; o esquerdo, sob a lente um tanto afastada, era de um cinza leitoso e se salientava convexamente, o outro era recuado e estava oculto por uma lente bem próxima. Para que essa lente fosse colocada de maneira opticamente correta era necessário, em vez do costumeiro suporte que se estende para trás sobre a orelha, empregar uma alavanca cuja cabeça não podia ser fixada de outra maneira a não ser no osso zigomático, de modo que dessa lente descia uma vareta até a bochecha, ali desaparecia na carne perfurada e terminava no osso, enquanto outra vareta de arame saía dali e se estendia para trás sobre a orelha. – Acho que essa insônia só vem do fato de escrever. Pois, por menos e pior que eu escreva, torno-me sensível devido a esses pequenos abalos, sinto o sopro, especialmente por volta do entardecer e ainda mais pela manhã, a possibilidade próxima de estados grandes e que me dilaceram, que poderiam me tornar capaz de tudo, e então, no ruído geral que está em mim e que não tenho tempo de comandar, não tenho sossego. Por fim, esse ruído é apenas uma harmonia opressa, contida, que, se liberta, me preencheria inteiramente, até me estenderia pelas amplidões e ainda assim me preencheria. Agora, porém, além de fracas esperanças, esse estado só me causa danos, visto que minha natureza não tem entendimento o bastante para suportar a mistura atual; durante o dia, o mundo visível me

ajuda, durante a noite, isso me retalha sem obstáculos. Nisso, sempre penso em Paris, onde, na época do cerco e, mais tarde, até a Comuna, a população dos subúrbios do norte e do leste, até então estranha ao parisiense, se movia durante meses rumo ao interior de Paris pelas ruelas de ligação, literalmente de hora em hora, estacando como ponteiros.

Meu consolo – e com ele vou me deitar agora – é que não escrevi por tanto tempo que esse ato de escrever ainda não pôde se acomodar às minhas condições atuais, mas que, com alguma hombridade, isso tem de funcionar pelo menos provisoriamente.

Estive tão fraco hoje que contei a história da criança até a meu chefe. – Lembrei-me agora que os óculos do sonho são de minha mãe, que à noite senta-se a meu lado e, sob seu pincenê, olha em minha direção durante o jogo de cartas de uma maneira não muito agradável. Seu pincenê tem inclusive a lente direita mais próxima do olho que a esquerda, o que não lembro de ter observado antes.

3 de outubro. Uma noite igual, apenas peguei no sono com dificuldade ainda maior. Ao adormecer, uma dor que vai verticalmente pela cabeça passando sobre a base do nariz, como se proviesse de uma ruga da testa apertada de modo muito firme. Para ficar o mais pesado possível, o que julgo bom para o adormecer, cruzei os braços e pousei as mãos sobre os ombros, de modo que estava deitado ali como um soldado carregado com sua bagagem. Outra vez, foi a força de meus sonhos, que já irradiam antes do adormecer, o que não me deixou dormir. A consciência de minhas capacidades literárias é inabarcável à noite e pela manhã. Sinto-me afrouxado até o solo de meu ser e posso tirar de mim o que quiser. Esse ato de fazer tais forças saírem, que então não deixo trabalhar, lembra-me minha

relação com B.⁴⁷ Também aqui há efusões que não são liberadas, mas que têm de aniquilar a si mesmas ao recuarem, só que aqui – essa é a diferença – se trata de forças mais misteriosas e de minha coisa última.

Na Josefsplatz⁴⁸ passou por mim um grande automóvel de viagem com uma família firmemente apertada dentro dele. Atrás do automóvel, com o cheiro de gasolina, passou sobre meu rosto uma brisa de Paris.

No escritório, ditando uma notificação mais longa a uma subprefeitura. Na conclusão, que deveria levantar voo, perdi o fio da meada e não consegui fazer outra coisa senão encarar a datilógrafa, a srta. Kaiser⁴⁹, que, como era seu costume, ficou particularmente vivaz, moveu sua cadeira, tossiu, deu batidinhas pela mesa e assim chamou a atenção da sala inteira para a minha desgraça. A ideia buscada também adquire agora o valor de que irá aquietá-la, e, quanto mais valiosa se torna, tão mais difícil é encontrá-la. Por fim, tenho a expressão “marcar a ferro” e a frase correspondente, mas ainda retenho tudo na boca, com um nojo e um sentimento de vergonha como se fosse carne crua, carne cortada de mim (tamanho esforço me custou). Por fim digo a frase, mas fico com o grande susto de que tudo em mim está pronto para um trabalho literário e que tal trabalho seria para mim uma solução celeste e um verdadeiro avivamento, enquanto aqui no escritório, por causa de um documento tão miserável, tenho de privar de um pedaço de sua própria carne um corpo capaz de tal felicidade.

4 [de outubro de 1911]. Estou inquieto e furioso. Ontem, antes de adormecer, havia no alto da minha cabeça, à esquerda, uma chamazinha tremulante e fria. Uma tensão já se instalou sobre o meu olho esquerdo. Quando penso a respeito, parece-me que não poderia aguentar o escritório mesmo se me dissessem que estarei livre dentro de um mês. E, no entanto, na maioria das vezes cumprio meu dever lá, fico bem quieto quando posso estar seguro da satisfação de meu chefe e não sinto que minha condição seja terrível. Aliás, ontem à noite me entorpecí intencionalmente, fui passear, li Dickens, então fiquei um pouco mais saudável e perdi a força para a tristeza que considerava justificada, mesmo que me parecesse um tanto remota, algo que, esperava, me traria um sono melhor. Ele foi um pouco mais profundo, mas não suficiente e interrompido muitas vezes. Para me consolar, disse-me que sem dúvida tinha reprimido mais uma vez o grande movimento que houvera em mim, mas que não pretendia renunciar a mim mesmo, como sempre fizera depois de tais períodos, e sim conservar na consciência de maneira precisa também os vestígios desses movimentos, o que nunca tinha feito antes. Talvez dessa forma eu pudesse encontrar em mim uma perseverança oculta.

Por volta do anoitecer, no escuro, em meu quarto, no canapé. Por que se precisa de um tempo mais longo para reconhecer uma cor, mas, então, depois da virada decisiva do entendimento, fica-se rapidamente cada vez mais convencido dela? Se a luz do vestíbulo e a da cozinha incidem de fora simultaneamente sobre a porta de vidro, derrama-se uma luz esverdeada, ou melhor, para não depreciar a impressão certa, uma luz verde, por quase toda a superfície dos vidros abaixo. Se a luz do vestíbulo é apagada e resta

apenas a luz da cozinha, o vidro mais próximo a ela fica azul-escuro, o outro fica azul-esbranquiçado, tão esbranquiçado que todo o desenho do vidro fosco (cabeças de papoula estilizadas, gavinhas, quadriláteros e folhas variados) se dilui. – As luzes e sombras lançadas pela luz elétrica da rua e da ponte, lá embaixo, sobre as paredes e o teto são desordenadas, em parte deterioradas, sobrepondo-se umas às outras e difíceis de examinar. É que quando instalaram as lâmpadas elétricas de arco voltaico lá embaixo e quando mobiliaram este quarto, não se deu qualquer atenção, daquela que é própria das donas de casa, à aparência que teria meu quarto a essa hora, visto do canapé, sem iluminação interior própria. – O brilho do bonde que passa lá embaixo, lançado contra o teto, passa esbranquiçado, misterioso e estacando mecanicamente ao longo de uma das paredes e do teto, quebrando-se no canto. – O globo se encontra no primeiro, fresco e pleno reflexo da iluminação da rua, sobre o guarda-roupa esverdeado em cima e puramente iluminado, tem um ponto brilhante em sua curvatura e uma aparência como se o brilho lhe fosse muito forte, embora a luz passe por sua lisura e o deixe duma cor que está mais para o castanho, para a casca de uma maçã. – A luz do vestíbulo produz um brilho de grande área na parede sobre a cama, limitado por uma linha sinuosa que sai da cabeceira dela, rebaixa seu aspecto, alarga seus pés escuros, eleva o teto do quarto sobre ela

5 [de outubro de 1911]. Pela primeira vez desde há alguns dias, novamente inquietação inclusive quanto ao que aqui escrevo. Raiva de minha irmã⁵⁰, que entra no quarto e se senta à mesa com um livro; minha espera pela próxima pequena ocasião de soltar essa raiva. Por fim, ela apanha um cartão de visita da caixa e palita os dentes com ele. Com raiva desvanecente, da

qual só me fica na cabeça um vapor acre, e alívio e confiança incipientes, começo a escrever.

Ontem à noite, café Savoy. Companhia judaica⁵¹ – sra. Klug, “imitadora de senhores”. De cafetã, calças pretas e curtas, meias brancas, uma camisa branca de lã fina que emerge do colete preto, presa na frente, junto ao pescoço, por um botão de retrós e que então se dobra numa gola larga, solta e esparramada. Sobre a cabeça, envolvendo o cabelo feminino, mas, de resto também necessário e também usado pelo marido, um barretezinho escuro, sem remate, e, por cima, um chapéu grande, preto e mole com as abas curvadas para o alto. – Na verdade, não sei que pessoas são essas que ela e seu marido representam. Quisesse explicá-las para alguém a quem não quero confessar minha ignorância, veria que os tomo por servidores da comunidade, por empregados do templo, conhecidos mandriões com quem a comunidade se resignou, pedinchões privilegiados de alguma maneira por motivos religiosos, pessoas que se encontram bem próximas do centro da vida comunitária precisamente devido à sua posição segregada, conhecem muitas canções devido ao seu deambular inútil e espreitador, enxergam de modo preciso a situação de todos os membros da comunidade, mas que, devido à sua falta de relação com a vida profissional, nada conseguem fazer com esses conhecimentos, pessoas que são judeus de uma forma especialmente pura porque vivem apenas na religião, mas sem esforço, compreensão ou lamento. Parecem zombar de todo mundo, riem logo depois do assassinato de um judeu nobre, vendem-se a um apóstata, dançam, encantados, com as mãos junto às costeletas quando o assassino desmascarado se envenena e clama por Deus, e, no entanto, fazem tudo isso

apenas por serem leves como plumas, jazem no chão sob qualquer pressão, são sensíveis, choram logo, com o rosto seco (esvaem-se de chorar com caretas), mas, assim que a pressão passa, não adquirem o menor peso próprio, mas logo têm de saltar nas alturas. Por isso, na verdade teriam de causar muitas preocupações a uma peça séria como o *Meschumed*⁵² de Lateiner⁵³, visto que sempre estão à frente do palco em todo o seu tamanho e com frequência na ponta dos pés ou com as duas pernas no ar, sem desfazer a tensão da peça, e sim retalhá-la. Bem, mas a seriedade da peça se desenrola em palavras tão fechadas, dosadas mesmo na possível improvisação, retesadas por um sentimento unitário, que mesmo quando a ação se passa apenas no segundo plano do palco ela sempre conserva sua importância. Os dois de cafetã⁵⁴ são antes reprimidos aqui e ali, o que corresponde à sua natureza, e olhamos, apesar de seus braços estendidos e dedos estalantes, apenas para o assassino, que, o veneno dentro de si, a mão em sua gola, na verdade muito larga, cambaleia até a porta. – As melodias são longas, o corpo se entrega a elas com gosto. Devido à sua duração que transcorre linearmente, correspondem-lhes perfeitamente o balançar dos quadris, os braços estendidos que, numa respiração tranquila, são levantados e baixados, a aproximação das palmas das mãos às têmporas e a cuidadosa evitação do contato. Lembra um tanto a *šlapak*.⁵⁵ – Por ocasião de algumas canções, da pronúncia de *jüdische Kinderloch*⁵⁶, de alguns ângulos dessa mulher que, no estrado, por ser judia nos atrai, o público, para si por sermos judeus, sem desejo ou curiosidade pelos cristãos, um arrepio me percorreu as faces. O representante do governo⁵⁷, talvez o único cristão na sala, com exceção de um garçom e duas empregadas de pé à esquerda do palco, é um homem deplorável acometido por um tique facial que, propagando-se com força especialmente pela face esquerda e também

pela direita, contrai e abandona o rosto com a rapidez – quero dizer fugacidade – quase gentil do ponteiro dos segundos, mas também com sua regularidade. Quando o tique passa sobre o olho esquerdo, quase o apaga. Para essa contração, desenvolveram-se novos músculos, pequenos e frescos, no rosto de outro modo inteiramente arruinado. – A melodia talmúdica das perguntas, dos juramentos e das explicações mais exatas: o ar entra num tubo e o leva consigo; em compensação, um parafuso grande, orgulhoso no todo e humilde em suas voltas, gira na direção do interrogado a partir de inícios pequenos e remotos.

6 [de outubro de 1911]. Os dois velhos à frente, à longa mesa junto ao palco. Um deles se apoia com os dois braços na mesa e apenas vira o rosto para o alto, à direita, na direção do palco, rosto cujo rubor falso e inchado, com uma barba irregularmente quadrada e emaranhada embaixo, oculta tristemente sua idade, enquanto o outro, exatamente de frente para o palco, mantém seu rosto, verdadeiramente ressequido pela idade, longe da mesa, na qual se apoia apenas com o braço esquerdo, mantendo o direito curvado no ar para apreciar melhor a melodia, seguida pela ponta de seus pés e à qual o cachimbo curto na mão direita cede debilmente. “*Tateleben*⁵⁸, cante junto”, clama a mulher, ora ao primeiro, ora ao segundo, enquanto se curva um pouco e estende os braços à frente, exortando-os.

– As melodias são apropriadas para apanhar toda pessoa que se levanta dum salto e, sem dilacerar, abranger todo seu entusiasmo, se é que não se queira acreditar que são elas que lhe dão esse entusiasmo. Pois especialmente os dois de cafetã se apressam a cantar, como se isso retesasse seus corpos conforme a necessidade mais genuína, e o bater de palmas durante a canção certamente indica o melhor bem-estar do ser humano no

ator. – Os filhos do dono do estabelecimento, num canto, mantêm-se numa relação infantil com a sra. Klug, que está sobre o palco, e cantam junto, a boca cheia com a melodia entre os lábios arregaçados.

A peça: Seidemann, um judeu rico, numa condensação evidente de todos os seus instintos criminosos com vista a esse fim, deixou-se batizar já faz vinte anos e, na ocasião, envenenou sua mulher porque ela não se deixou forçar ao batismo. Desde então, esforçou-se por esquecer o iídiche, que, no entanto, ressoa involuntariamente no fundo de sua fala, expressando sem cessar, em especial no início, para que o público o perceba e porque os acontecimentos vindouros ainda deixam tempo para tanto, um grande nojo em relação a tudo o que é judaico. Destinou sua filha ao oficial Dragomirow, enquanto ela, que ama um primo, o jovem Edelmann, declara ao pai numa grande cena, erguendo-se numa posição pétrea, inusual, apenas quebrada na cintura, que não desistirá do judaísmo, finalizando todo um ato com uma risada de desdém pela coação que lhe é imposta. (Os cristãos da peça são: um honesto criado polonês de Seidemann, que mais tarde contribui para seu desmascaramento, honesto sobretudo porque os contrastes precisam estar reunidos em torno de Seidemann; o oficial, do qual a peça pouco se ocupa, exceto pela representação de suas dívidas, pois, como cristão nobre, ele não interessa a ninguém, assim como um presidente de tribunal que entra em cena mais tarde e, por fim, um funcionário do tribunal, cuja maldade não ultrapassa a exigência de sua posição e a jocosidade dos dois homens de cafetã, embora Max o chame de pogromista.) Mas, por alguma razão, Dragomirow só pode se casar quando suas letras de câmbio forem pagas, as quais estão com o velho Edelmann, mas este, embora esteja prestes a viajar à Palestina e embora Seidemann queira pagá-las em dinheiro vivo, não as entrega. A filha é arrogante com o

oficial apaixonado e se vangloria de seu judaísmo, embora seja batizada, o oficial não sabe o que fazer e, os braços caídos, as mãos frouxamente entrelaçadas, olha para o pai em busca de ajuda. A filha foge para onde está Edelmann, quer se casar com o amado, embora provisoriamente em segredo, visto que um judeu, segundo a lei secular, não pode se casar com uma cristã, e ela, evidentemente, não pode se converter ao judaísmo sem a concordância do pai. O pai vem, reconhece que sem astúcia tudo estaria perdido e dá exteriormente sua benção a esse casamento. Todos perdoam Seidemann, chegam mesmo a amá-lo de tal maneira como se houvessem estado errados, inclusive o velho Edelmann, e este em especial, embora saiba que Seidemann envenenou sua irmã. (Essa lacuna talvez tenha surgido devido a uma abreviação, mas, talvez, também pelo fato de a peça ter se divulgado principalmente de modo oral de uma trupe a outra.) Mediante essa reconciliação, Seidemann obtém sobretudo as letras de câmbio de Dragomirov, pois, “sabes”, diz ele, “não quero que esse Dragomiriv fale mal dos judeus”, e Edelmann as entrega de graça; depois Seidemann o chama até o reposteiro ao fundo, supostamente para lhe mostrar alguma coisa, e, por trás, crava-lhe mortalmente nas costas uma faca que atravessa o roupão. (Entre a reconciliação e o assassinato, Seidemann estivera afastado do palco por algum tempo a fim de elaborar o plano e comprar a faca.) Com isso, quer levar o jovem Edelmann ao patíbulo, pois a suspeita terá de recair sobre ele, e sua filha ficará livre para Dragomirov. Ele escapa, Edelmann está caído atrás do reposteiro. A filha entra em cena com o véu de noiva, de braço dado com o jovem Edelmann, que vestiu o manto de orações. O pai, como veem, infelizmente ainda não está ali. Seidemann chega e parece feliz ao ver o casal de noivos. Então aparece um homem, talvez o próprio Dragomirov,

talvez apenas o seu ator, na verdade um detetive que não conhecemos, e declara que precisa fazer uma busca na casa “porque nela não se pode estar seguro de sua vida”. Seidemann: “Crianças. Não se preocupem, isso naturalmente é um erro, está claro. Tudo será esclarecido”. O cadáver de Edelmann é encontrado, o jovem Edelmann é arrancado de sua amada e preso. Ao longo de um ato inteiro, Seidemann dá instruções com grande paciência e pequenos apartes muito bem marcados (Sim, sim. Muito bem. Assim está errado. Sim, assim já está melhor. De fato, de fato.) aos dois de cafetã sobre como deverão testemunhar no tribunal a respeito da suposta inimizade de anos entre o velho e o jovem Edelmann. É difícil mobilizá-los, há muitos mal-entendidos; assim, num ensaio improvisado da cena do tribunal, eles vêm à frente e declaram que Seidemann os incumbiu de apresentar a questão do modo que segue, até que por fim mergulham tanto naquela inimizade que inclusive – Seidemann não consegue mais detê-los – são capazes de mostrar como aconteceu o próprio assassinato e o homem apunhala a mulher com a ajuda de um croissant. Naturalmente, isso é de novo mais do que será necessário. Apesar disso, Seidemann está bastante satisfeito com os dois e espera um bom desfecho para o processo com a ajuda deles. Nesse ponto, para o espectador crente, sem que seja pronunciado de alguma maneira porque é óbvio, intervém o próprio Deus, no lugar do escritor que recua, e castiga o mau com a cegueira. No último ato, como presidente do tribunal, vemos novamente o eterno ator de Dragomirow (também aí se mostra o desprezo pelo que é cristão; um ator judeu pode bem representar três papéis cristãos, e se os representa mal, isso também não importa) e, a seu lado, como advogado, com grande aparato de

cabeleiras e bigodes, logo reconhecida, a filha de Seidemann. É verdade que logo a reconhecemos, mas, considerando Dragomirow, julgamos por longo tempo que é a substituta de outro ator, até que vemos, por volta da metade do ato, que ela se disfarçou para salvar o amado. Os dois de cafetã devem testemunhar separadamente, o que lhes cria muitas dificuldades, pois ensaiaram juntos. Tampouco compreendem o alto-alemão do presidente, a quem, no entanto, o advogado auxilia quando as coisas ficam muitos difíceis, tal como também precisa lhe soprar outras coisas. Então vem Seidemann, que antes já tentou dirigir os de cafetã com auxílio de puxões na roupa, e causa, por seu discurso fluente e decidido, por sua atitude sensata e por se dirigir de maneira correta ao presidente do tribunal, uma boa impressão quando comparada às testemunhas anteriores, impressão que se encontra numa oposição terrível ao que sabemos dele. Sua declaração é relativamente sem conteúdo, ele infelizmente sabe muito pouco da coisa toda. Mas agora, na última testemunha, o criado, e não inteiramente consciente disso, vem o verdadeiro acusador de Seidemann. Ele observou Seidemann comprar a faca, sabe que Seidemann estava na casa de Edelmann no momento decisivo e, por fim, sabe que Seidemann odiava os judeus, especialmente Edelmann, e queria suas letras de câmbio. Os dois de cafetã erguem-se de um salto e ficam felizes em poder confirmar tudo isso. Seidemann se defende como um homem honrado um tanto perplexo. Então é a vez da filha falar. Onde estará ela? Em casa, naturalmente, e lhe dá razão. Não, ela não faz isso, afirma o advogado, e quer prová-lo; vira-se para a parede, tira a peruca e se volta ao horrorizado Seidemann revelando-se como sua filha. O branco puro acima do lábio superior, quando ela também arranca o bigode, tem uma aparência reprovadora. Seidemann se envenena para escapar à justiça terrena, mas mal confessa seus malfeitos

aos homens, e sim ao Deus judaico, a quem professa agora. Nesse meio-tempo, o pianista começou a tocar uma melodia, os dois de cafetã se sentem arrebatados por ela e começam a dançar. Ao fundo está o casal de noivos reunido, eles cantam junto a melodia, em especial o noivo sério, segundo o antigo costume do templo.

Primeira cena dos dois de cafetã. Entram no quarto de Seidemann com caixas de coleta, cujo dinheiro será usado no templo. Olham em volta, sentem-se mal, olham um para o outro. Percorrem os batentes da porta com as mãos e não encontram nenhum mezuzá.⁵⁹ Tampouco nas outras portas. Não querem crê-lo e, junto a diversas portas, saltam alto e batem bem no topo dos batentes a ponto de estalar, como quando se pega moscas, elevando-se e caindo repetidas vezes. Infelizmente, tudo em vão. Até então, não disseram uma palavra.

Semelhança entre a sra. Klug e a sra. Weinberg⁶⁰, do ano passado. A sra. Klug talvez tenha um temperamento ligeiramente mais fraco e mais uniforme, em compensação é mais bonita e mais decente. A Weinberg fazia constantemente o gracejo de bater o seu grande traseiro nos outros atores. Além disso, tinha uma cantora pior a seu lado e era inteiramente nova para nós.

“Imitadora de senhores” é na verdade uma designação errônea. Por estar metida no cafetã, seu corpo é completamente esquecido. Apenas devido ao encolher de ombros e ao virar de costas, que acontecem como se fosse

picada por pulgas, ela se lembra de seu corpo. As mangas, embora curtas, precisam ser puxadas um pouquinho para cima a cada momento, a partir do que o espectador espera para a mulher, que tem tanto a cantar e também a explicar de modo talmúdico, um grande alívio, inclusive prestando atenção para que ele ocorra.

Desejo de ver um grande teatro iídiche, pois a encenação talvez padeça do pequeno elenco e do ensaio impreciso. Também o desejo de conhecer a literatura iídiche, à qual evidentemente cabe uma ininterrupta postura combativa nacional, que determina cada uma de suas obras. Uma postura, portanto, que nenhuma literatura, mesmo a do povo mais oprimido, adota desse modo universal. Talvez aconteça em outros povos, em épocas de luta, que a literatura combativa nacional prospere, e outras obras, mais distantes, adquiram um brilho nacional nesse sentido devido ao entusiasmo do público, como, por exemplo, *Die verkaufte Braut* [*A noiva vendida*]⁶¹, mas aqui parecem perdurar, e duradouramente, apenas as obras do primeiro tipo.

O aspecto do palco simples, que aguarda os atores tão mudo quanto nós. Já que com suas três paredes, a cadeira e a mesa ele terá de bastar a todos os acontecimentos, nada esperamos dele; esperamos com toda a nossa força, isso sim, os atores, e por isso somos atraídos sem resistência pela canção por trás das paredes vazias que dá início à apresentação.

9/10/11

Se chegar aos quarenta, provavelmente me casarei com uma solteirona com os dentes de cima saltados, um tanto descobertos pelo lábio superior. Os dentes centrais superiores da srta. Kaufmann⁶², que estava em Paris e

Londres, são deslocados uns contra os outros, como pernas que alguém cruza fugazmente na altura dos joelhos. Mas dificilmente completarei quarenta anos; fala contra isso, por exemplo, a tensão que se encontra com frequência sobre a metade esquerda do meu crânio, que ao toque se parece com uma lepra interior e que me dá a mesma impressão, quando não considero os incômodos e quero apenas observar, que o aspecto dos cortes transversais do crânio nos compêndios escolares ou que uma vivissecção quase indolor, em que o bisturi, um pouco refrescante, cauteloso, parando e retornando com frequência, às vezes jazendo quieto, divide ainda mais envoltórios finos como folhas, bem próximo a partes do cérebro que estão trabalhando.

O sonho desta noite, que mesmo cedo ainda não julguei bonito, exceção feita a uma pequena cena cômica composta de duas réplicas, que resultou naquele imenso contentamento onírico que no entanto esqueci. Eu atravessava – não sei se Max estava junto logo no começo – uma longa fileira de casas na altura do primeiro ao segundo andar, assim como se passa de um vagão ao outro nos trens expressos. Andava muito rápido, talvez também porque às vezes a casa era tão decrepita que já por isso se apressava o passo. As portas entre as casas absolutamente não me chamavam a atenção, era simplesmente uma gigantesca série de quartos, e, no entanto, não se reconhecia apenas a diferença entre cada apartamento, mas também entre as casas. Talvez estivesse passando apenas por quartos com camas. Ficou-me na memória uma cama típica, encostada lateralmente, à minha esquerda, junto à parede escura ou suja, talvez inclinada como num sótão, com uma edificação baixa de roupas de cama, cujo cobertor, na

verdade apenas um lençol grosseiro, pisoteado pelos pés de quem ali dormiu, tem uma ponta pendente. Senti vergonha, numa hora em que muitas pessoas ainda estavam nas camas, de passar por seus quartos, por isso andei nas pontas dos pés com grandes passos, por meio dos quais esperava mostrar de alguma maneira que passava por ali apenas porque era forçado, poupava tudo ao máximo e pisava fraco, que minha passagem, na verdade, não contava de modo algum. Por isso, também nunca virava a cabeça no mesmo quarto, e olhava apenas para o que estivesse à direita, do lado da rua, ou à esquerda, do lado da parede traseira. A série de apartamentos era com frequência interrompida por bordéis, mas, pelos quais, embora aparentemente fizesse tal caminho por causa deles, eu passava de modo especialmente rápido, de maneira que nada percebi senão sua existência. Mas o último quarto de todos os apartamentos também era um bordel, e nele fiquei. A parede defronte à porta pela qual entrei, ou seja, a última parede da série de casas, era de vidro ou fora inteiramente demolida, e eu teria caído se fosse adiante. É até mais provável que tivesse sido demolida, pois as prostitutas estavam deitadas no chão contra a borda do assoalho, duas eu via de modo claro, no solo, a cabeça de uma delas pendia um pouco para fora sobre a borda, ao ar livre. À esquerda havia uma parede firme, em compensação a parede da direita não estava completa, via-se o pátio lá embaixo, embora não até o fundo, e uma escada cinzenta prestes a ruir conduzia para baixo, para dentro de várias divisões. A concluir pela luz no quarto, o teto era como o dos outros quartos. Eu estava lidando principalmente com a prostituta cuja cabeça pendia; Max, com a que estava deitada à esquerda dela. Eu apalpava suas pernas e então fiquei apertando regularmente suas coxas. Meu prazer nisso era tão grande que me admirei que não se precisasse pagar nada por essa diversão, que era justamente a

mais bela. Estava convencido que eu, e só eu, enganava o mundo. Então, com as pernas em repouso, a prostituta levantou o tronco e me deu as costas, que, para meu susto, estavam cobertas por grandes círculos de um vermelho-lacre com bordas palescentes e salpicos vermelhos espalhados entre eles. Então percebi que todo o seu corpo estava cheio deles, que mantinha o polegar em suas coxas sobre tais manchas e que tais particulazinhas vermelhas, como se fossem de um lacre despedaçado, também estavam em meus dedos. Recuei para o meio de alguns homens que pareciam esperar junto à parede, próximo a embocadura da escada, na qual havia um pequeno trânsito. Esperavam como homens que, no campo, ficam parados juntos na praça do mercado na manhã de domingo. Por isso também era domingo. Aqui também se desenrolou a cena cômica, quando um homem, que eu e Max tínhamos motivo para temer, foi embora, em seguida subiu a escada, veio em minha direção e, enquanto eu e Max esperávamos com medo uma ameaça terrível qualquer, fez-me uma pergunta ridiculamente simplória. Então fiquei ali parado e observei com preocupação a forma como Max, sem medo nesse estabelecimento, estava sentado no chão em algum lugar à esquerda comendo uma espessa sopa de batatas, da qual estas sobressaíam como grandes esferas, sobretudo uma. Ele a apertava com a colher, talvez com duas colheres, para dentro da sopa, ou simplesmente a fazia rolar.

10/10/11. Escrevi um artigo sofisticado pró e contra a agência no jornal *Tetschen-Bodenbacher Zeitung*.⁶³

Ontem à noite no Graben.⁶⁴ Três atrizes que saíam de um ensaio vieram em minha direção. É tão difícil familiarizar-se rapidamente com a beleza de três mulheres, ainda mais quando se quer ver dois atores que se aproximam por trás delas naquele passo de ator por demais gingado e além disso leve. Os dois – dos quais o da esquerda, com o rosto juvenilmente gordo, o sobretudo aberto em torno da figura forte, é bastante característico de ambos – ultrapassam as moças, o da esquerda pela calçada, o da direita pela rua. O da esquerda pega seu chapéu pelo topo, agarrando-o com os cinco dedos, levanta-o alto e exclama (só agora o da direita se lembra): “Até logo! Boa noite!”. Porém, ao passo que esse ultrapassar e cumprimentar separou os senhores, as mulheres cumprimentadas, como se guiadas pela mais próxima da rua, que parece ser a mais frágil e mais comprida, mas também mais jovem e mais bonita, seguem seu caminho, inteiramente imperturbadas, com um cumprimento que mal interrompe sua conversa harmoniosa. Naquele momento, o todo me pareceu uma forte prova de que as condições teatrais daqui são organizadas e bem conduzidas.

Anteontem com os judeus no café Savoy. *Die Sejdernacht* [A noite do sêder], de Feimann.⁶⁵ Em algumas ocasiões (a consciência disso me atravessou no momento), só não interviemos na ação por estarmos muito agitados, e não por sermos meros espectadores.

12/10/11. Ontem, na casa de Max, escrevi no diário de Paris.⁶⁶ Na penumbra da Rittergasse, a gorda e quente Rehberger⁶⁷ com seu conjunto outonal, a quem só conhecemos com uma blusa de verão e uma fina jaqueta

de verão azul, com as quais uma moça de aparência não inteiramente sem defeitos fica por fim pior do que nua. Então é que realmente se via seu nariz forte no rosto exangue, em cujas bochechas se poderia apertar as mãos por muito tempo até que um rubor tivesse se mostrado, a forte penugem loira que se acumulava nas bochechas e no lábio superior, a poeira do trem que se extraviara entre o nariz e as bochechas e a brancura débil no decote da blusa. Mas hoje a seguimos respeitosamente e, quando tive de me despedir na embocadura de uma passagem diante da Ferdinandstrasse por não estar barbeado e devido à minha aparência andrajosa em outros sentidos (Max estava justamente muito bonito com o sobretudo preto, o rosto branco e o brilho dos óculos), senti em seguida alguns pequenos abalos de simpatia por ela. E quando refleti sobre o porquê, tinha de me dizer sempre que era porque ela estava vestida de forma tão quente.

13/10/11. Transição, desprovida de arte, da pele retesada da careca de meu chefe às rugas suaves de sua testa. Uma fraqueza evidente da natureza, muito fácil de imitar; notas de dinheiro não deveriam ser feitas assim.

Não considerei bem-sucedida a descrição da Rehberger, mas ela deve ter sido melhor do que pensei, ou minha impressão de anteontem da Rehberger deve ter sido tão incompleta que a descrição lhe correspondeu ou até a ultrapassou. Pois quando ia para casa ontem à noite, a descrição me ocorreu momentaneamente, substituiu, desapercibida, a impressão original e acreditei ter visto a Rehberger apenas ontem, e sem Max, de modo que me preparava para lhe contar sobre ela exatamente como a descrevi aqui a mim

mesmo.

Ontem à noite, na Schützeninsel⁶⁸, não encontrei meus colegas e logo fui embora. Chamei um tanto a atenção com meu casaco curto e o chapéu mole amarrotado na mão, pois fora estava frio, mas dentro estava quente da respiração dos bebedores de cerveja, dos fumantes e dos tocadores de instrumentos de sopro da orquestra militar. Essa orquestra não estava muito elevada, também não poderia estar, pois a sala é um tanto baixa e ela a enchia de uma ponta até as paredes laterais. Essa multidão de músicos fora empurrada para essa ponta da sala como se fosse encaixada nela. Essa impressão de aglomeramento perdia-se então um pouco na sala, pois os lugares próximos à orquestra estavam relativamente vazios e a sala se enchia apenas próximo ao meio.

A loquacidade do dr. Kafka.⁶⁹ Andei com ele durante duas horas atrás da estação Franz Joseph, pedia-lhe de tempos em tempos para que me liberasse, eu tinha as mãos entrelaçadas de impaciência e prestava a menor atenção possível. Pareceu-me que um homem que alcança boas coisas em sua profissão necessariamente se transforma num imbecil quando se mete a narrar histórias profissionais; sua capacidade vem-lhe à consciência, de cada história resultam conexões, várias delas, ele abrange a todas, pois as vivenciou, por pressa e por consideração a mim precisa silenciar sobre muitas, também lhe arruíno algumas por meio de perguntas, mas através disso o levo a outras, mostro-lhe assim que ele também impera amplamente em meu próprio pensamento, na maioria das histórias sua pessoa tem um

belo papel, ao qual ele apenas alude e assim o assunto silenciado lhe parece ainda mais significativo, mas agora ele já está tão certo da minha admiração que também pode se queixar, pois mesmo em sua desgraça, em seu tormento, em sua dúvida, ele é admirável, seus adversários também são pessoas capazes e dignas de uma narrativa, num escritório de advocacia que tem quatro juristas em formação e dois chefes havia um litígio em que ele enfrentou sozinho esse escritório, por semanas o tema da conversa diária desses seis juristas. O melhor orador deles, um arguto jurista, o enfrentou, ao que se junta o supremo tribunal, cujas sentenças supostamente são ruins, mutuamente contraditórias, em tom de despedida defendendo um pouco esse tribunal, mas então ele apresenta provas de que esse tribunal não pode ser defendido e mais uma vez precisamos subir e descer a rua, admiro-me logo da inferioridade desse tribunal, ao que ele esclarece por que tem de ser assim, o tribunal está sobrecarregado, por que e como, bem, eu preciso ir, mas agora o tribunal de apelação é melhor e o tribunal administrativo é melhor ainda e por que e como, por fim ele não consegue mais me segurar, então tenta fazê-lo com meus próprios assuntos, pelos quais fui procurá-lo (a fundação da fábrica) e que há muito já tínhamos discutido de ponta a ponta, ele espera inconscientemente apanhar-me dessa maneira e poder atrair-me outra vez para suas histórias. Então digo algo, mas, durante minhas palavras, estendo a mão expressamente para a despedida e assim fico livre. De resto, ele narra muito bem, em sua narrativa mescla-se a expansividade precisa dos documentos legais com a fala vivaz, tal como a encontramos com frequência em judeus tão gordos, escuros, provisoriamente saudáveis, de estatura mediana, excitados pelo consumo constante de cigarros. Expressões jurídicas dão solidez à fala. São citados artigos cujo número elevado parece remetê-los à lonjura. Cada história é

desenvolvida desde o início, fala e réplica são apresentadas e, por assim dizer, sacudidas por meio de apartes pessoais, coisas secundárias em que ninguém pensaria são mencionadas em primeiro lugar, então são chamadas de secundárias e empurradas para o lado (“um homem, como se chama, é coisa secundária”), o ouvinte é convocado pessoalmente, interrogado, enquanto a história se condensa ao lado, muitas vezes o ouvinte é interrogado, naturalmente de modo inútil, até antes de uma história, que não pode lhe interessar de forma alguma, a fim de estabelecer uma relação provisória qualquer, observações intercaladas do ouvinte não são inseridas de imediato no lugar correto, o que seria irritante (Kubin⁷⁰), mas logo depois, porém apenas no decorrer da narrativa, o que, como bajulação objetiva, arrasta o ouvinte para dentro da história por lhe dar um direito bem especial de ser ouvinte nesse caso.

14/10/11. Ontem à noite no Savoy. *Sulamit* [Sulamita]⁷¹, de A. Goldfaden. Na verdade é uma ópera, mas toda peça cantada chama-se opereta; já essa ninharia me parece apontar para um empenho artístico obstinado, precipitado, também animado pelos motivos errados, que corta em duas a arte europeia numa direção em parte fortuita. A história: um herói salva uma moça que – “oro a Ti, grande e forte Deus” – se perdera no deserto e, atormentada pela sede, caíra numa cisterna. Juram fidelidade um ao outro (minha cara, minha amada, meu brilhante achado no deserto), tomando por testemunhas o poço e um gato-do-deserto de olhos vermelhos. A moça, Sulamita (a sra. Tschissik), é levada de volta por Cingitang, o selvagem criado de Absolon (Pipes), ao seu pai, Monoach (Tschissik), em Belém, enquanto Absolon (Klug) ainda faz uma viagem a Jerusalém; mas lá ele se apaixona por Abigail, uma moça rica de Jerusalém (Klug), esquece Sulamita e se casa. Sulamita espera pelo amado em casa, em Belém.

“Muitos homens vão a Jerusalém e retornam bem.” “Ele, o refinado, pretende ser-me infiel!” Através de explosões desesperadas, ela adquire uma confiança disposta a tudo e decide passar-se por louca para não precisar casar e poder esperar. “Minha vontade é de ferro, de meu coração faço uma fortaleza.” E, ainda na loucura, que agora encena anos a fio, ela goza triste e ruidosamente, com permissão obtida à força, todas as lembranças do amado, pois sua loucura trata apenas do deserto, do poço e do gato. Graças à sua loucura, ela logo afugenta seus três pretendentes, com os quais Manoach só consegue se entender pacificamente ao organizar uma loteria: Joef Gedoni (Urich), “sou o mais forte herói judeu”, Avidanov, o proprietário rural (R. Pipes), e o barrigudo sacerdote Nathan (Löwy), que se sente superior a todos, “dai-ma, morro por ela”. Absolon é acometido pela desgraça, um de seus filhos é morto a mordidas por um gato-do-deserto e o outro cai num poço. Ele se recorda de sua culpa, confessa tudo a Abigail, “modere tua choradeira”. “Pare de partir meu coração com tuas palavras.” “Infelizmente, tudo o que digo é uma coisa só.” Alguns círculos de pensamento se formam em torno dos dois e se dissipam. Deveria Absolon voltar para Sulamita e abandonar Abigail? Sulamita também merece *rachmones*.⁷² Por fim, Abigail o manda embora. Em Belém, Manoach se lamenta por sua filha: “Ai de meus velhos anos”. Absolon a cura com sua voz. “O resto, pai, irei contar-te mais tarde.” Abigail se perde na vinha de Jerusalém, a única justificativa de Absolon é seu heroísmo.

Ao final da apresentação ainda esperamos o ator Löwy, a quem eu gostaria de admirar em meio à poeira. Como de costume, ele deve “anunciar”. “Prezados frequentadores, agradeço em nome de todos nós por

suas presenças e os convido cordialmente para a apresentação de amanhã, na qual será encenada a obra-prima mundialmente famosa... de... Até breve!” Sai acenando com o chapéu. Em vez disso, vemos que a cortina é mantida fechada e que depois é aberta um pouquinho a título de experiência. Demora bastante. Por fim, abrem-na amplamente, ela é presa no meio por um botão, por trás dela vemos Löwy dando um passo em direção à ribalta, o rosto voltado para nós, o público, e defendendo-se apenas com as mãos de alguém que o ataca de baixo, até que de repente a cortina inteira, com sua fixação de arame no alto, é puxada por Löwy, que busca um apoio e, dobrando os joelhos diante de nossos olhos, é segurado por Pipes, que fez o papel do selvagem e ainda se mantém curvado como se a cortina estivesse fechada e, com a cabeça, literalmente empurra Löwy para o lado, para fora do estrado. As pessoas se aglomeram na lateral da sala. “Fechar a cortina!”, gritam no palco quase inteiramente descoberto, no qual a sra. Tschissik, com o rosto pálido de Sulamita, está parada tão lastimavelmente; pequenos garçons, sobre mesas e cadeiras, conseguem deixar a cortina mais ou menos em ordem, o dono do estabelecimento busca acalmar o representante do governo, que só tem o desejo de sair dali e que é retido por essa tentativa de apaziguamento; por trás da cortina, ouve-se a sra. Tschissik: “E queremos pregar moral ao público do alto do palco...”; a associação de funcionários judeus “Futuro”, que assumiu a direção da noite de amanhã e teve uma reunião geral ordinária antes da apresentação de hoje, decide, devido a esse incidente, convocar uma reunião extraordinária dentro de uma meia hora, um membro tcheco da associação profetiza a completa derrocada dos atores devido ao seu comportamento escandaloso. De repente, vê-se Löwy, que parecia ter desaparecido, ser empurrado até a porta com as mãos, talvez também com os joelhos, por Roubitschek, o

chefe dos garçons. Querem simplesmente jogá-lo para fora. Esse chefe, que mais cedo e mais tarde fica parado diante de cada cliente como um cachorro, também diante de nós, com um focinho canino que desce sobre uma boca grande, fechada por humildes rugas laterais, tem seu

16/10/11. Domingo cansativo ontem. Todos os funcionários de meu pai se demitiram. Através de bons discursos, da cordialidade, do efeito de sua doença, do seu tamanho e da sua força anterior, de sua experiência e sua astúcia, ele consegue, em conversas públicas e privadas, reconquistar quase todos eles. Um importante auxiliar de escritório, Franz, quer tempo para pensar até segunda, pois deu a palavra ao nosso gerente, que saiu e gostaria de levar todos os funcionários para uma nova loja que pretende fundar. No domingo, o contador escreve que não poderá ficar, o Roubitschek não o deixa faltar com a palavra. Vou vê-lo em Zížkov.⁷³ Sua jovem mulher, com bochechas redondas, rosto alongado e um pequeno nariz grosseiro que nunca arruína rostos tchecos. Roupão comprido demais, muito solto, floreado e manchado. Ele fica especialmente comprido e solto porque ela faz movimentos especialmente apressados para me cumprimentar, colocar de modo correto o álbum sobre a mesa como último embelezamento e desaparecer a fim de buscar seu marido. O marido com movimentos apressados semelhantes, talvez imitados pela mulher bastante dependente, fortemente pendulares quando o tronco está inclinado para a frente, enquanto o baixo-ventre fica chamativamente para trás. Impressão de uma pessoa conhecida há dez anos, vista com frequência, pouco observada, com quem de súbito se trava uma relação mais próxima. Quanto menor o meu sucesso com minhas exortações em tcheco (afinal, ele já tinha um contrato assinado com Roubitschek, só que ficara tão sobressaltado pelo meu pai

sábado à noite que não falara do contrato), tão mais felino torna-se seu rosto. No final, com um sentimento muito agradável, jogo um pouco; assim, olho mudamente pela sala com uma cara um tanto alongada de decepção e olhos apequenados, como se seguisse algo aludido no âmbito do indizível. Mas não fico infeliz quando vejo que isso tem pouco efeito e, em vez de ser abordado por ele num novo tom, tenho de começar outra vez a persuadi-lo. Tínhamos começado a conversa falando que do outro lado da rua mora um outro Tullach⁷⁴ e a terminamos junto à porta com sua admiração por eu vestir uma roupa leve no frio. Característico de minhas primeiras esperanças e de meu fracasso final. Porém, obtive dele a promessa de falar com meu pai à tarde. Minha argumentação, muito abstrata e formal em algumas partes. Um erro, não ter chamado a mulher para a sala.

Para Radotin⁷⁵ à tarde, a fim de segurar o auxiliar de escritório. Em razão disso, perco o encontro com Löwy, em quem penso constantemente. No vagão: a ponta do nariz da velha com a pele retesada de modo ainda quase juvenil. Então a juventude termina na ponta do nariz e ali começa a morte? O engolir dos passageiros que desliza garganta abaixo, o alargamento da boca como sinal de que julgam irrepreensível, natural e insuspeita a viagem de trem, a mistura dos outros passageiros, a distribuição de seus assentos, a temperatura do vagão e mesmo o número da *Pan*⁷⁶ que tenho sobre os joelhos e que alguns olham de vez em quando (pois, de qualquer forma, é algo impossível de terem previsto no compartimento do trem), ao mesmo tempo em que ainda acreditam que tudo também poderia ter sido bem pior. Para cima e para baixo no pátio do sr. Haman, um cachorro coloca uma pata sobre a ponta de meu pé, que balanço. Crianças,

galinhas, adultos aqui e ali. Uma babá, que de vez em quando se curva para baixo na *Pawlatsche*⁷⁷ ou se esconde atrás de uma porta, mostra gosto por mim. Sob seus olhares, não sei o que sou nesse momento, se indiferente, envergonhado, jovem ou velho, atrevido ou afetuoso, se seguro as mãos à frente ou atrás, se passo frio ou calor, se sou amigo dos animais ou negociante, amigo de Haman ou solicitante, superior aos participantes da reunião, que às vezes saem do local numa sinuosidade ininterrupta e vão ao mictório e voltam, ou ridículo devido à minha roupa leve, se judeu ou cristão etc. O fato de caminhar por ali, limpar o nariz, ler a *Pan* de vez em quando, evitar medrosamente a *Pawlatsche* com os olhos para de repente ver que está vazia, olhar as aves, ser cumprimentado por um homem, ver pela janela da taberna os rostos achatados e tortos, uns ao lado dos outros, dos homens voltados para um orador, tudo contribui para isso. O sr. Haman, que de tempos em tempos sai da reunião e a quem peço para aproveitar em nosso favor sua influência sobre o auxiliar de escritório, que ele trouxe à nossa loja. Barba castanho-escura, crescendo em volta das bochechas e do queixo, olhos pretos, as tonalidades escuras das bochechas entre os olhos e a barba. É amigo de meu pai, eu já o conhecia quando criança e a ideia de que fora torrador de café sempre o tornou para mim ainda mais escuro e mais viril do que era.

17/10/11. Não acabo nada porque não tenho tempo e dentro de mim há essa urgência tão grande. Se o dia inteiro estivesse livre e essa inquietação matinal em mim pudesse aumentar até o meio-dia e se cansar até a noite, então eu poderia dormir. Mas assim, resta para essa inquietação no máximo apenas uma hora do crepúsculo, ela se intensifica um pouco, então é oprimida e escava minha noite inútil e danosamente. Aguentarei isso por muito tempo? E terá alguma finalidade aguentá-lo, obterei tempo afinal?

Quando penso nesta anedota: Napoleão conta no banquete da corte em Erfurt⁷⁸: “Quando eu ainda era um mero segundo-tenente no 5º regimento... (suas altezas reais entreolham-se constrangidas, Napoleão percebe e se corrige), quando eu ainda tinha a honra de ser um mero segundo-tenente...”; as veias de meu pescoço se incham de um orgulho que sinto facilmente por empatia, orgulho que entra artificialmente em mim.

Ainda em Radotin: então caminhei sozinho pelo jardim gramado, passando frio, e reconheci na janela aberta a babá, que se deslocara comigo para esse lado da casa –

20 [de outubro de 1911]. Dia 18 na casa de Max, escrevi sobre Paris. Escrevi mal, sem chegar verdadeiramente ao campo livre da verdadeira descrição, que permite a uma pessoa libertar o pé da vivência. Eu também estava apático após a grande exaltação do dia anterior, que tinha terminado com a leitura pública de Löwy. Durante o dia ainda não estava em qualquer estado extraordinário, fui com Max buscar sua mãe, que chegara de Gablonz⁷⁹, fui com eles ao café e então à casa de Max, que tocou para mim uma dança cigana de *Das Mädchen von Perth*.⁸⁰ Uma dança em que por páginas a fio apenas os quadris se balançam num tiquetaquear monótono e o rosto tem uma expressão vagarosa e cordial. Até que no final, breve e tardiamente, chega a selvageria interior que fora atraída, sacode o corpo, domina-o, comprime a melodia a ponto de fazê-la bater nas alturas e nas profundezas (ouvem-se tons especialmente duros e abafados) e então faz um encerramento inadvertido. No início, é impossível de se perder durante o todo, uma forte proximidade à vida cigana, talvez porque um povo tão

selvagem na dança se mostre tranquilo apenas ao amigo. Impressão da grande verdade da primeira dança. Então folhee os *Aussprüche Napoleons* [Ditos de Napoleão]. Com que facilidade nos tornamos momentaneamente uma partícula de nossa própria e imensa ideia de Napoleão! Então já fui borbulhando para casa, não pude resistir a nenhuma de minhas ideias, desordenado, grávido, desgrenhado, inchado, em meio aos meus móveis girando em torno de mim, sobrevoado por meus sofrimentos e preocupações, tomando o maior espaço possível, pois apesar de minhas proporções eu estava bastante nervoso, entrei na sala de conferências. Da maneira como eu estava sentado, por exemplo, e muito verdadeiramente sentado, logo teria, como espectador, reconhecido meu estado. Löwy leu contos humorísticos de Scholem Aleichem⁸¹, depois uma história de Perez⁸², um poema de Bialik⁸³ (apenas nesse caso, a fim de popularizar seu poema que explora o *pogrom* de Kichinev em favor do futuro judeu, o poeta se rebaixou do hebraico até o iídiche e traduziu ele próprio seu poema originalmente hebraico para o iídiche) e “*Die Lichtverkäuferin*” [A vendedora de velas], de Rosenfeld.⁸⁴ Um repetido arregalar dos olhos, natural para o ator, olhos que então ficam parados assim por um momento, emoldurados pelas sobrelanceiras erguidas. A plena verdade de toda essa leitura pública; a fraca elevação do braço direito, originada no ombro; o mexer no pincenê, que parece emprestado, tão mal se ajusta ao nariz; a posição da perna sob a mesa, tão esticada que estão em atividade sobretudo os frágeis ossos de ligação entre a coxa e a canela; a curvatura das costas, que parecem fracas e miseráveis, pois o observador, diante de costas unitárias, uniformes, não se deixa enganar em seu juízo, tal como, ao olhar o rosto, pode acontecer devido aos olhos, às cavidades e saliências das faces, mas também devido a qualquer ninharia, mesmo que seja um fiapo de

barba. Após a leitura, já no caminho para casa, senti todas as capacidades concentradas e por isso me queixei a minhas irmãs e, em casa, até à minha mãe.

No dia 19 com o dr. Kafka devido à fábrica.⁸⁵ A ligeira inimizade teórica que tem de surgir entre as partes quando se assinam contratos. O modo como investiguei com os olhos o rosto de Karl, que estava voltado para o doutor. Essa inimizade tem de surgir tanto mais entre duas pessoas que normalmente não estão acostumadas a pensar sobre sua relação mútua e por isso esbarram em qualquer ninharia. – O costume do dr. Kafka de caminhar pela sala diagonalmente, com o balançar tenso, salonesco, do tronco para frente, falar enquanto isso e sacudir com frequência a cinza de seu cigarro num dos três cinzeiros espalhados pela sala ao chegar ao fim de uma diagonal.

Hoje cedo na Löwy & Winterberg.⁸⁶ A maneira como o chefe escora lateralmente suas costas na poltrona a fim de obter espaço e apoio para seus gestos de judeu da Europa oriental. A cooperação e o mútuo reforço entre o jogo das mãos e o da fisionomia. Às vezes ele reúne os dois, ou olhando para suas mãos, ou segurando-as próximo ao rosto para a comodidade do ouvinte. Melodias do templo na entonação de sua fala; em especial na enumeração de vários pontos leva a melodia de um dedo a outro, como se passasse por diferentes registros. Depois encontrei meu pai no Graben com um certo sr. Preissler, que inclusive levanta a mão para que a manga caia um pouco para trás (afinal, não quer puxar a manga para trás ele mesmo) e

faz, no meio do Graben, os fortes movimentos de parafuso com o abrir deslizando da mão e o afastamento dos dedos

Provavelmente estou doente, desde ontem tenho coceiras pelo corpo inteiro. À tarde, meu rosto estava tão quente e multicolorido que, ao cortar o cabelo, temi que o barbeiro, que afinal podia ver minha pessoa e minha imagem no espelho sem cessar, reconhecesse em mim uma grande doença. A ligação entre o estômago e a boca também está parcialmente perturbada; há uma tampa do tamanho de um florim que ou sobe e desce, ou fica embaixo e irradia para cima com um efeito que se expande, que cobre o peito na superfície e é ligeiramente sufocante.

Ainda em Radotin: convidei-a a descer. A primeira resposta foi séria, embora até então, com a menina confiada aos seus cuidados, tenha rido e coqueteado tanto como nunca teria ousado a partir do momento em que nos conhecemos. Em seguida rimos bastante juntos, embora eu passasse frio embaixo e ela em cima, com a janela aberta. Ela apertava seus seios contra os braços cruzados e o conjunto, com os joelhos evidentemente curvados, contra o peitoril. Tinha dezessete anos de idade e julgou que eu tivesse quinze ou dezesseis, do que toda a nossa conversa não a dissuadiu. Seu pequeno nariz era um pouco torto e por isso lançava uma sombra incomum sobre a bochecha, o que no entanto não poderia me ajudar a reconhecê-la. Ela não era de Radotin, e sim de Chuchle (a estação seguinte na direção de Praga), o que ela não queria deixar esquecer. Em seguida, com o auxiliar de escritório, que mesmo sem minha viagem teria ficado em nossa loja, um

passeio no escuro pela estrada que sai de Radotin e de volta à estação. De um lado, colinas desertas aproveitadas por uma fábrica de cimento para suas necessidades de calcário. Moinhos velhos. Narrativa sobre um choupo arrancado giratoriamente da terra por um ciclone junto com suas raízes, que primeiro entravam a pique na terra e em seguida se esparramavam. O rosto do auxiliar de escritório: carne pastosa avermelhada sobre ossos fortes, aparenta estar cansado, mas, dentro de seus limites, enérgico. Nem sequer na entonação se espanta com o fato de passearmos juntos aqui. Num grande campo, adquirido previdentemente por uma fábrica, sem uso por enquanto, no meio da localidade, cercado por prédios de fábricas iluminados por forte luz elétrica, mas apenas aqui e ali. Lua clara, cheia de luz, por isso fumaça nebulosa saindo de uma chaminé. Sinais de trem. Ruído de ratos ao lado do caminho longo que cruza o campo, aberto pela população contra a vontade da fábrica.

Exemplos do fortalecimento que devo a esta escrita, embora ela seja insignificante em seu todo:

Na segunda-feira, dia 16, fui com Löwy ao Teatro Nacional ver a *Dubrovnická Trilogie* [Trilogia de Dubrovnik].⁸⁷ A peça e a encenação foram desoladoras. Do primeiro ato, apenas fica na memória o belo som de um relógio de lareira; o cantar da Marselhesa dos franceses invasores diante da janela, a canção que enfraquece é retomada repetidamente pelos que chegam e se intensifica; uma moça vestida de preto passa com sua sombra pelas faixas de luz que o sol poente lança sobre o parque. Do segundo ato, fica apenas o pescoço delicado de uma moça que, saindo de ombros recobertos por uma roupa castanho-avermelhada entre mangas bufantes, se

estende e se retesa até a cabeça pequena. Do terceiro ato, o casaco imperial amarrotado, o colete de fantasia escuro, com a corrente dourada do relógio atravessada, de um velho e curvado descendente dos antigos hospares.⁸⁸ Não é muita coisa, portanto. Além disso, L. me confessou sua gonorreia; em seguida, meu cabelo tocou o seu quando me inclinei na direção de sua cabeça e fiquei com receio devido aos piolhos, de todo modo possíveis; os assentos foram caros, joguei dinheiro fora nisso como péssimo benfeitor, enquanto ele estava em apuros; por fim, ele se entediou ainda um pouco mais que eu. Em suma, demonstrei mais uma vez a má sorte que têm todos os empreendimentos que começo sozinho. Porém, enquanto normalmente me uno de modo inseparável a essa má sorte, subindo até mim todos os casos anteriores de má sorte e baixando até mim todos os posteriores, desta vez fui quase inteiramente independente, suportei tudo como se fosse algo único de maneira bem fácil e até senti, pela primeira vez no teatro, que minha cabeça, como a cabeça de um espectador, se elevava, do meio da escuridão concentrada das poltronas e dos corpos, numa luz especial, sem depender da péssima ocasião dessa peça e dessa encenação.

Um segundo exemplo: ontem à noite, na Mariengasse, estendi minhas duas mãos ao mesmo tempo para minhas duas cunhadas com tal habilidade como se fossem duas mãos direitas, e eu, uma pessoa dupla.

21 [de outubro de 1911]. Um contraexemplo: quando meu chefe discute comigo assuntos do escritório (hoje, o fichário) não consigo olhar muito tempo em seus olhos sem que venha ao meu olhar, inteiramente contra a minha vontade, uma ligeira amargura, que afasta ou o meu olhar ou o seu. O seu se afasta mais fugazmente, mas com maior frequência, pois ele não

está consciente da razão, cede a cada estímulo para desviar o olhar, mas o faz retornar logo, pois considera tudo isso apenas como um cansaço momentâneo de seus olhos. Defendo-me contra isso com mais força, razão pela qual acelero o zigue-zague de meu olhar, prefiro muito mais olhar ao longo de seu nariz e para as sombras das bochechas, muitas vezes seguro o rosto em sua direção apenas com a ajuda dos dentes e da língua na boca fechada, é verdade que baixo os olhos quando não há saída, mas nunca abaixo de sua gravata, porém logo obtenho o mais pleno olhar quando ele afasta os olhos e o sigo de modo preciso e sem consideração.

Os atores judeus: a sra. Tschissik tem saliências nas bochechas, nas proximidades da boca. Surgidas em parte devido às bochechas cavadas por causa dos sofrimentos da fome, do parto, das viagens e das encenações, em parte devido a músculos incomuns em repouso, que tiveram de se desenvolver para os movimentos de atriz de sua grande boca, que originalmente sem dúvida era lerda. No papel de Sulamita, tinha os cabelos soltos na maioria das vezes, cobrindo suas bochechas, de maneira que às vezes seu rosto parecia um rosto de menina de outrora. Ela tem um corpo grande, ossudo, de força mediana e está firmemente espartilhada. Seu andar adquire facilmente algo solene, pois tem o costume de levantar seus braços longos, estendê-los e movê-los lentamente. Em especial quando cantava a canção nacional judaica⁸⁹, balançava debilmente os quadris grandes e movia os braços dobrados paralelamente aos quadris para cima e para baixo com as mãos côncavas, como se brincasse com uma bola que voava lentamente.

Scharkansky, uma peça bastante ruim com uma cena boa e divertida sobre a escrita de uma carta, uma oração em que os amantes estão de pé com as mãos postas um ao lado do outro e o encostar do grande inquisidor convertido na cortina da Arca da Aliança; ele sobe o degrau e fica ali parado, a cabeça baixa, os lábios na cortina, segurando o livro de orações diante de seus dentes que batem. Pela primeira vez nesta quarta noite⁹¹, minha clara incapacidade de receber uma impressão pura. Culpa disso também foram o nosso grande grupo e as visitas à mesa de minha irmã. Apesar disso, eu não poderia ter sido tão fraco. Com meu amor pela sra. Tschissik, sentada a meu lado apenas graças a Max, comportei-me miseravelmente. Mas vou me reerguer, agora já está melhor.

A sra. Tschissik (gosto tanto de escrever esse nome) gosta de inclinar a cabeça à mesa, mesmo ao comer ganso assado; acreditamos poder chegar sob suas pálpebras com o olhar se primeiro olharmos cautelosamente ao longo das bochechas e então, apequenando-nos, metermo-nos para dentro, no que sequer precisamos erguer as pálpebras primeiro, pois estão levantadas e deixam passar precisamente um brilho azulado que seduz à tentativa. Do conjunto de sua interpretação verdadeira, emergem aqui e ali investidas do punho, giros do braço, que esboça em torno de seu corpo invisíveis caudas de vestido pregueadas, o gesto de colocar os dedos esparramados no peito, pois o grito desprovido de arte não basta. Sua interpretação não é variada: o olhar apavorado ao seu antagonista, a busca por uma saída no palco pequeno, a voz suave, que, numa elevação reta e breve, apenas se torna heroica, sem amplificação, com a ajuda de uma maior ressonância interior, a alegria que nela penetra pelo rosto que se abre,

que se espalha acima da testa alta até os cabelos, a autossuficiência no canto solo sem acréscimo de novos recursos, o endireitar-se quando há uma resistência, forçando o espectador a se preocupar com todo o corpo dela; e não muito mais do que isso. Mas aí está a verdade do todo e, conseqüentemente, a convicção de que nem o menor de seus efeitos lhe pode ser tirado.

A compaixão que temos por esses atores, que são tão bons e não ganham nada, e, além disso nem de longe obtêm gratidão e fama suficientes, é na verdade apenas a compaixão pelo triste destino de muitos esforços nobres, sobretudo dos nossos. Ela também tem uma força tão desproporcional porque se atém exteriormente a pessoas alheias e na realidade pertence a nós mesmos. Mas, apesar disso, ela está, no fim das contas, tão estreitamente ligada a esses atores que nem mesmo agora consigo separá-la deles. Por reconhecer isso, ela se liga, por teimosia, ainda mais a eles.

A chamativa lisura das bochechas da sra. Tschissik ao lado de sua boca musculosa. Sua filhinha um tanto disforme

Passei por três horas com Löwy e minha irmã.

23 [de outubro de 1911]. Por sua presença, os atores me convencem, repetidamente para meu espanto, de que a maior parte do que escrevi até

agora sobre eles está errado. Está errado porque escrevo sobre eles com amor constante (apenas agora, quando escrevo, é que isso também se transforma em erro), porém com força variável, e essa força variável não atinge sonora e corretamente os atores reais, e sim se perde surdamente devido a esse amor, que nunca estará satisfeito com a força e que, pelo fato de retê-la, acredita proteger os atores.

Disputa entre Tschissik e Löwy. T.: Edelstatt⁹² é o maior escritor judeu. Ele é sublime. Rosenfeld⁹³ naturalmente também é um grande escritor, mas não é o primeiro. – L.: T. é socialista, e porque Edelstatt faz poemas socialistas e é redator de um jornal judeu socialista em Londres, T. julga que ele é o maior. Mas quem é Edelstatt, seu partido o conhece e mais ninguém, mas Rosenfeld todo mundo conhece. – T.: não se trata de reconhecimento. Todas as coisas de Edelstatt são sublimes. – L.: também o conheço muito bem. “*Der Selbstmörder*” [O suicida], por exemplo, é muito bom. – T.: de que adianta a briga? Não vamos chegar a um acordo. Direi minha opinião até amanhã e tu também. – L.: vou dizê-la até depois de amanhã.

Goldfaden⁹⁴, casado, esbanjador, mesmo em grande miséria. Cerca de cem peças. Tornou populares melodias litúrgicas roubadas. O povo inteiro as canta. O alfaiate em seu trabalho (é imitado), a empregada etc.

Num espaço tão pequeno para se vestir, como diz Tschissik, não há como evitar as brigas. As pessoas vêm agitadas da cena, cada um se julga o

maior ator e se alguém pisa no pé do outro, por exemplo, o que é inevitável, não haverá apenas uma briga, mas um grande combate. Pois é, em Varsóvia havia 75 pequenos camarins individuais, todos iluminados

Por volta das seis, encontrei os atores no café, sentados ao redor de duas mesas, ordenados de acordo com os dois grupos inimigos. Na mesa do grupo de Tschissik havia um livro de Perez.⁹⁵ Löwy tinha acabado de fechá-lo e se levantou para ir embora comigo.

Até os vinte anos, Löwy foi um *bocher*⁹⁶ que estudava e gastava o dinheiro de seu pai abastado. Havia um grupo de pessoas jovens, de mesma idade, que se reunia justamente no sábado num lugar fechado e, de cafetã, fumava e cometia outros pecados contra os mandamentos dos dias sagrados.

“O grande Adler”⁹⁷, o mais famoso ator iídiche de Nova York, que é milionário, para quem Gordon⁹⁸ escreveu *Der wilde Mensch* [O homem selvagem] e a quem L. pediu em Karlsbad que não fosse assistir à peça, que não teria coragem de representar diante dele naquele palco mal equipado. – Apenas cenários, não esse palco miserável em que as pessoas não conseguem se mexer. Como é que vamos encenar *Der wilde Mensch*! Para isso se precisa de um divã. No Palácio de Cristal⁹⁹ de Leipzig foi grandioso. Janelas que se podia abrir, o sol iluminava o interior, precisávamos de um trono na peça, bem, aí estava o trono, atravessei a multidão na direção dele e realmente fui um rei. Lá é muito mais fácil de atuar. Aqui tudo nos desconcerta.

24 [de outubro de 1911]. Minha mãe trabalha o dia inteiro, fica alegre ou triste conforme o caso, sem fazer a menor exigência com respeito à sua própria situação, sua voz é clara, alta demais para a conversa habitual, mas benéfica quando se está triste e a ouvimos repentinamente depois de algum tempo. Há muito tempo já me queixo que estou sempre doente, mas jamais tenho uma doença específica que me forçasse a ficar de cama. Esse desejo certamente se deve em grande parte ao fato de eu saber como minha mãe consegue consolar quando, por exemplo, ela vem da sala de estar iluminada para a penumbra do quarto do doente, ou, à tardinha, quando o dia começa a se transformar uniformemente em noite, volta da loja e, com seus cuidados e rápidas disposições, faz o dia já tão tardio recomeçar outra vez e encoraja o doente a ajudá-la nisso. Eu desejaria isso outra vez, pois então estaria fraco e, por isso, convencido de tudo que minha mãe fizesse, podendo ter alegrias infantis com a capacidade de apreciação mais nítida da idade adulta. Ontem me ocorreu que só não amei sempre minha mãe como ela merecia e como eu podia porque a língua alemã me impediu disso. A mãe judia não é uma *Mutter*¹⁰⁰, a designação de *Mutter* a torna um pouco esquisita (não a si própria, pois estamos na Alemanha); damos a uma mulher judia o nome da *Mutter* alemã, mas esquecemos a contradição, que tão mais pesadamente se afunda no sentimento; *Mutter* é especialmente alemão para os judeus, contém, de modo inconsciente, ao lado do brilho cristão, também a frieza cristã; por isso, a mulher judia chamada de *Mutter* não se torna apenas esquisita, mas também estranha. *Mama* seria um nome melhor se ao menos não imaginássemos *Mutter* por trás dele. Acredito que apenas as lembranças do gueto conservam a família judia, pois também a

palavra *Vater*¹⁰¹ não se refere nem de longe ao pai judeu.

Hoje estive frente a frente com o conselheiro Lederer¹⁰², que de modo inesperado, não solicitado, infantil, mentiroso, ridículo e capaz de me fazer perder a paciência indagou sobre minha doença. Já fazia tempo que não conversávamos tão intimamente, ou talvez jamais tenhamos conversado assim, quando senti como meu rosto, nunca por ele observado tão precisamente, se abria para ele em partes falsas, mal compreendidas, mas que de qualquer modo o surpreenderam. Fiquei irreconhecível a mim mesmo. Quanto a ele, conheço-o muito bem.

1. Ievguênia Eduardova (1882-1960), integrante do Balé Imperial Russo de São Petersburgo, que se apresentou em Praga em maio de 1909.

2. Referência à comédia *Die Jungfern von Bischofsberg* [As donzelas de Bischofsberg], 1907, de Gerhart Hauptmann (1862-1946). Kafka desenvolve esse apontamento mais adiante (ver p. 120).

3. De 16 a 30 de novembro de 1909 apresentou-se em Praga o grupo de equilibristas japoneses “The Mitsutas”, cujo repertório incluía o número descrito (e ilustrado) por Kafka.

4. Franz Blei (1871-1942), escritor e editor alemão, a quem Kafka e Max Brod acompanharam ao monte Petřín (ou Laurenziberg, em alemão), em Praga, na noite do dia 18 de maio de 1910 para assistir à passagem do cometa Halley, ocorrida na madrugada do dia 19 (e não 18, conforme anotou Kafka).

5. De 1907 a 1913, a família Kafka morou no nº 36 da Niklasstrasse (em tcheco: Pařížská), num apartamento do último andar de um prédio com vista para o rio Moldava.

6. Em alemão, o verbo costuma estar no final da frase.

7. É possível que esse fragmento se relacione com um texto do escritor suíço Robert Walser (1878-1956), “*Theaterbrand*” [Incêndio no teatro], publicado em 9 de julho de 1908 na revista *Die Schaubühne*.

8. George Sand (1804-1876), escritora francesa. Este e os dois fragmentos seguintes foram provavelmente redigidos durante uma estada em Paris com Max e Otto Brod, de 8 a 17 de outubro de 1910. As observações sobre o teatro foram feitas a propósito da encenação da peça *Manette Salomon*, de Edmond de Goncourt, no Théâtre de l’Odéon, em 15 de outubro. Max Brod fez uma observação

parecida num artigo publicado no jornal *Frankfurter Zeitung* em 26 de março de 1911, “*Der Wert der Reiseindrücke*” [O valor das impressões de viagem], sobre a claque nos teatros franceses: “Ela não visa o engano de maneira alguma. Trabalha abertamente, a um sinal que todos ouvem. O bastão bate, aplauso”.

9. Esboço de uma carta ao superior imediato de Kafka, Eugen Pfohl (1867-1919), na Agência de Seguros contra Acidentes de Trabalho do Reino da Boêmia em Praga (o “escritório”), em que Kafka trabalhou de 1908 até a sua aposentadoria precoce, em 1922. Não há indícios de que a carta tenha sido enviada ao “chefe” (conforme é sempre chamado nas anotações subsequentes). O “outro trabalho” de Kafka é sua dedicação à literatura.

10. Como vários outros fragmentos deste diário, trecho relacionado a uma segunda versão da novela *Beschreibung eines Kampfes* [*Descrição de uma luta*], cuja primeira versão fora iniciada em 1904.

11. Richard Pollak-Karlin (1867-1945), pintor praguense, e Hilda Kotány-Pollak (1874-1943), pintora e artesã. Pintaram o motivo de Lemúria e Atlântida (ver adiante, notas 16 e 17).

12. Xaverine Bittner, mãe do juiz e compositor Julius Bittner.

13. Rudolf Steiner (1861-1925), austríaco, fundador da doutrina mística da antroposofia. De 19 a 28 de março de 1911 pronunciou um ciclo de onze conferências em Praga, das quais Kafka assistiu a algumas.

14. Ou Eugène Lévy, adepto e popularizador de Steiner na França.

15. *Wie erlangt man Erkenntnisse der höheren Welten?* [Como se obtém o conhecimento dos mundos superiores?] é o título de um livro de Steiner publicado em 1909. Foi publicado no Brasil sob o título *O conhecimento dos mundos superiores* (São Paulo: Antroposófica, 1985).

16. Vasta ilha ou continente lendário submerso em tempos remotos.

17. Continente primitivo hipotético na região do oceano Índico com que se buscava explicar a existência dos lêmures na ilha de Madagascar.

18. Na doutrina dualista do zoroastrismo, princípio do mal, origem da morte e da desordem; sua contraparte é Ormuz, o princípio do bem.

19. Berta Fanta (1865-1918): figura eminente da vida cultural e intelectual de Praga. Interessava-se pela doutrina de Steiner desde 1909 e, em 1912, fundou em sua casa um grupo de trabalho teosófico independente.

20. Tipo de casaco de uso obrigatório para os civis em ocasiões oficiais na corte austríaca.

21. Romance (1911) de Max Brod, do qual este fragmento constitui o início de uma resenha.

22. Ver nota 10.

23. Piscinas públicas em que também se davam aulas de natação. Königssaal e Černoschitz: lugares de excursão e veraneio às margens do rio Moldava, cerca de quinze quilômetros ao sul de Praga.

24. Referência à viagem de férias em companhia de Max Brod. Ver Kafka, *Reisetagebücher* [Diários de viagem], viagem de agosto/setembro de 1911 (quarto e último volume dos *Diários* de Kafka).

25. Ver nota 10.

26. Neste caso, a metafonía é a transformação da vogal *o* em *ö* (*stossen*, “empurrar” → *stösst*, “empurre”), indicando um som intermediário entre *o* e *e*.

27. Hermann Kafka (1852-1931) era dono de uma loja de acessórios de moda (luvas, pantufas, artigos de corte e costura, guarda-chuvas, bengalas etc.) que administrava com sua mulher, Julie (1855-1934). Ele padecia de problemas respiratórios, cardíacos e circulatórios.

28. Ou seja, Ottilie (1892-1943), a mais nova das três irmãs de Kafka.

29. Alfred Kubin (1877-1959), pintor, desenhista e escritor que Max Brod conheceu em Praga em setembro de 1911 e a quem apresentou Kafka no mesmo mês.

30. Knut Hamsun (1859-1952), escritor norueguês admirado por Kafka; Alfred Langen (1869-1909), cuja casa era um dos centros da vida cultural e social de Munique, era seu editor alemão.

31. Kafka refere-se a um belvedere na margem esquerda do rio Moldava, dotado de amplos parques onde costumava passear.

32. Emil Artur Longen (ou Longhen), pseudônimo de Emil Artur Pittermann (1885-1936): ator, dramaturgo, diretor e pintor; amigo de Max Brod.

33. Referência a algum dos balneários às margens do rio Moldava.

34. Bordel.

35. Kurt Tucholsky (1890-1935): poeta e satirista alemão, nessa época estudante de direito em Berlim.

36. Kurt Szafranski (1890-1964): desenhista alemão.

37. Provável deformação de *nicht*, “não”.

38. Lucian Bernhard (1883-1972): desenhista alemão.

39. Max Brod (1884-1968): escritor e grande amigo de Kafka, também editor e divulgador de sua obra. Kafka menciona-o sempre pelo prenome.

40. Na verdade, domingo.

41. A mais antiga sinagoga de Praga.

42. “Todos os votos”, oração pronunciada na sinagoga que abre o *Iom Kipur*, o “dia do perdão”, a data mais importante da religião judaica.

43. Situada junto ao antigo cemitério judaico de Praga.

44. Salão Šuha, um dos bordéis mais conhecidos de Praga.
45. Karoline Kohn (1856-1929), viúva de Heinrich Kafka, um tio falecido em 1886.
46. Robert Anton Maschner (1865-1934) era o diretor da Agência de Seguros em que Kafka trabalhava. Sua filha, Berta, viveu entre 1900 e 1972.
47. No manuscrito, “Bailli”, em seguida riscado, com exceção da inicial. Trata-se provavelmente de Louise Bailly (1860-1942), antiga governanta da casa dos Kafka.
48. Rebatizada de Náměstí Republiky (Praça da República) após a proclamação da República Tcheca. Nela começa a rua em que se localizava a agência para a qual Kafka trabalhava.
49. Julie Kaiser (1887-1941), colega e amiga de Kafka.
50. Provavelmente Valerie (1890-1942), apelidada de Valli, ou então Ottilie (1892-1943), também chamada de Ottla, ambas, como Kafka, ainda morando com os pais nessa época.
51. Trata-se de uma companhia de teatro iídiche da cidade ucraniana de Lviv (ou Lemberg, em alemão) que se apresentou em Praga de setembro de 1911 a janeiro de 1912. Kafka tornou-se amigo dos membros desse grupo (os casais Klug e Tschisik, os atores Pipes, Urich e, sobretudo, Jizchak Löwy), recebendo deles as primeiras indicações sobre a história da literatura e do teatro iídiches.
52. Termo de origem hebraica; literalmente, “extirpado”, designação para o judeu batizado (apóstata).
53. A peça fora anunciada inicialmente como sendo de Joseph Latteiner, mas seu autor é Abraham Scharkansky.
54. Max Brod vê nessas duas figuras os precursores dos “ajudantes” de *O castelo*.
55. Dança popular tcheca.
56. Iídiche: “criancinhas judias”.
57. Membro do departamento de censura encarregado de observar apresentações públicas.
58. Iídiche: “querido pai”.
59. Palavra hebraica que significa “batente de porta”. Trata-se um rolo de pergaminho com trechos do Deuteronômio colocado num estojo fixado no batente direito da porta e que é tocado ao sair e ao entrar na casa.
60. Em abril e maio de 1910 apresentou-se no café Savoy uma companhia de teatro iídiche dirigida por Moritz Weinberg, da qual também faziam parte sua mulher, Pepi, e a cantora Salcia Weinberg.
61. Ópera cômica do compositor tcheco Bedřich Smetana (1824-1884), em estilo marcadamente nacional.
62. Provavelmente Rosa Kaufmann (1878-1942), cujo irmão, Hugo, casara-se com Olga Ehrmann, filha de Julie Ehrmann, tia de Kafka.

63. O artigo foi publicado em 4 de novembro de 1911 sob o título “*Die Arbeiterunfallversicherung und die Unternehmer*” [O seguro contra acidentes de trabalho e os empreendedores].

64. Isto é, “fosso”. Rua que separa a parte antiga de Praga da nova e que segue o traçado do fosso que, em séculos anteriores, circundava a cidade antiga.

65. O autor da peça é na verdade Joseph Latteiner. O sêder é uma celebração doméstica durante a festa judaica do *pessach*, que comemora a lendária fuga do Egito.

66. Ver Kafka, *Diários de viagem*, agosto/setembro de 1911.

67. Angela Rehberger (nascida em 1887), conhecida de Kafka e Brod.

68. Ilha do rio Moldava acessível por uma escada que parte do meio da ponte Kaiser Franz; nela há um restaurante e áreas verdes.

69. Robert Kafka, advogado, filho de Heinrich Kafka, um primo do pai de Kafka. Robert era responsável pela parte jurídica da Fábrica Praguense de Asbesto Hermann & Cia. (a “fábrica”, como é chamada simplesmente doravante), que Franz Kafka, na condição de sócio comanditário, fundaria em dezembro de 1911 juntamente com seu cunhado Karl Hermann (1883-1939), marido de Gabriele (ou Elli, 1889-1941), sua irmã mais velha.

70. Ver p. 53.

71. Opereta de Abraham Goldfaden (1840-1908), o fundador do teatro iídiche.

72. Iídiche: “misericórdia”.

73. Subúrbio a leste de Praga, com inúmeras fábricas, habitado na época sobretudo por trabalhadores tchecos.

74. O contador a quem Kafka visitou se chamava Anton Tullach; o “outro Tullach” era o tipógrafo Karel Tulach.

75. Localidade situada quinze quilômetros ao sul de Praga.

76. O número da revista *Pan* de 15 de outubro de 1911 (vol. 2, nº 2, p. 53-58) continha um texto de Max Brod, “*Kommentar zu Robert Walser*” [Comentário acerca de Robert Walser].

77. Do tcheco *pavlač*. Espécie de corredor avarandado que dá para o pátio interno de uma casa e a liga com outras.

78. Capital do estado alemão da Turíngia.

79. Pequena cidade industrial do norte da Boêmia.

80. *A formosa donzela de Perth*, ópera de Georges Bizet inspirada no romance homônimo de Walter Scott.

81. Pseudônimo de Scholem Rabinowitsch, conhecido como autor de inúmeras obras humorísticas.

82. Isaak Loeb Perez (1852-1915), popular autor iídiche.

83. O poema de Chajim Nachman Bialik chama-se “*Am Ort des Mordes*” [No lugar do assassinato] e trata de um massacre de judeus ocorrido em 1903 em Kichinev, cidade da Bessarábia (na época, província do império russo).

84. Morris Rosenfeld (1862-1923): escritor iídiche. Emigrou da Rússia para a Inglaterra e em seguida aos Estados Unidos, onde também foi alfaiate. Foi editor de um jornal iídiche e suas obras foram traduzidas para vários idiomas.

85. Ver p. 77.

86. “A Löwy & Winterberg é sem dúvida uma firma grande, a terceira maior madeireira da Boêmia, até onde sei” (Kafka em carta a Felice Bauer de 4/5 de fevereiro de 1913).

87. Obra do autor croata Ivo Vojnović (1857-1929).

88. Provável deformação de “hospodares”. “Hospodar” (senhor) era o título dos príncipes da Valáquia e da Moldávia.

89. Em hebraico, *Ha-Tikvah* [A esperança], canção escrita em 1878 por Naphtali Herz Imber. Inicialmente hino não oficial do movimento sionista, mais tarde tornou-se o hino oficial e hoje é o hino nacional de Israel.

90. Ver nota 42.

91. As noites anteriores haviam sido 5, 8 e 13 de outubro.

92. David Edelstadt (1866-1892), um dos primeiros autores iídiches socialistas. Emigrou da Rússia para os Estados Unidos, trabalhou como alfaiate e participou de um grupo anarquista, para o qual editou um jornal. Morreu jovem, tornando-se um dos heróis do movimento trabalhista judaico.

93. Ver nota 84.

94. Ver nota 71.

95. Ver nota 82.

96. Iídiche: “jovem”, “estudante de uma escola talmúdica”.

97. Jacob P. Adler (1855-1926).

98. Mais exatamente, Jakob Gordin (1853-1909).

99. Krystall-Palast: na época, uma das maiores e mais renomadas casas de entretenimento da Alemanha.

100. Em alemão, “mãe”.

101. “Pai” em alemão.

102. Eugen Lederer (1861-1937), conselheiro imperial e diretor da seção de acidentes da Agência de Seguros contra Acidentes de Trabalho; Kafka trabalhara nessa seção durante alguns meses em 1909.

SEGUNDO CADERNO

Quando as coisas já tinham se tornado insuportáveis – certa vez em novembro, ao anoitecer – e entrei correndo sobre o tapete estreito de meu quarto como numa pista de corrida, dei meia-volta por ter me assustado com o aspecto da rua iluminada e, no entanto, adquiri uma nova meta nas profundezas do quarto, no fundo do espelho, e gritei apenas para ouvir o grito, ao qual nada responde e ao qual nada tampouco tira a força de gritar, grito que portanto se eleva sem contrapeso e não pode cessar, mesmo quando emudece, eis que a porta se abre na parede, muito depressa, pois afinal a pressa era necessária e mesmo os cavalos de tração lá embaixo no calçamento, como cavalos enfurecidos na batalha em algum lugar, empinaram-se sobre as patas traseiras afastadas, as gargantas expostas.

Uma criança, um pequeno fantasma, saiu do corredor completamente escuro no qual a lâmpada ainda não estava acesa e ficou parada na ponta dos pés, como uma pequena bailarina, sobre uma viga do assoalho que oscilava de maneira imperceptível. Logo cegada pela penumbra do quarto, depressa quis colocar o rosto nas mãos, mas acalmou-se inesperadamente ao olhar para a janela, diante de cuja cruzeta o vapor que subira da profunda iluminação da rua finalmente se deteve sob a escuridão. A criança se mantinha em pé apoiada na parede com o cotovelo direito, diante da porta aberta, e deixou a corrente de ar que vinha de fora roçar pelas articulações dos pés, também pelo pescoço, também pelas têmporas.

Olhei um pouco para ela, então disse “boa tarde” e peguei meu casaco do guarda-fogo, pois não queria ficar ali parado seminu daquela maneira. Mantive a boca aberta por um momento para que a agitação me deixasse pela boca. Eu tinha saliva estragada em mim, os cílios tremiam em meu rosto, no canto esquerdo da testa sentia uma tensão como se tivesse levado um tiro indolor de espingarda, em suma, não me faltava nada senão essa

visita, no entanto esperada.

A criança ainda estava junto à parede no mesmo lugar, pressionava a mão direita contra ela e, as bochechas inteiramente vermelhas, não podia saciar-se com o fato de a parede caiada ter uma granulação grossa e nela esfregava as pontas dos dedos, que olhava repetidamente.

Eu disse:

– Você queria de fato tratar comigo? Não será um engano? Nada mais fácil do que um engano neste prédio grande. Meu nome é tal e tal, moro no terceiro andar, quarto número 11. Sou mesmo a pessoa que você queria visitar?

– Calma, calma – disse a criança sobre o ombro –, já está tudo certo.

– Então entre mais no quarto, gostaria de fechar a porta.

– Acabei de fechar a porta, não se incomode, sobretudo se acalme.

– Não vá falar de incômodo. Mas nesse corredor mora muita gente, e todos naturalmente são meus conhecidos; a maioria vem do trabalho agora; quando escutam pessoas falando num quarto, simplesmente acreditam ter o direito de abrir e verificar o que está acontecendo. Simplesmente é assim. Essas pessoas terminaram o trabalho diário; a quem se submeteriam na liberdade provisória da noite? De resto, você já sabe disso. Deixe-me portanto fechar a porta.

– Mas o que foi? O que o senhor tem? Por mim, o prédio inteiro pode entrar. E, mais uma vez, já fechei a porta; o senhor pensa que só o senhor pode fechar a porta? Inclusive a fechei à chave.

– Então está bom. Não quero mais que isso. Você nem precisaria ter fechado à chave. E agora sinta-se à vontade, visto que já está aí. Você é meu hóspede, confie plenamente em mim. Sinta-se à vontade, sem medo. Não vou obrigá-lo a ficar nem a ir embora. Será que preciso dizê-lo? Você me

conhece tão mal?

– Não, o senhor realmente não precisaria dizê-lo. Mais que isso, o senhor não deveria de forma alguma tê-lo dito. Sou uma criança, por que fazer tantas cerimônias comigo?

– A coisa não é tão grave. Uma criança, naturalmente, mas tão jovem você não é. Você já é bem crescido. Não me leve a mal, você já está numa idade que me é desagradável. Se você fosse uma menina, não deveria simplesmente se trancar assim comigo num quarto. A não ser que eu lhe agradasse.

– Não precisamos nos preocupar com isso. Só queria dizer que o fato de conhecê-lo muito bem me protege pouco, apenas o dispensa do esforço de mentir para mim. Mas, apesar disso, o senhor me faz reverências; não faça isso, peço que não faça. Além do mais, não o conheço em toda parte e sempre, muito menos nessa escuridão. Seria muito melhor se o senhor acendesse a luz. Não, melhor não. De qualquer modo, mantereí em mente que o senhor já me ameaçou.

– Como? Eu o ameacei? Ora, por favor. Estou tão feliz por você estar finalmente aqui. Digo “finalmente” porque já é tão tarde. Não compreendo porque veio tão tarde. É possível que, em minha alegria, eu tenha falado de maneira muito confusa e que você tenha compreendido exatamente dessa maneira. Admito dez vezes que falei assim, até o ameacei com tudo o que você quiser. Só nada de brigas com um hóspede. Mas como você pôde acreditar nisso, como pôde me ofender tanto, por que quer arruinar com toda a força esse pequeno momento de sua presença aqui? Um homem desconhecido seria mais amável que você.

– Acredito, isso não é lá uma pérola de sabedoria; até onde um homem desconhecido pode ser amável com o senhor, já o sou por natureza. O

senhor também sabe disso, para que portanto a melancolia? Diga que quer encenar uma comédia e vou embora no mesmo instante.

– Então você também ousa me dizer isso? Você é um pouco audacioso demais. No fim das contas, você está no meu quarto. Esfregando seus dedos como louco em minha parede. Meu quarto, minha parede. E, além disso, o que você está dizendo é ridículo, não apenas atrevido. Você afirma que sua natureza o obriga a falar dessa maneira comigo. Realmente? Sua natureza o obriga? Isso é simpático da parte da sua natureza. Mas o que é a sua natureza? Sua natureza é minha natureza, e se por natureza me comporto amistosamente em relação a você, então você não deve agir diferente.

– Isso é amistoso?

– Falo de antes.

– O senhor sabe como serei mais tarde?

– Não sei de nada.

E fui até a mesinha de cabeceira, sobre a qual acendi a vela. (Naquela época, não tinha gás nem luz elétrica em meu quarto.) Então ainda fiquei um tempo sentado à mesa, até que também me cansei disso, vesti o sobretudo, peguei o chapéu do canapé e soprei a vela. Ao sair, enredei-me na perna de uma cadeira. Na escada, encontrei um inquilino do mesmo andar.

– Já saindo outra vez, seu patife? – disse ele, descansando sobre as pernas, que ocupavam dois degraus.

– Fazer o quê – eu disse –, havia um fantasma em meu quarto.

– O senhor diz isso com o mesmo descontentamento como se tivesse encontrado um cabelo na sopa.

– O senhor está gracejando, mas note que um fantasma é um fantasma.

– Muito verdadeiro. Mas e quem não acreditar de forma alguma em

fantasmas?

– E o senhor está querendo dizer que eu acredito?¹⁰³

O pequeno habitante das ruínas.¹⁰⁴

Ei, você, eu disse e dei-lhe uma pequena pancada com o joelho (na fala repentina, voou de minha boca, como um mau sinal, um pouco de saliva), não vá pegar no sono.

Quero ir embora, quero subir a escada, dando cambalhotas se for preciso. Desse grupo, espero tudo o que me falta, sobretudo a organização de minhas forças, às quais não basta tal aguçamento como o que constitui a única possibilidade desse homem solteiro na rua. Este já fica satisfeito quando resiste com sua corporalidade, certamente miserável mas firme, resguarda suas poucas refeições e evita influências de outras pessoas, em suma, quando conserva tudo o que for possível no mundo que se esgarça. Mas o que ele perde, busca reaver com violência, ainda que modificado, enfraquecido, ainda que seja sua propriedade anterior apenas aparentemente (e disso se trata na maioria das vezes). Seu ser é portanto suicida, só tem dentes para a própria carne e carne apenas para os próprios dentes. Pois sem ter um centro, sem ter uma profissão, um amor, uma família, uma renda, isto é, sem se manter em grande escala frente ao mundo, naturalmente a título de experiência, sem portanto de certo modo surpreendê-lo através de um grande complexo de posses, não é possível se afirmar diante de perdas destruidoras momentâneas. Esse homem solteiro, com suas roupas pouco espessas, sua arte de rezar, suas pernas resistentes, seu temido apartamento alugado, seu ser normalmente despedaçado que, desta vez, depois de muito tempo, foi outra vez chamado a aparecer, reúne tudo isso com ambos os

braços e sempre acaba perdendo duas de suas coisas quando apanha ao acaso uma outra insignificante qualquer. Naturalmente, aqui está a verdade, a verdade que não se pode mostrar de maneira tão pura em parte alguma. Pois quem realmente se apresenta como cidadão consumado, ou seja, que viaja pelo mar num navio, com espuma diante de si e esteira atrás, ou seja, com muito efeito em volta, de maneira totalmente diferente do homem sobre seus poucos pedacinhos de madeira em meio às ondas, que ainda se chocam e se pressionam para baixo uns aos outros, ele, esse homem e cidadão, não se encontra em risco menor. Pois ele e suas posses não são uma coisa só, e sim duas, e quem despedaçar a ligação despedaça-o junto. Nesse aspecto, nós e nossos conhecidos somos irreconhecíveis, pois estamos totalmente ocultos; eu, por exemplo, estou oculto agora pela minha profissão, pelos meus sofrimentos imaginados ou reais, por pendores literários etc. Porém, justo eu sinto meu fundo com frequência demais e força demais para que também pudesse ficar apenas medianamente contente. E preciso sentir esse fundo por apenas um quarto de hora ininterrupto para que o mundo peçonhento se derrame em minha boca como a água naquele que se afoga.

No momento, mal há uma diferença entre mim e o solteiro, apenas a de que ainda consigo pensar em minha juventude na aldeia e, talvez quando quero, talvez mesmo quando apenas minha situação o exija, consiga me lançar de volta para lá. Mas o solteiro não tem nada à sua frente e, por isso, também nada atrás de si. No momento não há qualquer diferença, mas o solteiro só tem o momento. Naquela época, que hoje ninguém pode conhecer, pois nada pode estar mais aniquilado que essa época, naquela época ele falhou quando percebia seu fundo sem cessar, tal como se nota de repente uma chaga no próprio corpo, que até então era a última coisa em

nosso corpo, e nem sequer a última, pois parecia ainda não existir, e agora é mais do que tudo o que possuíamos corporalmente desde o nosso nascimento. Se até agora estivemos voltados com toda a nossa pessoa para o trabalho de nossas mãos, para o que é visto por nossos olhos, para o que é escutado por nossos ouvidos, para os passos de nossos pés, voltamo-nos de súbito para o inteiro oposto, como um cata-vento nas montanhas. Em vez de fugir correndo naquela época, ainda que fosse nessa última direção, pois apenas a fuga podia mantê-lo nas pontas dos pés e apenas as pontas dos pés podiam mantê-lo no mundo, em vez disso ele se deitou, como fazem as crianças que, no inverno, vez por outra, se deitam na neve para morrerem congeladas.

Ele e essas crianças sabem que é culpa sua terem se deitado ou cedido de alguma forma, sabem que não deveriam tê-lo feito a preço algum, mas não podem saber que, depois da mudança que agora acontece com eles nos campos ou na cidade, esquecerão todas as culpas e coerções antigas, e se moverão no novo elemento como se fosse o primeiro.

– Eu não pego no sono – respondeu ele, e balançou a cabeça ao abrir os olhos. – Se pegasse, como poderia te vigiar? E não preciso fazê-lo? Não foi por isso que, daquela vez diante da igreja, te seguraste em mim? Sim, já faz tempo, sabemos disso, não vá tirar o relógio do bolso.

– É que já é muito tarde – eu disse. Tive de sorrir um pouco e, para ocultá-lo, olhei cansado para dentro do prédio.

– Realmente te agrada assim? Gostarias portanto de subir, gostarias muito? Então diga, não vou te morder. Olha, se acreditas que lá em cima será melhor que aqui embaixo, então simplesmente suba, logo, sem pensar

em mim. Quanto à minha opinião, ou seja, a opinião de um passante qualquer segundo a qual logo descerás e que então será muito bom que aqui, de alguma forma, esteja alguém em cujo rosto sequer olharás, mas que te toma sob o braço, te fortalece com vinho numa taverna próxima e então te conduz ao quarto dele, que, por mais miserável que seja, tem algumas vidraças entre si e a noite, quanto a essa opinião, podes por enquanto não lhe dar importância. A verdade, e posso repeti-lo diante de quem quiseses, é que as coisas vão mal para nós aqui embaixo, inclusive mal pra cachorro, mas em meu caso não há o que fazer, se eu ficar aqui deitado na sarjeta represando a água da chuva, ou se, lá em cima, beber champanhe com esses mesmos lábios, para mim não faz diferença. Aliás, nem sequer tenho a escolha entre essas duas coisas, jamais me acontece algo do tipo que faz as pessoas prestarem atenção, e como é que também poderia acontecer sob o edifício das cerimônias necessárias para mim, sob as quais apenas posso avançar rastejando, não melhor do que um inseto daninho. Tu, no entanto, quem sabe o que tudo há dentro de ti, coragem tens, pelo menos acreditas tê-la, faça a tentativa, o que arriskas afinal, muitas vezes a pessoa já se reconhece, quando presta atenção, no rosto do empregado junto à porta.

– Se eu apenas soubesse com segurança que estás sendo sincero comigo. Há muito já estaria lá em cima. Como eu poderia descobrir se estás sendo sincero comigo? Agora me olhas como se eu fosse uma criancinha, isso não me ajuda nada, só torna as coisas ainda piores. Mas talvez queiras torná-las piores. Ao mesmo tempo, não suporto mais o ar da rua, então já pertenço ao grupo lá de cima, se presto atenção, há uma coceira em minha garganta, aliás, aí tens, estou tossindo; tens afinal uma ideia de como as coisas irão comigo lá em cima? E o pé com que pisarei na sala já estará transformado antes que eu arraste o outro atrás dele.

– Tens razão, não sou sincero contigo

Mas “esquecimento” não é a palavra correta aqui. A memória desse homem padeceu tão pouco quanto sua imaginação. Mas elas simplesmente não podem mover montanhas; o homem está fora do nosso povo, afinal, fora de nossa humanidade, constantemente esfomeado, pertence-lhe apenas o instante, o sempre prolongado instante de tormento, ao qual não se segue qualquer centelha de um instante de elevação, ele só tem sempre uma coisa: suas dores, mas, ao redor do mundo inteiro, nenhum segundo elemento que pudesse fazer as vezes de remédio, só tem o solo que seus dois pés precisam, só tem o apoio que suas duas mãos cobrem, ou seja, muito menos que o trapezista no teatro de variedades, para quem ainda penduraram uma rede de proteção por baixo. Quanto a nós, somos segurados pelo nosso passado e pelo nosso futuro, empregamos quase todo o nosso ócio e muito de nosso trabalho para fazê-los subir e descer em equilíbrio. A vantagem que o futuro tem em tamanho, o passado compensa em peso, e, em suas extremidades, não há mais como diferenciar os dois, a mais remota juventude se torna mais tarde clara como o futuro, e a extremidade do futuro, com todos os nossos suspiros, na verdade já foi experimentada e é passado. Assim quase se fecha esse círculo por cuja borda caminhamos. Bem, esse círculo nos pertence, mas nos pertence apenas enquanto o seguramos; afastamo-nos apenas uma vez para o lado, em algum esquecimento de si, numa distração, num susto, num espanto, num cansaço, e já o perdemos no espaço, até então tínhamos nosso nariz enfiado na corrente dos tempos, agora recuamos, antigos nadadores, atuais passeadores, e estamos perdidos. Estamos fora da lei, ninguém sabe a

respeito e, no entanto, todos nos tratam de acordo com isso.



6/11/1910

– O que, aliás, suporto facilmente, pois nem uma coisa nem outra me são permitidas e, por isso, não é certo que eu me compare contigo. Ora, tu! Há quanto tempo estás realmente na cidade? Há quanto tempo estás na cidade, pergunto.

– Cinco meses. Mas também já a conheço perfeitamente. Não tive sossego. Quando olho assim para trás, nem sei se existiram noites, tudo me parece, podes imaginar, como um só dia e o dia não tinha horas, nem sequer diferenças de luz¹⁰⁵

6/11/1910

Conferência de uma certa madame Chenu acerca de Musset.¹⁰⁶ Hábito das mulheres judias de dar estalos com a língua, compreensão do francês ao

longo de todas as preparações e dificuldades da anedota até que, pouco antes da palavra final, que deve continuar a viver no coração sobre os escombros da anedota inteira, o francês se apaga diante de nossos olhos, talvez tenhamos nos esforçado demais até então, as pessoas que compreendem francês vão embora antes do fim, pois já ouviram o bastante, os outros ainda nem de longe ouviram o bastante, a acústica da sala, que favorece mais o tossir dos camarotes do que a conferência apresentada; jantar na casa de Rachel, ela lê Racine, *Fedra*, com Musset, o livro está entre eles sobre a mesa, sobre a qual, aliás, há todo tipo de coisa.¹⁰⁷ Cônsul Claudel¹⁰⁸, brilho nos olhos, que o rosto largo acolhe e reflete, ele quer constantemente se despedir, o que também consegue fazer no particular, mas não no geral, pois quando se despede de um, eis que surge outro, depois de quem aquele que já se despediu se alinha outra vez. Acima do palco de conferências há uma galeria para a orquestra. Todo barulho possível perturba. Garçons no corredor, hóspedes em seus quartos, um piano, uma orquestra de cordas distante, um martelar, por fim uma briga, cuja localização causa grandes dificuldades e, por isso, irrita. Num camarote, uma senhora com brincos de diamante, cuja luz muda quase sem cessar. Na bilheteria, jovens de um círculo francês vestidos de preto. Um deles cumprimenta com uma reverência em ângulo agudo, que faz seus olhos percorrem o chão. Enquanto isso, sorri bastante. Mas só o faz diante das moças, no caso dos homens, olha-os logo depois de maneira franca na cara com a boca seriamente contida, declarando com isso que o cumprimento anterior talvez seja uma cerimônia ridícula, mas, de qualquer forma, inevitável.

7/11/1910

Conferência de Wiegler sobre Hebbel.¹⁰⁹ Está sentado no palco em meio ao cenário de um quarto moderno, como se sua amante fosse saltar para dentro por uma porta para finalmente dar início à peça. Não, ele está fazendo uma conferência. A fome que Hebbel passou. Relação complicada com Elisa Lensing. Na escola, sua professora é uma solteirona que fuma, cheira rapé, espanca e presenteia uvas-passas aos alunos comportados. Viaja para toda parte (Heidelberg, Munique, Paris) sem propósito realmente visível. De início, é empregado na casa do pároco, dorme sob a escada na mesma cama do cocheiro.

Parece-te talvez agora que eu queira me queixar disso? Mas não, por que me queixar disso, afinal, nem uma coisa nem outra me são permitidas. Só tenho meus passeios a fazer e isso deve ser o bastante, mas, em compensação, não há lugar no mundo em que não pudesse fazer meus passeios. Mas agora parece outra vez que estou vaidoso com isso¹¹⁰

Ou seja, as coisas são fáceis para mim. Eu não deveria ficar aqui parado diante do prédio.

Nisso, portanto, não te compares comigo e não deixe que eu te torne inseguro. Afinal, és um homem adulto e, além disso, como parece, estás bastante abandonado nesta cidade

– Não percebes em teu ânimo que nessas coisas não podes te comparar comigo? Não compreendo isso. Há quanto tempo, afinal, estás aqui na

cidade?

– Cinco meses – respondi com tanta cautela que depois ainda estava com a boca aberta. – Sim, cinco meses. Estava correto. Deixei o portão

Por fim, quando prestas atenção, já o percebes em teu

– Nisso simplesmente não podes te comparar comigo. Mas preciso te dizê-lo? Por fim, quando prestas atenção, já o percebes em teu ânimo. Há quanto tempo mesmo já estás na cidade?

– Cinco meses – respondi com tanta cautela que depois ainda estava com a boca aberta.

Nisso simplesmente não podes te comparar comigo. Mas preciso te dizê-lo? Já não o percebes, quando prestas atenção, em teu ânimo? Há quanto tempo mesmo já estás na cidade?

E essas manhãs, olhamos pela janela, afastamos a cadeira da cama e nos sentamos para o café. E essas noites, apoiamo-nos sobre o braço e seguramos a orelha com a mão. Sim, se apenas isso não fosse tudo! Se pelo menos adotássemos alguns novos costumes, como vemos por aqui todo dia nas ruas

Julius Schnorr von Karolsfeld segundo desenho de Friedrich Olivier, ele desenha numa encosta, que belo e sério está (um chapéu alto, como um boné achatado de palhaço, com aba rígida e estreita avançando sobre o

rosto, cabelos longos e ondulados, olhos apenas para seu desenho, mãos tranquilas, a prancheta sobre os joelhos, um dos pés escorregou um pouco mais para baixo no declive).

Mas não, esse é Friedrich Olivier desenhado por Schnorr¹¹¹

Não deves, portanto, pensar em mim agora. Como é que queres te comparar comigo? Afinal, já estou há mais de vinte anos aqui na cidade. Consegues realmente imaginar o que é isso? Passei aqui vinte vezes cada estação...

Agora ele sacode o punho frouxo sobre nossas cabeças.

As árvores cresceram aqui por vinte anos, quão pequenos ficaríamos debaixo delas. E essas muitas noites, sabes, em todos os apartamentos. Ora estamos deitados junto a essa, ora àquela parede, e assim a janela se move ao nosso redor. E essas manhãs,

Estou quase lá. Meu ser protetor já parecia se dissolver aqui na cidade, fui belo nos primeiros dias, pois essa dissolução ocorre como uma apoteose, em que tudo o que nos mantém vivos nos

escapa voando, mas, mesmo ao escapar, nos ilumina com sua luz humana pela última vez. E assim estou parado diante do meu solteiro e ele muito provavelmente me ama por isso, mas sem ter clareza por quê. Vez por outra, suas falas parecem aludir ao fato de estar familiarizado, ao fato de saber quem tem diante de si e que por isso pode se permitir tudo. Não, não é assim que são as coisas. Desta maneira, ele iria, isto sim, fazer frente a todas as pessoas, pois só pode viver como ermitão ou como parasita. Ele só é ermitão por coação, se alguma vez essa coação é superada por forças que lhe são desconhecidas, como neste caso, então ele já é um parasita, que se agarra atrevidamente como puder. Nada mais no mundo, porém, pode salvá-

lo, e assim, dado o seu comportamento, pode-se pensar no cadáver de um afogado, que, impelido para a superfície por uma corrente qualquer, se choca contra um nadador cansado, coloca as mãos nele e quer se segurar. O cadáver não ganhará vida, não ficará sequer protegido, mas pode arrastar o homem para baixo

Não deves, portanto, pensar em mim agora. É agradável, eu sei, equiparar-se de uma vez por todas, numa cidade estranha, a um homem que consideramos experiente

Não deves, portanto, pensar em mim agora.

15 de novembro de 1910, 10h. Não me deixarei ficar cansado. Saltarei para dentro de minha novela¹¹², mesmo que isso corte meu rosto.

16 de novembro, 12h. Leio *Iphigenie auf Tauris* [*Ifigênia em Táuride*].¹¹³ Cabe realmente admirar aí, sem considerar alguns trechos francamente falhos, a língua alemã ressecada na boca de um menino puro. Diante do leitor, no momento da leitura, cada palavra é elevada pelo verso a uma altura em que se encontra numa luz talvez esqualida, mas penetrante.

27 [de novembro de 1910]. Bernhard Kellermann¹¹⁴ fez uma leitura pública: algumas coisas inéditas de minha pena, assim começou ele. Aparentemente, um homem amável, cabelo eriçado quase grisalho, barbeado rente a custo, nariz afilado, a carne das bochechas sobe e desce com frequência sobre os malarres como uma onda. É um escritor mediano com trechos bons (um homem sai ao corredor, tosse e olha em volta para ver se não há ninguém

ali), também um homem honesto que quer ler o que prometeu, mas o público não deixou; de susto com a primeira história de hospital psiquiátrico, de tédio com a forma de ler, as pessoas, apesar das más tensões da história, saíam sem parar uma a uma, com tal empenho como se alguém estivesse fazendo uma leitura pública ao lado. Quando ele tomou um pouco de água mineral depois de ler um terço da história, toda uma multidão foi embora. Ele tomou um susto. Está logo no fim, mentiu simplesmente. Quando terminou, todos se levantaram, houve alguns aplausos, que soaram como se, dentre todas as pessoas em pé, uma tivesse ficado sentada e aplaudisse isoladamente. Mas então Kellermann ainda queria continuar a leitura com outra história, talvez várias. Frente à saída das pessoas, ele apenas abriu a boca. Por fim, depois de receber um conselho, disse: “Ainda gostaria de ler um pequeno conto de fadas, que levará apenas quinze minutos; farei uma pausa de cinco minutos”. Alguns ainda ficaram, ao que ele leu um conto de fadas que tinha trechos que teriam autorizado qualquer um, do ponto mais extremo da sala, a sair correndo pelo meio e por cima de todos os ouvintes.

Devo 1 K Rudle

20 h¹¹⁵ Kars

– Ei, você, eu disse e dei-lhe uma pequena pancada com o joelho (na fala repentina, voou de minha boca, como um mau sinal, um pouco de saliva), não vá pegar no sono

– Eu não pego no sono – disse ele depressa, e balançou a cabeça ao abrir os olhos. – Se pegasse, como poderia te vigiar? E não preciso fazê-lo? Não foi por isso que, daquela vez diante da igreja, te seguraste em mim? Sim, já faz tempo, sabemos disso, não vá tirar o relógio do bolso.

É que já é muito tarde – eu disse, e dei de ombros, com o que desculpava ao mesmo tempo minha impaciência e o censurava por me reter tanto tempo.

Ei, você, eu disse e dei-lhe uma pequena pancada com o joelho (na fala repentina, voou de minha boca, como um mau sinal, um pouco de saliva).

– Não esqueci de ti – disse ele, e balançou a cabeça já enquanto abria os olhos.

– Tampouco o temia – eu disse. Ignorei seu sorriso e olhei para o calçamento. – Apenas queria te dizer que agora vou subir de qualquer maneira. Sim. Pois, como sabes, sou convidado lá em cima, já é tarde e o grupo espera por mim. Talvez algumas cerimônias sejam adiadas até a minha chegada. Não quero garantir, mas, de qualquer forma, é possível. Agora me perguntarás se eu talvez não pudesse renunciar a esse grupo.

– Não perguntarei isso, pois, em primeiro lugar, estás louco para me dizê-lo e, em segundo lugar, isso nada me importa, pois, para mim, aqui embaixo e lá em cima são exatamente a mesma coisa. Se eu ficar deitado aqui embaixo na sarjeta represando a água da chuva, ou se, lá em cima, beber champanhe com esses mesmos lábios, para mim não faz diferença, nem sequer no gosto¹¹⁶

15/12/1910. Simplesmente não acredito nas conclusões derivadas de minha situação atual, que agora já dura quase um ano; minha situação é séria demais para tanto. Nem sequer sei se posso dizer que não é uma situação

nova. Minha verdadeira opinião, no entanto, é esta: essa situação é nova, já passei por situações parecidas, mas, como essa, ainda não. Sou como se fosse de pedra, sou como se fosse minha própria lápide, não há qualquer espaço aí para dúvida ou para crença, para amor ou aversão, para coragem ou medo no particular ou no geral, vive apenas uma vaga esperança, mas não melhor do que as inscrições nas lápides. Quase nenhuma palavra que escrevo condiz com a outra, ouço como as consoantes se esfregam metalicamente umas nas outras e as vogais, acompanhando, cantam como negros numa exposição.¹¹⁷ Minhas dúvidas estão paradas em círculo ao redor de cada palavra, vejo-as antes da palavra, mas quê!, absolutamente não vejo a palavra, invento-a. Essa ainda não seria a maior desgraça, só que então eu precisaria conseguir inventar palavras capazes de soprar o cheiro de cadáver numa direção tal que ele não venha logo na minha cara e na do leitor. Quando me sento à escrivaninha, não me sinto melhor do que alguém que cai e quebra as duas pernas em meio ao trânsito da Place de l'Opéra. Todos os veículos, apesar de seu ruído, se empenham silenciosamente em ir de todos os lados para todos os lados, mas ordem melhor que a dos policiais é aquela produzida pela dor desse homem, que lhe fecha os olhos e esvazia a praça e as ruas sem que os veículos precisassem dar meia-volta. A abundância de vida lhe causa dor, pois afinal ele é um obstáculo ao trânsito, mas o vazio não é menos grave, pois desencadeia sua verdadeira dor.

16 [de dezembro de 1910]. Não abandonarei mais o diário. Tenho de me agarrar a ele, pois só aqui posso me agarrar a algo.

Gostaria de poder explicar o sentimento de felicidade que tenho em mim de tempos em tempos, como justo agora. É algo realmente borbulhante, que me enche plenamente com um tremor leve e agradável, e me incute capacidades de cuja inexistência posso me convencer com toda a segurança

a qualquer momento, também agora.

Hebbel elogia as *Reiseschatten* [Sombras de viagem], de Justinus Kerner¹¹⁸ “Quase não existe uma obra como essa, ninguém a conhece”

Die Strasse der Verlassenheit [A rua do abandono], de W. Fred.¹¹⁹ Como é que se escrevem tais livros? Um homem que realiza coisas apreciáveis em pequena escala, expande aqui seu talento de maneira tão deplorável até a dimensão de um romance a ponto de nos fazer passar mal, mesmo quando não esquecemos de admirar a energia empregada no abuso do próprio talento.

Essa observação de personagens secundários acerca dos quais leio em romances, peças de teatro etc. Esse sentimento de afinidade que tenho nesses casos! Em *Die Jungfern von Bischofsberg* [As donzelas de Bischofsberg]¹²⁰ (é assim que se chama?) se fala de duas costureiras que fazem a roupa-branca para a noiva da peça. Como vão as coisas para essas duas moças? Onde moram? O que fizeram para que não lhes permitam tomar parte na peça, mas, realmente fora da arca de Noé, afogando-se sob o aguaceiro, apenas lhes permitam apertar pela última vez o rosto contra a janela de uma cabine, de modo que a plateia, por um momento, veja ali algo escuro?

¹⁷ [de dezembro de 1910]. A uma pergunta insistente sobre se nada está

em repouso, Zenão disse: “Sim, a flecha que voa repousa”¹²¹

Se os franceses fossem alemães por natureza, então é que os alemães os admirariam ainda muito mais.

O fato de ter abandonado e riscado tanta coisa, quase tudo o que escrevi neste ano, de qualquer modo também me atrapalha muito na escrita. Chega a formar um monte, é cinco vezes tudo o que alguma vez escrevi e, já por sua massa, atrai para si, puxando-o de sob minha pena, tudo o que escrevo

18 [de dezembro de 1910]. Se não fosse indubitável que as razões de eu deixar cartas sem abrir por algum tempo (mesmo aquelas de conteúdo presumivelmente sem importância, como acabou de acontecer agora) são apenas a fraqueza e a covardia, que hesitam tanto ao abrir uma carta quanto hesitariam ao abrir a porta de uma sala em que uma pessoa, talvez já impaciente, espera por mim, então se poderia explicar ainda muito melhor por meio da meticulosidade o fato de deixar as cartas sem abrir. Pois supondo que eu seja um homem meticoloso, tenho de tentar prolongar ao máximo tudo o que diz respeito à carta, ou seja, já abri-la devagar, lê-la devagar e muitas vezes, refletir por muito tempo, preparar o texto a limpo com muitos rascunhos e, por fim, ainda hesitar no envio. Tudo isso está em meu poder, apenas o súbito recebimento da carta, precisamente, não se deixa evitar. Bem, também retardo isso de modo artificial, não a abro por longo tempo, ela está diante de mim na mesa, ela se oferece a mim sem cessar, recebo-a sem cessar, mas não a pego.

Noite, onze e meia. O fato de estar simplesmente perdido enquanto não estiver livre de meu escritório me é claro acima de tudo, trata-se apenas, enquanto der, de manter a cabeça tão alta quanto possível para não me afogar. O quão difícil isso será, que forças precisará extrair de mim, já se mostra no fato de hoje não ter cumprido minha nova divisão do tempo, segundo a qual deveria estar à escrivaninha das oito às onze da noite, no fato de mesmo atualmente não considerar isso uma desgraça tão grande, no fato de apenas escrever rapidamente essas linhas a fim de ir para a cama.

19 [de dezembro de 1910]. Comecei a trabalhar no escritório. À tarde, na casa de Max.

Li um pouco dos diários de Goethe. A distância já segura calmamente essa vida, esses diários ateam fogo nela. A clareza de todos os acontecimentos torna-os misteriosos, assim como a grade de um parque acalma o olho na contemplação de amplos gramados e, no entanto, nos faz sentir um respeito de categoria inferior.

Minha irmã casada acaba de chegar para nos visitar pela primeira vez.¹²³
20 [de dezembro de 1910]. Que desculpa tenho para a observação de ontem sobre Goethe (que é quase tão falsa quanto o sentimento por ela descrito, pois o verdadeiro foi expulso por minha irmã)? Não tenho desculpa alguma. Que desculpa tenho para o fato de ainda não ter escrito nada hoje? Não tenho desculpa alguma. Tanto mais que minha condição não é das piores. Tenho constantemente uma invocação nos ouvidos: “Quem dera viesses, tribunal invisível!”.

Para que esses trechos ruins, que a preço algum querem sair da história, finalmente me deixem em paz, escrevo dois deles aqui:¹²⁴

“Sua respiração era ruidosa como um suspiro por um sonho em que a desgraça é mais fácil de carregar do que em nosso mundo, de modo que a simples respiração já é um suspirar suficiente.”

“Agora o abrangi tão livremente com a vista como abrangemos um pequeno jogo de paciência, do qual nos dizemos: ‘Que importa que eu não consiga colocar as bolinhas em suas cavidades, afinal tudo é meu, o vidro, a moldura, as bolinhas e tudo o mais; posso simplesmente enfiar no bolso toda essa arte’.”

21 [de dezembro de 1910]. Curiosidades de *Taten des grossen Alexander* [Feitos do grande Alexandre], de Mikhail Kusmin:

“Criança cuja metade superior estava morta, e a de baixo, viva”,
“cadáver de criança com as perninhas vermelhas em movimento”.

“Expulsou os reis impuros Gogue e Magogue, que se alimentavam de vermes e moscas, para as rochas fendidas e os selou até o fim do mundo com o selo de Salomão.”

“Rios de pedra, nos quais, em vez de água, rolavam pedras com estrondo junto aos riachos de areia, que correm por três dias rumo ao sul e três dias rumo ao norte.”

Amazonas, mulheres com os seios direitos cauterizados, cabelos curtos, calçados de homem.

Crocodilos que queimavam árvores com a urina

Estive na casa de Baum¹²⁵, ouvi coisas tão belas. Eu, fraco como antes e sempre. Ter a sensação de estar amarrado e, ao mesmo tempo, também a de que se fôssemos desamarrados as coisas seriam ainda piores.

22 [de dezembro de 1910]. Hoje nem sequer ousa me fazer recriminações. Chamado a entrar nesse dia vazio, isso teria um eco asqueroso.

24 [de dezembro de 1910]. Agora observei minha escrivaninha com mais exatidão e reconheci que não há coisa boa que pudesse ser feita nela. Há tanta coisa atirada por aqui, formando uma desordem sem uniformidade e sem qualquer compatibilidade entre as coisas desordenadas, que normalmente torna suportável qualquer desordem. Seja lá qual for a desordem sobre a toalha verde, ela também era permitida nas plateias dos velhos teatros. Porém, o fato de que dos lugares em pé

25 [de dezembro de 1910]. de que do compartimento aberto abaixo da parte de cima da escrivaninha apareçam folhetos, jornais velhos, catálogos, postais e cartas formando uma escada, todos em parte rasgados, em parte abertos, esse estado indigno arruína tudo. Algumas coisas relativamente enormes da plateia apresentam-se na maior atividade possível, como se fosse permitido que nas salas de espetáculo dos teatros o comerciante organizasse seus livros de contabilidade, o carpinteiro martelasse, o oficial brandisse o sabre, o sacerdote falasse ao coração, o erudito ao entendimento, o político ao senso cívico, que os amantes não se contivessem etc. Apenas em minha escrivaninha o espelho de barbear está em pé tal como utilizado para fazer a barba, a escova de roupas está com as cerdas sobre a toalha, o porta-moedas está aberto para o caso de eu querer

fazer um pagamento, do molho de chaves se destaca uma chave pronta para o trabalho e a gravata ainda envolve parcialmente o colarinho que tirei. Na parte superior da escrivaninha, o compartimento aberto imediatamente acima, já estreitado pelas pequenas gavetas laterais fechadas, não é outra coisa senão um depósito de tralhas, como se a galeria baixa da sala de espetáculos, no fundo a parte mais visível do teatro, fosse reservada para as pessoas mais ordinárias, para farristas velhos em quem a sujeira vem gradativamente para fora, para sujeitos grosseiros que deixam os pés pendurados sobre a balaustrada; famílias, com tantos filhos que apenas se olha rapidamente para eles sem poder contá-los, instalam aqui a sujeira dos quartos de criança pobres (que já está vazando sobre a plateia), no fundo escuro sentam-se doentes incuráveis, que felizmente só são vistos quando se ilumina o lugar etc. Nesse compartimento há papéis velhos que há muito eu já teria jogado fora se tivesse um cesto de papéis, lápis com pontas quebradas, uma caixa de fósforos vazia, um pesa-papéis de Karlsbad, uma régua com uma borda cuja irregularidade seria ruim demais para uma estrada, muitos botões de colarinho, navalhas de barbear cegas (para essas não há lugar no mundo), prendedores de gravata e ainda um pesado pesa-papéis de ferro. No compartimento de cima –

Lamentável, lamentável, mas a intenção era boa. É meia-noite, afinal, mas, visto que estou bem descansado, isso só seria uma desculpa se não tivesse escrito absolutamente nada durante o dia. A lâmpada incandescente acesa, o apartamento silencioso, a escuridão lá fora, os últimos momentos acordado me dão o direito de escrever, ainda que seja a coisa mais lamentável. E uso esse direito apressadamente. Este sou eu, portanto.

26 [de dezembro de 1910]. Estive sozinho – embora não completamente – por dois dias e meio, e já estou, se não transformado, pelo menos a caminho. A solidão tem uma força sobre mim que nunca falha. Meu interior se solta (por enquanto apenas superficialmente) e está pronto a deixar emergir coisas mais profundas. Uma pequena ordem começa a se produzir em meu interior e não há nada que eu mais precise, pois no caso de pequenas capacidades a desordem é o pior.

27 [de dezembro de 1910]. Minha força já não basta para mais uma única frase. Sim, caso se tratasse de palavras, caso bastasse assentar uma palavra e fosse possível se afastar com a calma consciência de ter preenchido inteiramente essa palavra consigo próprio.

Em parte, passei a tarde dormindo, enquanto estive desperto fiquei deitado no canapé, refleti sobre algumas experiências amorosas de minha juventude, detive-me com irritação numa oportunidade perdida (daquela vez, estava de cama, um tanto resfriado, e minha governanta leu para mim a *Sonata a Kreutzer*¹²⁶, sabendo apreciar minha agitação), pus diante de mim o jantar vegetariano, fiquei satisfeito com minha digestão e tive receio de que minha visão não bastará para toda a minha vida.

28 [de dezembro de 1910]. Se me comportei humanamente por algumas horas, como hoje com Max e, mais tarde, na casa de Baum, já fico orgulhoso antes de dormir

3/1/11

– Ei, você – eu disse e dei-lhe em seguida uma pequena joelhada –,

quero me despedir. – Na fala repentina, voou de minha boca, como um mau sinal, um pouco de saliva.

– Mas refletiste longamente sobre isso – disse ele, afastou-se da parede e se espreguiçou.

– Não. Não refleti de modo algum sobre isso.

– Sobre o que refletiste então?

– Ainda me preparei pela última vez para tomar parte do grupo. Esforçate o quanto puderes, não compreenderás. Eu, um homem qualquer da província, que a qualquer momento pode ser confundido com um daqueles que, às centenas, estão parados em conjunto diante das estações após a chegada de determinados trens

4/1/11. *Glaube und Heimat* [Fé e pátria], de Schönherr.¹²⁷

Os dedos molhados dos espectadores da galeria abaixo de mim que esfregam seus olhos.

6/1/11

– Ei, você – eu disse, mirei e dei-lhe uma pequena joelhada –, agora me vou. Se quiseres testemunhá-lo, abra os olhos.

– É mesmo? – perguntou ele, enquanto me encarava com um olhar direto de seus olhos completamente abertos, olhar que no entanto era tão fraco que eu poderia tê-lo rechaçado com um ondular de meu braço. – Então te vais. Que devo fazer? Não posso te segurar. E, se pudesse, não quero fazê-lo. Com isso, quero apenas te esclarecer acerca do teu sentimento de que poderias, não obstante, ser retido por mim. – E, de imediato, ele fez a cara dos criados subalternos com a qual estes, no âmbito de um Estado de outra forma ordenado, estão autorizados a tornar obedientes ou medrosos os filhos dos senhores

7/1/11. A irmã de Max, que está tão apaixonada pelo noivo que procura

organizar as coisas de tal modo que possa falar com cada visita individualmente, pois diante de um indivíduo a pessoa pode se expressar e se repetir melhor sobre seu amor

7/1/11. Como que por um feitiço, pois não me atrapalhavam circunstâncias exteriores nem interiores, agora mais propícias que há um ano, fui impedido de escrever durante todo esse dia livre, um domingo. – Alguns novos conhecimentos sobre o ser infeliz que sou vieram-me, como consolo, à consciência.

– Ei, você – eu disse, mirei e dei-lhe uma pequena joelhada –, abra os olhos, quero me despedir. – Na fala repentina, voou de minha boca, como um mau sinal, um pouco de saliva.

– É mesmo – disse ele, e me encarou com um olhar que percorreu meu rosto várias vezes, mas que parecia me atingir apenas por acaso, visto que teria podido rechaçá-lo com um ondular do braço.

12/1/11. Não escrevi muitas coisas sobre mim nestes dias, em parte por preguiça (agora durmo tanto e tão firmemente durante o dia, tenho um peso maior durante o sono), mas em parte também por medo de denunciar meu autoconhecimento. Esse medo é justificado, pois um autoconhecimento só deveria ser definitivamente fixado pela escrita se isso pudesse acontecer na maior integralidade, chegando a todas as consequências secundárias, assim como com inteira veracidade. Pois, se isso não acontece – e, de qualquer forma, não sou capaz disso –, o escrito, por intenção própria e com a prepotência das coisas fixadas, apenas substitui o que foi sentido de forma meramente geral, de modo que o verdadeiro sentimento desaparece enquanto a falta de valor do que se anotou é reconhecida tarde demais.

Há alguns dias, Leonie Frippon no cabaré Stadt Wien. O penteado, um monte de cachos amarrados em torno da cabeça. Espartilho ruim, vestido muito velho (amazona), mas muito bonita com movimentos trágicos, esforços das pálpebras, precipitar das longas pernas, bem sabido alongar dos braços ao longo do corpo, importância do pescoço rijo nos trechos ambíguos. Cantou “*Knopfsammlung im Louvre*” [Coleção de botões no Louvre].

Schiller desenhado por Schadow em 1804, em Berlim, onde era muito reverenciado.¹²⁸ Não se poderia segurar um rosto mais firmemente do que por esse nariz. O septo nasal é um pouco puxado para baixo devido ao hábito de dar puxões no nariz durante o trabalho. Um homem amável, de faces um tanto encovadas, a quem o rosto barbeado possivelmente tenha dado aspecto senil.

14/1/11. O romance *Eheleute* [Esposos], de Beradt.¹²⁹ Muitos elementos judaicos ruins. Uma aparição súbita, monótona e trocista do autor, por exemplo, “todos estavam alegres, mas havia um que não estava” ou “lá vem um certo sr. Stern” (que já conhecemos até os seus ossos romanescos). Há coisas parecidas também em Hamsun, mas aí são tão naturais quanto os nós na madeira, porém, neste caso, gotejam na ação como um remédio da moda sobre açúcar. – Atém-se sem razão a expressões peculiares, por exemplo, “ele se esforçava por alcançar os cabelos dela, se esforçava e se esforçava outra vez”. – Pessoas isoladas, sem serem colocadas sob uma nova luz, são bem apresentadas, tão bem que mesmo erros de vez em quando não causam dano. Personagens secundários na maioria desoladores.

17/1/11. Max leu para mim o primeiro ato de *Abschied von der Jugend* [*Adeus à juventude*].¹³⁰ Como posso, tal como estou hoje, estar à altura disso; precisaria procurar durante um ano até encontrar um sentimento verdadeiro em mim, e deveria, no café, tarde da noite, atormentado pelos gases dispersos de uma digestão apesar de tudo ruim, ter permissão para ficar de algum modo legitimamente sentado em minha cadeira frente a uma obra tão grande?

19/1/11

Visto que pareço estar radicalmente acabado – no último ano não estive acordado por mais de cinco minutos – terei de desejar todo dia minha eliminação da Terra, ou então, sem estar autorizado a ver nisso nem mesmo a mais moderada esperança, ter de começar do início como uma criancinha. Neste caso, as coisas serão externamente mais fáceis do que no passado. Pois naqueles tempos eu ainda mal aspirava, com débil noção, a uma representação que, de palavra em palavra, estivesse ligada à minha vida, que pudesse puxar junto ao meu peito e me arrebatasse de meu lugar. Com que miséria (incomparável à atual, no entanto) comecei! Que frio me perseguia por dias inteiros emanando de meus escritos! Como era grande o perigo e como eram poucos os intervalos em que ele não agia para que eu não sentisse de forma alguma esse frio, o que, no entanto, não tornou muito menor minha infelicidade em seu todo.

Certa vez, pretendia escrever um romance em que dois irmãos lutam entre si, um dos quais fora aos Estados Unidos enquanto o outro ficava numa prisão europeia.¹³¹ Apenas comecei a escrever algumas linhas aqui e ali, pois logo me cansei. Assim, certa vez, numa tarde de domingo, quando estávamos em visita aos avós e tínhamos comido um pão especialmente macio coberto com manteiga, que sempre era habitual por lá, também

anotei alguma coisa sobre minha prisão. É bem possível que o fizesse em grande parte por vaidade e que, ao empurrar o papel sobre a toalha da mesa, bater com o lápis, olhar em torno sob a lâmpada, quisesse atrair alguém a tomar de mim o que escrevi, vê-lo e me admirar. Naquelas poucas linhas se descrevia, no essencial, o corredor da prisão, sobretudo seu silêncio e seu frio; também se dizia uma palavra de compaixão pelo irmão que ficara para trás, pois era o irmão bom. Talvez eu tivesse um sentimento momentâneo da falta de valor de minha descrição, só que antes daquela tarde nunca dei muita atenção a tais sentimentos quando estava entre parentes, com quem estava acostumado (meus temores eram tão grandes que, entre as coisas costumeiras, já me faziam meio feliz), sentado em volta da mesa redonda na sala conhecida e sem poder esquecer que era jovem e, nessa quietude atual, fora chamado para grandes coisas. Um tio que gostava de rir dos outros me tomou por fim a folha, que segurei apenas fracamente, deu-lhe uma rápida olhada, devolveu-a até sem rir e apenas disse aos outros, que o seguiam com os olhos: “O troço de costume”; a mim, não disse nada. É verdade que fiquei sentado e me curvei como antes sobre minha folha consequentemente inútil, mas fui de fato expulso do grupo num golpe, o veredicto do tio já se repetia em mim com um significado quase real e passei a ter uma ideia, mesmo no interior do sentimento familiar, do quarto frio de nosso mundo que eu tinha de aquecer com uma chama que primeiro queria buscar

20/2/11

Mella Mars no Lucerna.¹³² Uma engraçada atriz de tragédias, que de certa forma se apresenta no palco errado tal como essas atrizes às vezes se mostram por trás da cena. Ao entrar, tem um rosto cansado, mas também achatado, vazio e velho, como corresponde a um início natural para todos os atores conscientes. Ela fala de maneira muito incisiva, também seus

movimentos são começados dessa forma pelo polegar curvado, que em vez de ossos parece ter tendões duros. Especial propriedade cambiante de seu nariz devido às luzes variáveis e às depressões do jogo dos músculos em volta. Apesar dos eternos relâmpagos de seus movimentos e palavras, suas ênfases são delicadas.

Cidades pequenas também têm arredores pequenos para os passeadores.¹³³

Os meninos jovens, limpos e bem-vestidos ao meu lado no passeio recordaram-me minha juventude e por isso me causaram uma impressão desagradável.

Cartas de juventude de Kleist, vinte e dois anos de idade. Desiste de ser soldado. Em casa, perguntam: então, o que estudarás para ganhar teu pão?, pois supunham que esses estudos eram óbvios. Tens a escolha entre a jurisprudência e os estudos de política e economia. Mas também tens conexões na corte? “Neguei, um tanto embaraçado de início, mas em seguida declarei com orgulho tanto maior que, mesmo se tivesse conexões, conforme meus conceitos atuais, me envergonharia de contar com isso. Riram, senti que tinha me precipitado. É preciso resguardar-se de pronunciar tais verdades”¹³⁴

21/2/11. Minha vida aqui é como se eu estivesse plenamente seguro de uma segunda vida, assim como, por exemplo, me consolei da estadia fracassada em Paris¹³⁵ considerando que me empenharia em retornar logo. A propósito disso, o aspecto das partes de luz e sombra nitidamente separadas no

calçamento da rua.

Por um momento me senti envolvido por uma couraça.

Como estão distantes de mim os músculos do braço, por exemplo.

Marc Henry – Delvard.¹³⁶ O sentimento trágico produzido no espectador pela sala vazia favorece o efeito das canções sérias, prejudica as alegres. – Henry faz o prólogo, enquanto a Delvard arruma os cabelos por trás de uma cortina, que, o que ela não sabe, é transparente. – Em espetáculos de público escasso, a barba assíria de Wetzler, o organizador, que em outras ocasiões é intensamente preta, parece grisalha. – É bom se deixar bafejar por um temperamento desses; isso dura vinte e quatro horas, não, não tanto. – Muito luxo de roupas, trajes bretões, o saiote mais interno é o mais longo, de modo que se possa contar a riqueza de longe. – De início, porque se queria poupar um acompanhador, a Delvard faz o acompanhamento num vestido verde, largo e decotado, passando frio. – Gritos de rua parisienses. Entregadores de jornal são deixados de fora. – Alguém me dirige a palavra, antes que eu tome ar já me dispensou. – Delvard é ridícula, tem o sorriso das solteironas, uma solteirona de cabaré alemão, faz revolução com um xale vermelho que vai buscar atrás da cortina, poemas de Dauthendey com a mesma voz dura, impossível de despedaçar. Só foi agradável no início, quando estava sentada femininamente ao piano. – Durante a canção *A Batignolles* senti Paris na garganta. Dizem que em Batignolles¹³⁷ as pessoas

vivem de renda, inclusive seus apaches.¹³⁸ Bruant fez uma canção para cada bairro.

O mundo citadino

Oskar M., um estudante de certa idade – quando se o via de perto, tomava-se um susto com seus olhos –, ficou parado numa tarde invernal numa praça deserta, em meio à neve que caía, vestindo roupas de inverno: um casaco de inverno por cima, um xale em volta do pescoço e um gorro de peles na cabeça. Ele piscava os olhos de tanto pensar. Abandonara-se de tal modo a seus pensamentos que, em dado instante, tirou o gorro e passou seu pelo crespo sobre o rosto. Por fim pareceu ter chegado a uma conclusão e voltou-se com um giro de dança no rumo de casa. Quando abriu a porta da sala de estar dos pais, viu o pai, um homem bem barbeado, com um pesado rosto carnudo, sentado a uma mesa vazia voltado na direção da porta.

– Finalmente – disse ele, mal Oskar tinha colocado o pé na sala –; fique junto à porta, por favor, pois tenho tanta raiva de ti que não respondo por mim.

– Mas, pai – disse Oskar, e apenas ao falar percebeu como correria.

– Silêncio! – gritou o pai e levantou-se, encobrindo com isso uma janela. – Ordeno silêncio. E deixe de mas, entendido?

Nisso pegou a mesa com ambas as mãos e a trouxe um passo mais perto de Oskar.

– Simplesmente não suporto mais a tua vadiagem. Sou um homem velho. Acreditei que serias um consolo para minha velhice; entretanto, és pior para mim que todas as minhas doenças. Que vergonha um filho desses, que empurra seu velho pai para o túmulo com sua preguiça, seu

esbanjamento, sua maldade e sua estupidez.

Nesse ponto o pai se calou, mas movia o rosto como se ainda falasse.

– Caro pai – disse Oskar, e caminhou com cautela na direção da mesa –, acalma-te, tudo ficará bem. Hoje tive uma ideia que fará de mim um homem de ação como melhor não poderias desejar.

– Como assim? – perguntou o pai e olhou para um canto da sala.

– Apenas confie em mim, vou te explicar tudo no jantar. Sempre fui um bom filho em meu interior, só que o fato de não conseguir demonstrá-lo exteriormente me amargurava tanto que, se já não podia te alegrar, antes preferia te aborrecer. Mas agora me deixa passear mais um pouco para que meus pensamentos se desenvolvam com mais clareza.

O pai, que de início, passando a prestar atenção, se sentara na borda da mesa, levantou-se:

– Não acredito que isso que agora disseste tenha muito sentido, julgo antes que seja tagarelice. Mas, no fim das contas, és meu filho – venha a tempo, jantaremos em casa e então podes apresentar tua causa.

– Essa pequena confiança me basta, sou-te grato de coração. Mas já não é possível ver em meu olhar que estou completamente ocupado com uma coisa séria?

– Por ora, não vejo nada – disse o pai. – Mas pode ser culpa minha, pois perdi o costume de prestar qualquer atenção em ti.

Nisso, ao bater regularmente no tampo da mesa, como era seu costume, chamava a atenção para a passagem do tempo.

– Mas o principal é que não tenho mais nenhuma confiança em ti, Oskar. Quando grito contigo – assim que chegaste gritei contigo, não é verdade? –, não o faço na esperança de que poderia te melhorar, faço-o pensando apenas em tua pobre e boa mãe, que agora talvez ainda não sinta nenhum

sofrimento imediato por ti, mas que sucumbe lentamente pelo mero esforço de rechaçar tal sofrimento, pois acredita te ajudar de alguma maneira com isso. Mas, no fim das contas, são coisas que sabes muito bem e eu não as teria recordado outra vez, já por consideração a mim, se não me tivesses incitado a fazê-lo através de tuas promessas.

Durante as últimas palavras, a empregada entrou para verificar o fogo na estufa. Mal deixara a sala, Oskar exclamou:

– Mas, pai! Não teria esperado isso. Se eu apenas tivesse tido uma pequena ideia, uma ideia para a minha tese de doutorado, digamos, que afinal já está largada em minha gaveta há dez anos e precisa de ideias como de sal, então é possível, ainda que não provável, que eu, tal como aconteceu hoje, tivesse corrido para casa de meu passeio e dito: “Pai, felizmente tenho esta e aquela ideia”. Se a isso tivesses dito na minha cara com tua voz respeitável as censuras de antes, minha ideia simplesmente teria sido soprada para longe e eu teria de me retirar de imediato com uma desculpa qualquer ou sem ela. Agora é o contrário! Tudo o que dizes contra mim ajuda minhas ideias, elas não cessam, enchem minha cabeça ganhando força. Vou andando, pois apenas na solidão posso colocá-las em ordem.

Ele sorveu a respiração na sala quente.

– O que tens na cabeça também pode ser uma patifaria – disse o pai com grandes olhos –, e então já acredito que ela te retenha. Mas se algo útil se extraviou dentro de ti, te escapará do dia para a noite. Eu te conheço.

Oskar girou a cabeça como se alguém o segurasse pelo pescoço.

– Agora me deixe. Estás escarafunchando desnecessariamente em mim. A mera possibilidade de que possas prever meu fim de modo correto não deveria realmente te seduzir a me perturbar em minhas boas reflexões. Talvez meu passado te dê esse direito, mas não deverias te aproveitar disso.

– Aí vês da melhor forma o quanto deve ser grande tua insegurança se ela te obriga a falar dessa maneira contra mim.

– Nada está me obrigando – disse Oskar e estremeceu na nuca. Ainda se aproximou bastante da mesa, de modo que não se sabia mais a quem pertencia. – O que eu disse, disse por respeito e até por amor a ti, como ainda verás mais tarde, pois minha consideração por ti e pela mamãe tem a maior parcela em minhas decisões.

– Então já preciso te agradecer agora – disse o pai –, já que afinal é muito improvável que tua mãe e eu ainda sejamos capazes de fazê-lo no momento certo.

– Por favor, pai, deixe o futuro continuar dormindo como ele merece. Pois se o acordamos antes do tempo, o que conseguimos é um presente sonolento. Que o teu filho precise te dizer isso! Tampouco ainda queria te convencer, apenas te comunicar a novidade. E isso pelo menos eu consegui, como tu mesmo tens de reconhecer.

– No fundo, Oskar, espanta-me agora só mais uma coisa: o fato de já não teres vindo com mais frequência a mim com um assunto como o de hoje. Ele corresponde tanto à natureza que até hoje tiveste! Não, realmente, estou falando sério.

– Pois então que tivesses me enchido de pancadas em vez de me ouvir. Vim correndo, Deus sabe disso, para te dar depressa uma alegria. Mas não posso te revelar nada enquanto meu plano não estiver completamente pronto. Por que então me punes pela minha boa intenção e queres de mim explicações que agora ainda poderiam prejudicar a execução do meu plano?

– Cala-te, não quero saber de nada. Mas tenho de te responder bem depressa porque estás te retirando até a porta e pareces ter algo muito urgente a fazer: acalmaste a minha raiva inicial com o teu truque, só que

agora estou ainda mais triste do que antes e por isso te peço – se insistires, também posso fazê-lo de mãos postas – que pelo menos não digas nada à tua mãe sobre tuas ideias. Contenta-te em informá-las a mim.

– Mas esse que fala assim comigo não é o meu pai! – exclamou Oskar, que já tinha colocado o braço sobre a maçaneta. – Aconteceu algo contigo desde o meio-dia ou és um estranho que agora encontro pela primeira vez na sala de meu pai. Meu pai verdadeiro – Oskar calou-se por um instante com a boca aberta – deveria ter me abraçado, teria chamado minha mãe. O que é que tens, pai?

– Acho que deverias jantar de preferência com o teu pai verdadeiro. Seria mais divertido.

– Ele virá. Afinal, ele não pode se ausentar. E minha mãe deverá estar presente. E Franz, que buscarei agora. Todos.

Em seguida, Oskar empurrou o ombro contra a porta, que se abriu facilmente, como se pretendesse arrombá-la.

Ao chegar à residência de Franz, inclinou-se diante da pequena proprietária com estas palavras: o senhor engenheiro está dormindo, eu sei, isso não importa, e, sem se preocupar com a mulher, que, insatisfeita com a visita, andava inutilmente de um lado para o outro no vestíbulo, abriu a porta de vidro, que, como se tivesse sido tocada num ponto sensível, estremeceu em sua mão, e chamou despreocupadamente no interior do quarto, que ainda mal enxergava:

– Franz, levanta. Preciso do teu conselho de especialista. Mas não suporto esse quarto, precisamos passear um pouquinho, e também terás de jantar em minha casa. Rápido, pois.

– Com muito gosto – disse o engenheiro de seu canapé de couro –, mas o que primeiro: levantar, jantar, passear ou dar conselhos? Posso não ter

ouvido alguma coisa.

– Sobretudo não fazer piadas, Franz. Isso é o mais importante, eu tinha esquecido.

– Logo te farei esse favor. Mas levantar – preferiria jantar duas vezes por ti a levantar uma só.

– Pois então levanta agora! Nada de réplicas.

Oskar segurou o homem fraco pela parte da frente do casaco e o pôs sentado.

– Mas estás furioso, hein? Tiro meu chapéu.

Ele esfregou os olhos fechados com ambos os mindinhos.

– Mas, diga-me, alguma vez já te arranquei assim do canapé?

– Mas Franz – disse Oskar com o rosto contorcido –, trata de te vestir. Não sou louco para te acordar sem motivo.

– Da mesma forma eu também não dormia sem motivo. Ontem trabalhei no turno da noite e hoje já perdi minha sesta, também por tua causa...

– Como assim?

– Ora, já está me incomodando a pouca consideração que tens por mim. Não é a primeira vez. Naturalmente, és um estudante livre e podes fazer o que quiseres. Nem todos têm essa sorte. Consideração faz falta, diabos! É verdade que sou teu amigo, mas nem por isso me tiraram meu emprego.

Ele mostrou isso com o gesto de balançar as palmas das mãos para cá e para lá.

– Mas, a julgar pela tua atual tagarelice, não devo acreditar que dormiste mais que o suficiente? – disse Oskar, que se içara para o alto de uma coluna da cama, de onde olhava para o engenheiro como se tivesse um pouco mais de tempo que antes.

– Mas então, o que é mesmo que queres de mim? Ou, melhor dizendo,

por que me acordaste? – perguntou o engenheiro e esfregou energicamente o pescoço abaixo do cavanhaque, nessa relação mais próxima com seu corpo que se tem depois de dormir.

– O que quero de ti? – disse Oskar baixinho e deu um golpe na cama com o salto do sapato. – Muito pouco. Já te disse do vestibulo: que te vistas.

– Se com isso, Oskar, queres indicar que tua novidade me interessa muito pouco, tens toda a razão.

– Isso é bom; assim o fogo em que ela te colocará vai entrar inteiramente na própria conta dela, sem que nossa amizade tenha se misturado aí. As informações também serão mais claras, preciso de informações claras, tenha isso em mente. Mas se talvez estiveres procurando o colarinho e a gravata, eles estão ali na cadeira.

– Obrigado – disse o engenheiro, e começou a prender o colarinho e a gravata –, em ti se pode realmente confiar.¹³⁹

26/3/11

Conferências teosóficas do dr. Rudolf Steiner, Berlim. Efeito retórico: agradável discussão das objeções dos adversários, o ouvinte se espanta com essa forte oposição, mais explicação e elogio dessas objeções, o ouvinte passa a se preocupar, submersão completa nessas objeções como se não houvesse outra coisa, agora o ouvinte considera completamente impossível uma refutação e fica mais que satisfeito com uma descrição fugaz da possibilidade de defesa.

Esse efeito retórico, aliás, corresponde às diretrizes do estado de ânimo devocional. – Constante contemplação da palma da mão estendida. – Omissão do ponto final. Em geral, a frase falada, com suas grandes iniciais,

começa no orador; curva-se, em seu percurso, tão longe quanto puder na direção dos ouvintes e retorna ao orador com o ponto final. Mas se o ponto é omitido, a frase, não mais segurada, bafeja diretamente o ouvinte com todo o seu fôlego.

Antes disso, conferência de Loos e Kraus.¹⁴⁰

Agora estamos quase acostumados, nas narrativas da Europa ocidental, sempre que pretendem abranger alguns grupos de judeus, a buscar e encontrar, abaixo ou acima da exposição, também logo a solução da questão judaica. Mas em *Jüdinne*n [Judias]¹⁴¹ tal solução não é apontada nem sequer conjecturada, pois justamente aquelas pessoas que se ocupam de tais questões estão afastadas do centro da narrativa, ali onde os acontecimentos já rodam mais depressa, de modo que, é verdade, ainda podemos observá-las com precisão, mas não encontramos mais oportunidade de obter delas uma notícia serena acerca de suas aspirações. Sem vacilar, reconhecemos nisso uma deficiência da narrativa e nos sentimos tão mais autorizados a fazer tal objeção pelo fato de hoje, desde a existência do sionismo, as possibilidades de solução estarem organizadas tão claramente em torno do problema judaico que, por fim, o escritor apenas precisaria dar alguns passos para encontrar a possibilidade de solução adequada à sua narrativa.

Porém, essa deficiência ainda se origina de uma outra. Em *Jüdinne*n faltam os espectadores não judeus, as pessoas notáveis e contrastantes que, em outras narrativas, fazem o elemento judaico vir à tona, o qual avança contra elas com admiração, dúvida, inveja, pavor e finalmente, finalmente,

se transforma em autoconfiança, mas que, de qualquer maneira, apenas diante delas pode se elevar em toda a sua extensão. É justamente isso que exigimos, não reconhecemos outra solução para as massas judaicas. Tampouco recorremos a esse sentimento apenas nesse caso, ele é geral pelo menos numa direção. É assim que, num passeio a pé pela Itália, também nos alegra imensamente a aparição repentina das lagartixas diante de nossos passos e sempre queremos nos abaixar, mas quando as vemos às centenas no estabelecimento de um comerciante, rastejando desordenadamente nos grandes frascos em que se costuma colocar pepinos em conserva, não sabemos nos adaptar a isso.

Ambas as deficiências se juntam formando uma terceira. *Jüdinne* pode prescindir daquele jovem em primeiríssimo plano, que normalmente, no interior de sua narrativa, arrebatada para si os melhores e os leva numa bela direção radial aos limites do círculo judaico. É precisamente isso que não conseguimos aceitar, que a narrativa possa prescindir desse jovem; aqui, mais pressentimos do que vemos um defeito.

Hoje é teu aniversário, mas não te mando sequer o livro de costume, pois seria apenas aparência; no fundo, sequer estou em condições de presentear-te um livro. Só escrevo porque preciso muito estar próximo de ti por um instante hoje, mesmo que seja apenas com este cartão, e comecei com a queixa para que logo me reconheças.¹⁴²

Agora estamos quase acostumados, nas narrativas da Europa ocidental, sempre que pretendem abranger alguns grupos de judeus, a buscar e

encontrar, em algum lugar abaixo ou acima da exposição, também logo a solução da questão judaica. Em *Jüdinnen*, porém, tal solução não é apontada nem sequer conjecturada, pois justamente aquelas pessoas que tratam de tais questões estão afastadas do centro da narrativa, ali onde os acontecimentos já rodam mais depressa, de modo que, é verdade, ainda podemos observá-las com precisão, mas não encontramos mais oportunidade de obter delas uma notícia serena acerca de suas aspirações. Sem vacilar, reconhecemos nisso uma deficiência da narrativa e nos sentimos tão mais autorizados a fazer tal objeção pelo fato de hoje, desde a existência do sionismo, as possibilidades de solução se encontrarem organizadas tão claramente em torno do problema judaico que, por fim, o escritor apenas precisaria dar alguns passos para encontrar a possibilidade de solução adequada à sua narrativa.

Essa deficiência, se olharmos com mais atenção, origina-se de uma anterior. Em *Jüdinnen* faltam

Já se tornara um hábito dos quatro amigos Robert, Samuel, Max e Franz aproveitar suas pequenas férias todo verão ou outono para uma viagem em conjunto. Durante o resto do ano, sua amizade consistia, na maior parte, no fato de que gostavam de se encontrar, todos os quatro, numa noite da semana, quase sempre na casa de Samuel, que, sendo o mais abastado, tinha um quarto maior, contar coisas variadas uns aos outros e tomar cerveja moderadamente. O que tinham a contar jamais estava terminado por volta da meia-noite, quando se separavam, pois Robert era secretário de uma associação, Samuel, funcionário de um escritório comercial, Max, funcionário público, e Franz, funcionário de um banco, de maneira que quase tudo o que um deles tinha vivido durante a semana no emprego era desconhecido aos outros três e, quando lhes era contado rapidamente, mas

sem explicações detalhadas, também lhes era incompreensível. Mas, sobretudo, a diferença entre esses empregos implicava que cada um fosse obrigado a apresentar seu emprego repetidamente aos outros, pois essas apresentações não eram compreendidas com a suficiente profundidade por eles, porque afinal eram apenas homens fracos, mas, justamente por isso, e também devido à boa amizade, repetidamente solicitadas. Histórias sobre mulheres, em compensação, eram contadas raras vezes, pois mesmo que Samuel, pessoalmente, tivesse achado gosto nelas, resguardava-se de exigir que a conversa se ajustasse a suas necessidades, o que fazia com que a velha empregada que buscava a cerveja lhe parecesse muitas vezes uma advertência. Porém, riam tanto nessas noites que Max dizia, na volta para casa, que essas eternas risadas eram no fundo lamentáveis, pois com elas se esqueciam todas as coisas sérias, das quais cada um, no entanto, tinha justamente bastante a carregar. Enquanto se ri, pensa-se que ainda há tempo suficiente para a seriedade. Mas isso não é correto, pois a seriedade naturalmente faz exigências maiores às pessoas e é claro, afinal, que na companhia dos amigos também se é capaz de satisfazer exigências maiores do que sozinho. Devia-se rir no escritório, pois lá não se consegue fazer mais que isso. Essa opinião era dirigida contra Robert, que, em sua velha associação de incentivo às artes, que devido a ele rejuvenescia, trabalhava muito e ao mesmo tempo observava as coisas mais engraçadas com que entretinha os amigos. Já quando começava, os amigos deixavam seus lugares, ficavam parados próximo a ele ou se sentavam sobre a mesa, rindo de modo tão absorto, em especial Max e Franz, que Samuel levava todos os copos para uma mesinha lateral. Quando se cansavam de contar histórias, Max sentava-se ao piano com uma energia subitamente nova e tocava, enquanto Robert e Samuel ficavam sentados ao seu lado na banquetta, mas

Franz, que nada entendia de música, examinava sozinho, sentado à mesa, a coleção de postais de Samuel ou lia o jornal. Quando as noites ficavam mais quentes e a janela já podia permanecer aberta, todos os quatro iam até ela e, as mãos às costas, olhavam a rua lá embaixo, sem se deixar atrapalhar na conversa pelo trânsito, aliás fraco. Só aqui e ali um deles voltava à mesa para tomar um gole ou apontava para o penteado de cachos de duas moças sentadas embaixo, em frente à sua taberna de vinhos, ou para a lua, que os surpreendia ligeiramente, ou Max descrevia o que relatava com os dedos estendidos no ar lá fora sobre o ombro do outro, até que Franz finalmente dizia que estava frio e que deveriam fechar a janela. No verão, encontravam-se às vezes num jardim público, sentavam-se a uma mesa bem no canto, onde estava mais escuro, brindavam uns aos outros e, em meio à conversa, as cabeças juntas, mal percebiam a distante orquestra de sopros. De braços dados, no mesmo passo, iam então para casa através dos parques. Os dois na ponta giravam as bengalinhas ou golpeavam as moitas, Robert (acredita-se descrevê-lo corretamente, mas é só uma aproximação e será corrigida pelo diário) os incitava a cantar, mas então, sozinho, cantava bem pelos quatro, no que o segundo do meio se sentia acolhido de modo especialmente seguro. Numa dessas noites, Franz disse, e apertou seus dois vizinhos mais junto a si, que era tão bom estarem juntos, que não conseguia entender por que se reuniam só uma vez na semana, enquanto certamente seria fácil organizar, se não com maior frequência, pelo menos dois encontros semanais; por que não dois, de preferência? Todos foram a favor, mesmo o quarto do grupo, que, mais distante, apenas compreendia indistintamente a fala em voz baixa de Franz. Tal prazer por certo valeria o pequeno trabalho que, aqui e ali, daria a cada um. Pareceu a Franz que, como castigo pelo fato de falar por todos sem ser convidado, sua voz ficava

cavernosa. Mas não desistiu. E se alguma vez um deles realmente não pudesse vir, então seria simplesmente um prejuízo seu e ele poderia se consolar com a próxima vez, mas seria por isso que os outros teriam de renunciar à companhia mútua? Três não se bastariam mutuamente e, se tivesse de ser, mesmo dois? Claro, claro, disseram todos. Samuel se separou da ponta e passou a caminhar um pouco à frente dos outros três, pois assim ficavam mais próximos. Mas então voltou a mudar de ideia e preferiu se enganchar aos outros. Robert fez uma proposta:

– Vamos nos encontrar toda semana para aprender italiano. Estamos decididos a aprender italiano, pois já no ano passado vimos, naquele pedacinho da Itália onde estivemos, que o nosso italiano só basta para perguntar o caminho quando, vocês se recordam, nos perdemos entre os muros dos parreirais da Campagna. E mesmo para isso ele só bastou devido ao grande esforço das pessoas a quem perguntamos. Temos de aprender, portanto, se quisermos voltar outra vez à Itália este ano. Não há saída. E, nesse caso, o melhor não seria aprendermos juntos?

– Não – disse Max –, não aprenderemos nada juntos. Sei disso com tanta certeza quanto sei que tu, Sam, estás a favor do aprendizado em conjunto.

– E como – disse Samuel. – Certamente aprenderemos muito bem juntos, sempre lamento que já não estivéssemos juntos na escola. Vocês realmente percebem que nos conhecemos há somente dois anos?

Ele se curvou para a frente a fim de ver todos os três. Eles tinham diminuído o passo e afrouxado os braços.

– Mas ainda não aprendemos nada juntos – disse Franz. – Para mim está muito bem assim. Não quero aprender absolutamente nada. Mas se temos de aprender italiano, é melhor que cada um aprenda por si.

– Não compreendo – disse Samuel. – Primeiro queres que nos

encontremos toda semana, depois já não queres mais.

– Mas – disse Max –, eu e Franz só queremos que nossa convivência não seja atrapalhada pelo aprendizado e que nosso aprendizado não seja atrapalhado pela convivência, nada mais.

– Isso mesmo – disse Franz.

– Afinal, também não há mais muito tempo – disse Max –, agora é junho e queremos viajar em setembro.

– É justamente por isso que quero que aprendamos juntos – disse Robert, e arregalou os olhos para os dois que estavam contra ele. Seu pescoço ficava especialmente flexível quando alguém o contradizia.¹⁴³

Isso provavelmente está na essência da amizade e a segue feito uma sombra – um o saudará, o outro o lamentará, o terceiro sequer o perceberá havia¹⁴⁴ algo a censurar em Schubal, era a circunstância de, com o passar do tempo, não ter conseguido quebrar a rebeldia do foguista ao ponto de impedir que hoje ainda se atrevesse a aparecer diante do capitão.

Agora talvez ainda se pudesse supor que a confrontação do foguista e de Schubal tampouco deixaria de ter diante das pessoas o efeito que lhe competia diante de um fórum mais elevado, pois ainda que Schubal fosse bom em dissimular, de modo algum deveria conseguir sustentar a dissimulação até o fim. Um breve relampejar de sua maldade deveria bastar para torná-la visível aos senhores; Karl já queria cuidar disso. Afinal, já conhecia de passagem a perspicácia, as fraquezas, os caprichos de cada um dos senhores e, sob esse ponto de vista, o tempo que até agora passara ali não fora perdido. Se pelo menos o foguista estivesse mais alerta, mas ele parecia inteiramente fora de combate. Se tivessem segurado o Schubal à sua

frente, por certo poderia ter arreventado seu crânio odioso com os punhos como se fosse uma noz de casca fina. Mas certamente mal era capaz de dar os poucos passos até ele. Por que Karl não previu o que era tão fácil de prever, que Schubal finalmente teria de vir, se não por iniciativa própria, então chamado pelo capitão? Por que no caminho até ali não discutira com o foguista um plano de guerra minucioso, em vez de, como de fato fizeram, simplesmente entrarem sem o mínimo preparo ali onde havia uma porta? Será que o foguista ainda conseguia falar alguma coisa, dizer sim e não, tal como seria necessário no interrogatório cruzado que, contudo apenas no melhor dos casos, era iminente? Ele estava ali parado, as pernas abertas, os joelhos um pouco dobrados, a cabeça um tanto levantada e o ar passava pela boca aberta como se dentro dele não houvesse mais pulmões para assimilá-lo.

Karl, no entanto, sentia-se tão forte e lúcido como talvez jamais estivera em casa. Se seus pais pudessem ver como ele defendia o bem em terra estrangeira diante de personalidades ilustres, e, mesmo que ainda não tivesse alcançado a vitória, estava perfeitamente preparado para a derradeira conquista! Será que revisariam sua opinião sobre ele? Será que o fariam se sentar entre eles e o elogiariam? Será que o olhariam uma vez, uma só vez nos olhos que lhes eram tão devotados? Perguntas incertas, e o mais impróprio dos momentos para fazê-las!

– Venho porque acredito que o foguista tenha me imputado algumas desonestidades. Uma moça da cozinha me disse que o viu a caminho daqui. Senhor capitão e todos vós, meus senhores, estou pronto a refutar qualquer acusação com base em minhas anotações, se for preciso mediante declarações de testemunhas imparciais e não influenciadas que estão paradas diante da porta.

Assim falou Schubal. Era sem dúvida a fala clara de um homem e, pela mudança na cara dos ouvintes, seria possível acreditar que pela primeira vez depois de muito tempo voltavam a ouvir sons humanos. Não notaram, porém, que mesmo esse belo discurso tinha furos. Por que a primeira palavra objetiva que lhe ocorrera fora “desonestidades”? Será que a acusação deveria começar por aí, em vez de começar por suas parcialidades nacionais? Uma moça da cozinha vira o foguista a caminho do escritório e Schubal compreendera de imediato? Não era a consciência de culpa que lhe aguçava o entendimento? E logo trouxe testemunhas e ainda por cima as chamava de imparciais e não influenciadas? Malandragem, nada mais que malandragem, e aqueles senhores toleravam isso e ainda reconheciam que era um comportamento correto? Por que indubitavelmente deixara passar bastante tempo entre a notícia da moça da cozinha e sua chegada aqui, e isso com nenhum outro fim senão permitir que o foguista cansasse tanto os senhores a ponto de, pouco a pouco, perderem sua clara faculdade de julgar, que Schubal tinha a temer acima de tudo? Ele, que com certeza já estava há muito atrás da porta, não batera apenas no momento em que, devido à pergunta secundária daquele senhor, podia esperar que o foguista estivesse liquidado?

Tudo estava claro e também era apresentado assim por Schubal contra a sua vontade, mas seria preciso dizê-lo aos senhores de outro modo, ainda mais palpável. Eles precisavam ser sacudidos. Assim Karl, apressa-te, pelo menos aproveita agora o tempo até que entrem as testemunhas e inundem tudo.

Mas o capitão acabava de fazer um sinal de recusa a Schubal, que imediatamente – pois seu assunto parecia ter sido adiado por um momento – se afastou e começou uma conversa em voz baixa com o serviçal, que

logo se juntara a ele, na qual não faltaram olhares de esguelha para o foguista e para Karl, nem os mais convincentes movimentos de mão. Schubal parecia ensaiar dessa maneira seu próximo grande discurso.

– O senhor não queria perguntar algo a este jovem, sr. Jakob? – disse o capitão, sob o silêncio geral, ao senhor com a bengalinha de bambu.

– Com certeza – disse este, agradecendo pela atenção com uma pequena reverência. E então perguntou mais uma vez a Karl:

– Como é mesmo que o senhor se chama?

Karl, que acreditava ser favorável ao interesse da grande causa principal que esse incidente do perguntador teimoso fosse logo liquidado, respondeu brevemente, sem, como era seu costume, se apresentar mostrando o passaporte, que primeiro teria de procurar:

– Karl Rossmann.

– Mas – disse o homem que fora tratado por Jakob e, de início, deu um passo para trás, sorrindo quase incrédulo. Também o capitão, o tesoureiro-chefe, o imediato e inclusive o serviçal mostraram nitidamente um espanto desmedido por causa do nome de Karl. Apenas os senhores da administração portuária e Schubal se comportaram de maneira indiferente.

– Mas – repetiu o sr. Jakob e se dirigiu a Karl com passos um tanto rígidos – então eu sou teu tio Jakob e tu és meu querido sobrinho. Suspeitei disso o tempo todo – disse ele ao capitão, antes de abraçar e beijar Karl, que deixou tudo acontecer mudamente.

– Como o senhor se chama? – perguntou Karl depois que se sentira solto, de modo muito cortês, é verdade, mas inteiramente impassível, e se esforçou por prever as consequências que esse novo acontecimento poderia ter para o foguista. Por ora, nada indicava que Schubal poderia tirar proveito desse assunto.

– Entenda tua sorte, jovem – disse o capitão, acreditando que a pergunta ferira a dignidade da pessoa do sr. Jakob, que se postara à janela, evidentemente para não precisar mostrar aos outros seu rosto agitado, que, além disso, tocava de leve com um lenço de bolso. – Quem se deu a conhecer como teu tio é o conselheiro de Estado Edward Jakob. Aguarda-te doravante, embora inteiramente contra as expectativas que tiveste até hoje, uma carreira brilhante. Tenta reconhecer isso o melhor que puderes nesse primeiro momento e acalma-te.

– Tenho de fato um tio Jakob nos Estados Unidos – disse Karl voltado ao capitão –, mas, se bem entendi, Jakob é apenas o sobrenome do senhor conselheiro de Estado.

– Isso mesmo – disse o capitão, cheio de expectativa.

– Só que o meu tio Jakob, que é o irmão de minha mãe, tem o nome de batismo Jakob, enquanto seu sobrenome naturalmente teria de ser o mesmo de minha mãe, cujo nome de solteira é Bendelmayer.

– Meus senhores! – exclamou o conselheiro de Estado, que retornou animado do seu posto de descanso à janela, a propósito da explicação de Karl. Todos, com exceção dos funcionários do porto, romperam em risadas, alguns por comoção, outros por motivos incompreensíveis.

O que eu disse não foi de forma alguma tão ridículo, pensou Karl.

– Meus senhores – repetiu o conselheiro de Estado –, tomais parte, contra a minha e contra a vossa vontade, numa pequena cena de família, e, por isso, não posso evitar dar-vos uma explicação, visto que, conforme acredito, apenas o senhor capitão (a essa menção seguiu-se uma reverência mútua) está completamente informado.

Mas agora preciso de fato prestar atenção a cada palavra, disse Karl a si mesmo, e alegrou-se quando, numa olhada para o lado, percebeu que a vida

começava a voltar na figura do foguista.

– Em todos esses longos anos de minha estadia americana – a palavra “estadia”, no entanto, ajusta-se mal ao cidadão americano que sou de toda a alma –, em todos esses longos anos, pois, vivo completamente apartado de meus parentes europeus, por razões que, em primeiro lugar, não cabem aqui, e cujo relato, em segundo lugar, realmente exigiria bastante de mim. Receio, inclusive, o momento em que serei obrigado a contá-las ao meu querido sobrinho, no que, infelizmente, não será possível evitar uma palavra franca sobre seus pais e familiares.

É meu tio, sem dúvida, disse Karl a si mesmo e prestou atenção. Provavelmente mudou seu nome.

– Meu querido sobrinho foi simplesmente – digamos logo a palavra que realmente designa a coisa – eliminado, tal como se joga um gato porta afora quando incomoda. De forma alguma quero atenuar o que meu sobrinho fez para ser punido dessa forma – atenuar não é do feitio americano –, mas sua culpa é do gênero que a simples menção já contém desculpa suficiente.

Isso soa bem, pensou Karl, mas não quero que ele conte a história a todos. Aliás, ele nem pode saber dela. De onde saberia, afinal? Mas veremos, ele já deve saber de tudo.

– É que ele – prosseguiu o tio e apoiou-se, com pequenas inclinações, sobre a bengalinha de bambu firmada à sua frente, realmente conseguindo assim privar o assunto de uma parte da solenidade supérflua que, de outro modo, necessariamente teria –, é que ele foi seduzido por uma empregada, Johanna Brummer, uma moça de seus 35 anos. Com a palavra “seduzido” não quero de modo algum ofender meu sobrinho, mas é difícil achar outra igualmente adequada.

Karl, que já se aproximara bastante do tio, virou-se nesse momento para

ler a impressão da narrativa no rosto dos presentes. Nenhum deles ria, todos prestavam atenção com paciência e seriedade. Afinal de contas, também não se ri do sobrinho de um conselheiro de Estado na primeira ocasião que se apresenta. Caberia dizer, isto sim, que o foguista sorria para Karl, mesmo que bem pouco, o que, no entanto, era em primeiro lugar satisfatório como novo sinal de vida e, em segundo, desculpável, visto que na cabine Karl quisera fazer um segredo especial desse assunto, que agora se tornava tão público.

– Bem, essa Brummer – continuou o tio – teve um filho de meu sobrinho, um menino saudável que no batismo recebeu o nome de Jakob, sem dúvida em recordação de minha modesta pessoa, que, mesmo com as menções certamente apenas bem secundárias de meu sobrinho, deve ter causado uma grande impressão sobre a moça. Felizmente, digo eu. Pois como os pais, para evitar o pagamento da pensão alimentícia ou algum outro escândalo que chegasse até eles – não conheço, devo ressaltar, as leis de lá nem as demais condições dos pais, mas sei apenas de duas cartas de um período anterior mendigando dinheiro, que, é verdade, não respondi, mas guardei e representam minha única e, de resto, unilateral ligação epistolar com eles nesse tempo todo –, como os pais, portanto, para evitar o pagamento da pensão alimentícia e o escândalo, mandaram transportar seu filho, meu querido sobrinho, para a América, com um preparo irresponsavelmente insuficiente, como se vê, o jovem, sem se considerar os sinais e prodígios que ainda vivem justo na América, ao contar apenas consigo mesmo por certo logo teria perecido numa ruela do porto de Nova York se aquela empregada, numa carta a mim endereçada, que, após longas odisseias, chegou anteontem em meu poder, não me tivesse contado toda a história e, junto com a descrição da pessoa de meu sobrinho e,

sensatamente, também a menção do nome do navio, anunciado sua chegada. Se fosse meu propósito entretê-los, meus senhores, talvez eu pudesse – ele puxou do bolso duas imensas folhas densamente escritas e as agitou – ler aqui alguns trechos dessa carta. Ela por certo causaria efeito, visto que foi escrita com uma esperteza um tanto simplória, embora sempre bem-intencionada, e com muito amor ao pai do filho dela. Mas não quero entretê-los mais que o necessário para a explicação, nem talvez, logo na recepção, magoar sentimentos talvez ainda existentes de meu sobrinho, que poderá, se quiser, ler a carta para sua instrução no silêncio do quarto que já o espera.

Karl, porém, não tinha sentimentos por aquela moça. No tumulto de um passado cada vez mais rechaçado, ela estava sentada na cozinha ao lado do guarda-louça, em cujo tampo apoiava os cotovelos. Encarava-o quando ele, vez por outra, entrava na cozinha para buscar um copo d'água para o pai ou transmitir uma incumbência da mãe. Às vezes, na complicada posição ao lado do guarda-louça, escrevia uma carta e buscava as inspirações no rosto de Karl. Às vezes, ocultava os olhos com a mão, e então era impossível abordá-la. Às vezes, ela se ajoelhava em seu quartinho estreito ao lado da cozinha e rezava para uma cruz de madeira; Karl a observava então apenas com receio, de passagem, pela fresta da porta entreaberta. Às vezes, corria pela cozinha e, quando Karl cruzava seu caminho, recuava rindo como uma bruxa. Às vezes, quando Karl entrava na cozinha, ela fechava a porta do cômodo e ficava com a maçaneta na mão até que ele pedisse para sair. Às vezes, buscava coisas que ele nem queria e as colocava, em silêncio, na mão dele. Mas, certa vez, ela disse “Karl!” e o levou, suspirando entre caretas, ele ainda espantado com a inesperada abordagem, ao seu quartinho, cuja porta trancou. Sufocando-o, abraçou-o pelo pescoço e, enquanto lhe

pedia para tirar a roupa dela, ela na verdade tirava a roupa dele e o colocava na cama, como se a partir de então não fosse mais deixá-lo para ninguém e fosse acariciá-lo e cuidar dele até o fim do mundo. “Karl, meu Karl”, exclamava ela como se o visse e se certificasse de sua posse, enquanto ele não via coisa alguma e se sentia mal em meio à roupa de cama quente e excessiva que ela parecia ter amontoadado expressamente para ele. Então se deitou junto a ele e quis saber algum segredo seu, mas ele não sabia de nenhum para lhe contar e ela se irritou, de brincadeira ou a sério; sacudiu-o, auscultou seu coração, ofereceu seu peito para a mesma auscultação, mas sem conseguir que Karl o fizesse; pressionou sua barriga nua contra o corpo dele, procurou com a mão entre as pernas dele, de maneira tão repulsiva que Karl sacudiu a cabeça e o pescoço para fora dos travesseiros, e então bateu a barriga algumas vezes contra ele; para Karl, era como se ela fosse uma parte dele e, talvez por esse motivo, foi tomado por um terrível desamparo. Chorando, depois de muitas súplicas da parte dela para que se revissem, ele finalmente conseguiu ir para a própria cama. Isso foi tudo e, no entanto, o tio conseguiu fazer disso uma grande história. E a cozinheira, portanto, também tinha lembrado dele e informado o tio de sua chegada. Foi bonito da parte dela, e um dia ele por certo também a recompensaria.

– E agora – exclamou o senador –, quero ouvir sinceramente de ti se sou ou não teu tio.

– És meu tio – disse Karl e beijou sua mão, recebendo, por isso, um beijo na testa. – Estou muito contente por tê-lo encontrado, mas te enganas se acreditas que meus pais apenas falam mal de ti. Mas, independentemente disso, havia alguns erros em teu discurso, isto é, creio que na realidade nem tudo aconteceu assim. Mas tampouco podes realmente julgar as coisas tão bem daqui, e acredito, além disso, que não causará nenhum prejuízo

especial se estes senhores estiverem um pouco incorretamente informados sobre os detalhes de um assunto que realmente não pode lhes interessar muito.

– Bem dito – disse o senador, conduziu Karl até diante do capitão, visivelmente interessado, e disse: – Não tenho um sobrinho magnífico?

– Fico feliz – disse o capitão com uma reverência que só pessoas com treinamento militar são capazes de fazer – por ter conhecido seu sobrinho, senhor senador. É uma honra especial para meu navio ter sido o local desse encontro. Mas a viagem na terceira classe deve ter sido muito difícil; sim, quem pode saber quem está viajando ali. Uma vez, por exemplo, também viajou em nossa terceira classe o primogênito do supremo magnata húngaro, já esqueci o nome e a razão da viagem. Soube disso apenas muito mais tarde. Bem, fazemos todo o possível para facilitar ao máximo a viagem das pessoas da terceira classe, muito mais, por exemplo, que as linhas americanas, mas transformar tal viagem num prazer foi algo que ainda não conseguimos.

– Não me fez mal – disse Karl.

– Não lhe fez mal! – repetiu o senador, rindo alto.

– Apenas receio ter perdido minha mala – e, com isso, recordou-se de tudo o que acontecera e ainda precisava ser feito, olhou em volta e viu todos os presentes, mudos de respeito e espanto, parados no mesmo lugar de antes e com os olhos voltados para ele. Apenas no caso dos funcionários do porto, até onde seus rostos severos e presunçosos permitiam vislumbrar alguma coisa, via-se o pesar por terem chegado numa hora tão inoportuna, e o relógio de bolso que agora estava diante deles era-lhes provavelmente mais importante que tudo o que ocorria e talvez ainda pudesse acontecer no recinto.

O primeiro a manifestar sua simpatia depois do capitão foi, curiosamente, o foguista.

– Cumprimento-o cordialmente – disse ele e apertou a mão de Karl, com o que também queria expressar algo como reconhecimento. Quando então quis se dirigir também ao senador com a mesma fala, este recuou, como se assim o foguista ultrapassasse seus direitos; o foguista desistiu de imediato.

Porém, os demais compreenderam então o que cabia fazer e logo formaram um rebuliço em torno de Karl e do senador. Sucedeu assim que Karl recebeu até uma congratulação de Schubal, a qual aceitou e agradeceu. Os últimos, no silêncio que então retornara, foram os funcionários do porto, que disseram duas palavras em inglês, o que causou uma impressão ridícula.

O senador estava plenamente disposto a apreciar por inteiro o prazer de trazer coisas secundárias à sua memória e à dos outros, o que, naturalmente, não só foi tolerado por todos, mas aceito com interesse. Assim, chamou a atenção para o fato de ter registrado em sua caderneta, para uso possivelmente necessário e instantâneo, as características mais marcantes de Karl mencionadas na carta da cozinheira. Ora, durante a tagarelice insuportável do foguista, ele puxara a caderneta com nenhum outro fim senão distrair-se, e, por brincadeira, tentou relacionar as observações da cozinheira, que, é claro, não tinham exatamente uma precisão detetivesca, com a aparência de Karl.

– E assim alguém encontra seu sobrinho – concluiu ele, num tom como se quisesse receber congratulações mais uma vez.

– O que acontecerá agora ao foguista? – perguntou Karl, deixando para trás a última narrativa do tio. Em sua nova posição, acreditava que também podia dizer tudo o que pensava.

– O foguista terá o que merece – disse o senador – e o que o senhor capitão decidir. Acredito que estamos mais do que fartos do foguista, no que cada um dos senhores presentes certamente concordará comigo.

– Mas isso não importa numa questão de justiça – disse Karl. Ele estava entre o tio e o capitão, e acreditou, talvez influenciado por essa posição, ter a decisão nas mãos.

E, no entanto, o foguista não parecia esperar mais nada para si. Mantinha as mãos meio enfiadas no cinto, que aparecia, devido a seus movimentos agitados, junto com tiras de uma camisa estampada. Isso não o preocupava o mínimo; tinha se queixado de todo o seu sofrimento, que também vissem agora os poucos farrapos que levava no corpo e então o levassem embora. Ele imaginava que o serviçal e Schubal, como os mais baixos na hierarquia aqui, deveriam lhe conceder essa última bondade. Então Schubal teria sossego e não entraria mais em desespero, como se expressara o tesoureiro-chefe. O capitão poderia contratar apenas romenos, por toda parte se falaria romeno e então tudo talvez andasse realmente melhor. Nenhum foguista voltaria a tagarelar na tesouraria principal, somente sua última tagarelice ficaria conservada numa lembrança bastante aprazível, visto que, como o senador declarara expressamente, proporcionara a ocasião indireta para o reconhecimento do sobrinho. Esse sobrinho, aliás, tentou ser-lhe útil várias vezes antes e, por isso, há muito o sobrinho o agradecera mais que o suficiente por seu serviço no reconhecimento; nem ocorria agora ao foguista ainda pedir-lhe alguma coisa. De resto, por mais que fosse sobrinho do senador, ainda não era nem de longe um capitão, mas era da boca do capitão que saíam por fim as nefastas palavras. E tal como correspondia à sua opinião, o foguista tampouco procurou olhar na direção de Karl, mas, infelizmente, nesse

recinto de inimigos, não restava outro ponto de descanso para seus olhos.

– Não entenda mal a situação – disse o senador a Karl –; talvez se trate de uma questão de justiça, mas ao mesmo tempo se trata de uma questão de disciplina. Ambas, e muito especialmente a última, estão submetidas aqui ao julgamento do senhor capitão.

– Isso mesmo – murmurou o foguista. Aqueles que ouviram e compreenderam a observação sorriram desconcertados.

– Mas, além disso, já atrapalhamos tanto o senhor capitão em suas funções, que por certo se acumulam de modo inacreditável precisamente na chegada a Nova York, que já passou da hora de deixarmos o navio para, ainda por cima, não transformar num acontecimento, devido a alguma intromissão sumamente desnecessária, essa rixa insignificante entre dois maquinistas. De resto, compreendo perfeitamente teu modo de agir, querido sobrinho, mas justo isso me dá o direito de levar-te depressa daqui.

– Mandarei baixar um bote imediatamente para o senhor – disse o capitão, sem, para espanto de Karl, apresentar sequer a mínima objeção às palavras do tio, que, no entanto, podiam sem dúvida ser vistas como uma auto-humilhação sua. O tesoureiro-chefe correu precipitadamente à escrivaninha e comunicou a ordem do capitão por telefone ao contramestre.

O tempo urge, disse Karl a si mesmo, mas não posso fazer nada sem ofender a todos. Afinal, não posso abandonar o tio agora, depois que acabou de me encontrar. O capitão é cortês, é verdade, mas isso é tudo. Sua cortesia cessa ao chegar à disciplina, e meu tio certamente tirou as palavras de sua boca. Não quero falar com Schubal, chego a lamentar que tenha lhe estendido a mão. E todas as outras pessoas aqui são joio.

E, em meio a tais pensamentos, foi lentamente até o foguista, puxou sua mão direita do cinto e, brincando com ela, segurou-a na sua.

– Por que não dizes nada? – perguntou ele. – Por que toleras tudo?

O foguista apenas franziu a testa, como se buscasse a expressão para o que tinha a dizer. De resto, olhava para a própria mão e a de Karl.

– Afinal, foste injustiçado como ninguém mais neste navio, sei disso muito bem.

E Karl puxou seus dedos para cá e para lá entre os dedos do foguista, que, com olhos brilhantes, olhava em torno como se lhe sucedesse uma grande alegria, que no entanto ninguém lhe poderia levar a mal.

– Tens de defender-te, dizer sim e não, pois de outro modo as pessoas não terão qualquer ideia da verdade. Tens de prometer-me que me ouvirás, pois eu mesmo já não poderei mais te ajudar de forma alguma, o que tenho bons motivos para temer.

E então Karl chorou enquanto beijava a mão do foguista, essa mão gretada, quase sem vida, que ele apertava contra suas faces como se fosse um tesouro ao qual teria de renunciar. Mas então o tio senador já estava ao seu lado e o puxou para longe, embora o forçasse apenas do modo mais leve.

– Parece que o foguista te enfeitiçou – disse ele e olhou compreensivamente para o capitão por cima da cabeça de Karl. – Sentiste-te abandonado, então encontraste o foguista e agora lhe és grato, o que é plenamente louvável. Mas, em consideração a mim, não leve isso muito longe e aprenda a compreender teu lugar.

Diante da porta começou um alarido, ouviam-se gritos e até parecia que alguém era jogado brutalmente contra ela. Entrou um marinheiro, um tanto abrutalhado, com um avental de mulher amarrado na cintura.

– Tem gente lá fora – exclamou ele e deu uma cotovelada como se ainda estivesse no tumulto.

Por fim, voltou a si e quis fazer continência ao capitão, quando percebeu o avental, arrancou-o, jogou-o ao chão e gritou:

– Mas isso é nojento, amarraram em mim um avental de mulher.

Então bateu os calcanhares e fez continência. Alguém tentou rir, mas o capitão disse com severidade:

– Isso é que chamo de bom humor. Quem está lá fora, afinal?

– São minhas testemunhas – disse Schubal dando um passo à frente –, peço desculpas humildemente pelo seu comportamento impróprio. Quando têm a viagem marítima atrás de si, às vezes as pessoas ficam como loucas.

– Mande que entrem de imediato – ordenou o capitão, e logo, voltando-se ao senador, disse de maneira amável mas rápida: – Tenha agora a bondade, estimado senhor senador, de acompanhar com teu sobrinho este marinheiro, que os levará ao bote. Por certo não preciso dizer que prazer e que honra me proporcionou o fato de conhecê-lo pessoalmente, senhor senador. Apenas desejo ter logo a oportunidade de poder retomar nossa conversa interrompida sobre as condições da frota americana e então, talvez, ser novamente interrompido de maneira tão agradável quanto hoje.

– Por enquanto me basta esse único sobrinho – disse o tio, rindo. – E agora aceite meus mais sinceros agradecimentos por sua amabilidade e passe bem. Aliás, não seria assim tão impossível que pudéssemos – e apertou Karl cordialmente junto a si – nos encontrar por mais tempo em nossa próxima viagem à Europa.

– Isso me alegraria de coração – disse o capitão.

Os dois senhores apertaram as mãos; Karl apenas pôde estender a sua muda e fugazmente ao capitão, pois este já era requisitado pelas talvez quinze pessoas que, sob o comando de Schubal, entraram um tanto perplexas, é verdade, mas fazendo muito barulho. O marinheiro pediu

autorização ao senador para ir à frente e então abriu a multidão para ele e Karl, que passaram facilmente pelas pessoas que faziam reverências. Parecia que essas pessoas, de resto benévolas, compreendiam a disputa de Schubal com o foguista como uma brincadeira, cujo caráter ridículo não cessava nem sequer diante do capitão. Karl notou entre elas também a criada de cozinha Line, que, piscando-lhe alegremente, amarrou na cintura o avental que fora jogado ao chão pelo marinheiro, pois era o seu avental.

Seguindo o marinheiro, deixaram o escritório, entraram num pequeno corredor, que, após alguns passos, os levou a uma portinhola, da qual uma escada curta conduzia ao bote que estava preparado para eles. Os marinheiros no bote, para dentro do qual o guia saltou logo de um só pulo, levantaram-se e fizeram continência. O senador acabava de advertir Karl para descer com cuidado quando este, ainda no degrau de cima, prorrompeu num choro impetuoso. O senador colocou a mão direita sob o queixo de Karl, segurou-o firmemente contra si e o acariciou com a mão esquerda. Assim desceram lentamente degrau por degrau e embarcaram, colados, no bote, onde o senador escolheu um bom lugar para Karl bem à sua frente. A um sinal do senador, os marinheiros desatracaram e logo estavam em pleno trabalho. Mal tinham se afastado alguns metros do navio, Karl fez a inesperada descoberta de que se encontravam justamente naquele lado do navio para onde davam as janelas da tesouraria principal. As três janelas estavam tomadas pelas testemunhas de Schubal, que saudavam e acenavam amistosamente; até o tio agradeceu, e um marinheiro fez a proeza de atirar um beijo lá para cima sem propriamente interromper as remadas uniformes. Era de fato como se não existisse mais foguista algum. Karl olhou com mais atenção para o tio, cujos joelhos quase tocavam os seus, e teve dúvidas se alguma vez esse homem poderia substituir-lhe o foguista. O tio se

esquivou de seu olhar e fitou as ondas, que faziam oscilar o bote.

Na casa do tio¹⁴⁵, Karl logo se acostumou às novas condições. Mas é que o tio também era prestativo com qualquer bagatela, e Karl jamais necessitou primeiro aprender com más experiências, o que na maioria das vezes tanto amarga a vida no exterior em seu início.

O quarto de Karl ficava no sexto andar de um prédio cujos cinco andares inferiores, aos quais ainda se juntavam três andares subterrâneos nas profundezas, eram ocupados pela empresa do tio. A luz que penetrava em seu quarto por duas janelas e pela porta da sacada sempre produzia admiração em Karl quando, pela manhã, entrava nele ao sair de sua pequena alcova. Onde teria de morar se tivesse chegado em terra como um pequeno e pobre imigrante? Sim, talvez nem o tivessem deixado entrar nos Estados Unidos, algo que o tio até considerou bastante provável com base em seu conhecimento das leis de imigração, mas mandado-o de volta para casa, sem darem maior importância ao fato de ele não ter mais pátria. Pois aqui não se devia esperar compaixão, e era inteiramente correto o que Karl tinha lido a esse respeito sobre a América; aqui, apenas os felizardos pareciam gozar verdadeiramente sua felicidade entre os rostos despreocupados das pessoas ao redor.

Uma sacada estreita se estendia diante do quarto ao longo de toda a sua extensão. Porém, o que na cidade natal de Karl provavelmente teria sido o ponto de observação mais alto não permitia aqui muito mais que a vista de uma rua que, entre duas fileiras de prédios como que cortados a machado, se perdia em linha reta e, por isso, parecia fugir na distância, onde, em meio a muito vapor, se elevavam, imensas, as formas de uma catedral. E tanto pela manhã quanto à tardinha e nos sonhos da noite havia nessa rua um trânsito sempre urgente, que, visto de cima, era formado por uma mistura

confusa, que recomeçava sem cessar, de figuras humanas deformadas e tetos de veículos de todo tipo, da qual ainda se elevava uma nova mistura, multiplicada e mais selvagem, de barulho, poeira e cheiros, e tudo isso era abarcado e trespassado por uma luz intensa que, sem cessar, era dispersa, levada embora e outra vez trazida de volta diligentemente pela multidão de objetos, parecendo tão corpórea ao olho fascinado como se a cada instante despedaçassem repetidamente sobre essa rua, com toda força, uma vidraça que tudo cobrisse.

Cauteloso como o tio era em tudo, ele aconselhou Karl a, por enquanto, não se envolver seriamente nem no mais mínimo assunto. Ele podia, por certo, examinar e olhar tudo, mas não se deixar cativar. Os primeiros dias de um europeu na América, segundo ele, eram comparáveis a um nascimento, e ainda que aqui – Karl não precisava ter nenhum medo desnecessário – a pessoa se aclimatasse mais rapidamente do que se viesse do além para o mundo humano, cabia ter em mente que o primeiro juízo sempre estava sobre pés fracos e que não se podia permitir que isso talvez colocasse em desordem todos os juízos futuros com cujo auxílio, afinal, se pretendia conduzir sua vida aqui. Ele mesmo tinha conhecido recém-chegados que, por exemplo, em vez de se comportarem segundo esses bons princípios, tinham ficado dias inteiros parados em suas sacadas olhando a rua lá embaixo como ovelhas perdidas. Isso deixa a pessoa inevitavelmente confusa! Essa inatividade solitária que se perde em contemplações num dia nova-iorquino cheio de trabalho pode ser permitida e talvez aconselhada, embora não sem reservas, a um turista; para alguém que quer ficar aqui ela é a ruína, pode-se usar tranquilamente tal palavra nesse caso, ainda que seja um exage-

103. Numa versão ampliada e revisada, sob o título de “*Unglücklichsein*” [Infelicidade], texto incluído no primeiro livro de Kafka, o volume *Betrachtung* [Contemplação], publicado em Leipzig por Rowohlt em 1912.

104. Provavelmente pensado como título para uma versão a limpo dos fragmentos das p. 31-39.

105. Este e os cinco fragmentos anteriores são tentativas de Kafka de retomar o trabalho numa segunda versão da novela *Beschreibung eines Kampfes* [Descrição de uma luta]; o trabalho na primeira versão fora iniciado em 1904.

106. A conferencista francesa Marguerite A. Chenu pronunciou três conferências em Praga no hotel Palace, a segunda das quais, em 5 de novembro de 1910, dedicada ao poeta romântico Alfred de Musset (1810-1857).

107. “*Un souper chez Mademoiselle Rachel*” [Um jantar na casa da senhorita Rachel], texto de Alfred de Musset que descreve um jantar na casa da atriz Elisa Rachel Félix (1821-1858), que alcançou celebridade no papel de Fedra.

108. O escritor Paul Claudel (1868-1955) foi cônsul geral da França em Praga de 1909 a 1911.

109. Paul Wiegler (1878-1949): historiador da literatura, ensaísta e tradutor, membro do círculo de amigos e conhecidos de Kafka e Brod; Friedrich Hebbel (1813-1863): poeta e dramaturgo alemão.

110. Este e os sete fragmentos seguintes também são tentativas relacionadas a uma segunda versão da novela *Descrição de uma luta*.

111. Esse desenho de Friedrich Olivier (1791-1859), reproduzido num suplemento da revista *Die graphischen Künste* (1910), tem uma legenda ambígua em alemão, o que leva Kafka a pensar que seu autor pudesse ser Julius Schnorr von Carolsfeld (1794-1872).



112. *Descrição de uma luta.* Os quatro fragmentos anteriores são, mais uma vez, tentativas de

trabalhar na segunda versão.

113. Peça de Goethe, encenada pela primeira vez em 1779; uma quarta e definitiva versão foi publicada em 1787.

114. Bernhard Kellermann (1879-1951): escritor alemão. Sua leitura pública em Praga incluiu dois textos: “*Die Heiligen*” [Os santos] e “*Die Geschichte von der verloneren Wimper der Prinzessin*” [A história do cílio perdido da princesa].

115. Rudle provavelmente se refere a Rudolf Hermann, irmão de Karl Hermann, cunhado de Kafka; Kars, a Georg Kars, pintor e litógrafo, amigo de Max Brod.

116. Mais quatro fragmentos para uma segunda versão de *Descrição de uma luta*.

117. Em pleno século XX ainda era comum trazer negros do continente africano e exibi-los como curiosidade nas metrópoles europeias. O engodo fundamental que norteava tais exibições é exposto por Kafka num fragmento do espólio, datado de 17 de dezembro de 1917: “O negro que é levado da Exposição Universal para casa e, enlouquecido de saudade, apresenta no meio de sua aldeia, sob os lamentos da tribo, com rosto seriíssimo, como tradição e dever, as galhofas que encantaram o público europeu como se fossem usos e costumes da África”.

118. Justinus Kerner (1786-1862): escritor alemão. O livro em questão foi publicado em 1811.

119. Pseudônimo de Alfred Wechsler (1879-1922), escritor alemão. Esta e as duas anotações seguintes parecem desenvolver apontamentos do primeiro caderno; neste caso, o comentário “escritores falam fedor” (p. 28).

120. Ver nota 2.

121. Zenão de Eleia (século V a.C.) formulou o chamado “paradoxo da flecha imóvel”: se o espaço pode ser dividido infinitamente, uma flecha jamais atingirá seu alvo, visto que a trajetória a percorrer também será infinita. O fragmento provavelmente se relaciona com a imagem do trem em movimento (ver p. 28, quinto fragmento, e p. 25, primeiro fragmento).

122. *Schönggeist*, tradução literal do francês *bel esprit*, termo (também pejorativo) que designa quem pouco se preocupa com coisas cotidianas, mas se deleita unilateralmente com as belas-artes.

123. Elli, a irmã mais velha de Kafka, casara-se em 27 de novembro de 1910.

124. Trechos provavelmente eliminados da segunda versão de *Descrição de uma luta*.

125. Oskar Baum (1883-1941): com Max Brod e Felix Weltsch (1884-1964), o escritor cego Oskar Baum pertencia ao círculo mais íntimo de amigos de Kafka. O grupo fazia excursões pelos arredores de Praga e reuniões periódicas em que cada membro lia seus trabalhos literários aos outros.

126. Novela de Leon Tolstói.

127. Karl Schönherr (1867-1943): escritor austríaco. A tragédia *Glaube und Heimat* foi encenada em

Praga nos dias 1^o e 5 de janeiro de 1911. Conforme anotação de Brod, os amigos assistiram à peça juntos no dia 5.

128. A gravura de Gottfried Schadow fora publicada num número de 1909 da revista *Die graphischen Künste*, no âmbito de uma colaboração de Hans Mackowsky.

129. Martin Beradt (1881-1949): escritor alemão. Seu romance fora publicado em 1910.

130. *Adeus à juventude: comédia romântica em três atos*, peça de Max Brod publicada em 1912.

131. Esse esboço de enredo prenuncia o romance *O desaparecido*, que Kafka começou a redigir em 1912, sem concluí-lo, e que seria publicado apenas postumamente por Brod, em 1927, sob o título de *América*.

132. Cabaré de Praga no qual o grupo vienense Kleine Bühne – de cujo elenco Mella Mars fazia parte – se apresentou em fevereiro de 1911.

133. Provável impressão de uma viagem a trabalho ao ducado de Friedland, na Boêmia, entre 30 de janeiro e 6 de fevereiro de 1911.

134. De uma carta do escritor alemão Heinrich von Kleist (1777-1811), muito admirado por Kafka, a Christian Ernst Martini, datada de 18-19 de março de 1799.

135. Na viagem a Paris iniciada em 8 de outubro de 1910 na companhia de Brod e do irmão deste, Otto, Kafka adoeceu e precisou retornar sozinho a Praga.

136. Marya Delvard e Marc Henry apresentaram-se em Praga nos dias 13 e 17 de fevereiro de 1911. No programa, canções populares de santos, duetos bretões cantados em trajes típicos, canções do próprio Marc Henry e do poeta Aristide Bruant, uma canção que reproduzia os gritos de rua parisienses, recitação de poemas de autores variados, entre outras obras.

137. Bairro de Paris.

138. Os índios apaches, do sudoeste dos Estados Unidos, eram conhecidos por sua ferocidade e astúcia; por obra de jornalistas franceses, o termo também passou a designar os bandidos de rua das grandes cidades, especialmente na Paris do final do século XIX.

139. “*Die städtische Welt*” [*O mundo citadino*] não chegou a ser publicado em vida de Kafka. É um texto muito próximo a “*Das Urteil*” [*O veredicto*], que Kafka redigirá em setembro de 1912.

140. Foram, na verdade, duas conferências. O temido satirista vienense Karl Kraus (1874-1936), com quem Max Brod chegou a polemizar, guardando desse confronto um ressentimento que se conservou intacto até o fim de sua vida, fez sua primeira leitura pública em Praga em 15 de março de 1911. No programa, entre outros textos, “Heine e as consequências” (“Heine afrouxou tanto o espaltilho da língua alemã que hoje qualquer caixeiro pode passar a mão em seus seios”), “Desperanto: traduções do idioma de Maximilian Harden” (“O ouvido não permite a passagem de nenhuma onda sonora pela janela oval ao interior do labirinto ósseo = não se ouve nada”) e “O terremoto” (“A estupidez é um

fenômeno elementar com o qual nenhum terremoto pode competir”). Já o arquiteto Adolf Loos (1870-1933), amigo de Kraus, proferiu uma conferência em 17 de março intitulada “Ornamento e crime”. Partidário do funcionalismo, combatia os excessos ornamentais na arquitetura.

141. Romance de Max Brod publicado em 1911. Este fragmento e o segundo depois dele representam novas tentativas de Kafka de resenhar o livro do amigo (ver a primeira na p. 45)

142. Rascunho de um cartão a Max Brod por ocasião de seu aniversário, em 27 de maio de 1911.

143. Na viagem que fizeram em agosto/setembro de 1911, Kafka e Brod tiveram a ideia de escreverem juntos um romance baseado em suas anotações de viagem, que inicialmente se chamaria *Robert e Samuel* e, mais tarde, *Richard e Samuel*. O projeto não foi além do primeiro capítulo, publicado em maio de 1912 na revista *Herder-Blätter*. O presente fragmento é uma provável tentativa de Kafka de formular um ponto de partida para o livro.

144. Continuação do último fragmento do “Sexto caderno” destes *Diários* (ver o segundo volume, 1912-1914). Publicado independentemente em maio de 1913 sob o título *Der Heizer* [*O foguista*] (Leipzig, Kurt Wolff Verlag), este fragmento corresponde ao primeiro capítulo do romance inacabado *O desaparecido*, publicado postumamente em 1927 por Brod sob o título *América*.

145. Os quatro últimos parágrafos deste caderno constituem o início do segundo capítulo de *O desaparecido*, “O tio”; Kafka escreveu o restante do capítulo em outro caderno, que não faz parte dos *Diários*.

TERCEIRO CADERNO

26 de outubro de 1911, quinta-feira

Ontem, a tarde inteira, Löwy fez a leitura de *Gott, Mensch und Teufel* [Deus, homem e Diabo], de Gordon¹⁴⁶, e, em seguida, de trechos de seus próprios diários de Paris. Anteontem, estive na apresentação de *Der wilde Mensch* [O homem selvagem], de Gordon. – Gordon é melhor que Lateiner, Scharkansky, Feimann etc. porque tem mais detalhes, mais ordem e mais coerência nessa ordem; em compensação, aí não se encontra mais inteiramente o judaísmo direto das outras peças, como que improvisado de uma vez por todas; o ruído desse judaísmo soa mais abafado e, assim, por sua vez, menos detalhado. No entanto, fazem-se concessões ao público e às vezes acreditamos precisar nos esticar a fim de ver a peça por cima das cabeças do público de teatro judaico nova-iorquino (a figura do homem selvagem, toda a história da sra. Selde), mas o pior é que também se fazem concessões palpáveis a uma arte pressentida qualquer, que em *Der wilde Mensch*, por exemplo, a ação vacile durante um ato inteiro em consequência de escrúpulos, que o homem selvagem faça discursos humanamente ininteligíveis, mas literariamente tão toscos que preferimos fechar os olhos; é o mesmo caso da moça de mais idade em *Gott, Mensch und Teufel*. A ação de *Der wilde Mensch* é em parte bastante corajosa. Uma jovem viúva se casa com um velho que tem quatro filhos, levando logo o amante, Wladimir Worobeitschik, consigo para dentro do casamento. Os dois arruinam a família inteira; Schmut Leiblich (Pipes) precisa gastar todo seu dinheiro e fica doente, o filho mais velho, Simon (Klug), um estudante, abandona a casa, Alexander se torna jogador e bebedor, Lise (Tschisik) se torna prostituta e Lemech (Löwy), o idiota, é levado a uma loucura idiótica por ódio à sra. Selde, pois ela toma o lugar de sua mãe, e por amor, pois é a primeira mulher jovem próxima a ele. Levada a tal ponto, a ação termina

com o assassinato de Selde por Lemech. Todos os outros ficam para o espectador numa lembrança incompleta e desamparada. A invenção dessa mulher e de seu amante, uma invenção que não pergunta a opinião de ninguém, deu-me uma autoconfiança variada e pouco clara.

A impressão discreta causada pelo programa. Ficamos sabendo não apenas os nomes, e sim algo mais, mas apenas aquilo que o público, e mesmo o mais benévolo e mais frio, precisa saber sobre uma família exposta a seu julgamento. Schmut Leiblich é “um rico comerciante”, mas não é dito que é velho e adoentado, que é um mulherengo ridículo, um péssimo pai e um viúvo desrespeitoso que se casa no aniversário da morte da mulher. E, contudo, todas essas definições seriam mais corretas que a do programa, pois ao final da peça ele não é mais rico, pois Selde roubou tudo dele, tampouco ainda mal é um comerciante, pois negligenciou seu negócio. No programa, Simon é um “estudante”, ou seja, algo bastante vago que, até onde sabemos, muitos filhos de nossos conhecidos mais remotos também são. Alexander, esse jovem sem caráter, é apenas “Alexander”; de Lise, a moça de vida caseira, também sabemos apenas que é “Lise”. Lemech, infelizmente, é “um idiota”, pois isso é algo que não se deixa ocultar. Wladimir Worobejtschik é apenas “o amante de Selde”, mas não o arruinador de uma família, não um beerrão, jogador, devasso, indolente, parasita. É verdade que a designação “amante de Selde” revela muita coisa, mas, considerando seu comportamento, isso é o mínimo que se pode dizer. Além disso, o lugar da ação é a Rússia; as pessoas, reunidas a custo, estão dispersas por um território imenso ou reunidas num pequeno ponto não revelado desse território; em suma, a peça se tornou impossível, o espectador não verá nada. / Apesar disso, a peça começa, as forças evidentemente grandes do autor trabalham, vêm à luz coisas que não

atribuiríamos às pessoas do programa, mas que lhes dizem respeito com a maior segurança caso apenas queiramos acreditar nas chicotadas, nas coisas arrancadas à força, nas pancadas, nas batidas nos ombros, nos desmaios, nas decapitações, nas claudicâncias, nas danças com botas russas de cano virado, nas danças com vestidos levantados e nos volteios no canapé, pois afinal são coisas que não admitem réplica. No entanto, sequer se precisa do auge da excitação dos espectadores, vivenciado na memória, para reconhecer que a impressão discreta do programa é uma impressão falsa que pode se formar apenas depois da apresentação, mas que agora já é incorreta, até impossível, que só pode surgir em alguém à parte, cansado, pois para o julgador honesto não é mais possível ver qualquer relação lícita, após a representação, entre esta e o programa.

O que começa na barra¹⁴⁷ foi escrito com desespero, porque hoje estão jogando cartas¹⁴⁸ de maneira especialmente barulhenta, preciso ficar sentado à mesa comum, Ottla ri à boca plena, levanta-se, senta-se, pega algo por cima da mesa, fala comigo e eu, para completar a desgraça, escrevo tão mal e tenho de pensar nas boas lembranças parisienses de Löwy, escritas com um sentimento ininterrupto e oriundas de um fogo independente, enquanto eu, pelo menos agora, sobretudo porque tenho tão pouco tempo, estou quase inteiramente sob a influência de Max, o que às vezes, ainda por cima, também me estraga a alegria com seus trabalhos. Porque me consola, escrevo aqui uma observação autobiográfica de Shaw¹⁴⁹, embora na verdade contenha o contrário de consolo: quando garoto, ele era aprendiz no escritório de um corretor de imóveis em Dublin. Logo abandonou esse emprego, viajou a Londres e se tornou escritor. Nos primeiros nove anos, de 1876 a 1885, ganhou no total cento e quarenta coroas. “Mas, apesar de eu ser um homem jovem e forte e de minha família estar em má situação, não

me lancei na luta pela vida; lancei nela minha mãe e me deixei sustentar por ela. Não fui um apoio para meu velho pai; ao contrário, pendurei-me nas abas de seu casaco.” No fim das contas, isso pouco me consola. Os anos que ele passou livremente em Londres já se foram para mim, a felicidade possível se torna cada vez mais impossível, levo uma terrível vida substitutiva e sou covarde e miserável o bastante para seguir Shaw apenas a ponto de ler o trecho a meus pais. Como essa vida possível relampeja diante de meus olhos abertos com cores de aço, com barras de aço estendidas e escuridão ventosa entre elas!

27/10/11. Relatos e diários de Löwy: como o assusta Notre-Dame, como o comove o tigre no Jardin des Plantes, qual uma representação do desesperado e do esperançoso que sacia o desespero e a esperança com comida, como seu pai devoto lhe pergunta em imaginação se agora ele pode passear no sábado, se agora tem tempo para ler livros modernos, se lhe é permitido comer nos dias de jejum, enquanto ele, no fim das contas, precisa trabalhar no sábado, absolutamente não tem tempo e jejua mais do que qualquer religião alguma vez prescreveu. Quando ele passeia pelas ruas mastigando seu pão preto, parece de longe que come chocolate. O trabalho na fábrica de gorros e seu amigo, o socialista, que toma por burguês todo mundo que não trabalha exatamente como ele – Löwy, por exemplo, com suas mãos finas –, que se entedia aos domingos, despreza a leitura como algo luxuoso, não sabe ler e pede a Löwy com ironia para ler-lhe uma carta que recebeu.

A água purificadora judaica, presente em toda comunidade judaica da Rússia, que imagino como uma cabine dotada de uma pia com formato precisamente estipulado, com instalações prescritas e supervisionadas pelo rabino, que apenas tem de lavar a sujeira terrena da alma, cujo feitio exterior é por isso indiferente e que, por ser um símbolo, pode estar, e também está, suja e fedorenta, mas ainda assim cumpre sua finalidade. A mulher vem para se purificar da menstruação; o escriba da Torá, para se purificar de todos os pensamentos pecaminosos antes de escrever a última frase de um capítulo da Torá.

O costume de, logo após o despertar, mergulhar os dedos três vezes na água, pois durante a noite os maus espíritos se sentam sobre a segunda e a terceira falanges. Explicação racionalista: cabe evitar que os dedos passem logo pelo rosto, pois durante o sono e o sonho, afinal, podem ter tocado, sem controle, todas as partes possíveis do corpo, as axilas, o traseiro, os genitais.

O camarim atrás do palco deles é tão estreito que se alguém por acaso estiver diante do espelho, atrás do reposteiro do palco, e uma segunda pessoa quiser passar, aquela precisa levantar esse reposteiro e, contra sua vontade, expor-se ao público por um momento.

Superstição: quando se toma água de um copo defeituoso, os maus espíritos entram no ser humano.

Como os artistas me pareceram feridos após a apresentação, como temi tocá-los de leve com uma palavra. Como preferi, após um ligeiro aperto de mão, ir embora depressa, como se estivesse irritado e descontente, pois era tão impossível expressar a verdade de minha impressão. Todos me pareceram falsos, exceto Max, que, calmamente, disse alguma futilidade. Falso, porém, foi aquele que pediu informações sobre um detalhe desavergonhado; falso, aquele que deu uma resposta brincalhona a uma observação do ator; falso, o irônico; falso, aquele que começou a decompor sua impressão variada – uma gentilha só, que, devidamente apertada nas profundezas da sala de espetáculos, levantou-se agora, tarde da noite, e voltou a perceber seu valor. (Muito longe das pessoas corretas)

28 [de outubro de 1911]. É verdade que tive um sentimento parecido, mas tanto a peça quanto a encenação nem de longe me pareceram perfeitas nessa noite.¹⁵⁰ Mas, precisamente por isso, me via obrigado a ter um respeito especial pelos atores. Quem saberá de quem é a culpa pelas pequenas, embora muitas, lacunas da impressão. A sra. Tschissik pisou em dado momento na bainha de seu vestido e oscilou por um instante, nesse vestido aprincesado de prostituta, como uma coluna maciça; noutro momento, enganou-se na fala e, para acalmar a língua, virou-se com um movimento enérgico na direção da parede dos fundos, embora isso não correspondesse de forma alguma às palavras; isso me desconcertou, mas não me impediu de ter o acesso de arrepios que sempre sinto na parte superior dos zigomas ao ouvir sua voz. Mas, por terem recebido uma impressão muito mais impura que a minha, os outros conhecidos pareciam-me obrigados a um respeito ainda maior que o meu, também pelo fato de que, segundo minha opinião, o

respeito deles teria sido muito mais efetivo que o meu, de maneira que tive uma razão dupla para amaldiçoar sua conduta.

“*Axiome über das Drama*” [Axiomas sobre o drama], de Max, na revista *Die Schaubühne*.¹⁵¹ Tem todo o caráter de uma verdade onírica, ao que também se ajusta a expressão “axiomas”. Quanto mais oniricamente ela se infla, mais friamente é preciso tocá-la. Os seguintes princípios são expressos:

A essência do drama está numa deficiência, eis a tese.

O drama (no palco) é mais abrangente que o romance, pois vemos tudo acerca do que normalmente apenas lemos.

Isso é apenas aparente, pois no romance o autor pode nos mostrar apenas o que é importante; no drama, em compensação, vemos tudo, o ator, o cenário e, por isso, não apenas o que é importante, ou seja, menos. Assim, segundo o espírito do romance, o melhor drama seria um drama inteiramente sem incitações – um drama filosófico, por exemplo –, lido por atores sentados num ambiente com um cenário qualquer.

E, no entanto, o melhor drama é aquele que dá a maior parte dos estímulos no tempo e no espaço, livra-se de todas as exigências da vida, limita-se apenas às falas, aos pensamentos em monólogos, aos pontos capitais da ação, comanda todo o resto por estímulos e, elevado sobre um escudo carregado por atores, pintores e diretores, segue apenas suas próprias inspirações mais extremas.

Defeito dessa conclusão: ela muda o ponto de vista sem avisar, ora vê as coisas a partir do gabinete do escritor, ora a partir do público. Admitindo-se que o público não veja tudo segundo os propósitos do autor, que a

encenação surpreenda o próprio autor,

29/10/11, domingo

este, não obstante, teve a peça dentro de si em todos os detalhes, avançou de detalhe em detalhe e, apenas porque reuniu todos esses detalhes nas falas, deu-lhes a força e o peso dramáticos. Graças a isso, em seu maior desenvolvimento o drama cai numa humanização insuportável, sendo tarefa do ator puxá-la para baixo, torná-la suportável, ator que veste como uma roupa frouxa, desfiada, esvoaçando ao seu redor, o papel que lhe foi prescrito. Portanto, o drama paira no ar, mas não como um telhado carregado pelo temporal, e sim como uma construção inteira cujos fundamentos foram arrancados da terra com uma força que hoje, no entanto, é muito próxima da loucura.

Às vezes, parece que a peça repousa lá no alto das bambolinas, que os atores arrancaram delas faixas cujas pontas seguram nas mãos ou enrolaram em volta do corpo para atuar, e que apenas aqui e ali uma faixa difícil de desprender leva um ator às alturas, para o espanto do público.

Hoje sonhei com um asno que tinha feitio de galgo e era bastante reservado em seus movimentos. Observei-o minuciosamente, pois estava consciente da raridade do fenômeno, mas retive apenas a lembrança de que seus estreitos pés humanos não me agradavam devido a seu comprimento e uniformidade. Ofereci-lhe tufo de cipreste frescos, verde-escuros, que eu tinha acabado de receber de uma velha senhora zuriquense (tudo se passava em Zurique) e que ele não quis, apenas farejou um pouco; porém, quando os deixei sobre uma mesa, ele os devorou tão completamente que sobrou apenas um caroço, parecido com uma castanha, que mal se reconhecia.

Mais tarde, alguém disse que esse asno nunca tinha caminhado sobre quatro patas, mas que sempre se mantinha humanamente ereto, mostrando seu peito de brilho prateado e sua barriguinha. Mas isso, na verdade, não era correto.

Além disso, sonhei com um inglês que conheci numa reunião parecida com aquela do Exército da Salvação em Zurique.¹⁵² Havia bancos como na escola e, sob o tampo, ainda havia uma gaveta aberta; quando, em dado momento, coloquei a mão dentro dela para arrumar alguma coisa, fiquei admirado com a facilidade com que travamos amizades em viagem. Era uma referência evidente ao inglês, que pouco depois se dirigiu a mim. Ele tinha roupas claras, soltas, em excelente estado, só que atrás, acima dos cotovelos, em vez do tecido da peça, ou pelo menos costurado sobre ele, havia um tecido cinzento, amarrotado, um pouco pendente, rasgado em faixas, como que ponteadado por aranhas, que lembrava tanto os reforços de couro das calças de equitação como também as proteções nas mangas de costureiras, balconistas e secretárias. Seu rosto estava igualmente coberto por um tecido cinzento, que tinha recortes muito úteis para a boca, os olhos e, provavelmente, também para o nariz. Mas esse tecido era novo, cardado, ou antes, aflanelado, muito flexível e macio, de excelente fabricação inglesa. Tudo isso me agradou tanto que eu estava ansioso por conhecer o homem. Ele também queria me convidar à sua casa; mas, como eu já precisava viajar depois de amanhã, esse plano foi frustrado. Antes de deixar a reunião, ele ainda vestiu algumas peças aparentemente muito práticas que, depois de abotoadas, davam-lhe uma aparência completamente discreta. Embora ele não pudesse me convidar a visitá-lo, convidou-me a sair com ele à rua. Segui-o, ficamos parados em frente ao lugar da reunião no canto de uma calçada, eu embaixo, ele em cima, e mais uma vez nos demos conta,

após alguma conversa, de que o convite não poderia dar em nada.

Em seguida, sonhei que Max, Otto e eu tínhamos o hábito de fazer nossas malas apenas na estação. Levávamos nossas camisas, por exemplo, atravessando o saguão principal até nossas malas distantes. Embora parecesse ser um costume generalizado, não funcionou conosco, especialmente porque tínhamos começado a fazer as malas apenas pouco antes da chegada do trem. Então naturalmente ficamos alvoroçados e mal tínhamos esperança de chegar a tempo de pegá-lo, muito menos de conseguir bons lugares.

Embora os frequentadores assíduos e os funcionários do café¹⁵³ gostem dos atores, eles não conseguem conservar o respeito em meio às impressões abaladoras e os desprezam, considerando-os pobretões, andarilhos e camaradas judeus¹⁵⁴, exatamente como em épocas históricas. Assim, o chefe dos garçons quis jogar Löwy para fora do recinto, o porteiro, um ex-funcionário de bordel e atual cafetão, gritou com a pequena Tschissik quando esta, agitada por sua compaixão em *Der wilde Mensch* [O homem selvagem], quis que dessem algo aos atores, e quando anteontem acompanhei Löwy de volta ao café, depois que ele me lera no café City o primeiro ato de *Elieser ben Schevia*, de Gordon, o dito sujeito lhe gritou (ele é vesgo e, entre o nariz torto e pontudo e a boca, tem um afundamento, do qual se eriça um pequeno bigode): “Venha logo, idiota. (Alusão ao papel em *Der wilde Mensch*.) Estão esperando. Hoje há um público como realmente não mereces. Está presente inclusive um voluntário da artilharia, dê uma olhada”. E aponta para uma das vidraças cobertas do café, por trás da qual esse voluntário supostamente está sentado. Löwy passa a mão pela

testa: “De *Elieser ben Schevia* a isto”.

A visão de degraus me comove tanto hoje. Já cedo, e várias vezes desde então, alegrei-me com o recorte triangular, visível de minha janela, da balaustrada de pedra daquela escada que, à direita da ponte Čech¹⁵⁵, leva à plataforma do cais. Bastante inclinada, como se desse apenas uma rápida indicação. E agora vejo, na outra margem do rio, uma escada na ribanceira que vai até a água. Esteve ali desde sempre, mas é revelada apenas no outono e no inverno graças à retirada da escola de natação, usualmente diante dela, e está ali na grama escura, sob as árvores castanhas, no jogo da perspectiva.

Löwy: quatro amigos tornaram-se na velhice grandes estudiosos do Talmude. Porém, cada um deles teve um destino particular. Um deles enlouqueceu, o outro morreu, o rabino Elieser tornou-se livre-pensador aos quarenta anos e apenas o mais velho deles, Akiba, que começou a estudar somente aos quarenta, chegou ao conhecimento pleno. O discípulo de Elieser foi o rabino Maier, um homem devoto, cuja devoção era tão grande que a instrução do livre-pensador não o prejudicou. Ele comeu o miolo da noz, como disse, e jogou a casca fora. Certa vez, Elieser fez um passeio a cavalo no sábado, o rabino Maier o seguiu a pé, o Talmude na mão, porém apenas por dois mil passos, pois no sábado não se deve andar mais que isso. E do passeio surgiu um diálogo simbólico. Retorne a teu povo, disse o rabino Maier. Com um jogo de palavras, o rabino Elieser recusou-se a fazê-lo.¹⁵⁶

30 [de outubro de 1911]. Esse desejo, que tenho quase sempre que sinto meu estômago saudável, de acumular dentro de mim imagens de terríveis façanhas com alimentos. Satisfaço esse desejo em especial diante das salsicharias. Se vejo uma salsicha com um cartaz indicando que é uma salsicha caseira, velha e dura, mordo-a, em imaginação, com todos os meus dentes e a engulo rápida, regular e impensadamente como uma máquina. O desespero, que, mesmo em imaginação, é a consequência imediata desse ato, aumenta minha pressa. Enfio na boca longos pedaços de costeletas, sem mastigá-las, e depois os puxo para fora por trás, rasgando o estômago e os intestinos. Esvazio, comendo, mercearias imundas inteiras. Encho-me com arenques, pepinos e todo tipo de comidas estragadas, velhas e picantes. Bombons são derramados de suas latas dentro de mim como granizo. Assim não gozo apenas meu estado saudável, e sim também um sofrimento, que é sem dor e logo pode passar.

É um velho costume meu não deixar impressões puras, sejam elas dolorosas ou alegres, dispersarem-se beneficentemente por todo meu ser tão logo tenham atingido sua pureza máxima, mas sim turvá-las e afugentá-las através de impressões novas, inesperadas e fracas. Não se trata de uma má intenção de prejudicar a mim mesmo, mas de fraqueza para suportar a pureza dessa impressão, fraqueza que no entanto não é confessada, mas que prefere buscar uma saída, sob o silêncio interior, ao invocar a nova impressão de modo aparentemente arbitrário, em vez de, o que seria a única coisa correta, revelar-se e chamar outras forças para apoiá-la. Assim, por exemplo, sábado à noite, depois de ouvir a boa novela da srta. T.¹⁵⁷, que no

entanto pertence mais a Max, pelo menos em maior extensão e com maior afinidade do que se fosse dele, e então, depois de ouvir a excelente peça *Konkurrenz* [Concorrência], de Baum, na qual a força dramática pode ser vista trabalhando e agindo de modo exatamente tão ininterrupto como na produção de um artesão vivo, depois de ouvir essas duas obras eu estava tão abatido e, meu interior, já bastante vazio por vários dias, preenchido de modo bastante imprevisto por uma tristeza tão pesada, que declarei a Max, no caminho de volta para casa, que *Robert und Samuel* [Robert e Samuel] não daria em nada. Naquele momento, não necessitei sequer a mínima coragem, nem frente a mim mesmo nem frente a Max, para fazer tal declaração. O diálogo que se seguiu me desconcertou um pouco, visto que então *Robert und Samuel* não era nem de longe minha preocupação principal e que, por isso, não achei as respostas adequadas às objeções de Max. Mas quando então fiquei sozinho e tinha escapado não apenas à perturbação de minha tristeza causada pelo diálogo, mas também ao consolo, quase sempre eficaz, da presença de Max, minha desesperança se manifestou de tal modo que começou a dissolver meu pensamento (nesse instante, enquanto faço uma pausa para o jantar, Löwy vem ao apartamento e me perturba e me alegra das sete às dez). No entanto, em vez de aguardar em casa pelo que aconteceria, li desordenadamente dois números da revista *Die Aktion*¹⁵⁸, um pouco de *Die Missgeschickten* [Os desafortunados]¹⁵⁹ e, por fim, também de minhas anotações parisienses, deitando-me na cama verdadeiramente mais contente que antes, porém obstinado. Foi parecido há alguns dias, quando voltei de um passeio imitando Löwy claramente, com a força exterior de seu entusiasmo dirigida à minha meta. Também nessa ocasião, li e falei em casa muitas coisas misturadas e sucumbi.

31 [de outubro de 1911]. Embora tenha lido hoje trechos do catálogo da

editora Fischer, do almanaque da editora Insel e da revista *Die Neue Rundschau*, estou agora bastante consciente de que ou absorvi tudo firmemente ou na verdade fugazmente, mas rechaçando qualquer dano. E, se não precisasse sair outra vez com Löwy, julgar-me-ia capaz de muita coisa hoje à noite.

Diante de uma casamenteira que esteve em nossa casa hoje ao meio-dia por causa de uma de minhas irmãs senti um constrangimento que me fez baixar os olhos, motivado por algumas razões que se confundem. A mulher tinha um vestido ao qual a idade, o desgaste e a sujeira davam um brilho cinza-claro. Ao levantar, conservava as mãos no colo. Era vesga, o que aparentemente aumentava a dificuldade em deixá-la de lado quando eu precisava olhar para meu pai, que me perguntou algumas coisas sobre o jovem que ela estava oferecendo. Em compensação, meu constrangimento diminuiu porque tinha meu almoço diante de mim e, mesmo sem o constrangimento, estaria suficientemente ocupado misturando o conteúdo dos meus três pratos. Ela tinha no rosto, conforme vi de início apenas parcialmente, rugas tão profundas que eu pensava no espanto despojado de compreensão com que os animais deveriam ver tais rostos humanos. O pequeno nariz, anguloso em especial na ponta um tanto levantada, despontava do rosto de modo chamativamente corpóreo.

Quando entrei na casa de Max domingo à tarde, mal tendo ultrapassado três mulheres, pensei: ainda existem uma ou duas casas nas quais tenho algo a fazer; mulheres que caminham atrás de mim ainda podem me ver, num

domingo à tarde, entrar devida e apressadamente pelo portão de uma casa a fim de realizar um trabalho, ter uma conversa, apenas de modo excepcional avaliando as coisas a partir desse ângulo. Isso não deve durar muito tempo mais.

Leio as novelas de Wilhelm Schäfer, especialmente quando o faço em voz alta, com o mesmo deleite atento com que passaria um barbante sobre a língua. Ontem à tarde, não pude tolerar Valli no início, mas quando tinha lhe emprestado *Die Missgeschickten* [Os desafortunados], ela já tinha lido por algum tempo e já devia estar consideravelmente sob a influência da história, amei-a por causa dessa influência e a afaguei.

A fim de não o esquecer, para o caso de meu pai me chamar outra vez de mau filho, anoto que ele chamou Max de *meschuggenen ritoch*¹⁶⁰ diante de alguns parentes, sem motivo especial, seja para simplesmente me oprimir, seja para supostamente me salvar, e que ontem, quando Löwy estava em meu quarto, ele falou com irônicas sacudidas do corpo e contrações da boca sobre pessoas estranhas que são admitidas no apartamento, sobre o que poderia haver de interessante numa pessoa estranha, sobre por que alguém trava relações tão inúteis etc. – Não deveria ter escrito isso, no entanto, pois o escrevi realmente com ódio de meu pai, ódio ao qual, porém, ele não deu hoje qualquer ensejo e que, pelo menos quanto a Löwy, é desproporcionalmente grande em comparação ao que registrei como expressões de meu pai, ódio que ainda aumenta pelo fato de não conseguir me lembrar do que havia de propriamente malvado no

comportamento de meu pai ontem.¹⁶¹

1º/11/11. Hoje comecei a ler ávida e contentemente a *Geschichte des Judentums* [História do judaísmo], de Grätz.¹⁶² Como meu desejo de lê-lo tinha ultrapassado em muito a própria leitura, o livro foi-me, de início, mais estranho do que pensei, e tive de parar aqui e ali para, por meio do repouso, deixar meu judaísmo se concentrar. Porém, próximo ao final, já me comoveu a imperfeição das primeiras colônias na recém-conquistada Canaã e a transmissão fiel da imperfeição dos homens do povo (Josué, os juízes, Eli).

Ontem à noite, despedida da sra. Klug.¹⁶³ Nós (eu e Löwy) corremos ao longo do trem e vimos a sra. Klug por trás de uma janela fechada do último vagão olhando para fora, no escuro. Rapidamente, ela estendeu a mão em nossa direção ainda dentro do compartimento, levantou-se, abriu a janela, junto à qual ficou parada por um instante com o sobretudo aberto, até que, diante dela, ergueu-se o obscuro sr. Klug, que só consegue abrir a boca imensa e amarguradamente e fechá-la com firmeza como que para sempre. Durante aqueles quinze minutos, dirigi a palavra ao sr. Klug apenas poucas vezes e talvez o tenha olhado apenas por dois momentos; no restante do tempo, em meio a uma conversa fraca e intermitente, não pude desviar os olhos da sra. Klug. Ela estava completamente dominada pela minha presença, porém mais em sua imaginação que na realidade. Quando se dirigia a Löwy com a introdução recorrente “tu, Löwy”, ela falava para mim, quando se apertava contra o marido, que às vezes só lhe dava espaço

para chegar à janela com o ombro direito e apertava-lhe o vestido e o sobretudo avolumado, ela se esforçava por me enviar desse modo um sinal vazio. A primeira impressão que tive durante as apresentações, de que eu não lhe era especialmente agradável, era provavelmente a correta; raras vezes ela me convidava a cantar junto e, quando o fazia, era sem entusiasmo; quando me perguntava alguma coisa, eu infelizmente dava a resposta errada (“o senhor compreende isso?”; eu respondia “sim”, mas ela queria um “não” para responder “eu também não”); ela não me ofereceu seu cartão de visitas pela segunda vez; eu preferia a sra. Tschissik, a quem eu queria dar flores em detrimento da sra. Klug. A essa aversão, porém, juntava-se o respeito pelo meu doutorado, respeito que não pôde ser atrapalhado por minha aparência pueril e até aumentou por isso. Esse respeito era tão grande que ressoava de tal maneira de sua forma de me dirigir a palavra, “sabe, senhor doutor” – ela o fazia com frequência, é verdade, mas sem ênfase especial –, que eu me lamentava, de modo meio inconsciente, por merecê-lo tão pouco e me perguntava se não teria direito de ser abordado por todos exatamente da mesma maneira. Porém, visto que eu era tão respeitado por ela como ser humano, muito mais o fui como espectador. Eu resplandecia quando ela cantava, eu ria e a olhava durante todo o tempo em que ela estava no palco, eu cantava junto as melodias e, mais tarde, as palavras, eu a agradeci depois de algumas apresentações; por isso, ela naturalmente passou a gostar de mim. Porém, quando ela me dirigia a palavra a partir desse sentimento, eu ficava constrangido, não tinha nada a dizer e a constrangia, de modo que certamente, com o coração, ela retornava à sua primeira aversão e nela se detinha. Tanto mais ela teve de se esforçar por me recompensar como espectador, e ela o fez com gosto, pois é uma atriz vaidosa e uma mulher benévola. Em especial quando se calou lá

no alto, na janela do compartimento, olhou-me com uma boca extasiada de constrangimento e astúcia e olhos pestanejantes que flutuavam sobre as rugas que vinham da boca. Ela precisava acreditar que era amada por mim, o que também era verdade, e, com esses olhares, dava-me a única satisfação que, como mulher experiente mas jovem, boa esposa e mãe, podia dar a um doutor de sua imaginação. Esses olhares eram tão insistentes e apoiados por expressões como “havia espectadores tão amáveis aqui, em especial alguns” que eu me defendia, e esses foram os momentos em que olhei para seu marido. Ao comparar os dois, tive uma admiração infundada pelo fato de viajarem juntos para longe de nós e, no entanto, só se preocuparem conosco e sequer trocarem um olhar entre si. Löwy perguntou se eles tinham bons lugares; sim, se ficar tão vazio, respondeu a sra. Klug e olhou fugazmente para o interior do compartimento, cujo ar quente o marido arruinará com seu cigarro. Falamos de seus filhos, em razão dos quais partiam; eles têm quatro filhos, dos quais três meninos, o mais velho com nove anos, e já fazia dezoito meses que não os viam. Quando um senhor ali perto embarcou depressa, o trem parecia querer partir, despedimo-nos apressados, apertamo-nos as mãos, levantei o chapéu e então o segurei junto ao peito, retrocedemos, como se faz quando partem os trens, gesto que pretende mostrar que tudo passou e que nos resignamos com isso. Mas o trem ainda não partiu, aproximamo-nos outra vez, eu estava plenamente contente com isso, ela perguntou como estavam passando minhas irmãs. Surpreendentemente, o trem começou a andar devagarinho, a sra. Klug preparou seu lenço para acenar, ainda gritou que eu poderia escrever-lhe, perguntou se eu sabia o endereço dela, ela já estava longe demais para que pudesse responder-lhe com palavras, apontei para Löwy, com quem eu poderia pegar o endereço, está bem, ela assentiu com a cabeça para mim e

para ele rapidamente e agitou o lenço, levantei o chapéu, primeiro sem jeito, logo com liberdade tanto maior quanto mais longe ela estava. Mais tarde, lembrei-me que tive a impressão de que o trem não partia propriamente, mas andava apenas o curto trecho da estação para nos dar um espetáculo e então afundava. No semissono, na mesma noite, a sra. Klug me parecia inaturalmente pequena, quase sem pernas, e estava de mãos postas com o rosto contorcido, como se lhe tivesse acontecido uma grande desgraça.

Hoje à tarde, a dor acerca de meu abandono sobreveio de maneira tão penetrante e intensa que percebi que dessa maneira se consome a força obtida através desta escrita e que realmente não destinei a esse fim

Tão logo o sr. Klug chega a uma nova cidade, percebe-se como suas joias e as de sua mulher desaparecem na casa de penhores. Quando a partida se aproxima, ele as resgata lentamente

Frase preferida da mulher do filósofo Mendelssohn: “Como me sinto mal com *tout l’univers!*”.¹⁶⁴

Uma das impressões mais importantes na despedida da sra. Klug foi que sempre tive de acreditar que, na condição de simples mulher burguesa, ela se continha com força abaixo do nível de seu verdadeiro destino humano, necessitando apenas de um salto, de uma abertura brusca de porta, de uma luz acesa, para ser atriz e me subjugar. E, de fato, ela estava no alto e eu

embaixo, como no teatro. – Ela se casou aos dezesseis anos, tem vinte e seis.

2/11/11. Hoje cedo, pela primeira vez desde muito tempo, outra vez a alegria com a ideia de uma faca sendo torcida em meu coração.

Nos jornais, nas conversas e no escritório frequentemente seduz o temperamento da linguagem, depois a esperança, nascida de uma fraqueza atual, de uma iluminação já no momento seguinte, tão mais forte quanto súbita, ou unicamente uma intensa autoconfiança, ou a mera negligência, ou uma forte impressão atual que se quer empurrar para o futuro a qualquer preço, ou a opinião de que o entusiasmo verdadeiro atual justifica qualquer desatenção no futuro, ou a alegria com frases que são levantadas no meio por um ou dois golpes e fazem a boca se abrir pouco a pouco até alcançar todo o seu tamanho, ainda que a façam fechar-se rápida e retorcidamente demais, ou o indício da possibilidade de um juízo resolutamente empenhado por clareza, ou o esforço de ainda manter fluindo a fala na verdade já terminada, ou o desejo de abandonar depressa o tema, ainda que rastejando, ou o desespero que busca uma saída para sua respiração difícil, ou a ânsia por uma luz sem sombras – tudo isso pode seduzir a frases como: “O livro que acabei há pouco é o mais belo que li até hoje” ou “é tão belo como nunca li outro igual”.

Para provar que tudo o que escrevo e penso sobre eles está errado, os atores (exceto o sr. e a sra. Klug) ficaram aqui, segundo Löwy, que

encontrei ontem à noite, me contou; quem sabe se pelo mesmo motivo não partiram hoje, pois Löwy não apareceu na loja, embora tivesse prometido fazê-lo. Ontem também partiu o filho de Hermann¹⁶⁵, o dono do café – 3/11/11. Para provar que as duas coisas que escrevi estão erradas, uma prova que parece quase impossível, o próprio Löwy veio ontem à noite e me interrompeu em minha escrita

O hábito de Karl¹⁶⁶ de repetir tudo com a mesma entonação. Ele conta a alguém uma história de seu negócio, não com tantos detalhes, é verdade, a ponto de estes liquidarem-na definitivamente por si mesmos, mas, ainda assim, de uma maneira lenta e, apenas por isso, minuciosa, como uma comunicação que não pretende ser outra coisa e que, por isso, também está terminada com sua conclusão. Transcorre um momento com outro assunto, ele encontra inesperadamente uma transição para a sua história e a traz novamente à frente em sua velha forma, quase sem complemento, mas também quase sem omissão, com a inofensividade de uma pessoa que leva pelo recinto uma fita que lhe fixaram traiçoeiramente nas costas. Mas meus pais gostam dele de modo especial, por isso sentem de maneira mais forte seus hábitos do que os percebem – e assim sucede que lhe deem de forma inconsciente, sobretudo minha mãe, ocasião para repetições. Quando, numa noite, o momento da repetição de uma história não surge devidamente, eis que aí está minha mãe fazendo perguntas, e isso com uma curiosidade que não cessa mesmo depois de feita a pergunta, como seria de esperar. E, com suas perguntas, ela como que persegue, mesmo noites depois, histórias que já foram repetidas e não poderiam mais surgir por força própria. Porém, o hábito de Karl é tão imperioso que muitas vezes ele tem força para se

justificar plenamente. Não há pessoa que consiga com uma frequência tão regular contar a cada membro da família uma história que no fundo diz respeito a todos. Então, a história precisa ser contada ao círculo familiar quase tantas vezes quantas forem as pessoas presentes, círculo que, em tais casos, aumenta lentamente em intervalos, apenas uma pessoa por vez. E como sou o único que reconheceu o hábito de Karl, também sou, na maioria das vezes, o primeiro a ouvir a história, e a quem as repetições apenas dão a pequena alegria de confirmar uma observação.

Inveja de um suposto sucesso de Baum¹⁶⁷, de quem, contudo, gosto muito. A propósito disso, a sensação de ter no meio do corpo um novelo que se enrola rapidamente com um número infinito de fios que ele puxa para si da borda de meu corpo.

Löwy – meu pai sobre ele: quem vai para a cama com cães acorda com pulgas. Não pude me segurar e disse algo descontrolado. A isso, meu pai, de modo especialmente tranquilo (porém após uma grande pausa preenchida com outra coisa): “Sabes que não devo me perturbar e preciso ser poupado. E ainda me vens com tais assuntos. Estou farto de perturbações, completamente farto. Portanto me deixe em paz com essas conversas”. Eu digo: “Esforço-me por me conter” e sinto em meu pai, como sempre em tais momentos extremos, a existência de uma sabedoria da qual só consigo apanhar um sopro.

Morte do avô de Löwy, um homem de mãos abertas, que conhecia várias

línguas, tinha feito longas viagens pelas profundezas da Rússia e que, certo sábado, recusara-se a comer na casa de um rabino milagreiro em Iekaterinoslav porque o cabelo comprido e um lenço de pescoço colorido do filho desse rabino tornavam suspeita a devoção da casa. – A cama fora colocada no meio do quarto, os castiçais dos amigos e parentes foram emprestados, o quarto estava portanto cheio de luz e fumaça de velas. Cerca de quarenta homens ficaram o dia inteiro em torno de sua cama a fim de haurir novas forças da morte de um homem devoto. Ele estivera consciente até o fim e começara a recitar no momento correto, a mão no peito, as orações determinadas para essa ocasião. Durante seu sofrimento e após sua morte, a avó, que estava com as mulheres reunidas no quarto ao lado, chorou sem parar, mas, durante a agonia, estivera inteiramente quieta, pois é um mandamento aliviar na medida do possível a morte do agonizante. Ele faleceu fazendo suas próprias orações. Após uma vida tão devota, foi muito invejado por essa morte.

Festa do *pessach*.¹⁶⁸ Uma associação de judeus ricos aluga uma padaria, seus membros assumem todos os afazeres na produção dos chamados *matzás*¹⁶⁹ de dezoito minutos para os chefes das famílias: a busca da água, a purificação, o amassar, o cortar, o perfurar.

5/11/11. Dormi ontem depois de *Bar-Kochba*.¹⁷⁰ A partir das sete com Löwy, que me leu uma carta de seu pai. À noite, na casa de Baum.

Quero escrever com um constante tremor na testa. Estou sentado em meu quarto, o quartel-general do barulho de todo o apartamento. Ouço

todas as portas batendo, seu barulho apenas me poupa os passos de quem corre entre elas, também ouço a batida da porta do fogão sendo fechada na cozinha. Meu pai irrompe pelas portas de meu quarto e passa arrastando o roupão, alguém raspa as cinzas da estufa no quarto ao lado, Valli pergunta através do vestíbulo, gritando para um lugar indeterminado como se fosse por uma ruela parisiense, se afinal o chapéu do pai já foi limpo, um assobio que tem a intenção de ser amigável comigo aumenta a gritaria de uma voz que responde. A porta do apartamento é aberta e faz um ruído que parece provir de uma garganta catarrenta, então continua se abrindo com o canto breve de uma voz de mulher, fechando-se com um surdo puxão masculino, uma das coisas mais desprovidas de consideração que se possa ouvir. O pai se foi, agora começa o barulho mais suave, mais distraído, mais desesperador, conduzido pelas vozes dos dois canários. Já pensei nisso antes, mas os canários fazem vir outra vez à minha mente se eu não deveria abrir um pouquinho a porta, rastejar feito cobra até o quarto ao lado e assim, no chão, implorar por silêncio a minhas irmãs e à empregada delas.¹⁷¹

A amargura que senti ontem à noite quando Max leu minha pequena história automobilística na casa de Baum.¹⁷² Eu estava fechado para todos e realmente apertei o queixo contra o peito frente à história. As frases desordenadas dessa história, com lacunas nas quais se poderia enfiar as duas mãos; uma frase soa aguda, uma frase soa grave, conforme o caso; uma frase se esfrega na outra como a língua num dente cariado ou postiço; uma frase chega marchando com um começo tão grosseiro que toda a história cai num espanto mal-humorado; uma imitação sonolenta de Max

(reprimendas abafadas... incitadas¹⁷³) entra bamboleando, às vezes isso parece uma aula de dança em seu primeiro quarto de hora. Esclareço a mim mesmo que tenho muito pouco tempo e sossego para extrair de mim em sua totalidade as possibilidades de meu talento. Por isso, sempre vêm à luz apenas começos interrompidos, começos interrompidos, por exemplo, ao longo de toda a história automobilística. Se alguma vez pudesse escrever um todo maior, bem formado do início ao fim, a história jamais poderia se separar definitivamente de mim, e eu poderia, calmamente e com olhos abertos, como parente consanguíneo, ouvir a leitura de uma história sã, mas, assim, cada pedacinho da história corre por aí sem pátria e me impele na direção contrária. — Apesar disso, ainda posso estar contente se essa explicação estiver correta.

Apresentação de *Bar-Kochba*, de Goldfaden.

Avaliação equivocada da peça em todo o salão e no palco. Eu trouxera um buquê para a sra. Tschissik com um cartão de visitas pendurado nele com a inscrição “Em agradecimento”, e esperava pelo momento em que poderia mandar entregá-lo. Mas a apresentação começou tarde, a cena principal da sra. Tschissik me fora prometida apenas para o quarto ato, de impaciência e de medo que as flores pudessem murchar mandei o garçom desembrulhá-las já durante o terceiro ato (eram onze horas), então elas ficaram largadas ao meu lado sobre uma mesa, os empregados da cozinha e alguns imundos frequentadores assíduos as passavam de mão em mão e as cheiravam, eu só pude olhar com preocupação e raiva, nada mais, amei a sra. Tschissik durante sua cena principal na prisão e, no entanto, a obrigava interiormente a terminá-la, finalmente o ato acabou sem que eu o percebesse em minha

distração, o chefe dos garçons entregou as flores, a sra. Tschissik as pegou entre as cortinas que se fechavam, fez uma reverência numa pequena brecha da cortina e não voltou mais. Ninguém percebeu meu amor e eu quisera mostrá-lo a todos e assim torná-lo valioso para a sra. Tschissik, o buquê mal foi percebido. Nisso já passava das doze, todos estavam cansados, alguns espectadores já tinham ido embora mais cedo, tive vontade de jogar meu copo contra eles. – Comigo estava o inspetor Pokorny¹⁷⁴, de nossa agência, um cristão. Ele, de quem geralmente gosto, me incomodava. Minha preocupação eram as flores, não seus assuntos. Ao mesmo tempo, eu sabia que ele compreendia mal a peça, enquanto eu não tinha tempo, vontade e capacidade de lhe impingir uma ajuda que ele acreditava não precisar. Por fim, senti vergonha diante dele pelo fato de eu mesmo prestar tão pouca atenção. Ele também me atrapalhou na relação com Max, e até mesmo pela lembrança de que antes eu gostava dele, de que depois voltarei a gostar e que ele poderia levar a mal meu comportamento de hoje. – Mas não só eu estava tão incomodado. Max sentia-se responsável por seu artigo elogioso no jornal.¹⁷⁵ Para os judeus em companhia de Bergmann¹⁷⁶ era tarde demais. Os membros da Associação Bar-Kochba tinham vindo por causa do nome da peça e deviam estar decepcionados. Como conheço Bar-Kochba apenas dessa peça, não teria dado tal nome a uma associação. No fundo da sala havia duas balconistas em seus vestidos de noite, acompanhadas pelos amantes, que tiveram de ser silenciadas durante as cenas de morte por meio de gritos estrepitosos. Por fim, pessoas da rua bateram contra as grandes vidraças por irritação com o fato de verem tão pouco do palco.

No palco faltavam os Klug. Figurantes ridículos. “Judeus toscos”, como dizia Löwy. Caixeiros-viajantes, que, aliás, também não recebiam cachê. Na maior parte do tempo, só tinham de esconder ou apreciar o

próprio riso, ainda que, de resto, suas intenções fossem boas. Um bochechudo com barba loira, diante de quem mal se conseguia conter o riso, riu de maneira especialmente engraçada devido à falta de naturalidade da barba cheia colada em seu rosto, barba que balançava e contornava no lugar errado suas bochechas durante o riso, por certo não previsto. Um segundo só ria quando queria, mas então ria muito. Quando Löwy morreu cantando, contorcendo-se nos braços desses dois anciãos e deslizando lentamente ao solo com o canto que esmorecia, eles juntaram suas cabeças por trás das costas dele para finalmente poderem se fartar de rir sem serem vistos pelo público (segundo achavam). Ainda ontem, ao me lembrar disso durante o almoço, tive de rir. – Na prisão, a sra. Tschissik deve tirar o elmo do governador romano, bêbado, que a visita (o jovem Pipes), e colocá-lo na própria cabeça. Ao tirá-lo, cai para fora um lenço amassado, que Pipes evidentemente tinha enfiado lá dentro porque o elmo lhe apertava muito. Embora devesse saber que o elmo lhe seria tirado no palco, ele olha com reprovação para a sra. Tschissik, esquecendo-se de sua bebedeira. – Algo belo: como a sra. Tschissik se contorcia sob as mãos dos soldados romanos (que ela, no entanto, teve primeiro de puxar para si, pois evidentemente temiam tocá-la), enquanto os movimentos dos três homens, graças ao cuidado e à arte dela, quase, apenas quase, seguiam o ritmo do canto; a canção em que ela anuncia a chegada do Messias e, sem que isso atrapalhe, apenas devido à sua capacidade, representa o som da harpa com movimentos de arco de violino; na prisão, onde interrompe seu canto fúnebre devido às frequentes aproximações de passos, ela corre até o moinho a pedal e gira-o cantando uma canção de trabalhadores, então sai correndo outra vez para entoar sua canção fúnebre e volta de novo ao moinho; como ela canta dormindo quando Papus a visita e sua boca está

aberta como um olho pestanejante; como em geral as comissuras dos lábios, ao se abrirem, lembram as comissuras das pálpebras. – Estava bela tanto de véu branco como de véu preto. – Movimentos novos reconhecidos nela: apertar a mão nas profundezas do espartilho não muito bom, breve tremor dos ombros e quadris ao zombar, especialmente quando dá as costas à pessoa zombada. – Ela dirigiu toda a apresentação como uma mãe de família. Sussurrou para todos, mas ela mesma nunca estacou; instruiu os figurantes, rogou-lhes e por fim os empurrou quando necessário; sua voz clara se misturou, quando não estava em cena, ao débil canto coral do palco; ela segurou o biombo (que no último ato representava uma cidadela) que os figurantes teriam derrubado dez vezes. – Eu esperava que o buquê satisfizesse um pouco meu amor por ela; foi inteiramente inútil. Isto só é possível através da literatura ou do coito. Não escrevo isso por não o saber, e sim porque talvez seja bom anotar advertências muitas vezes.

7/11/11, terça-feira. Ontem os atores partiram definitivamente junto com a sra. Tschissik. Acompanhei Löwy até o café, à noite, mas esperei do lado de fora, não quis entrar, não quis ver a sra. Tschissik. Mas, ao caminhar para cima e para baixo, vi-a abrir a porta e sair com Löwy, fui na direção deles, cumprimentando-os, e os encontrei no meio da rua. A sra. Tschissik agradeceu-me pelo buquê com as vogais grandes mas naturais de sua pronúncia, só agora ficara sabendo que era meu. Löwy, esse mentiroso, portanto não lhe dissera nada. Eu receava por ela, pois vestia apenas uma blusa leve, escura, com mangas curtas, e pedi-lhe – por pouco não a toquei a fim de fazê-la andar – que entrasse no café para não se resfriar. Não, disse ela, ela não se resfriaria, afinal tinha um xale, e o levantou um pouco para

mostrá-lo e então o apertou mais firmemente em volta do peito. Não pude lhe dizer que não tinha propriamente receio por ela, mas que apenas estava contente por ter encontrado um sentimento em que podia gozar meu amor e, por isso, disse-lhe mais uma vez que tinha receio. Nesse meio-tempo também tinham saído seu marido, sua filhinha e o sr. Pipes, e verificou-se que de forma alguma estava definido que viajariam para Brünn¹⁷⁷ conforme Löwy me fizera acreditar, mas, ao contrário, Pipes estava até resolvido a viajar a Nuremberg. Isso, segundo ele, seria o melhor, era fácil obter uma sala, a comunidade judaica era grande e, além disso, a viagem a Leipzig e Berlim era muito cômoda. Aliás, continuou, eles tinham deliberado o dia todo, e Löwy, que tinha dormido até as quatro, simplesmente os fizera esperar e perder o trem das sete e trinta para Brünn. Em meio a esses argumentos, entramos no café e nos sentamos a uma mesa, eu diante da sra. Tschissik. Teria gostado tanto de me destacar, no fundo isso não era difícil, apenas precisaria conhecer algumas conexões ferroviárias, diferenciar as estações, levar à decisão entre Nuremberg ou Brünn, mas, sobretudo, à base de gritos calar Pipes, que se comportava como o seu Bar-Kochba, e a cuja gritaria Löwy contrapôs, muito sensatamente, ainda que sem intenção, uma tagarelice de força mediana, muito rápida, impossível de interromper e que para mim, pelo menos até outro dia, era bastante incompreensível. Em vez de me destacar, fiquei sentado em minha cadeira, abatido, olhava de Pipes para Löwy e, por essa via, apenas aqui e ali encontrava os olhos da sra. Tschissik; porém, quando ela me respondia com um olhar (ela só precisava, por exemplo, sorrir para mim por causa da exaltação de Pipes), eu afastava os olhos. Isso não era desprovido de sentido. Entre nós não podia haver qualquer sorriso acerca da exaltação de Pipes. Além disso, eu estava muito sério frente ao rosto dela e completamente cansado dessa seriedade. Se

quisesse rir de alguma coisa, podia olhar por cima do ombro dela para a mulher gorda que fizera o papel da mulher do governador em *Bar-Kochba*. Mas, na verdade, eu também não podia olhar para a sra. Tschissik com seriedade. Pois isso significaria que a amo. Até o jovem Pipes, atrás de mim, em toda sua inocência, precisaria reconhecê-lo. E isso teria sido realmente inédito. Eu, um homem jovem, que as pessoas em geral consideram ter dezoito anos, declara, diante dos frequentadores noturnos do café Savoy, no círculo dos garçons parados em volta, frente a uma mesa de atores, seu amor a uma mulher de trinta anos, que quase ninguém sequer considera bonita, que tem dois filhos, de dez e oito anos, cujo marido está sentado a seu lado, mulher que é um modelo de honestidade e parcimônia – esse homem, eu, declara seu amor a essa mulher, por quem está completamente apaixonado e – agora vem o que é realmente o mais notável, e que, no entanto, ninguém mais teria percebido – renuncia imediatamente a ela, assim como renunciaria mesmo se ela fosse jovem e solteira. Devo estar grato ou devo proferir maldições pelo fato de, apesar de toda a infelicidade, ainda poder sentir amor, um amor não terreno, contudo, por objetos terrenos? Estava bela, ontem, a sra. Tschissik. A beleza, na verdade normal, das mãos pequenas, dos dedos leves, dos antebraços roliços, que em si mesmos são tão perfeitos que inclusive a visão insólita dessa nudez não faz pensar no resto do corpo. O cabelo dividido em duas ondas, vividamente iluminado pela luz a gás. A pele um pouco suja em volta da comissura direita dos lábios. Sua boca se abre como se fosse fazer uma queixa infantil, formando enseadas delicadamente modeladas em cima e embaixo, pensa-se que a bela formação das palavras, que difunde nestas a luz das vogais e, com a ponta da língua, assegura o contorno puro delas, só pode ser bem-sucedida uma vez, e fica-se admirado com sua constância.

Testa baixa, branca. Detesto o pó de arroz cujo uso vi até agora, mas se essa cor branca, esse véu pairando baixo sobre a pele, de cor leitosa um tanto turva, provém do pó de arroz, então que todas se empoem. Ela gosta de ficar com dois dedos na comissura do lábio direito, talvez também tenha colocado as pontas dos dedos na boca, talvez tenha até mesmo levado um palito à boca; não olhei atentamente esses dedos, mas quase pareceu que ela levou um palito até um dente cariado e lá o deixou descansar por um quarto de hora.

8/11/11. A tarde inteira com o doutor por causa da fábrica.¹⁷⁸

A moça que olhava calmamente em volta apenas por andar de braço dado com seu amante.

A secretária do escritório de Karl lembrou-me a atriz que fez o papel de Manette Salomon¹⁷⁹ no Odéon, em Paris, há um ano e meio. Pelo menos quando estava sentada. Um busto mole, mais largo que alto, comprimido por um tecido lanoso. Um rosto largo até a boca, mas então se estreitando rapidamente. Num penteado liso, cachos naturais negligenciados. Zelo e calma num corpo forte. A lembrança se fortaleceu, conforme percebo agora, também pelo fato de ela trabalhar firmemente (em sua máquina de escrever, as varetas – sistema Oliver – voavam como as agulhas de tricô nos velhos tempos), também andar para cá e para lá, porém mal pronunciar algumas palavras durante uma meia hora, como se segurasse Manette Salomon dentro de si.

Enquanto aguardava no escritório do doutor, olhei para uma das secretárias e pensei sobre o quanto era difícil registrar seu rosto mesmo durante a contemplação. Causava embaraço, em especial, a relação entre um penteado saliente, estendido em volta da cabeça quase na mesma largura, com o nariz reto que parecia longo demais na maior parte do tempo. Quando a moça, que lia um documento, virou-se de modo mais acentuado, quase fui surpreendido pela observação de que com minhas reflexões eu permanecera mais estranho a ela do que se tivesse roçado meu mindinho em sua saia.

Quando, ao ler o contrato em voz alta, o doutor chegou a um trecho que tratava de minha possível futura mulher e dos possíveis filhos, percebi diante de mim uma mesa com duas cadeiras grandes e uma menor à sua volta. Ao pensar que jamais serei capaz de ocupar essas ou quaisquer outras três cadeiras com minha pessoa, minha mulher e meu filho, fui acometido por um desejo desde o início tão desesperado por essa felicidade que, em meio a essa atividade excitada, fiz ao doutor a única pergunta que restara durante a longa leitura, pergunta que revelou imediatamente minha completa incompreensão de uma grande parte recém-lida do contrato.

O resto da despedida: em Pipes, por me sentir oprimido por ele, percebi sobretudo as pontas fendidas e marcadas por salpicos escuros de seus dentes. Por fim, tive uma meia ideia. “Por que viajar tão longe num trem até Nuremberg?”, perguntei, “por que não fazer uma ou duas apresentações

numa estação intermediária menor?” “O senhor conhece uma estação dessas?”, perguntou a sra. Tschissik, nem de longe de modo tão ríspido quanto escrevo, obrigando-me assim a encará-la. Todo o seu corpo visível acima da mesa, toda a redondez dos ombros, das costas e do peito era mole, apesar de sua estrutura ossuda, quase tosca, ao vestir roupas europeias no palco. Ridiculamente, mencionei Pilsen. Na mesa ao lado, frequentadores assíduos mencionaram muito sensatamente Teplitz. O sr. Tschissik, que só confia em empreendimentos pequenos, era favorável a qualquer estação intermediária, a sra. Tschissik também, sem que conversassem muito entre si; além disso, ela pergunta em torno pelos preços das passagens, eles disseram várias vezes: seria suficiente se recebêssemos para o nosso *parnusse*.¹⁸⁰ A filha esfrega a bochecha no braço da mãe; ela certamente não o sente, mas, entre os adultos, existe a convicção infantil de que nada pode acontecer a um filho quando está com seus pais, mesmo quando são atores mambembes, e que as preocupações reais não se encontram tão próximas da terra, e sim apenas à altura do rosto dos adultos. Fui muito favorável a Teplitz, pois poderia dar-lhes uma carta de recomendação para o dr. Polaček¹⁸¹ e assim interceder em favor da sra. Tschissik. Com a oposição de Pipes, que fez ele mesmo os papeizinhos com as três cidades possíveis e conduziu o sorteio com vivacidade, Teplitz foi escolhida pela terceira vez. Fui até a mesa ao lado e, nervoso, escrevi a carta de recomendação. Com o pretexto de que teria de ir para casa a fim de encontrar o endereço exato do doutor P., que, aliás, não era necessário, e que tampouco sabiam lá em casa, despedi-me. Acanhadamente, enquanto Löwy se preparava para me acompanhar, brinquei com a mão da mulher e o queixo de sua filha.

9/11/11. Sonhei anteontem: tudo é teatro, ora estou no alto da galeria, ora no palco, uma moça de quem gostei há alguns meses participava da apresentação, estendia seu corpo flexível ao se segurar, assustada, ao encosto de uma cadeira; da galeria, aponte para a moça, que representava um papel masculino e não agradou a meu acompanhante. Num dos atos, o cenário era tão grande que não se via mais coisa alguma, nada de palco, nada de plateia, nada de escuridão, nada de luzes da ribalta; todos os espectadores estavam, isto sim, em grandes grupos sobre o palco, que representava o Altstädter Ring¹⁸², provavelmente visto da embocadura da Niklasstrasse.¹⁸³ Embora, em consequência disso, na verdade não se devesse ver a praça diante do relógio da Câmara Municipal e o Kleiner Ring¹⁸⁴, era possível, mediante breves giros e lentas oscilações do chão do palco, abarcar o Kleiner Ring, por exemplo, a partir do palácio Kinsky. Isso não tinha finalidade alguma, a não ser, porventura, mostrar todo o cenário, visto que afinal ele já estava aí com tal perfeição e que seria uma lástima digna de choro não ver algo desse cenário, que, como sem dúvida eu estava consciente, era o mais belo cenário de toda a Terra e de todos os tempos. A iluminação era determinada por nuvens escuras, outonais. A luz do sol abatido brilhava distraidamente nesta ou naquela vidraça pintada do lado sudeste da praça. Como tudo estava em tamanho natural e construído sem se trair no menor detalhe, produzia uma impressão comovente que algumas das folhas das janelas fossem abertas e fechadas pelo vento moderado, sem que, devido à grande altura dos prédios, se ouvisse som algum. A praça era fortemente inclinada, o calçamento era quase preto, a Teinkirche estava em seu lugar, mas diante dela havia um pequeno castelo imperial em cujo pátio estavam reunidos, em grande ordem, todos os monumentos que normalmente se encontravam na praça: o pilar de Maria, a antiga fonte em

frente à Câmara Municipal, que eu mesmo nunca vi, a fonte em frente à Niklaskirche e uma cerca de pranchas construída agora em volta das escavações para o monumento a Hus.¹⁸⁵ Foram encenadas – muitas vezes se esquece na plateia que se trata de apenas uma encenação, ainda mais nesse palco e nesses bastidores – uma festa imperial e uma revolução. A revolução era tão grande, com multidões gigantescas mandadas para cima e para baixo pela praça, como provavelmente jamais ocorrera em Praga; evidentemente, fora deslocada para Praga apenas devido ao cenário, enquanto seu verdadeiro lugar era Paris. De início, nada se via da festa, de qualquer forma a corte havia partido para uma festa, nesse meio-tempo irrompera a revolução, o povo invadira o castelo, eu mesmo corria sobre as saliências das fontes no pátio rumo a campo aberto, e estavam cuidando para que a corte não pudesse retornar ao castelo. Então vieram da Eisengasse¹⁸⁶ os veículos da corte, numa velocidade tal que já tiveram de frear longe da entrada do castelo e deslizar sobre o calçamento com as rodas travadas. Eram veículos como os que vemos em festas populares e procissões, sobre os quais se colocam quadros vivos, ou seja, eram planos, envoltos por uma guirlanda de flores, e do chão desses veículos pendia em volta um pano colorido que cobria as rodas. Tanto mais as pessoas se deram conta do horror que significava sua pressa. Eles foram puxados como que inconscientemente pelos cavalos, que se empinaram diante da entrada, num arco que ia da Eisengasse ao castelo. Nesse instante, muitas pessoas passavam correndo por mim até a praça, em sua maioria espectadores que eu conhecia da rua e que talvez tivessem chegado nesse exato momento. Entre eles também estava uma moça conhecida, mas não sei quem; ao lado dela ia um jovem elegante com um capote amarelo-castanho de quadriculado fino, a mão direita metida fundo no bolso. Dirigiam-se à

Niklasstrasse. A partir desse momento, não vi mais nada.

Schiller, em algum lugar: o principal (ou algo parecido) é “transformar o afeto em caráter”¹⁸⁷

11/11/11, sábado. Ontem, a tarde inteira na casa de Max. Estabelecida a sequência dos ensaios para *Schönheit hässlicher Bilder*.¹⁸⁸ Não tenho uma boa sensação. Mas é justamente então que Max mais gosta de mim, ou pelo menos é o que me parece, pois então tenho uma consciência bastante clara de meu escasso mérito. Não, ele realmente gosta mais de mim. Ele também quer incluir meu *Brescia* no livro. Tudo o que há de bom em mim resiste a isso. Ele queria que tivesse ido hoje com ele para Brunn. Tudo o que há de ruim e fraco em mim me deteve. Pois não posso acreditar que amanhã eu realmente vá escrever algo bom.

As moças firmemente envoltas por seus aventais de trabalho, em especial por trás. Uma delas na Löwy & Winterberg¹⁸⁹, hoje de manhã, em quem as abas do avental fechado apenas no traseiro não se separavam como de hábito, mas se sobrepunham, de modo que estava embrulhada como um bebê em suas fraldas. Impressão sensual, como também sempre recebi inconscientemente dos bebês de fraldas, tão apertados em suas fraldas e camas e amarrados com laços como que para a satisfação de um prazer.

Numa entrevista norte-americana sobre sua viagem pela Boêmia, Edison

disse que, em sua opinião, o desenvolvimento relativamente elevado da Boêmia (há ruas largas nos subúrbios, jardinzinhos diante das casas, ao viajar pelo país veem-se fábricas sendo construídas) repousa no fato de a emigração dos tchecos para a América ser tão grande e de os poucos que de lá retornam trazerem consigo novas aspirações.¹⁹⁰

Tão logo reconheço de alguma maneira que não faço caso de males cuja eliminação caberia realmente só a mim (por exemplo, a vida extremamente contente de minha irmã casada¹⁹¹, desoladora de meu ponto de vista), perco por um instante a sensibilidade dos músculos de meus braços.

Tentarei reunir pouco a pouco tudo o que há de indubitável em mim, depois o que merece confiança, em seguida tudo o que é possível etc. Indubitável em mim é a avidez por livros. Não propriamente de possuí-los ou lê-los, mas muito mais de vê-los, convencer-me de sua existência na vitrine de um livreiro. Se em algum lugar há vários exemplares do mesmo livro, alegro-me com cada um deles. É como se essa avidez viesse do estômago, como se fosse um apetite desencaminhado. Os livros que possuo me alegram menos; em compensação, os livros de minhas irmãs já me alegram mais. O desejo de possuí-los é incomparavelmente menor, quase inexistente.

12/11/11, domingo. Ontem, *conférence* de Richepin, “*La légende de Napoléon*” [A lenda de Napoleão], na Rudolphinum.¹⁹² Bastante vazia. Como que para testar os modos do conferencista, há um grande piano

colocado no caminho da portinha de entrada até a mesa de conferências. O conferencista entra, quer, com o olhar dirigido ao público, ir até sua mesa pelo caminho mais curto, por isso se aproxima demais do piano, espanta-se, recua e o contorna suavemente, sem olhar mais para o público. No entusiasmo do encerramento de sua fala e em meio aos grandes aplausos, ele naturalmente já esqueceu há muito do piano, visto que este não se fez ouvir durante a conferência; as mãos sobre o peito, ele quer dar as costas ao público o mais tarde possível, por isso dá alguns passos elegantes para o lado, naturalmente se choca um pouco contra o piano e precisa, na ponta dos pés, curvar um pouco as costas antes de chegar outra vez em terreno livre. Isso, pelo menos, foi o que Richepin fez. – Um cinquentão grande e forte, com cintura. O penteado rigidamente revoltado de Daudet, por exemplo, é apertado bem firme contra o crânio sem ser destruído. Como em todos os velhos meridionais que têm um nariz grosso e o correspondente rosto largo, enrugado, de cujas narinas pode sair um ar forte como se passasse por focinhos de cavalo, e diante dos quais se sabe exatamente que esse é o estado final de seu rosto, impossível de ultrapassar, mas que ainda durará muito tempo, seu rosto também me lembrou o de uma velha italiana por trás de uma barba que no entanto cresceu de maneira muito natural. – A cor cinza-clara, recém-pintada, do estrado da orquestra erguendo-se atrás dele desconcertava no início. O cabelo branco se colava, por assim dizer, a essa cor e não admitia nenhum contorno. Quando ele inclinava a cabeça para trás, a cor entrava em movimento, a cabeça dele quase afundava nela. Apenas por volta da metade da conferência, quando a atenção se concentrou totalmente, a perturbação cessou, em especial quando ele, ao recitar, levantou-se com o grande corpo vestido de preto e, com mãos arqueadas, conduziu os versos e afugentou a cor cinza. – No início, agiu de um modo

que chegou a ser constrangedor, tantas eram as reverências que fazia para todos os lados. No relato sobre um soldado napoleônico que ainda conhecera e que tivera cinquenta e sete ferimentos, ele observou que só um grande colorista como seu amigo Mucha¹⁹³, ali presente, conseguiria imitar a variedade de cores no torso daquele homem. – Notei que fico cada vez mais comovido por pessoas no alto de um tablado. Não pensava em minhas dores e preocupações. Eu estava espremido no canto esquerdo de minha poltrona, mas, na verdade, estava espremido na conferência, as mãos reunidas entre os joelhos. Senti um efeito de Richepin sobre mim como deve ter sentido Salomão quando levava mocinhas para a cama. Tive até uma ligeira visão de Napoleão, que, numa fantasia sistemática, também saía pela portinha de entrada, embora bem pudesse ter saído da madeira do estrado ou do órgão. Ele oprimia a sala inteira, que, nesses instantes, estava repleta. Por mais próximo que na verdade dele estivesse, jamais tive dúvida, ou teria na realidade, quanto a seu efeito. Talvez tivesse percebido cada traço ridículo de seu traje, como também em Richepin, mas essa percepção não me teria perturbado. Em compensação, como eu era frio quando criança! Desejava frequentemente ser confrontado com o imperador para mostrar-lhe sua falta de efeito. E isso não era coragem, apenas frieza. – Ele recitava poemas como se fossem discursos na câmara. Batia na mesa como espectador impotente de batalhas, com braços balouçantes e estendidos abria uma ruela para as tropas através da sala, só gritava *empereur* [imperador] com o braço levantado, convertido em estandarte, e, numa repetição desse grito, realmente lhe dava o eco de um exército gritando abaixo, na planície. Numa descrição de batalha, um pezinho bateu no chão em algum lugar, as pessoas procuraram com os olhos e viram que era seu pé, que se atrevera muito pouco. Mas isso não o atrapalhou. – Quando leu

“*Die Grenadiere*”¹⁹⁴, que reverenciava de modo especial, numa tradução de Gérard de Nerval, os aplausos foram os mais fracos. – Em sua juventude, o túmulo de Napoleão era aberto uma vez ao ano e o rosto embalsamado era mostrado aos inválidos, levados em cortejo diante dele, rosto que era mais uma visão de horror que de admiração, pois estava balofo e esverdeado; por isso, essa abertura do túmulo foi suspensa mais tarde. Mas Richepin ainda viu o rosto no braço de seu tio-avô, que servira na África e para quem o comandante mandara expressamente abrir o túmulo. – Ele anuncia e comenta bem antes um poema que pretende recitar (ele tem uma memória infalível, que, na verdade, sempre precisa existir em temperamentos fortes), sob essas palavras os versos futuros já produzem um pequeno terremoto; no primeiro poema, ele disse inclusive que iria apresentá-lo com todo o seu ardor. E assim foi. – Então, no último poema, um crescendo em que ele entra sorrateiramente nos versos (versos de Victor Hugo), levanta-se devagar, não se senta mais mesmo após recitá-los, apanha e conserva os grandes movimentos recitativos com a última força de sua prosa. Termina jurando que mesmo depois de mil anos cada partícula de seu cadáver, caso tenha consciência, estará pronta para seguir o chamado de Napoleão. – A língua francesa, ofegante com suas válvulas de escape sucedendo-se rapidamente, resistiu mesmo às mais simplórias improvisações, não se rompeu sequer quando ele falou com frequência dos poetas que embelezam a vida cotidiana, de sua fantasia (olhos fechados) como sendo a de um poeta, de suas alucinações (olhos arregalados, involuntariamente dirigidos para a lonjura) como sendo as de um poeta etc. Nisso ele também ocultava às vezes os olhos e os revelava lentamente afastando um dedo após o outro. – Ele serviu, seu tio serviu na África, seu avô serviu sob Napoleão, cantou inclusive dois versos de uma canção de guerra. – 13/11/11. E esse homem,

conforme fiquei sabendo hoje, tem 62 anos.

14/11/11, terça-feira. Ontem na casa de Max, que retornou de sua leitura pública em Brunn.

À tarde, ao adormecer. Como se a rígida abóbada craniana, que envolve o crânio indolor, tivesse se retraído mais profundamente ao interior e deixado uma parte do cérebro de fora, no livre jogo das luzes e músculos.

Despertar numa fria manhã de outono com luz amarelada. Atravessar a janela quase fechada e, ainda diante das vidraças, antes de cair, pairar, os braços abertos, com a barriga arqueada e as pernas dobradas para trás, como as figuras de proa dos navios de tempos antigos.

Antes de adormecer. Parece tão duro ser solteiro, implorar por aceitação quando se é velho e, mal conservando a dignidade, se quer passar uma noite com pessoas, levar sua comida para casa numa só mão, não poder esperar ninguém preguiçosamente com confiança serena, apenas presentear alguém com esforço ou irritação, despedir-se diante do portão do prédio, nunca poder se precipitar escada acima com sua mulher, estar doente e ter apenas o consolo da vista de sua janela quando se consegue ficar sentado, ter em seu quarto apenas portas laterais que levam a apartamentos desconhecidos, sentir a estranheza dos próprios parentes, de quem só se pode permanecer amigo pelo expediente do casamento, primeiro pelo casamento de seus pais, e então, quando o efeito deste se dissipa, pelo seu próprio casamento, ter de admirar filhos alheios e não poder repetir sem cessar: eu não tenho filhos, e, visto que família alguma cresce com a pessoa, ter uma sensação imutável da

idade, imitar na aparência e no comportamento um ou dois solteiros de suas lembranças de juventude. Tudo isso é verdadeiro, só que aí se comete facilmente o erro de espalhar de tal maneira diante de si os sofrimentos futuros que o olhar precisa ir muito além deles e não retorna mais, enquanto na realidade, afinal, a própria pessoa estará aí parada hoje e mais tarde, com um corpo real e uma cabeça real, ou seja, também com uma testa para nela bater com a mão.¹⁹⁵

Tentar agora um esboço de introdução para *Richard und Samuel*.¹⁹⁶

15/11/11. Ontem à noite, já com um pressentimento, puxei o cobertor da cama, deitei-me e tornei-me outra vez consciente de todas as minhas capacidades, como se as segurasse na mão; elas apertavam meu peito, inflamavam-me a cabeça, repeti por um momento para me consolar sobre o fato de não me levantar para trabalhar: isso não pode ser saudável, isso não pode ser saudável, e quis puxar o sono sobre minha cabeça com intenção quase visível. Pensava sempre num boné com viseira que, para me proteger, pressionava contra minha testa com mão forte. Quanto perdi ontem, como o sangue se apertava na cabeça estreita, capaz de tudo, e só retida por forças imprescindíveis para meu mero viver e que são aqui desperdiçadas.

Certo é que tudo o que inventei de antemão, mesmo com um bom sentimento, palavra por palavra, ou inclusive apenas de passagem, mas com palavras expressas, parece na escrivadinha, na tentativa de escrevê-lo, seco, às avessas, imóvel, adverso a todo o ambiente, medroso, mas sobretudo

lacunar, embora nada tenha sido esquecido da invenção original. Naturalmente, isso se deve em grande parte ao fato de, livre de papel, só inventar coisas boas no momento da exaltação, que mais temo do que anseio, por mais que o anseie, mas então a abundância é tão grande que tenho de renunciar, que, às cegas, portanto, pegue apenas ao acaso, da corrente, aos punhados, de modo que essa aquisição, na escrita ponderada, não é nada comparada com a abundância na qual ela vivia, é incapaz de trazer para cá essa abundância e, por isso, é ruim e perturbadora, pois atrai inutilmente.

16/11/11. Hoje ao meio-dia, antes de adormecer – mas não adormeci de modo algum –, jazia sobre mim o tronco de uma mulher de cera. Seu rosto estava inclinado sobre o meu, seu antebraço esquerdo pressionava meu peito.

Três noites sem dormir; à menor tentativa de fazer alguma coisa, logo no fim de minha força.

De um velho caderno de notas: “Agora à noite, depois de ter estudado desde as seis horas da manhã, notei como minha mão esquerda, já fazia algum tempo, envolvia por compaixão os dedos da direita”.¹⁹⁷

18/11/11. Ontem na fábrica.¹⁹⁸ Voltei de bonde, sentei-me num canto com as pernas estendidas, vi pessoas lá fora, lâmpadas acesas nas lojas, os muros dos viadutos que atravessávamos, costas e rostos repetidamente, uma estrada que se derivava da rua comercial do subúrbio e nada tinha de

humano senão pessoas indo para casa, as luzes elétricas cortantes, marcadas a fogo na escuridão, do pátio da estação ferroviária, chaminés baixas de uma fábrica de gás estreitando-se consideravelmente até a ponta, um cartaz da apresentação em turnê de uma cantora, De Treville¹⁹⁹, que tateia pelas paredes até uma ruela nas adjacências dos cemitérios, de onde voltou comigo, do frio dos campos, até o calor doméstico da cidade. Aceitamos cidades estranhas como um fato, seus moradores vivem nelas sem decifrar nosso modo de vida, assim como não podemos decifrar o seu, precisamos comparar, não podemos evitá-lo, mas bem sabemos que isso não tem qualquer valor moral e nem sequer psicológico, por fim também podemos renunciar muitas vezes à comparação, visto que a diferença grande demais nas condições de vida nos dispensa disso. No entanto, é verdade que os subúrbios de nossa cidade natal também nos são estranhos, mas aí comparações têm valor, um passeio de meia hora pode nos mostrá-lo repetidamente; aí, em parte no interior de nossa cidade, em parte na margem pobre, escura, sulcada como um grande desfiladeiro, as pessoas vivem, embora todas tenham um círculo tão grande de interesses comuns, como nenhum outro grupo de pessoas fora da cidade. Por isso, sempre entro no subúrbio com um sentimento misto de medo, de abandono, de compaixão, de curiosidade, de orgulho, de alegria de viajar e de masculinidade, retornando com bem-estar, seriedade e calma; especialmente de Žižkov.

19/11/11, domingo

Sonho: no teatro. Representação de *Das weite Land* [O vasto país], de Schnitzler, em adaptação de Utitz.²⁰⁰ Estou sentado bem à frente num banco, acredito estar sentado no primeiro, até que finalmente se verifica que

é o segundo. O encosto do banco está voltado para o palco, de maneira que se pode ver comodamente a plateia, mas o palco apenas depois de um giro. O autor está em algum lugar nas proximidades, não consigo conter meu juízo negativo sobre a peça, que evidentemente já conheço, mas acrescento, em compensação, que o terceiro ato deve ser engraçado. Com esse “deve” quero dizer que eu, quando se fala das partes boas, não conheço a peça e preciso me apoiar no que ouvi dizerem; por isso repito mais uma vez essa observação, não só para mim, porém sem receber atenção dos outros. Em volta de mim há uma grande aglomeração, todos parecem ter vindo com suas roupas de inverno e por isso preenchem os lugares exageradamente. Pessoas a meu lado e atrás de mim, que não vejo, dirigem-me suas arengas, mostram-me recém-chegados, mencionam os nomes, chamam minha atenção de modo particular para um casal que se espreme entre uma fileira de poltronas, pois a mulher tem um rosto amarelo-escuro, masculino, narigudo e, além disso, até onde se pode ver na aglomeração de onde sobressai sua cabeça, usa roupas masculinas; ao meu lado, curiosamente livre, está o ator Löwy, porém muito diferente do real, fazendo discursos agitados nos quais se repete a palavra *principium*; espero constantemente a expressão *tertium comparationis*²⁰¹, ela não surge. Num camarote do segundo balcão, na verdade apenas num canto da galeria, à direita a partir do palco, que ali se junta aos camarotes, está parado um terceiro filho qualquer da família Kisch²⁰², por trás de sua mãe, que está sentada, e fala para o teatro, vestindo um belo casaco imperial cujas abas estão abertas. As falas de Löwy têm uma relação com essa fala. Entre outras coisas, Kisch aponta para um lugar bem no alto da cortina e diz que lá está o Kisch alemão, referindo-se a meu colega de escola que estudou germanística. Quando a cortina se abre, o teatro começa a escurecer e Kisch desapareceria

de um modo ou de outro, ele vai, para tornar isso mais claro, para o alto da galeria e então sai, mais uma vez todos os braços, casacos e pernas muito abertos. O palco é um pouco mais baixo do que a plateia, as pessoas olham para baixo, o queixo no encosto. O cenário consiste principalmente de duas colunas grossas e baixas no meio do palco. Representa-se um banquete, no qual tomam parte moças e rapazes. Vejo pouco, pois ainda que no começo da peça muitas pessoas fossem embora, justamente dos primeiros bancos, ao que parece para trás do palco, as moças restantes encobrem a vista com grandes chapéus achatados, na maioria azuis, que se movem para cá e para lá ao longo de todo o comprimento do banco. No entanto, vejo no palco de modo especialmente claro um menino de dez a quinze anos. Ele tem cabelo seco, dividido, cortado reto. Não sabe sequer colocar o guardanapo corretamente sobre as coxas, precisa olhar atentamente para baixo com esse fim e, segundo dizem, representa um *bon vivant* nessa peça. Devido a essa observação, não tenho mais grande confiança nesse teatro. O grupo no palco aguarda agora diversos recém-chegados que descem das primeiras fileiras da plateia ao palco. Mas a peça tampouco foi bem ensaiada. Assim, acaba de chegar uma atriz chamada Hackelberg, e um ator, reclinado em sua poltrona, aborda-a mundanamente com “Hackel...”, então percebe o erro e se corrige. Em seguida chega uma moça que conheço (seu nome é Frankel, acho eu), passa sobre o encosto justamente no meu lugar, suas costas estão inteiramente nuas ao fazê-lo, a pele não está muito limpa, acima do quadril direito há inclusive uma parte arranhada, arroxeadada, do tamanho de uma maçaneta. Mas, quando se volta sobre o palco e fica ali parada de rosto limpo, ela atua muito bem. Agora um cavaleiro cantante deve se aproximar a galope de longe, um piano simula o bater dos cascos, ouve-se o canto tempestuoso que se aproxima, por fim também vejo o

cantor, que, para dar ao canto o crescendo natural de quem se aproxima às pressas, corre no alto ao longo da galeria até o palco. Mas ele ainda não chegou ao palco e nem ao fim da canção, e, no entanto, já ofereceu o máximo de pressa e de canto gritado, o piano também já não pode imitar de modo mais claro os cascos batendo nas pedras. Por isso ambos desistem, e o cantor se aproxima com uma canção serena, só que se apequena tanto que apenas sua cabeça sobressai acima da balaustrada da galeria, de modo que não o vemos tão nitidamente. Com isso termina o primeiro ato, mas a cortina não desce, o teatro também permanece às escuras. No palco há dois críticos sentados no chão escrevendo com as costas apoiadas no cenário. Um dramaturgo ou diretor de cavanhaque loiro salta para o palco, ainda em pleno ar estende uma das mãos para dar uma ordem; na outra mão leva um cacho de uvas, que antes estava num prato de frutas do banquete, e vai comendo-o. Outra vez voltado para a plateia, vejo que está iluminada por simples lanternas de petróleo, que, como nas ruas, estão colocadas sobre simples candelabros, e agora, naturalmente, ardem apenas de modo bem fraco. De repente, a causa pode ser o petróleo impuro ou um ponto estragado do pavio, a luz jorra de uma dessas lanternas e faíscas descem em largas rajadas sobre os espectadores, que são impossíveis de desenredar ao olhar e formam uma massa negra como terra. Então um senhor se ergue dessa massa, como que anda sobre ela aproximando-se da lanterna, quer evidentemente colocar a coisa em ordem, mas primeiro ergue o olhar para a lanterna, fica por um momento parado dessa maneira a seu lado e, como nada acontece, volta calmamente ao seu lugar, no qual afunda. (Confundo-me com ele e abaixo a cabeça no negrume.)

Eu e Max devemos mesmo ser fundamentalmente diferentes. Por mais que admire seus escritos quando estão diante de mim como um todo inacessível à minha intervenção e à de qualquer outro, como hoje mesmo uma série de pequenas resenhas literárias, cada frase que ele escreve para *Richard und Samuel* está ligada a uma concessão relutante de minha parte que sinto dolorosamente até minhas profundezas. Pelo menos hoje.

Hoje à noite estive outra vez cheio de capacidade medrosamente contida.

20/11/11. Sonho com um quadro, supostamente de Ingres. *As moças no bosque em mil espelhos*, ou, na verdade: *As virgens* etc.²⁰³ Num agrupamento parecido e aereamente traçado como nas cortinas dos teatros, havia à direita do quadro um grupo mais compacto, à esquerda elas estavam sentadas ou deitadas sobre um imenso galho ou fita voadora ou pairando por força própria numa cadeia que se elevava lentamente em direção ao céu. E agora elas não se refletiam apenas na direção do espectador, mas também para longe dele, tornaram-se mais indistintas e variadas, o que o olho perdeu em detalhes ganhou em abundância. À frente, porém, havia uma moça nua não influenciada pelos reflexos, apoiada numa perna só, com o quadril saliente. Aqui cabia admirar a arte de desenhar de Ingres, apenas achei, na verdade com satisfação, que nessa moça sobrara nudez real demais, também para o tato. De uma parte encoberta por ela, emanava um lampejo de luz amarela e pálida.

Certa é minha relutância a antíteses. É verdade que elas vêm de modo

inesperado, mas não surpreendem, pois sempre estiveram disponíveis, bem próximas; quando foram inconscientes, só o foram em sua orla mais externa. É verdade que geram solidez, plenitude, completude, mas apenas como uma figura na roda da vida²⁰⁴; perseguimos em círculo nossa pequena ideia. Por mais diferentes que possam ser, elas carecem de nuances, crescem sob nossa mão como que inchadas pela água, com a perspectiva inicial do ilimitado e com um tamanho por fim mediano, sempre igual. Elas se enrolam, não podem ser estendidas, não oferecem nenhum ponto de apoio, são buracos na madeira, são uma corrida estagnada, atraem, como mostrei, antíteses sobre si. Quem dera atraíssem todas sobre si e para sempre.

Para o drama²⁰⁵: a maneira como certa vez à noite o professor de inglês Weiss²⁰⁶, com os ombros eretos, as mãos firmemente nos bolsos, com o sobretudo amarelado distendido em pregas, passa correndo na Wenzelsplatz sobre o leito da rua com passos enérgicos, rente ao bonde ainda parado mas que já toca sua campainha. Afastando-se de nós.

E. Anna!

A. (erguendo o olhar) Sim?

E. Vem cá.

A. (passos largos e tranquilos) Que queres?

E. Queria te dizer que já faz algum tempo que estou insatisfeito contigo.

A. Ora!

E. Assim é.

A. Então precisas simplesmente me demitir, Emil.

E. Tão rápido? E nem perguntas o motivo?

A. Sei qual é.

E. É?

A. Não gostas da comida.

E. (levanta-se rapidamente, falando em voz alta) Estás sabendo que Karl parte esta noite ou não sabes?

A. (interiormente imperturbável) Sei sim, infelizmente ele parte, não precisarias me chamar por isso.

21/11/11. Minha antiga babá²⁰⁷, de rosto amarelo-escuro, com a borda angulosa do nariz e uma verruga, da qual eu tanto gostava na época, em algum lugar na bochecha, esteve hoje em nossa casa pela segunda vez em pouco tempo para me ver. Da primeira vez eu não estava em casa, desta vez eu queria ser deixado em paz e dormir, mandando dizer que não estava. Por que ela me educou tão mal, afinal eu era obediente, ela mesma o diz agora no vestíbulo à cozinheira e à empregada²⁰⁸, eu era de índole calma e era comportado. Por que ela não aproveitou isso em meu favor e me preparou um futuro melhor. Ela é casada ou viúva, tem filhos, tem uma linguagem vivaz que não me deixa dormir, pensa que sou um senhor alto e saudável na bela idade de 28 anos, que gosto de recordar minha juventude e realmente sei o que fazer de mim. Mas agora estou aqui deitado no canapé, jogado para fora do mundo com um pontapé, presto atenção no sono que não quer vir e, se vier, só me roçará, minhas articulações estão doloridas de cansaço, meu corpo magro sucumbe tremendo em meio a aflições das quais não pode se tornar claramente consciente, na cabeça há um palpitar espantoso. E aí

estão as três mulheres diante da minha porta, uma me elogia tal como fui, duas, tal como sou. A cozinheira diz que irei para o céu logo, isto é, sem qualquer rodeio. Assim será.

Löwy: um rabino conhecedor do Talmude tinha o princípio, muito do agrado de Deus nesse caso, de não aceitar nada de ninguém, nem sequer um copo d'água. Porém, aconteceu que o maior rabino de sua época quisesse conhecê-lo e, assim, o convidasse para uma ceia. Não era possível recusar o convite de tal homem. Por isso, o primeiro rabino se pôs, triste, a caminho. Mas porque seu princípio era tão forte, uma montanha se interpôs entre os dois rabinos.

Anna (sentada à mesa, lê o jornal)

Karl (caminha pela sala, tão logo chega à janela fica parado e olha para fora, chegando a abrir, em dado momento, a janela interior)

Anna. Por favor, deixe a janela fechada, está frio.

Karl (fecha a janela). Nossas preocupações são simplesmente diferentes.

22/11/11

Anna. Adotaste um novo costume, Emil, um costume bem repulsivo. Consegues tomar qualquer ninharia como ponto de partida e, com sua ajuda, encontrar em mim uma qualidade ruim.

Karl (esfregando os dedos). Pois não tens consideração, pois és absolutamente incompreensível.

É certo que um obstáculo capital ao meu progresso é constituído pelo

meu estado físico. Com um corpo desses não se consegue nada. Terei de me acostumar à sua falência constante. Devido às últimas noites, em que sonhei de modo selvagem mas nas quais mal dormi alguns momentos, estive sobremaneira desconjuntado esta manhã, não sentia nada senão minha testa, via um estado passavelmente suportável apenas muito além do atual e de bom grado teria me enrolado, de pura disposição à morte, com os arquivos na mão, sobre as placas de cimento do corredor. Meu corpo é longo demais para sua fraqueza, não tem a mínima gordura para produzir um calor propício, para conservar o fogo interno, nenhuma gordura da qual o espírito, ultrapassando sua necessidade diária, pudesse se nutrir sem prejuízo do todo. Como é que esse coração fraco, no qual senti várias pontadas nos últimos tempos, conseguiria impelir o sangue por todo o comprimento dessas pernas? Até o joelho já seria trabalho suficiente, mas é só com força senil que ele irriga as panturrilhas frias. Mas então ele já volta a ser necessário em cima, espera-se por ele enquanto ele se dispersa embaixo. Devido ao comprimento do corpo, tudo é expandido. O que ele poderá realizar, já que mesmo que fosse comprimido talvez tivesse muito pouca força para aquilo que quero alcançar?

De uma carta de Löwy ao seu pai: se eu for a Varsóvia, andarei entre vocês com minhas roupas europeias como “uma aranha diante dos olhos, como um enlutado entre noivos”.

Löwy fala sobre um amigo casado que mora em Postin, uma pequena cidade nas proximidades de Varsóvia, e que se sente solitário e, por isso,

infeliz com seus interesses progressistas. “Postin é uma cidade grande?” “Deste tamanho”, ele me mostra a palma de sua mão. Ela está coberta por uma luva áspera amarelo-castanha e representa uma região deserta.

23/11/11. No dia 21, centenário da morte de Kleist²⁰⁹, a família Kleist mandou colocar uma coroa em seu túmulo com a inscrição: “Ao melhor de sua estirpe”

De que estados me torno dependente em razão de meu modo de vida! Esta noite dormi um pouco melhor que na última semana, hoje à tarde até bastante bem, tenho até aquela sonolência que se segue a um sono medianamente bom, razão pela qual receio não conseguir escrever tão bem, sinto como algumas capacidades se retraem mais profundamente em meu interior e estou preparado para todas as surpresas, isto é, já as vejo.

24/11/11. *Schhite* (aquele que aprende a arte do abatedor²¹⁰). Peça de Gordyn.²¹¹ Nela, citações do Talmude. Por exemplo: se um grande erudito comete um pecado ao anoitecer ou durante a noite, não se deve mais repreendê-lo por isso pela manhã, pois, em sua erudição, ele próprio certamente já se arrependeu dele; se alguém roubar um boi, deverá devolver dois, se abater o boi roubado, deverá devolver quatro, mas se abater um novilho roubado, deverá devolver apenas três, pois se supõe que foi preciso carregar o novilho, ou seja, fazer um trabalho pesado. Essa suposição determina a punição mesmo quando se levou o novilho comodamente.

Honradez dos maus pensamentos. Ontem à noite me senti especialmente

miserável. Meu estômago estava arruinado outra vez, escrevera com dificuldade, ouvira a leitura de Löwy no café (que de início estava silencioso e tivera de ser poupado por nós, mas então se animou e não nos deixou em paz) com esforço, não me parecera valer a pena adentrar meu triste futuro imediato e, desamparado, caminhei pela Ferdinandstrasse. Na embocadura da Bergstein²¹² vieram-me novamente os pensamentos no futuro mais distante. Como queria suportá-lo com esse corpo tirado de um quarto de tralhas? No Talmude também consta: um homem sem mulher não é gente. Diante de tais pensamentos, não me restou nessa noite outro auxílio senão dizer-me: “Agora vocês vêm, maus pensamentos, agora porque estou fraco e com o estômago arruinado. Justo agora vocês querem ser pensados de ponta a ponta. Vocês só têm em vista o que lhes faz bem. Tenham vergonha. Venham em outra ocasião, quando eu estiver mais forte. Não explorem meu estado dessa maneira”. E, de fato, sem esperar outras provas, eles recuaram, dispersaram-se devagar e não me perturbaram mais durante o resto de meu passeio, que, naturalmente, não foi demasiado feliz. Mas, ao que parece, eles esqueceram que, se quiserem respeitar todos os meus maus estados, raramente chegará sua vez.

Devido ao cheiro de gasolina de um automóvel que vinha do teatro, passei a prestar atenção à maneira visível como uma bela vida doméstica (e, por mais que seja iluminada apenas por uma vela, isso está bom antes de ir dormir) aguarda os frequentadores de teatro que vêm em minha direção, os quais, com os últimos gestos, arrumam seus sobretudos e binóculos pendentes, mas como também parecem ter sido mandados do teatro para casa, como personagens secundários diante de quem a cortina desceu pela

última vez e por trás de quem se abriram as portas pelas quais entraram orgulhosamente antes do início ou durante o primeiro ato por causa de alguma preocupação ridícula qualquer.

146. Na verdade, Jakob Gordin (1853-1909). A peça é uma elaboração do motivo de Fausto. Os autores mencionados em seguida são Joseph Latteiner, Abraham Michael Scharkansky e Sigmund Feimann.

147. Ver no parágrafo anterior a barra após “o espectador não verá nada”.

148. O jogo de cartas era um hábito de todas as noites na casa dos Kafka.

149. George Bernard Shaw (1856-1950): escritor irlandês. A observação provém do prefácio autobiográfico ao segundo romance de Shaw, *The Irrational Knot* [O laço irracional], de 1905, publicado em alemão em 1908.

150. Refere-se à encenação da peça *Der wilde Mensch* [O homem selvagem], em 24 de outubro de 1911.

151. Artigo publicado em 21 de setembro de 1911.

152. Na viagem de agosto/setembro de 1911, Kafka e Brod fizeram uma escala em Zurique, mas suas anotações não fazem referência ao Exército da Salvação.

153. O café Savoy, em que a trupe de Jizchak Löwy representava peças do teatro iídiche.

154. *Mitjuden*, literalmente “cojudeus”, termo que acentua o pertencimento ao grupo étnico em detrimento da individualidade.

155. O nome da ponte é uma homenagem ao poeta tcheco Svatopluk Čech (1846-1908).

156. Relato de Jizchak Löwy sobre os tanaítas, estudiosos dos séculos I a III cujas doutrinas formam a Mixná, a parte mais importante do Talmude, livro fundamental da religião judaica que contém explicações dos textos jurídicos do Pentateuco. Entre tais estudiosos estavam Akiba ben Josef (cofundador do judaísmo talmúdico), Elisa ben Abuja, Meir (discípulo dos dois anteriores) e Elieser ben Hyrkanos, banido por heterodoxia.

157. Elsa Taussig (1883-1942), futura esposa de Max Brod e com quem este escreveu a novela *Weiberwirtschaft* [Coisas de mulher].

158. Revista semanal, publicada desde fevereiro de 1911, para a qual contribuíam vários amigos e conhecidos de Kafka.

159. Romance do escritor alemão Wilhelm Schäfer (1868-1952), publicado em 1909.

160. Iídiche: “cabeça-quente doido”.

161. Em relação a esse episódio, Kafka escreveria na *Carta ao pai* (1919): “Bastava eu ter um pouco de interesse por uma pessoa – o que, afinal, não acontecia com frequência em razão de minha natureza – para já intervires, sem qualquer consideração pelo meu sentimento e sem respeito pelo meu juízo, com xingamento, calúnia e humilhação. Pessoas inocentes e ingênuas, como por exemplo o ator iídiche Löwy, tiveram de pagar por isso”.

162. Heinrich Graetz, *Geschichte der Juden. Von den ältesten Zeiten bis auf die Gegenwart* [História dos judeus: dos tempos mais antigos até o presente]. Leipzig: Leiner, 1873, vol. 1.

163. A “imitadora de senhores” (ver p. 62). De início, a trupe planejava fazer uma interrupção dos espetáculos no café Savoy de 31 de outubro a 15 de novembro de 1911. O casal Klug partiu no dia 31 de outubro, mas o resto do grupo ainda fez outras apresentações em Praga antes de partir em excursão no dia 6 de novembro.

164. Conforme Sebastian Hensel (*Die Familie Mendelssohn*. 12 ed. Berlin: Behr, 1904, p. 110), a frase teria sido dita por Fromet Mendelssohn, mulher de Moses Mendelssohn (1729-1786), ao se irritar certa vez com o filho, Abraham, que cantava sem parar o coro da música incidental que Johann Abraham Peter Schulz (1747-1800) compôs em 1785 para a encenação da peça *Athalie*, do dramaturgo francês Jean Racine (1639-1699), e na qual aparecia a expressão *tout l'univers*, “todo o universo”.

165. O dono do café Savoy chamava-se Josef Herrmann.

166. Karl Hermann, marido de Gabriele (Elli), a irmã mais velha de Kafka.

167. Ver nota 125.

168. Festa judaica que comemora a fuga dos hebreus do Egito.

169. Tipo de pão produzido sem fermento.

170. Nos dias 3, 4 e 5 de novembro, a trupe iídiche apresentou (sem o casal Klug) a peça *Bar-Kochba*, de Abraham Goldfaden.

171. Fragmento publicado, com algumas alterações, sob o título “*Grosser Lärm*” [Grande barulho] na revista *Herder-Blätter*, vol. 1, n. 4/5, out. 1912, p. 44.

172. Trata-se da elaboração literária de um acidente de trânsito, que Kafka e Brod observaram em Paris, envolvendo um automóvel e um triciclo conduzido por um ajudante de padaria. Ver Kafka, *Diários de viagem*, viagem de agosto/setembro de 1911, último fragmento.

173. “O ajudante de padaria (...) desce, encontra o automobilista, que também desce, e lhe faz reprimendas, abafadas pelo respeito por um proprietário de automóvel e incitadas pelo medo de seu chefe.”

174. Václav Pokorný, engenheiro da Agência de Seguros contra Acidentes de Trabalho, onde era responsável por tarefas de inspeção e peritagem.

175. O artigo de Brod “*Eine Jargonbühne in Prag*” [Um palco iídiche em Praga] fora publicado em 27 de outubro de 1911, uma semana antes da encenação, no jornal *Prager Tagblatt*.

176. Hugo Bergmann (1883-1975), amigo de juventude de Kafka e ex-colega de escola, era um dos líderes da associação sionista Bar-Kochba. “Bar Kochba” (“filho das estrelas”, em hebraico) era o cognome de Simon bar Koseba, líder da última rebelião judaica contra os romanos na Palestina (132-135).

177. Nome alemão de Brno, a então capital do margraviato da Morávia, parte do Império Austro-Húngaro que hoje pertence ao território da República Tcheca.

178. Ver nota 69.

179. Peça de Edmond de Goncourt que Kafka assistiu no Théâtre de l’Odéon, em 15 de outubro de 1910.

180. Iídiche: “sustento”.

181. Josef Poláček (1874-1943), enteado de um tio de Kafka, Filip Kafka (1846-1914), era um membro ativo da comunidade judaica de Teplitz, estância termal no noroeste da Boêmia.

182. Praça da parte velha de Praga em cujo nº 2 a família Kafka morou de junho de 1889 a setembro de 1896 e onde também fica a maior parte das edificações que aparecem no sonho: o palácio Kinsky, que abrigou uma escola frequentada por Kafka, a Câmara Municipal com seu relógio astronômico, bem como duas igrejas, a Teinkirche e a Niklaskirche com sua fonte. No meio da praça ficava a Mariensäule, o “ pilar de Maria”, substituído pelo monumento a Hus, inaugurado em 1915. A antiga fonte diante da Câmara Municipal, que Kafka devia conhecer de gravuras, fora demolida nos anos 60 do século XIX.

183. Rua de Praga em cujo nº 36 a família Kafka morou a partir de junho de 1907.

184. Outra praça de Praga, não muito distante do Altstädter Ring e bem menor que este.

185. Jan Hus (1369-1415): reformador tcheco, precursor do luteranismo, queimado na fogueira como herege por difundir as doutrinas do teólogo inglês John Wycliff (1320-1384), que se opunha ao papado, à venda de indulgências e à adoração de imagens.

186. Rua de Praga.

187. Do ensaio de Friedrich Schiller “*Über den Zusammenhang der tierischen Natur des Menschen mit seiner geistigen*” [Sobre a relação da natureza animal do homem com sua natureza espiritual]: “Se o afeto transformado em habilidade se torna caráter duradouro, então esses traços consensuais da máquina também são gravados mais profundamente; eles ficam, se estou autorizado a emprestar a palavra do patologista, deuteropaticamente para trás e por fim se tornam orgânicos”. “Deuteropatia” é qualquer doença secundária a outra.

188. O livro de Max Brod *Über die Schönheit hässlicher Bilder. Ein Vademecum für Romantiker*

[Sobre a beleza das imagens feias: um vade-mécum para românticos] foi publicado em maio de 1913 pela editora Kurt Wolff, de Leipzig. Brod pretendia incluir nele também um texto de Kafka, “*Die Aeroplane in Brescia*” [Os aeroplanos em Bréscia], que acabou sendo cortado pelo editor.

189. Madeireira; ver nota 86.

190. A entrevista do inventor norte-americano Thomas Alva Edison ao correspondente nova-iorquino do jornal vienense *Neues Wiener Tagblatt* foi reproduzida pelo periódico praguense *Prager Tagblatt* em 5 de novembro de 1911.

191. Gabriele (Elli), a irmã mais velha de Kafka.

192. Künstlerhaus Rudolphinum (Casa de artistas Rudolphinum). Jean Richepin (1849-1926): poeta francês.

193. Alfons Maria Mucha (1860-1939), pintor, ilustrador e artesão nascido em Eibenschütz, na Morávia.

194. “Os granadeiros”, poema de Heinrich Heine (1797-1856) incluído no *Buch der Lieder* [Livro das canções]. Foi traduzido ao francês [*Les deux Grenadiers*], na verdade, por Edouard Grenier.

195. Fragmento incluído no primeiro livro de Kafka, *Betrachtung* [Contemplação], de 1912, sob o título “*Das Unglück des Junggesellen*” [A infelicidade do solteiro].

196. Ver nota 143.

197. Conforme Max Brod, refere-se aos estudos preparatórios para as provas aplicadas pelo Estado aos estudantes de direito ao concluírem o curso universitário.

198. A Fábrica Praguense de Asbesto Hermann & Cia., localizada no subúrbio praguense de Žižkov; ver nota 69.

199. A cantora francesa Yvonne de Tréville apresentou-se em Praga em novembro de 1910 e fevereiro de 1911.

200. Arthur Schnitzler (1862-1931): escritor austríaco, afim a Sigmund Freud em seu interesse pelo inconsciente. A tragicomédia *Das weite Land* foi encenada em Praga nos dias 30 de outubro e 18 de novembro de 1911. Emil Utitz (1883-1956): professor de filosofia, foi colega de escola de Kafka.

201. O terceiro da comparação, isto é, o elemento comum entre dois assuntos ou objetos diferentes.

202. Essa família praguense tinha cinco filhos; o mais velho, Paul (1883-1944), que era chamado de “Kisch alemão” devido às cores do grupo estudantil de que fazia parte e às suas simpatias pela Alemanha, havia sido colega de Kafka na escola.

203. Trata-se, provavelmente, do quadro *L'Age d'or* [A idade do ouro], do pintor francês Jean-A.-D. Ingres (1780-1867).

204. Cilindro giratório com figuras desenhadas em sua superfície interna que, observadas por uma

fenda, transmitem a impressão de movimento. Também chamado “estroboscópio”, foi um precursor do cinema.

205. Kafka pretendia escrever uma peça de teatro; o fragmento de diálogo que segue e o da página 219 seriam parte dela.

206. Emil Weis, amigo e parente distante de Max Brod.

207. Visto que Kafka teve várias babás, a falta de maiores informações não permite identificar de quem se trata.

208. Marie Werner, que trabalhou muitos anos para a família Kafka.

209. O escritor alemão Heinrich von Kleist (1777-1811) suicidou-se em Berlim às margens do lago Wannsee.

210. Isto é, a arte de abater animais segundo o rito judaico.

211. Jakob Gordin (1853-1909), que Kafka também já chamou anteriormente de “Gordon”.

212. Rua transversal à Ferdinandstrasse, um dos bulevares de Praga.

QUARTO CADERNO

28/11/11. Não escrevi nada durante três dias.

25/11/11. Passei a tarde inteira no café City convencendo Miška a assinar uma declaração de que era apenas vendedor em nossa loja, ou seja, de que não era sujeito ao seguro compulsório e que meu pai não era obrigado a arcar com o alto pagamento suplementar de seu seguro. Ele me promete fazê-lo, eu falo um tcheco fluente, sobretudo me desculpo de modo elegante pelos meus erros, ele promete mandar a declaração para a loja na segunda, sinto-me, se não benquisto por ele, pelo menos respeitado, mas na segunda ele não manda nada, também não está mais em Praga, mas viajou.

À noite, abatido, na casa de Baum, sem Max.

Assisti à leitura de *Die Hässlichen* [As feias]²¹³, uma história ainda desordenada demais, o primeiro capítulo é mais o depósito de uma história.

26/11/11, domingo. *Richard und Samuel* com Max pela manhã e à tarde até as cinco. Em seguida, ao encontro de A. M. Pachinger.²¹⁴ Colecionador de Linz, recomendado por Kubin²¹⁵, cinquenta anos, enorme, movimentos que lembram uma torre, quando se cala por um tempo mais longo, curvamos a cabeça, visto que se cala inteiramente, enquanto ao falar ele não fala inteiramente; sua vida consiste em colecionar e copular. Colecionar: ele começou com uma coleção de selos, então passou às estampas, em seguida colecionou de tudo e depois reconheceu a inutilidade dessa coleção que jamais se completa e limitou-se a amuletos, mais tarde a medalhas e folhetos de peregrinação da Baixa Áustria e do sul da Baviera. Essas medalhas e folhetos são produzidos especialmente para cada peregrinação, na maioria das vezes não têm valor quanto ao material e tampouco em termos artísticos, mas com frequência contêm representações

agradáveis. Além disso, ele também começou a publicar com assiduidade e, para ser mais exato, foi o primeiro a publicar sobre esse assunto, para cuja sistematização estabeleceu primeiramente os pontos de vista. É claro que aqueles que colecionavam essas coisas até então e tinham deixado de publicar ficaram indignados, mas por fim tiveram de se resignar com isso. Agora ele é um reconhecido especialista nessas medalhas de peregrinação, de todos os lugares chegam pedidos de classificação e avaliação dessas medalhas, sua voz conta. De resto, ele ainda coleciona todo tipo de coisa, seu orgulho é um cinto de castidade (escapulário?), que, como todos os seus amuletos, também fora exibido na exposição da higiene, em Dresden. (Ele estivera lá recentemente e mandara embalar tudo para o transporte.) Em seguida, uma bela espada de cavaleiro dos Falkenstein.²¹⁶ Ele se comporta em relação à arte com uma clareza precária, atingível apenas pelo colecionar. Do café do hotel Graf ele nos leva a seu quarto superaquecido, senta-se na cama, nós nos sentamos em duas cadeiras em volta dele, de modo que formamos uma tranquila reunião. Sua primeira pergunta: “Os senhores são colecionadores?”. “Não, apenas pobres amadores.” “Isso não é problema.” Ele puxa sua carteira e literalmente joga ex-libris em cima de nós, próprios e alheios, misturados com um prospecto de seu próximo livro, *Zauberei und Aberglaube im Steinreich* [Magia e superstição no reino mineral].²¹⁷ Ele já escreveu muito, especialmente sobre a maternidade na arte²¹⁸; ele considera o corpo grávido como o mais belo, também lhe é o mais agradável para trepar. Também escreveu sobre amuletos. Também já teve um posto nos museus da corte de Viena, dirigiu escavações em Braila, na foz do Danúbio, inventou um procedimento, que recebeu seu nome, para colar vasos retirados de escavações, é membro de treze sociedades científicas e museus, sua coleção foi legada ao Germanisches Museum de

Nuremberg, muitas vezes fica sentado à sua escrivaninha até uma ou duas da manhã e retoma suas atividades às oito. Temos de escrever alguma coisa no álbum de família de uma amiga que ele trouxe em viagem para ser preenchido. Aqueles que produzem algo de autoria própria vêm no início. Max escreve um verso complicado, que o sr. Pachinger tenta traduzir com o ditado “depois da chuva, o bom tempo”. Antes o leu com uma voz canhestra. Escrevo:

Pequena alma

saltas a dançar etc.²¹⁹

Ele lê em voz alta mais uma vez, eu o ajudo, por fim ele diz: “Um ritmo persa? Como é que se chama? Gazel? Não é?”. Não podemos concordar e tampouco imaginar o que ele quer dizer. Por fim ele cita um ritornelo de Rückert.²²⁰ Sim, “ritornelo” era o que ele queria dizer. No entanto, também não é isso. Bem, mas tem lá uma certa eufonia. Ao sair, ele desarruma a cama para que ela se ajuste inteiramente à temperatura do quarto, além de mandar aumentar o aquecimento. – É amigo de Halbe.²²¹ E gostaria de falar sobre ele. Nós preferiríamos falar muito mais sobre Blei.²²² Mas não há muito a falar sobre ele, que é desprezado nas sociedades literárias muniquenses devido a porquices literárias²²³, separou-se de sua mulher, uma dentista com um consultório bastante frequentado e que o sustentava, e sua filha de dezesseis anos, loira de olhos azuis, é a garota mais selvagem de Munique. Em *Die Hose* [A calça], de Sternheim²²⁴ – Pachinger estivera com Halbe no teatro –, Blei fez o papel de um *bon vivant* que está envelhecendo. Quando Pachinger o encontrou no dia seguinte, disse-lhe: “Senhor doutor, ontem o senhor fez o papel do doutor Blei”. “Como assim? Como assim?”, perguntou ele, embaraçado, “o papel que fiz foi tal e tal.” – A vida conjugal

de Kubin anda mal. Sua mulher é morfinômana. Pachinger está convencido de que Kubin também é. Basta observar como ele sai subitamente da maior vivacidade, com o nariz pontudo e as bochechas caídas, precisa ser acordado, faz um esforço e retoma a conversa, fica novamente em silêncio depois de uma pausa, o que então se repete com pausas cada vez mais curtas. Muitas vezes também lhe faltam as palavras. – Sobre mulheres: os relatos sobre sua potência fazem a pessoa pensar em como ele enfia lentamente seu grande membro nas mulheres. Em tempos passados, seu truque era cansar as mulheres de tal modo que não pudessem mais. Então ficavam sem alma, animais. Sim, posso imaginar essa capitulação. Ele gosta de mulheres rubenescas²²⁵, segundo diz, mas se refere àquelas de seios grandes, abaulados em cima e achatados em baixo, pendurados à maneira de sacos. Ele explica essa preferência pelo fato de seu primeiro amor ter sido uma mulher dessas, uma amiga de sua mãe e mãe de um colega de escola

29/11/11

que o seduziu aos quinze anos. Ele era melhor em línguas e seu colega em matemática, de modo que estudavam juntos no apartamento do colega, que foi onde aconteceu. Ele mostra fotografias de suas amantes. A atual é uma mulher de mais idade, sentada numa cadeira com as pernas abertas, os braços levantados, o rosto pregueado da gordura e que assim exhibe suas massas de carne. Numa foto que a mostra na cama, os seios, espalhados e inchados de modo que parecem literalmente coalhados, e a barriga, que se levanta no umbigo, são montanhas equivalentes. Outra amante é jovem, sua foto é só uma foto dos seios compridos puxados para fora da blusa desabotoada e de um rosto olhando para o lado e que termina numa bela

boca. Daquela vez em Braila, ele fora bastante procurado por gordas mulheres de comerciantes que lá veraneavam, mulheres que suportavam muitas coisas e cujos maridos as deixavam passar fome. Um carnaval muito lucrativo em Munique. Segundo o departamento de registro de habitantes, mais de seis mil mulheres desacompanhadas vêm a Munique durante o carnaval, ao que parece só para serem possuídas sexualmente. São casadas, solteiras e viúvas de toda a Baviera, mas também dos estados adjacentes.

Do Talmude: se um erudito for procurar uma noiva, deve levar consigo um *amhorez*²²⁶, pois, mergulhado por demais em sua erudição, não perceberia coisas necessárias. – Mediante subornos, as fiações de telefone e telégrafo em torno de Varsóvia foram completadas formando um círculo perfeito, que, no sentido do Talmude, faz da cidade uma região à parte, em certa medida um pátio cercado, de modo que também o mais piedoso pode se mover durante o sábado no interior desse círculo, levando miudezas (como lenços de bolso) consigo. – Os grupos de chassidim²²⁷, cujos membros conversam alegremente sobre questões do Talmude. Caso a conversa cesse ou alguém não participe, eles se compensam por meio de canções. Inventam-se melodias, e se uma sai bem, os membros da família são chamados para dentro e ela é repetida e estudada com eles. Um rabino milagreiro, que tinha alucinações frequentes, afundou de súbito sua cabeça nos braços colocados sobre a mesa durante uma dessas conversas e assim ficou, sob o silêncio geral, durante três horas. Ao acordar, chorou e cantou uma alegre marcha militar completamente nova. Essa era a melodia com que os anjos dos mortos tinham acabado de acompanhar ao céu a alma de um rabino milagreiro que tinha morrido naquele momento numa distante

cidade russa. – Segundo a cabala²²⁸, na sexta-feira os piedosos recebem uma alma nova, mais tênue, inteiramente celestial, que fica com eles até a noite de sábado. – Na noite de sexta-feira, cada pessoa piedosa é acompanhada do templo à sua casa por dois anjos; o dono da casa os cumprimenta de pé na sala de jantar; eles permanecem apenas por pouco tempo.

Die Liebe zu einer Schauspielerin [O amor por uma atriz] *Ein Teater* [Um teatro]²²⁹

A educação das jovens, sua condição de adultas, sua habitação às leis do mundo sempre tiveram para mim um valor especial. Então elas não fogem mais de modo tão desesperado de quem só as conhece fugazmente e gostaria de falar fugazmente com elas, já ficam um pouco paradas e, ainda que não seja exatamente no ponto do recinto onde as queremos, não é mais preciso segurá-las com olhares, ameaças ou com o poder do amor; quando se afastam, fazem-no devagar e sem querer ferir, então suas costas também se tornaram mais largas. O que se diz a elas não se perde, elas ouvem a pergunta inteira sem que seja preciso apressar-se e respondem, é verdade que de modo jocoso, exatamente à pergunta colocada. Sim, inclusive elas próprias fazem perguntas com o rosto levantado e um pequeno diálogo não lhes é insuportável. Elas dificilmente ainda se deixam perturbar por um espectador no trabalho que estão fazendo, dão-lhe portanto menos atenção, mas ele também pode contemplá-las por mais tempo. Retiram-se apenas para se vestir. É o único momento em que alguém pode ficar inseguro. Porém, de outro modo não se precisa mais correr pelas ruelas, surpreendê-

las nos portões das casas e aguardar vez após vez por um acaso feliz, embora já se saiba que não se tem a capacidade de forçá-lo. No entanto, apesar dessa grande mudança que ocorreu com elas, não é nenhuma raridade que no caso de um encontro inesperado venham em nossa direção com uma cara fúnebre, nos deem a mão de modo trivial e, com movimentos lentos, nos convidem a entrar no apartamento como se fôssemos um parceiro de negócios. Caminham pesadamente para cima e para baixo no quarto ao lado, mas, quando também lá entramos por lascívia e obstinação, eis que estão sentadas no vão de uma janela e leem o jornal sem nos dirigir um só olhar.

3/12/11. Li agora um trecho de *Karl Stauffers Lebensgang. Eine Chronik der Leidenschaft* [A vida de Karl Stauffer: uma crônica da paixão], de Schäfer²³⁰, e fui de tal modo agarrado e preso por essa grande impressão, ouvida apenas por momentos, que penetra meu interior, mas, ao mesmo tempo, levado tão longe pela fome imposta por meu estômago arruinado e pela habitual exasperação do domingo livre que tenho de escrever da mesma forma como, numa exasperação exterior forçada por coisas exteriores, só podemos sair do apuro brandindo os braços.

A infelicidade do solteiro, seja ela aparente ou real, é tão fácil de ser adivinhada pelas pessoas em volta que ele, de qualquer modo, caso tenha permanecido solteiro por gostar de segredos, amaldiçoará sua decisão. Ele anda por aí, é verdade, de casaco abotoado, as mãos nos bolsos altos do casaco, os cotovelos em ângulo agudo, o chapéu afundado sobre o rosto, um

sorriso falso, já inato, deve proteger sua boca como o pincenê os olhos, as calças são mais apertadas do que seria bonito com pernas magras. Mas todos sabem como as coisas andam com ele, podem fazer-lhe a lista de seus sofrimentos. O frio sopra contra ele vindo do próprio interior, para dentro do qual ele olha com a outra metade, ainda mais triste, de seu rosto duplo. Ele se muda literalmente sem cessar, mas com esperada regularidade. Quanto mais se afasta dos vivos, para quem, no entanto, e esse é o pior escárnio, precisa trabalhar como um escravo consciente que não tem permissão de manifestar sua consciência, tanto menor é o espaço que se julga suficiente para ele. Enquanto os outros, e ainda que tenham passado a vida inteira em seus leitos de doente, têm de ser derrotados pela morte, pois, por mais que a própria fraqueza há muito os tivesse derrubado, seguram-se afinal a seus queridos, fortes e saudáveis cônjuges, ele, esse solteiro, resigna-se já no meio da vida, aparentemente por vontade própria, a um espaço cada vez menor, e, quando morre, o caixão lhe serve à perfeição.

Quando li recentemente para minhas irmãs a autobiografia de Mörike²³¹, já começando bem mas continuando ainda melhor e, por fim, as pontas dos dedos sobrepostas, vencia obstáculos interiores com minha voz que se mantinha tranquila, obtive para essa voz um panorama que se ampliava cada vez mais e, por fim, o recinto inteiro à minha volta não podia absorver outra coisa senão minha voz. Até que meus pais, voltando da loja, tocaram a campainha.

Antes de adormecer, senti sobre meu corpo o peso dos punhos nos

braços leves.

8/12/11. Sexta-feira, sem escrever há muito tempo, só que desta vez foi, em certa medida, de satisfação, pois concluí por conta própria o primeiro capítulo de *Richard und Samuel* e considero bem-sucedida especialmente a descrição inicial do sono no compartimento do trem. Mais ainda, acredito que algo acontece em mim, que aquela transformação schilleriana do afeto em caráter²³² esteja muito próxima. Apesar de toda a oposição de meu interior, tenho de escrever isso

Passeio com Löwy ao castelo do governador, que chamei de “castelo de Sião”. Os ornamentos góticos dos portões e a cor do céu andavam juntos de maneira muito clara. – Outro passeio até a Hetzinsel.²³³ Relato sobre a sra. Tschissik, como em Berlim fora recebida na companhia²³⁴ por compaixão, uma duetista inicialmente sem valor de vestido e chapéu antiquados. Leitura em voz alta de uma carta de Varsóvia, na qual um jovem judeu varsoviano se queixa sobre a decadência do teatro judaico e escreve que prefere ir ao Nowosti, o teatro polonês de operetas, em vez de ir ao teatro judaico, pois esse cenário miserável, as indecências, as canções humorísticas “emboloradas” etc. são insuportáveis. É só pensar no efeito principal de uma opereta judaica, que consiste na marcha da prima-dona através do público até o palco com um cortejo de criancinhas atrás de si. Todas carregam pequenos rolos da Torá e cantam: *toire* é a melhor *schoire* – a Torá é a melhor mercadoria.²³⁵

Depois daquelas partes bem-sucedidas de *Richard und Samuel*, belo

passeio solitário pelo Hradschin e pelo belvedere.²³⁶ Na Nerudagasse²³⁷, uma placa: “Anna Křižová, costureira, concluiu seu aprendizado na França com a duquesa viúva Ahrenberg, nascida princesa Ahrenberg”. – No meio do primeiro pátio do castelo, fiquei parado e assisti a um alarme da guarda.

Max não gostou das últimas partes que escrevi, seja lá porque não as considera apropriadas ao todo, mas, possivelmente, também porque as julga ruins em si mesmas. Isso é muito provável, pois me advertiu contra a escrita de trechos tão longos, considerando o efeito dessa escrita como algo gelatinoso.

A fim de poder falar com as moças necessito da proximidade de pessoas mais velhas. A ligeira perturbação que destas emana anima-me o diálogo, as exigências a mim colocadas logo me parecem menores, o que digo sem examiná-lo, caso não valha para a moça, ainda pode ser adequado para a pessoa mais velha, de quem, caso seja necessário, também posso extrair ajuda em abundância.

A srta. Haas. Ela me lembra a sra. Blei²³⁸, apenas seu nariz se parece em comprimento, na ligeira curvatura dupla e relativa estreiteza com o nariz arruinado da sra. Blei. De resto, também ela tem no rosto uma negrura que mal se fundamenta exteriormente, que só pode ter sido introduzida na pele por um caráter enérgico. Quadris largos, um esboço bastante avançado de tumescentes quadris femininos; corpo pesado, que então se torna franzino no casaco bem cortado e para o qual até mesmo esse casaco justo é folgado.

Após constrangimentos no diálogo, uma elevação livre da cabeça significa que uma saída foi encontrada. Eu não estava, afinal, deitado no chão durante esse diálogo, tampouco desistira interiormente de mim, mas, se tivesse me visto apenas de fora, não poderia explicar meu comportamento de outro modo. Antes eu não conseguia conversar livremente com novas conhecidas porque a existência de desejos sexuais me atrapalhava de modo inconsciente, agora me atrapalha sua ausência consciente.

O encontro com o casal Tschissik no Graben. Ela usava seu vestido de prostituta de *Der wilde Mensch* [O homem selvagem]. Se decompunho o aspecto dela em seus detalhes, tal como a vi então no Graben, ela se torna improvável. (Vi-a apenas fugazmente, pois me assustei ao vê-la, não a cumprimentei, tampouco fui visto e não ousei me virar logo.) Ela estava muito menor que o normal, tinha o quadril esquerdo saliente não momentânea, mas constantemente, sua perna direita estava flexionada, o movimento do pescoço e da cabeça, que ela aproximava do marido, era muito apressado, com o braço direito curvado, estendido para o lado, ela buscava enganchar-se nele. O marido usava seu chapeuzinho de verão, com a aba apertada para baixo na frente. Quando me virei, tinham desaparecido. Deduzi que tinham ido ao café Central, esperei um pouco no outro lado do Graben e tive a felicidade, depois de um longo intervalo, de vê-los se aproximarem da janela. Quando ela se sentou à mesa, via-se apenas a aba de seu chapéu de papelão revestido de veludo azul. – Em sonho, então, eu estava numa passagem muito estreita, tampouco exageradamente alta, coberta por uma abóbada de vidro, semelhante às ligações intransitáveis em quadros italianos primitivos, de longe também parecida com uma passagem

que víamos em Paris como uma ramificação da Rue des Petits Champs. Só que aquela de Paris era mais larga e cheia de lojas, e esta corria entre paredes vazias, mal parecia deixar espaço para duas pessoas caminharem lado a lado, mas quando se entrava realmente nela, como fiz com a sra. Tschissik, então havia surpreendentemente muito espaço, sem que isso nos surpreendesse. Enquanto me dirigia com a sra. T. a uma das saídas, na direção de um possível observador do todo, e a sra. Tschissik se desculpava ao mesmo tempo por uma falta qualquer (parecia ser alcoolismo) e me pedia para não acreditar em seus caluniadores, na outra extremidade da passagem o sr. T. açoitava um cão são-bernardo de pelo claro e hirsuto que estava parado à sua frente sobre as patas traseiras. Não estava inteiramente claro se T. apenas brincava com o cão e, por causa dele, negligenciava sua mulher, ou se fora atacado a sério pelo cão, ou se, por fim, queria manter o cão afastado de nós.

Com Löwy no cais. Tive um ligeiro desfalecimento que oprimiu todo meu ser, superei-o e, após um breve momento, lembrei-me dele como de algo há muito esquecido.

Mesmo sem considerar todos os outros obstáculos (estado físico, pais, caráter), chego, através da seguinte bipartição, a uma desculpa muito boa para o fato de, apesar de tudo, não me restringir à literatura: não posso ousar nada para mim enquanto não tiver realizado nenhum grande trabalho que me satisfaça plenamente. Isso, de fato, é irrefutável.

Tenho agora e já tive à tarde um grande desejo de expulsar inteiramente

de mim pela escrita todo o meu estado de amedrontamento e, assim como ele provém das profundezas, lançá-lo nas profundezas do papel pela escrita ou registrá-lo de tal modo que pudesse absorver plenamente em mim o que escrevi. Não se trata de um desejo artístico. Quando Löwy falou hoje de sua insatisfação e de sua indiferença por tudo o que a trupe faz, expliquei seu estado meramente pela saudade, mas, de certo modo, não lhe dei essa explicação, embora a tenha pronunciado, porém a conservei para mim e a apreciei de passagem para elucidar minha própria tristeza.

9/12/11. Stauffer-Bern²³⁹: “A doçura da produção nos engana acerca de seu valor absoluto”

Quando alguém se detém sobre um livro de cartas ou de memórias, não importa de quem – desta vez, de Karl Stauffer-Bern –, e não o puxa para dentro de si por força própria, pois para tanto já se precisa de arte e esta satisfaz a si mesma, mas, com entrega – basta não oferecer resistência e isso logo acontece –, se deixa arrastar para longe pela pessoa desconhecida e concentrada, e se deixa transformar em seu parente, então não é mais algo singular que, ao ser trazido de volta a si mesmo quando fecha o livro, após esse passeio e esse descanso, volte a se sentir melhor em seu próprio ser e fique com a cabeça mais livre, ser que foi visto de modo novo, abalado de modo novo, contemplado por um momento à distância.

10/12/11, domingo. Preciso ir visitar minha irmã e seu menininho.²⁴⁰
Quando minha mãe voltou anteontem da casa de minha irmã à uma da

madrugada com a notícia do nascimento do menino, meu pai atravessou o apartamento de camisolão, abriu todos os quartos, acordou-me, acordou a empregada e minhas irmãs, e anunciou o nascimento de tal maneira como se a criança não tivesse apenas nascido, mas como se também já tivesse levado uma vida honrada e recebido sepultamento.

Apenas mais tarde poderá nos admirar o fato de essas condições de vida alheias, apesar de sua vivacidade, serem descritas de modo imutável no livro, embora acreditemos saber pela nossa experiência que nada no mundo pode estar mais longe de uma vivência, como é o caso, por exemplo, do luto pela morte de um amigo²⁴¹, do que a descrição dessa vivência. Porém, o que é legítimo para nossa pessoa não o é para a pessoa desconhecida. Pois se com nossas cartas não conseguimos dar conta de nossos próprios sentimentos – naturalmente, há aqui uma multidão de gradações que se desvanecem de ambos os lados –, se nós próprios, em nossas melhores condições, temos de recorrer vez após vez a expressões como “indescritível”, “indizível” ou um “tão triste” ou “tão bonito”, ao qual então se segue uma frase, que se esboroa rapidamente, começando com “que”, então nos é dada como uma recompensa por isso a capacidade de apreender relatos alheios com a precisão serena que nos falta, pelo menos nessa medida, em relação a nossas próprias cartas. A ignorância em que nos encontramos em relação àqueles sentimentos que, conforme o caso, tensionaram ou abateram em dado momento as cartas que temos diante de nós, precisamente essa ignorância se transforma em entendimento, visto que somos forçados a nos ater à carta que temos diante de nós, a acreditar apenas naquilo que nela consta, a achá-lo, portanto, plenamente expresso, e

a ver aberto, por uma expressão plena como ela só, o caminho que leva ao que há de mais humano. Assim, por exemplo, as cartas de Karl Stauffer contêm apenas o relato da vida breve de um artista

13/12/11. Não escrevi de cansaço e fiquei deitado no canapé, no quarto alternadamente quente e frio, com as pernas doloridas e sonhos asquerosos. Havia um cão sobre meu corpo, uma das patas próxima a meu rosto, o que me despertou, mas por um momento ainda tive medo de abrir os olhos e vê-lo.

Der Biberpelz [A pele de castor].²⁴² Peça lacunosa, que se amaina sem ter um crescendo. Cenas artificiais do chefe de polícia. Atuação delicada da Lehmann, do Lessingtheater. Coloca a saia entre as coxas ao se abaixar. O olhar pensativo do povo, o erguer de ambas as palmas das mãos, que, à esquerda do rosto, são alinhadas uma abaixo da outra, como que para enfraquecer voluntariamente a força da voz que nega ou assevera. Atuação desnorteada e grosseira dos demais. Insolências do cômico em relação à peça (puxa seu velho sabre, confunde os chapéus). Meu frio desprazer. Fui para casa, mas também lá já estava sentado com a ideia admirativa de que pessoas demais tomam a seu cargo agitações demais para uma noite (gritam, roubam, são roubadas, importunadas, difamadas, negligenciadas) e que nessa peça, quando vista apenas com os olhos pestanejantes, há uma mistura excessiva de vozes humanas desordenadas e exclamações. Belas jovens. Uma delas com o rosto liso, as superfícies contínuas da pele, o arredondamento das bochechas, o cabelo começando bem no alto e, nessa

lisura, olhos desamparados e um tanto inchados. – Belos trechos da peça, em que a Wulffen se mostra ao mesmo tempo como ladra e como amiga de pessoas inteligentes, progressistas e democráticas. Como espectador, um Wehrhahn²⁴³ teria de se sentir verdadeiramente confirmado em suas funções. – Triste paralelismo entre os quatro atos. No primeiro ato cometem um roubo, no segundo ocorre o julgamento, a mesma coisa no terceiro e no quarto –

Der Schneider als Gemeinderat [O alfaiate vereador] com os judeus.²⁴⁴ Sem os Tschissik, mas com dois novos, o casal Liebegold, pessoas medonhas. Peça ruim de Richter. O começo molieresco, o vereador ostentoso enfeitado com relógios. – A Liebegold não sabe ler, o marido precisa ensaiar com ela. – É quase um costume que um comico se case com uma atriz de papéis sérios e um ator de papéis sérios se case com uma bufona, e que em geral sejam levadas em turnê apenas moças casadas ou aparentadas. – Como certa vez, à meia-noite, o pianista, provavelmente um homem solteiro, se esgueirou porta afora com suas partituras.

Concerto de Brahms da associação de canto coral. O essencial de minha falta de musicalidade é o fato de não conseguir apreciar a música de maneira coerente, apenas aqui e ali surge em mim um efeito e é muito raro que seja um efeito musical. A música ouvida traça um muro em volta de mim de maneira natural e a única influência musical duradoura sobre mim é que, preso dessa forma, sou diferente de quando estou livre. – Uma veneração como aquela pela música não existe no público em relação à

literatura. As moças cantando. Em muitas, era apenas a melodia que mantinha a boca aberta. Numa delas, de corpo pesado, o pescoço e a cabeça voavam ao cantar. – Três clérigos num camarote. O do meio, de solidéu vermelho, ouve com calma e dignidade, impassível e grave, mas não rígido; o da direita está abatido, com o rosto afilado, tesamente enrugado; o da esquerda, gordo, apoiou seu rosto obliquamente sobre o punho meio aberto. – Execução. *Tragische Ouverture* [*Abertura trágica, opus 81*]. (Ouço apenas passos lentos, solenes, dados ora aqui, ora lá. É instrutivo observar a passagem da música entre cada um dos grupos de musicistas e examiná-la com o ouvido. A devastação no penteado do maestro.)

Beherzigung [Meditação], de Goethe, *Nänie* [Nênia], de Schiller, *Gesang der Parzen* [Canção das Parcas], *Triumphlied* [Canto triunfal].²⁴⁵ – As mulheres cantando, paradas no alto junto à balaustrada baixa, como numa antiga obra arquitetônica italiana.

Embora tenha permanecido bastante tempo em meio a uma literatura que com frequência se abatia sobre mim, é certo que há três dias, exceto pelo desejo geral de felicidade, não sinto qualquer desejo autêntico de literatura. Da mesma forma, considere L  wy na semana passada como meu amigo imprescindível, e agora prescindi facilmente dele por três dias.

Quando começo a escrever depois de muito tempo é como se tirasse as palavras do ar vazio. Ao conseguir uma, então    só ela que tenho diante de mim, e o trabalho todo começa do pr  nc  pio

14/12/11. Ao meio-dia, meu pai me censurou por não me preocupar com a fábrica.²⁴⁶ Expliquei que tomara parte nela porque esperava lucro, mas que não poderia colaborar enquanto estivesse no escritório. Meu pai continuou com suas repreensões, eu estava parado junto à janela e me calei. Porém, à noite me surpreendi com o pensamento, derivado dessa conversa do meio-dia, de que poderia me dar por muito satisfeito com meu emprego atual, e que apenas precisaria ter cautela a fim de conseguir liberar todo o tempo para a literatura. Mal expus esse pensamento a uma observação mais detalhada, ele deixou de ser espantoso e já me pareceu familiar. Neguei a mim mesmo a capacidade de conseguir aproveitar todo o tempo para a literatura. Essa convicção veio, de fato, apenas de um estado momentâneo, mas foi mais forte que ele. Também pensava em Max como num estranho, embora ele tenha hoje em Berlim uma empolgante noite de leituras e prelúdios; agora me ocorre que só pensei nele ao me aproximar do apartamento da srta. Taussig²⁴⁷ durante o passeio noturno

Passeio com Löwy às margens do rio. Uma das pilastras do arco, iluminado por dentro por uma lâmpada elétrica, que se eleva sobre a ponte Elisabeth²⁴⁸ parecia, como massa escura entre a luz que emanava lateralmente, uma chaminé de fábrica, e a escura cunha de sombra que se espalhava acima dela pelo céu era como fumaça ascendente. As verdes superfícies luminosas nitidamente limitadas ao lado da ponte.

Como, durante a leitura em voz alta de “*Beethoven und das Liebespaar*” [Beethoven e o casal de namorados], de W. Schäfer, diversos pensamentos

(na ceia, em Löwy, que estava esperando), sem qualquer conexão com a história lida, passavam-me pela cabeça com grande nitidez sem me atrapalhar na leitura, precisamente hoje muito clara.

16[17]/12/11, domingo. Meio-dia. Desperdicei a manhã dormindo e lendo jornais. Medo de terminar uma crítica para o jornal *Prager Tagblatt*.²⁴⁹ Tal medo de escrever sempre se manifesta no fato de que, vez por outra, sem estar à escurinha, invento frases de abertura para o que pretendo escrever, que logo se revelam inaproveitáveis, secas, interrompidas longe do fim e que, com seus pontos de ruptura salientes, apontam para um triste futuro.

As velhas artes na feira de Natal. Duas cacatuas numa vara oblíqua tiram planetas.²⁵⁰ Erros. Uma moça recebe a profecia de que terá uma amante. – Com versos, um homem põe à venda flores artificiais: “*To jest růže udělaná z kůže*”.²⁵¹

O jovem Pipes cantando. O único gestual consiste no antebraço direito movendo-se para cá e para lá em sua articulação, a mão semiaberta abre-se mais um pouco e então volta a se contrair. O suor parece cobrir seu rosto, especialmente o lábio superior, com estilhaços de vidro. Um peitilho de camisa sem botões foi enfiado desleixadamente por trás do colete do casaco. – A sombra quente no vermelho mole da cavidade bucal da sra. Klug ao cantar.

Ruas de judeus em Paris: Rue Rosier, bifurcação da Rue de Rivoli.

Se uma formação desordenada, que tem em si apenas a mais escassa coesão imprescindível à mera e incerta existência, for desafiada de súbito a um trabalho cujo tempo é restrito e que por isso precisa ser necessariamente enérgico, a desenvolver-se, a falar, o resultado é apenas uma resposta amarga na qual se misturam o orgulho pelo que se alcançou, que só pode ser tolerado com todas as forças desprovidas de experiência, um breve olhar retrospectivo ao conhecimento que foge surpreso, movendo-se de maneira especialmente fácil porque era mais pressentido que assentado, e, por fim, o ódio e a admiração das pessoas em volta.

Ontem, antes de adormecer, imaginei a representação gráfica de um grupo de pessoas isolado no ar parecendo uma montanha, que, em sua técnica gráfica, me pareceu completamente nova e, uma vez inventada, fácil de executar. Havia um grupo reunido em volta de uma mesa, o chão ia um pouco além do círculo de pessoas, mas, dentre todas, eu via por ora, forçando muito a vista, apenas um jovem com roupas antiquadas. Tinha o braço esquerdo apoiado na mesa, a mão pendia frouxamente sobre o rosto, que olhava para cima, de modo brincalhão, a alguém que se curvava sobre ele com preocupação ou fazendo uma pergunta. Seu corpo, em especial a perna direita, estava estendido com juvenilidade negligente, ele mais estava deitado que sentado. Os dois nítidos pares de linhas que limitavam as pernas cruzavam-se e ligavam-se ligeiramente às linhas limítrofes do corpo. Com fraca corporalidade, as roupas de cor pálida abaulavam-se entre essas linhas. De espanto com esse belo desenho – que produziu em minha cabeça uma tensão que, segundo estava convencido, era a mesma e, para ser mais

exato, duradoura tensão graças à qual, quando eu queria, o lápis podia ser conduzido com a mão –, forcei-me a sair desse estado crepuscular a fim de poder pensar melhor sobre o desenho. Mas então logo descobri que não imaginara outra coisa senão um pequeno grupo feito de porcelana branco-acinzentada.

Em tempos de transição, como foram para mim a última semana e, pelo menos, ainda este momento, sou tomado com frequência por um espanto triste mas sereno acerca de minha insensibilidade. Estou separado de todas as coisas por um espaço oco, e nem sequer me aperto contra seus limites.

Agora à noite, quando meus pensamentos começam a ficar mais livres e eu talvez fosse capaz de fazer alguma coisa, preciso ir ao Nationaltheater assistir *Hippodamie* [Hipodâmia], estreia de Vrchlicky.²⁵²

É certo que o domingo nunca me pode ser mais útil que o dia de semana, já que, devido à sua divisão peculiar, bagunça todos os meus hábitos e necessito do tempo livre restante para me acomodar razoavelmente nesse dia especial.

De todo modo, no momento em que me livrasse do escritório satisfaria imediatamente meu desejo de escrever uma autobiografia. Ao começar a escrita, precisaria ter tal mudança decisiva como meta provisória diante de mim para ser capaz de dirigir a massa dos acontecimentos. Porém, não

posso almejar outra mudança impressionante além dessa, que é ela mesma tão terrivelmente improvável. Mas então a escrita da autobiografia seria uma grande alegria, pois seria tão fácil quanto registrar sonhos e, no entanto, teria um resultado bem diferente, grande, que me influenciaria para sempre, também acessível à compreensão e ao sentimento de qualquer outra pessoa.

18/12/11. Anteontem, *Hippodamie*. Peça lamentável. Um vaguear sem sentido e sem fundamento pela mitologia grega. No programa, um ensaio de Kvapil²⁵³, que, nas entrelinhas, expressa a perspectiva, visível durante toda a apresentação, de que uma boa direção (que aqui, no entanto, nada era senão imitação de Reinhardt²⁵⁴) pode transformar uma obra literária ruim numa grande obra teatral. Tudo isso deve ser triste para um tcheco que tenha viajado apenas um pouco. – O governador²⁵⁵, que, de sua portinha aberta do camarote, tomava o ar do corredor durante o intervalo. – A aparição da falecida Axiocha, que, invocada como silhueta, logo desaparece, pois, sendo alguém que morreu há pouco, volta a sentir por demais seu antigo sofrimento humano ao ver o mundo.

Max retornou ontem de Berlim. No jornal *Berliner Tagblatt* ele foi chamado de altruísta por um homem da *Fackel*²⁵⁶ por ter feito a leitura pública do “muito mais importante Werfel”.²⁵⁷ Max precisou eliminar essa frase antes de levar a crítica para ser reimpressa no *Prager Tagblatt*. Odeio Werfel, não porque o invejo, mas também o invejo. Ele é saudável, jovem e rico, eu sou diferente nisso tudo. Além do mais, escreveu cedo e com

facilidade, com senso musical, coisas muito boas, tem atrás e diante de si a mais feliz das vidas, eu trabalho com pesos de que não consigo me livrar e estou inteiramente apartado da música.

Sou impontual porque não sinto as dores da espera. Espero como um bezerro. Pois, se percebo uma finalidade, ainda que bastante incerta, para minha existência momentânea, fico tão vaidoso em minha fraqueza que, devido a essa finalidade uma vez estabelecida, suporto tudo de bom grado. Se estivesse apaixonado, o que não faria? Quanto tempo esperei, anos atrás, sob as arcadas do Ring até a M.²⁵⁸ passar, e mesmo que fosse apenas com seu amante. Em parte por negligência, em parte por desconhecer as dores da espera, perdi a hora de encontros marcados, mas em parte também para alcançar novas finalidades, mais complicadas, a partir da renovada e incerta visita àquelas pessoas com quem marquei um encontro, ou seja, também a possibilidade de uma longa e incerta espera. Já do fato de sentir quando criança um grande e nervoso medo de esperar seria possível concluir que fui destinado a algo melhor, mas que pressenti meu futuro.

Meus bons estados não têm tempo nem permissão para se desenvolverem naturalmente; meus maus estados, ao contrário, recebem mais do que pedem. Agora padeço de um desses estados, conforme posso calcular pelo diário, já faz nove, quase dez dias. Ontem me deitei outra vez na cama com a cabeça ardendo e já queria me alegrar com o fato de o tempo ruim ter passado e já ter medo de que dormiria mal. Mas isso passou, dormi bastante bem e acordei mal.

19/12/11. Ontem, *Dawids Geige* [O violino de Davi], de Lateiner. O irmão banido, um violinista artístico, volta rico, como nos sonhos de meus primeiros tempos de ginásio²⁵⁹, mas, antes de tudo, com roupa de mendigo, os pés envoltos em trapos como um removedor de neve, coloca à prova seus parentes que nunca deixaram a terra natal: sua filha honesta e pobre, o irmão rico, que não quer dar a prima pobre por mulher ao próprio filho e, apesar da idade, quer tomar uma mulher jovem. Apenas mais tarde ele se revela abrindo bruscamente um casaco imperial, sob o qual, em uma faixa amarrada de través, pendem as condecorações de todos os príncipes da Europa. Tocando violino e cantando, ele transforma todos os parentes e sua prole em pessoas boas, e coloca ordem em suas condições de vida.

A sra. Tschissik atuou novamente. Ontem seu corpo estava mais bonito que seu rosto, que parecia mais estreito que o normal, de modo que a testa, que se enruga à primeira palavra, chamava demasiado a atenção. O corpo belamente arredondado, medianamente forte e grande não correspondia ontem a seu rosto, e ela me lembrava de maneira indistinta criaturas duplas como nereidas, sereias, centauros. Quando então ela estava diante de mim com o rosto contorcido, a tez suja corroída pela maquiagem, uma mancha na blusa azul-escura de mangas curtas, foi para mim como se tivesse de falar com uma estátua num círculo de espectadores impiedosos. A sra. Klug estava ao seu lado e me observava. A srta. Weltsch²⁶⁰ me observava da esquerda. Falei todas as bobagens possíveis. Assim, não deixei de perguntar à sra. Tschissik por que viajara a Dresden, embora eu soubesse que ela se desentendera com os outros e por isso viajara, e que por esse motivo tal tema lhe era desagradável. Por fim, foi ainda mais desagradável para mim,

só que não me ocorreu outra coisa. Quando a sra. Tschissik se aproximou enquanto eu falava com a sra. Klug, eu disse, voltando-me à sra. Tschissik, “perdão!” à primeira, como se tivesse a intenção de passar minha vida com a segunda a partir daquele momento. Ao falar então com a sra. Tschissik, notei que meu amor na verdade não a tinha alcançado, mas apenas voejava ao redor dela ora mais próximo, ora mais distante. Sossego, afinal, não lhe pode ser dado. – A sra. Liebgold fez o papel de um jovem usando uma roupa que envolvia firmemente seu ventre grávido. Como ela não obedece a seu pai (Löwy), ele empurra seu tronco para baixo sobre uma cadeira e bate-lhe no traseiro, sobre o qual a calça se estica ao extremo. Löwy disse que a tocou com a mesma repulsa com que tocaria um rato. Mas ela é bonita vista de frente, apenas de perfil seu nariz desce de maneira muito comprida, muito pontuda e cruel.

Cheguei apenas às dez horas, antes fiz um passeio e saboreei o ligeiro nervosismo de ter um lugar no teatro e ir passear durante a apresentação, isto é, enquanto as solistas tentam me atrair cantando. Também perdi a sra. Klug, de quem ouvir o canto sempre vivo não significa outra coisa senão testar a solidez do mundo, algo que no entanto necessito.

Hoje, durante o café da manhã, falei casualmente com minha mãe sobre filhos e casamento, apenas algumas palavras, mas nisso percebi com clareza pela primeira vez o quanto é falsa e infantil a ideia que minha mãe faz de mim. Ela me toma por um homem jovem e saudável que padece um pouco da ilusão de estar doente. Essa ilusão desaparecerá por si mesma com o

tempo, mas um casamento e a geração de filhos a eliminariam da forma mais radical. Então o interesse pela literatura também recuaria àquele nível que talvez seja o necessário às pessoas instruídas. O interesse pelo meu emprego ou pela fábrica ou por aquilo que cair em minhas mãos começará com uma dimensão natural e tranquila. Por isso, não há o menor motivo, do qual se possa suspeitar minimamente, para desespero duradouro pelo meu futuro; há motivo para desespero momentâneo, que no entanto também não é profundo, quando acredito estar outra vez com o estômago arruinado, ou quando, por escrever demais, não consigo dormir. Há milhares de possibilidades de solução. A mais provável é que eu me apaixone repentinamente por uma moça e não consiga mais largar dela. Então verei como as pessoas podem ser bem-intencionadas comigo e como não me atrapalharão. Mas se ficar solteiro, como meu tio de Madri²⁶¹, isso tampouco será uma desgraça, pois, com meu bom senso, já saberei me arranjar.

23/12/11, sábado. Se frente a todo o meu modo de vida, que, para todos os meus parentes e conhecidos, vai numa direção estranha e equivocada, surgir o receio, e este for expresso pelo meu pai, de que me tornarei um segundo tio Rudolf²⁶², ou seja, o louco da nova geração da família, um louco um tanto diferente para atender às necessidades de outra época, então poderei sentir a partir de agora como em minha mãe, cuja oposição a tal opinião se torna cada vez menor no decorrer dos anos, tudo o que fala a favor de mim e contra o tio Rudolf se concentra e se fortalece, introduzindo-se como uma cunha entre as ideias que se faz de nós dois.

Anteontem na fábrica. À noite, na casa de Max, onde o pintor Novak²⁶³ estava justamente mostrando as litografias de Max. Não consegui expressar

nada frente a elas, não consegui dizer nem sim nem não. Max expôs algumas opiniões que já formara, em torno das quais meu pensamento girou sem resultado. Por fim me acostumei com cada uma das folhas, pelo menos deixei de lado a surpresa dos olhos não exercitados, achei um queixo redondo, um rosto comprimido, um tronco acouraçado, mas que mais parecia vestir uma gigantesca camisa de fraque sob o traje de passeio. Frente a isso, o pintor não conseguiu dizer nada compreensível na primeira nem na segunda tentativa, só enfraquecendo o significado disso pelo fato de dizê-lo justamente a nós, que, caso ele estivesse correto em seu íntimo, tínhamos falado os absurdos mais ordinários. Ele afirmou que a tarefa sentida e mesmo consciente do artista era registrar em sua própria forma artística a pessoa retratada. Para obter isso, fizera primeiro um esboço de retrato em cores, que também estava diante de nós, e que, com suas cores escuras, apresentava uma semelhança de fato nítida e seca demais (posso confessar só agora essa nitidez grande demais), e que foi declarado por Max como o melhor retrato, pois, além de sua semelhança nos olhos e na boca, tinha traços nobres, contidos, reforçados na medida certa pelas cores escuras. Se alguém fosse perguntado sobre isso, não poderia negar. Em casa, o pintor trabalhava então em suas litografias de acordo com esse esboço, ao aspirar, mudando uma litografia após outra, a um afastamento cada vez maior do fenômeno natural, mas nisso não só não ferindo sua própria forma artística, mas se aproximando dela traço a traço. Assim, por exemplo, a concha do ouvido perdeu suas circunvoluções humanas e a borda detalhada e se transformou num afundado redemoinho semicircular em volta de um pequeno orifício escuro. O queixo de Max, que já se forma ossudamente a partir do ouvido, perdeu sua simples delimitação, por mais imprescindível que pareça e por menos que a eliminação da verdade antiga

tenha feito surgir para o espectador uma verdade nova. O cabelo se desfazia em contornos seguros, compreensíveis, e continuava sendo cabelo humano, por mais que o pintor o negasse. Enquanto nos exigira a compreensão dessas transformações, depois ele insinuava apenas fugazmente, mas com orgulho, que tudo nessas folhas tinha um significado e que mesmo o casual era necessário graças a seu efeito de influenciar tudo o que vinha depois. Assim, ao lado de uma cabeça havia uma estreita e pálida mancha de café que descia por quase toda a imagem, mancha que ali fora inserida, calculada e não poderia mais ser retirada sem prejuízo para todas as proporções. No canto de outra folha, à esquerda, havia uma grande mancha azul, esparsamente pontilhada, que mal chamava a atenção; bem, essa mancha fora colocada inclusive de propósito, devido à pequena iluminação que dela se espalhava sobre a imagem, iluminação sob a qual o pintor continuara então a trabalhar. Agora sua próxima meta era sobretudo incluir na transformação a boca, na qual já haviam acontecido algumas coisas, mas não o suficiente, e depois o nariz, ao que, à queixa de Max de que dessa maneira a litografia se afastava cada vez mais do bonito esboço em cores, o pintor observou que não estava absolutamente excluído que ela se aproximasse dele outra vez. De qualquer maneira, não se podia ignorar a segurança com que o pintor, em qualquer momento da conversa, confiava na imprevisibilidade de sua inspiração e que apenas essa confiança transformava seu trabalho artístico, com pleno direito, num trabalho quase científico. – Comprei duas litografias, *Vendedora de maçãs* e *Passeio*

Uma das vantagens de manter um diário consiste no fato de a pessoa se tornar consciente, com clareza tranquilizadora, das mudanças a que está

constantemente sujeita, nas quais, é claro, em geral também acredita, das quais suspeita e que admite, mas que então sempre nega de modo inconsciente quando se trata de extrair esperança ou tranquilidade de tal admissão. No diário a pessoa encontra provas de que viveu, olhou em volta e anotou observações mesmo em situações que hoje parecem intoleráveis, ou seja, provas de que esta mão direita se moveu como hoje, quando, é verdade, estamos mais prudentes graças à possibilidade de abarcar a situação de então, mas, por isso, temos de reconhecer tanto mais o destemor de nossas aspirações de então, que, não obstante, se conservaram em meio à pura insciência.

Devido aos poemas de Werfel, foi como se minha cabeça passasse toda a manhã de ontem cheia de vapor. Em dado momento, temi que o entusiasmo me arrastasse consigo, sem demora, até a insanidade.

Conversa torturante com Weltsch²⁶⁴ anteontem à noite. Meus olhares correram assustados durante uma hora para cá e para lá por seu rosto e seu pescoço. Em certo momento, no meio de uma contorção do rosto causada por irritação, fraqueza e irreflexão, eu não soube muito bem se sairia do aposento sem melindrar nossa relação de modo permanente. Lá fora, no tempo chuvoso feito para caminhadas silenciosas, respirei fundo e então esperei contente por Max durante uma hora em frente ao Orient.²⁶⁵ Tal espera, com olhares lentos para o relógio e um andar indiferente para cá e para lá, é-me quase tão agradável quanto ficar deitado no canapé com as pernas esticadas e as mãos nos bolsos da calça. (No semissono, acredita-se

então que as mãos absolutamente não estão mais nos bolsos, mas, como punhos, parecem jazer sobre as coxas)

24/12/11, domingo. Ontem foi divertido na casa de Baum. Estive lá com Weltsch. Max está em Breslau.²⁶⁶ Senti-me livre, pude executar cada movimento até o final, respondi e ouvi como se deve fazê-lo, fui o mais barulhento de todos e, quando dizia uma bobagem, ela não se transformava no principal, mas era logo levada pela corrente. Assim também foi a volta para casa, debaixo de chuva, com Weltsch; apesar das poças d'água, do vento e do frio, passou tão rápido como se tivéssemos tomado um veículo. Ambos lamentamos a despedida.

Quando criança, eu tinha medo, e se não tinha medo sentia mal-estar, sempre que meu pai, como frequentemente fazia sendo homem de negócios, falava do “último” ou do “final”. Como não era curioso e, quando alguma vez perguntava, não conseguia assimilar a resposta rápido o bastante devido ao pensamento vagaroso, e visto que com frequência uma curiosidade fracamente ativa uma vez surgida já se satisfazia com pergunta e resposta, sem ainda exigir um sentido, a expressão “o último” continuou sendo para mim um mistério penoso, ao qual, prestando mais atenção, juntou-se a expressão “final”, embora sem nunca ter um significado tão forte. Também era terrível que o último, por tanto tempo temido, jamais pudesse ser completamente superado, pois uma vez que tivesse passado, sem sinais especiais e até sem atenção especial, pois só muito mais tarde percebi que ele sempre vinha depois de aproximadamente trinta dias, e o primeiro tinha

portanto chegado de modo feliz, começava-se a falar outra vez do último, embora não com horror especial, o que, no entanto, foi colocado sem exame junto às outras coisas incompreensíveis.

Ao chegar ontem ao meio-dia à casa de Weltsch ouvi a voz de sua irmã me cumprimentando, mas não vi ela mesma até que sua forma débil se separasse da cadeira de balanço que estava diante de mim.

Hoje pela manhã, circuncisão de meu sobrinho.²⁶⁷ Um homem pequeno de pernas tortas, Austerlitz²⁶⁸, que já tem 2800 circuncisões atrás de si, resolveu o assunto com muita habilidade. Trata-se de uma operação dificultada pelo fato de o menino estar no colo de seu avô em vez de estar numa mesa, e pelo fato de o operador, em vez de prestar muita atenção, precisar murmurar orações. Primeiro o menino é imobilizado por ataduras que deixam exposto apenas o membro, em seguida, pela colocação de um disco perfurado de metal, precisa-se a superfície de corte, em seguida, com uma faca quase comum, uma espécie de faca de peixe, ocorre o corte. Agora se vê sangue e carne crua, o *moule*²⁶⁹ lida brevemente nisso com seus dedos trêmulos de unhas longas e puxa sobre a ferida, como um dedo de luva, uma pele tirada de algum lugar. Logo está tudo bem, a criança mal chorou. Agora vem apenas uma breve oração, durante a qual o *moule* toma vinho e, com seus dedos ainda não inteiramente limpos do sangue, põe um pouco de vinho nos lábios da criança. Os presentes oram: “Tal como agora entrou na Aliança, assim ele deverá chegar ao conhecimento da Torá, ao feliz laço matrimonial e à prática de boas obras”

Ao ouvir hoje o acompanhante do *moule* orar por ocasião da sobremesa, e os presentes, exceto os dois avós, passarem o tempo com sonhos e tédio, na mais completa incompreensão da oração, via diante de mim o judaísmo da Europa ocidental em nítida e imprevisível transição, um judaísmo que não preocupa os mais imediatamente atingidos, que, como genuínos homens de transição, suportam o que lhes é imposto. Essas formas religiosas que atingiram seu ponto derradeiro já tinham em sua prática atual um caráter meramente histórico tão indiscutível que parecia necessário apenas o transcurso de um tempo bem curto durante essa manhã para, mediante informações sobre o antiquado e remoto costume da circuncisão e suas orações semicantadas, despertar o interesse histórico dos presentes

Löwy, a quem deixo esperar por uma meia hora quase toda noite, disse-me ontem: há alguns dias sempre olho para sua janela durante a espera. Primeiro vejo luz nela, quando, como de hábito, chego antes da hora marcada; então suponho que o senhor ainda está trabalhando. Depois a luz se apaga, mas continua ligada na sala ao lado, ou seja, o senhor está jantando; depois a luz se acende novamente em seu quarto, ou seja, o senhor está escovando os dentes; então as luzes se apagam, ou seja, o senhor já está nas escadas, mas então elas voltam a se acender...

25/12/11. O que distingo, por meio de Löwy, da literatura judaica atual de Varsóvia e, por observação parcial própria, da literatura tcheca atual indica que muitas vantagens do trabalho literário, o movimento dos intelectos, a

solidariedade unitária da consciência nacional, com frequência inativa na vida exterior e sempre a se fragmentar, o orgulho e o apoio que a nação obtém para si e frente ao entorno hostil graças a uma literatura, esse diário de uma nação, que é algo bem diferente de historiografia e cuja consequência é um desenvolvimento mais rápido e contudo sempre revisado por muitos ângulos, a pormenorizada intelectualização da vasta vida pública, o comprometimento de elementos descontentes, que, neste caso, quando o dano só pode surgir por negligência, logo são úteis, a articulação do povo, que se forma pela atividade das revistas e sempre depende do todo, a limitação da atenção da nação ao seu próprio círculo e o acolhimento do estrangeiro apenas como reflexo, o surgimento do respeito pelas pessoas literariamente atuantes, o despertar passageiro, mas que continua a fazer efeito, de aspirações mais elevadas entre os adolescentes, a inclusão dos acontecimentos literários entre as preocupações políticas, o refinamento da oposição entre pais e filhos e a possibilidade de discuti-la, a apresentação dos defeitos nacionais de uma maneira especialmente dolorosa, é verdade, mas perdoável e libertadora, o surgimento de um comércio livreiro intenso e, por isso, autoconfiante, e da avidez por livros – todos esses efeitos já podem ser produzidos por uma literatura que, é verdade, se desenvolve numa extensão que não é realmente incomum, mas que tem essa aparência devido à falta de talentos significativos. A vivacidade de tal literatura é inclusive maior que a de uma repleta de talentos, pois como nela não há escritores cuja aptidão silenciaria pelo menos a maioria dos céticos, a disputa literária em grande escala adquire uma justificação real. Por isso, a literatura que não é atravessada por nenhum talento tampouco mostra qualquer lacuna pela qual os indiferentes pudessem se meter. Dessa maneira, a exigência da literatura por atenção se

torna mais imperativa. A independência do escritor particular, naturalmente apenas no interior das fronteiras nacionais, é mais bem conservada. A ausência de modelos nacionais irresistíveis mantém os completamente ineptos longe da literatura. Porém, mesmo capacidades fracas não bastam para se deixar influenciar pelas características indistintas dos escritores dominantes no momento, ou introduzir os resultados de literaturas estrangeiras ou imitar a literatura estrangeira já introduzida, o que já se pode depreender do fato, por exemplo, de numa literatura rica em grandes talentos como a alemã os piores escritores se aterem, com sua imitação, às fronteiras do país. A força criadora e alegradora, nos sentidos acima, de uma literatura ruim nos casos particulares se mostra especialmente efetiva quando se começa a registrar na história da literatura os escritores que morreram. Seus inegáveis efeitos passados e presentes tornam-se algo tão factual que pode ser confundido com suas criações. Fala-se das últimas e tem-se em mente os primeiros, chega-se até a ler as últimas e ver apenas os primeiros. Porém, como esses efeitos não se deixam esquecer e as criações não influenciam de modo independente a memória, tampouco há esquecimento e tampouco há recordação. A história da literatura oferece um bloco imutável e confiável que o gosto do dia pouco pode prejudicar. A memória de uma nação pequena não é menor que a memória de uma grande, por isso ela assimila o material existente de maneira mais profunda. É verdade que há menos especialistas em história da literatura empregados, mas a literatura é menos um assunto da história da literatura que um assunto do povo, e, por isso, ela é conservada, ainda que não puramente, pelo menos de modo seguro. Pois as exigências que a consciência nacional no interior de um povo pequeno impõe ao indivíduo implicam que cada um sempre esteja pronto a conhecer, a amparar e a defender a parte da literatura

que lhe coube e, de todo modo, a defendê-la, ainda que não a conheça nem a ampare.

Circuncisão na Rússia. Por toda a casa, onde quer que existam portas, penduram-se tabuletas do tamanho da palma da mão estampadas com símbolos cabalísticos para proteger a mãe, no período entre o nascimento e a circuncisão, dos maus espíritos, que nesse período podem ser especialmente perigosos para ela e para o filho, talvez porque o corpo dela tenha se aberto tanto e assim ofereça acesso fácil a tudo o que é mau, e também porque o filho não pode oferecer qualquer resistência ao mal enquanto não tiver sido recebido na Aliança. Por isso, também se contrata uma enfermeira para que a mãe não fique um instante sozinha. Como defesa contra os maus espíritos também serve que durante sete dias após o nascimento, com exceção da sexta-feira, de dez a quinze crianças, sempre diferentes, venham ao leito da mãe por volta do anoitecer sob o comando do *belfer* (professor auxiliar), ali recitem o *Shemá Israel*²⁷⁰ e depois sejam presenteadas com doces. Essas crianças inocentes de cinco a oito anos deteriam de modo especialmente eficaz os maus espíritos, cujas investidas seriam mais frequentes ao anoitecer. Na sexta-feira há uma festa especial, assim como em geral se sucedem vários banquetes durante essa semana. Na véspera da circuncisão os maus espíritos tornam-se selvagens ao extremo e, por isso, a última noite é uma noite de vigília, na qual as pessoas ficam acordadas junto à mãe até por volta do amanhecer. A circuncisão ocorre na maioria das vezes na presença de parentes e amigos, com frequência mais de cem. O mais respeitado dos presentes está autorizado a carregar a criança. O circuncisador, que exerce seu ofício sem receber pagamento, é

quase sempre um bebedor, pois, ocupado como é, não pode tomar parte nos diversos banquetes e por isso apenas engole um pouco de aguardente. Por esse motivo, todos esses circuncisadores têm narizes vermelhos e mau hálito. Por isso tampouco é higiênico quando eles, depois de executado o corte, sugam o membro sangrento com essa mesma boca, conforme prescrito. Em seguida o membro é coberto com serragem e sara em mais ou menos três dias.

Entre os judeus – e, é claro, especialmente os da Rússia – não parece ser muito comum e característico ter uma estrita vida familiar, pois vida familiar também se encontra, afinal, entre os cristãos, sem falar que o fato de a mulher ser excluída do estudo do Talmude é algo que atrapalha a vida familiar dos judeus, de modo que as mulheres, quando o marido quer conversar com visitas sobre assuntos talmúdicos eruditos, ou seja, sobre o centro de sua vida, retiram-se para o quarto ao lado, quando não são forçadas a tanto, e de modo que é ainda mais peculiar deles o fato de se encontrarem com tanta frequência, em qualquer ocasião possível, seja para orar ou estudar ou discutir assuntos divinos ou para banquetes, na maioria das vezes com motivação religiosa, em que se bebe álcool apenas muito moderadamente. É como se se refugiassem uns junto aos outros.

Goethe provavelmente refreia o desenvolvimento da língua alemã pela força de suas obras. Ainda que no meio-tempo a prosa tenha se afastado dele com frequência, por fim, como acontece precisamente na atualidade, ela retornou a ele com ânsia revigorada e se apropriou inclusive de antigas

expressões, que se encontram em sua obra mas não se relacionam com ele, para se deleitar com o espetáculo completo de sua própria dependência sem limites.

Meu nome em hebraico é Anshel, tal como o avô materno²⁷¹ de minha mãe, de quem ela se recorda como sendo um homem muito piedoso e erudito de longa barba branca, falecido quando ela tinha seis anos de idade. Ela lembra como a fizeram segurar os dedos do pé do cadáver e rogar por perdão para possíveis faltas cometidas contra o avô. Também se recorda dos muitos livros do avô que cobriam as paredes. Ele tomava banho no rio diariamente, também no inverno, quando cavava um buraco no gelo para tanto. A mãe²⁷² de minha mãe morreu precocemente de tifo. A partir dessa morte, a avó²⁷³ tornou-se melancólica, recusava-se a comer, não falava com ninguém; certa vez, um ano após a morte da filha, saiu para passear e não voltou mais; seu cadáver foi retirado do Elba. Um homem ainda mais erudito que o avô fora o bisavô de minha mãe; ele desfrutava da mesma estima entre cristãos e judeus; por ocasião de um grande incêndio, sucedeu o milagre, devido à sua piedade, de o fogo saltar por cima de sua casa e poupá-la, enquanto as casas ao redor se queimaram. Ele teve quatro filhos, um deles se converteu ao cristianismo e se tornou médico. Todos morreram cedo, com exceção do avô de minha mãe. Este teve um filho, que minha mãe conhecia como o “doido tio Nathan”²⁷⁴, e uma filha, justamente a mãe de minha mãe.

Correr contra a janela e, pelas madeiras e vidraças estilhaçadas,

enfraquecido após empregar todas as forças, passar sobre o parapeito.

26/12/11. Dormi mal outra vez, já é a terceira noite. Assim, passei os três dias de feriado, em que esperava escrever coisas que me ajudassem ao longo de todo o ano, num estado de desamparo. Na noite de Natal, passeio com Löwy rumo ao Stern.²⁷⁵ Ontem, *Blümale oder die Perle von Warschau*.²⁷⁶ Por seu amor e fidelidade perseverantes, Blümale é distinguida pelo autor no título com o nome honorífico de “pérola de Varsóvia”. Só o pescoço descoberto, longo e delicado da sra. Tschissik explica suas feições. O brilho das lágrimas nos olhos da sra. Klug ao cantar uma melodia uniformemente ondulada em que os espectadores deixam pender suas cabeças, parecia-me, em seu significado, ultrapassar em muito a canção, o teatro, as preocupações de todo o público, inclusive minha imaginação. Ao dar uma olhada no camarim pela cortina dos fundos vi justamente a sra. Klug, ali parada de anágua branca e camisa de mangas curtas. Minha incerteza sobre os sentimentos do público e, por isso, fatigante incitação interior de seu entusiasmo. Meu modo habilidoso e amável ao falar ontem com a srta. T.²⁷⁷ e seus acompanhantes. Condizia com essa liberdade de minha boa natureza, sentida ontem como também já no sábado, que eu, embora nem de longe precisasse disso, usasse, devido a certa condescendência em relação ao mundo e a uma modéstia petulante, algumas palavras e movimentos exteriormente embaraçados. Estive sozinho com minha mãe e também tratei isso de maneira leve e bela; encarei todos com firmeza.

Continuação.²⁷⁸ Os textos antigos recebem muitas interpretações que procedem com o débil material usando uma energia que só é abafada pelo temor de que se poderia chegar ao fim de modo fácil demais, bem como pelo respeito unânime. Tudo acontece da maneira mais honesta, só que se trabalha dentro de uma parcialidade que jamais se dissipa, não permite o surgimento do cansaço e, pela elevação de uma mão habilidosa, se espalha por milhas. Mas, por fim, parcialidade não significa apenas o impedimento da visão para fora, e sim também o impedimento da visão para dentro, no que se traça um risco por todas estas observações.

Por faltarem pessoas coerentes, deixam de existir ações literárias coerentes. (Um assunto específico é empurrado para as profundezas a fim de poder ser observado das alturas, ou é elevado às alturas para que alguém possa se afirmar a seu lado lá no alto. Falso.) Ainda que o assunto específico seja com frequência ponderado com calma, não se chega a suas fronteiras, nas quais se relaciona com assuntos análogos; chega-se da forma mais fácil à fronteira da política, inclusive se aspira a ver essa fronteira antes que ali esteja e, com frequência, a encontrar por toda parte essa fronteira que se encolhe. A estreiteza do espaço, além da consideração pela simplicidade e pela uniformidade, e, por fim, também a ponderação de que graças à independência interior da literatura a ligação exterior com a política seria inofensiva levam a literatura a se difundir pelo país aferrando-se a slogans políticos.

Por toda parte encontra-se a alegria com o tratamento literário de temas pequenos, que só podem ter o tamanho necessário para se gastar com eles um entusiasmo pequeno e que tenham perspectivas e recursos polêmicos. Xingamentos literariamente pensados rolam para cá e para lá; no círculo dos temperamentos mais fortes, eles voam. O que no interior das grandes

literaturas acontece embaixo e constitui um porão imprescindível do edifício, passa-se aqui em plena luz; o que lá faz surgir uma afluência momentânea, produz aqui nada menos que a decisão sobre a vida e a morte de todos.

Lista de coisas que hoje podem ser facilmente imaginadas como antiquadas: os aleijados mendigando nos caminhos que levam aos lugares de passeio e de excursão, a atmosfera não iluminada durante a noite, o pedágio para atravessar as pontes

Uma lista daqueles trechos de *Dichtung und Wahrheit*²⁷⁹ que, devido a uma peculiaridade que não pode ser verificada, produzem uma impressão especialmente forte de vivacidade, não relacionada de modo essencial com aquilo que está sendo propriamente apresentado, por exemplo, que evocam a imagem do menino Goethe, curioso, ricamente vestido, benquisto e vivaz, intrometendo-se na casa de todos os conhecidos apenas para ver e ouvir tudo o que há para ver e ouvir. Agora, ao folhear o livro, não consigo encontrar tais trechos, todos me parecem nítidos e contêm uma vivacidade que não pode ser superada por nenhum acaso. Tenho de esperar até que, em dado momento, leia de modo ingênuo, detendo-me então nos trechos corretos.

É desagradável ouvir quando meu pai, com incessantes indiretas acerca da situação feliz dos contemporâneos e sobretudo de seus filhos, fala dos sofrimentos que teve de passar na juventude. Ninguém nega que durante

anos meu pai teve feridas abertas nas pernas devido à roupa de inverno insuficiente, que passou fome com frequência, que já aos dez anos tinha de empurrar um carrinho pelos povoados, mesmo no inverno e já bem cedo pela manhã – só que esses fatos corretos, e isso ele não quer compreender, quando comparados com o outro fato correto de que não passei por tudo isso, não permitem a mais ínfima conclusão de que fui mais feliz que ele, que ele possa ufanar-se por causa dessas feridas nas pernas, que ele suponha e afirme desde o princípio que não sou capaz de reconhecer seus sofrimentos passados e que, por fim, eu deva ser-lhe infinitamente grato justo porque não tive os mesmos sofrimentos. Com que gosto eu não o escutaria falando sem parar de sua juventude e de seus pais, mas ter de ouvir tudo isso em tom de gabolice e de briga é torturante. Repetidamente, ele bate as mãos: “Quem sabe disso hoje! O que sabem os filhos! Ninguém passou por isso! Vá um filho compreender isso hoje!”. Hoje ele voltou a falar de modo parecido com a tia Julie²⁸⁰, que nos visitou. Ela também tem o rosto enorme de todos os parentes do lado de meu pai. É só uma pequena e incômoda nuance, mas os olhos estão mal posicionados ou mal coloridos. Ela foi trabalhar como cozinheira aos dez anos. Então, no maior frio, tinha de correr vestindo uma saia curta, molhada, em busca de alguma coisa, a pele das pernas se gretava, a saia curta congelava e secava apenas à noite, na cama.

27/12/11. Uma pessoa infeliz que não pode ter filhos está terrivelmente fechada em sua infelicidade. Em lugar algum há uma esperança de renovação, de ajuda através de astros mais propícios. Ela precisa fazer seu caminho acometida pela infelicidade, dar-se por satisfeita quando seu círculo estiver fechado e não recomeçar mais adiante para experimentar se

essa infelicidade que sofreu poderia, num caminho mais longo, sob outras circunstâncias físicas e temporais, perder-se ou então gerar algo bom

Essa sensação de falsidade que tenho ao escrever poderia ser representada pela imagem de alguém que, diante de dois buracos no chão, espera por uma aparição que só pode sair do buraco direito. Porém, enquanto precisamente este se mantém sob uma tampa pouco visível, do esquerdo se levanta uma aparição atrás da outra, busca atrair o olhar para si e por fim o consegue sem esforço devido a seu tamanho crescente, que, por fim, cobre inclusive a abertura correta, por mais que se procure impedi-lo. Porém, se a pessoa não quiser deixar esse lugar – e isso ela não quer a preço algum –, ela depende dessas aparições, que no entanto não podem bastar-lhe devido à sua fugacidade – sua força se consome no mero aparecimento –, mas que a pessoa, quando elas cessam por fraqueza, afugenta para o alto e em todas as direções apenas para fazer surgirem outras, visto que o aspecto constante de uma só é insuportável e visto que também resta a esperança de, após o esgotamento das aparições falsas, finalmente emergirem as verdadeiras.

Esquema para caracterização das pequenas literaturas:

Efeito no bom sentido, num caso como no outro, de qualquer maneira.

Neste caso, efeitos inclusive melhores em situações particulares.

1. Vivacidade

a. Disputa; b. escolas; c. revistas

2. Alívio

a. Ausência de princípios; b. temas pequenos; c. fácil formação de símbolos; d. desistência dos incapazes

3. Popularidade

a. Nexó com a política; b. história da literatura; c. fé na literatura, cujas leis são deixadas por conta dela mesma

É difícil mudar de opinião quando se sentiu essa vida útil e alegre em todos os membros

Quão pouco enérgica é a imagem acima. Entre o sentimento efetivo e a descrição comparadora, colocada como uma tábua, há uma premissa incoerente.

28/12/11. O tormento que a fábrica me causa. Por que aceitei quando me obrigaram a trabalhar lá à tarde? Bem, ninguém me obriga à força, mas meu pai o faz com repreensões, e Karl, com silêncio e minha consciência de culpa. Não sei nada da fábrica e, hoje de manhã, durante a inspeção da comissão, fiquei parado por ali inutilmente e como se tivesse levado uma surra. Não acredito na possibilidade de descobrir todos os pormenores do funcionamento da fábrica. E se o conseguisse por meio de uma perguntação e importunação intermináveis de todos os envolvidos, o que teria alcançado? Eu não saberia fazer nada efetivo com esse conhecimento, sou apto apenas para pseudofunções, às quais o senso correto de meu chefe acrescenta o sal e o ar de um resultado realmente bom. Mas, por outro lado, devido a esse esforço nulo empregado em favor da fábrica eu me privaria da possibilidade de empregar para mim as poucas horas da tarde, o que levaria necessariamente à completa aniquilação de minha existência, que, de toda maneira, também se restringe cada vez mais.

Hoje à tarde, durante uma saída, vi, pela duração de alguns passos, membros puramente imaginários da comissão, que tanto medo me causara de manhã, vindo em minha direção ou cruzando meu caminho.

29/12/11. Aqueles trechos vivazes de Goethe. Página 265: “Por isso arrastei meu amigo para os bosques”²⁸¹

O crescimento das forças por meio de lembranças amplas e contundentes. Uma esteira independente é virada na direção de nosso barco e, com o efeito aumentado, elevam-se a consciência de nossas forças e elas próprias.

Goethe, p. 307: “Nessas horas, não ouvia quaisquer outras conversas senão de medicina ou de história natural, e minha imaginação foi arrastada para um campo inteiramente diferente”.²⁸²

As dificuldades de finalização de um ensaio, mesmo que pequeno, não se encontram no fato de nosso sentimento exigir para o acabamento do texto um fogo que o conteúdo efetivo tratado até então não tenha conseguido gerar a partir de si mesmo; elas surgem, antes, do fato de mesmo o menor ensaio exigir do autor um contentamento consigo próprio e um extravio dentro de si mesmo dos quais é difícil sair ao ar do dia costumeiro sem forte resolução e estímulo externo, de modo que a pessoa

foge, impelida pela inquietação, antes que o ensaio seja fechado redondamente e ela possa sair em silêncio, e assim a conclusão precisa ser finalizada de fora, por assim dizer com mãos que não só trabalham mas também precisam se agarrar.

30/12/11. Meu impulso imitativo não tem nada de cênico, falta-lhe sobretudo a unidade. Não consigo imitar de forma alguma em toda a sua amplitude o grosseiro, o chamativamente característico, tentativas semelhantes sempre fracassaram para mim, são contra a minha natureza. Em compensação, tenho um impulso resoluto para a imitação de detalhes do grosseiro, sou compelido a imitar as manipulações de certas pessoas com bengalas, a posição de suas mãos, o movimento de seus dedos, e consigo fazê-lo sem esforço. Mas precisamente essa falta de esforço, essa sede de imitação, afasta-me do ator, pois essa falta de esforço tem sua contrapartida no fato de ninguém perceber que imito. Apenas meu próprio reconhecimento contente ou, com maior frequência, relutante, mostra-me o bom resultado. No entanto, muito além dessa imitação exterior ainda vai a interior, que muitas vezes é tão convincente e forte que não resta em meu íntimo qualquer espaço para observar e constatar essa imitação, mas que eu apenas a encontre na memória. Porém, também nesse caso a imitação é tão completa e substitui a mim mesmo no tempo de um salto e uma queda que seria insuportável no palco, supondo que realmente pudesse ser tornada visível. Não se pode exigir que o público assista mais que uma atuação extremamente exterior. Se um ator, segundo as instruções, precisa espancar outro, realmente o espanca em meio à excitação e ao ímpeto excessivo dos sentidos e este grita de dor, então o espectador precisa se transformar em ser

humano e intervir. Mas o que raras vezes acontece dessa maneira, acontece vezes sem conta de maneiras secundárias. A essência do mau ator não consiste no fato de ser fraco na imitação, mas antes no fato de imitar modelos falsos devido a carências na formação, experiência e predisposição. Porém, seu defeito mais essencial continua sendo o de não respeitar os limites da atuação e imitar com muita força. Impele-o a isso sua ideia nebulosa das exigências do palco, e mesmo quando o espectador acredita que este ou aquele ator é ruim por ficar parado hesitantemente, brincar com a ponta dos dedos na borda do bolso, colocar as mãos nos quadris indevidamente, prestar atenção ao ponto, conservar a qualquer preço uma seriedade medrosa por mais que os momentos mudem completamente, tal ator caído do céu sobre o palco só é ruim por imitar com muita força, ainda que o faça apenas segundo

31/12/11

sua opinião. Justo porque suas capacidades são tão limitadas ele teme fazer menos que tudo. Mesmo quando sua capacidade não é de fato indivisivelmente pequena, ele não quer denunciar que, às vezes, e com a participação de sua vontade, também pode haver menos arte à sua disposição que a totalidade dela. A arte²⁸³ livre, que acontece sem considerar os observadores na plateia, dirigida pelas necessidades puramente sentidas da encenação,

Pela manhã me senti bastante renovado para escrever, mas agora me atrapalha completamente a ideia de ler à tarde para Max o que escrevi. Isso também mostra o quanto sou inapto para a amizade, supondo que amizade nesse sentido seja realmente possível. Pois visto que é impensável uma amizade sem as interrupções da vida cotidiana, um grande número de suas

manifestações será repetidamente soprado para longe, ainda que o cerne de tal amizade permaneça incólume. Elas por certo se formam de novo a partir do cerne incólume, mas como cada uma dessas formações requer tempo, e como nem todas são bem-sucedidas, jamais, mesmo desconsiderando as mudanças dos humores pessoais, se pode retomar as coisas no ponto em que foram interrompidas da última vez. Assim, no caso de amizades com alicerces profundos, tem de surgir antes de cada novo encontro uma inquietação que não precisa ser tão grande a ponto de ser sentida em si mesma, mas que pode perturbar a conversa e o comportamento até um grau em que a pessoa se espante de modo consciente, em especial por não reconhecer o motivo ou não poder acreditar nele. Nessas circunstâncias, como é que vou ler para Max, ou mesmo, durante a escrita do que segue, pensar que vou lê-lo para ele?

Além disso, incomoda-me o fato de hoje de manhã ter folheado o diário em busca do que pudesse ler para Max. Bem, nesse exame não achei que o escrito até agora fosse especialmente valioso, nem que deva ser simplesmente jogado fora. Meu juízo está entre as duas opiniões e mais próximo da primeira, mas não é de um gênero tal que, segundo o valor do que escrevi e apesar de minha fraqueza, eu devesse me considerar esgotado. Apesar disso, a visão da abundância de coisas que escrevi me afastou quase irrecuperavelmente para as próximas horas da fonte da própria escrita, pois a atenção, por assim dizer no mesmo curso do rio, se perdeu correnteza abaixo.

Enquanto acredito, por vezes, que era capaz de pensar de modo especialmente perspicaz durante todo o tempo de ginásio e mesmo antes, e que apenas devido ao posterior enfraquecimento de minha memória não posso mais julgar isso de forma justa hoje, outras vezes reconheço que minha má memória só quer me bajular, e que eu, pelo menos quanto a coisas em si insignificantes mas de graves consequências, me comportei com bastante preguiça mental. Assim, de qualquer modo, tenho na memória que nos tempos de ginásio disputava frequentemente com Bergmann²⁸⁴ – ainda que não em muitos detalhes, é provável que já naquela época me cansasse com facilidade – acerca de Deus e da possibilidade de sua existência de um modo talmúdico que fora ou encontrado em meu interior, ou imitado dele. Na época, eu gostava de tomar como ponto de partida o tema que encontrara numa revista cristã – acho que era *Die christliche Welt* [O mundo cristão] –, no âmbito do qual se comparava um relógio e o mundo e o relojoeiro e Deus, e a existência do relojoeiro pretendia provar a de Deus. Segundo minha opinião, eu conseguia refutar isso muito bem diante de Bergmann, ainda que essa refutação não estivesse firmemente alicerçada em mim e, para usá-la, precisasse antes montá-la como um quebra-cabeça. Uma tal refutação ocorreu certa vez quando contornávamos a torre da Câmara Municipal.²⁸⁵ Recordo-me disso com exatidão porque certa vez, anos atrás, recordamo-nos disso mutuamente. – Porém, enquanto acreditava me destacar nisso – não era levado a fazê-lo por outro motivo senão o desejo de me destacar e a alegria com a atividade e o resultado –, era só por não refletir com intensidade o bastante que tolerava o fato de sempre andar com roupas ruins, que meus pais encomendavam alternadamente de alguns clientes e, por longo tempo, de um alfaiate em Nusle.²⁸⁶ É claro que eu percebia, o que era muito fácil, que andava

especialmente malvestido, também sendo capaz de ver quando os outros estavam bem-vestidos, só que por anos a fio meu pensamento não foi capaz de encontrar em minhas roupas a causa de minha aparência deplorável. Visto que já naquela época eu estava, mais em pressentimentos do que em realidade, a caminho de me depreciar, estava convencido de que só em mim as roupas assumiam essa aparência de início rígida como uma tábua e depois pendendo em pregas. De forma alguma queria roupas novas, pois, já que teria uma aparência feia, queria pelo menos ter conforto e, além disso, evitar exhibir para o mundo, que se acostumara com as roupas velhas, a feiura das novas. Essas recusas, que sempre duravam muito, frente à minha mãe, que com frequência queria mandar fazer roupas novas desse tipo, pois, de todo modo, com o olho da pessoa adulta, conseguia encontrar diferenças entre essas roupas novas e velhas, agiram sobre mim na medida em que me convenci, com a sanção de meus pais, de que não me importava nada com minha aparência.

2/1/11 [1912]. Devido a isso, também cedi às roupas ruins em minha postura, andava por aí de costas curvadas, ombros tortos, braços e mãos paralisados; temia espelhos porque, em minha opinião, me mostravam numa feiura inevitável, que, além disso, não podia estar sendo refletida de modo inteiramente veraz, pois se eu tivesse de fato essa aparência também teria de chamar mais a atenção; em passeios dominicais, tolerava golpes suaves de minha mãe nas costas e exortações e profecias por demais abstratas, que não conseguia relacionar de forma alguma com minhas preocupações presentes de então. Faltava-me sobretudo a capacidade de me precaver mesmo que minimamente para o futuro efetivo. Atinha-me com meu pensamento às coisas presentes e suas condições presentes, não por

escrupulosidade ou um interesse muito persistente, e sim, até onde a causa não era a debilidade do pensamento, por tristeza e medo; por tristeza, pois pelo fato de o presente ser-me tão triste, acreditava não poder deixá-lo antes de terminar em felicidade; por medo, pois, assim como tinha medo do menor passo presente, também me julgava indigno, considerando minhas desprezíveis maneiras infantis, de julgar a sério, com responsabilidade, o grande futuro viril, que na maioria das vezes também me parecera tão impossível que cada pequeno avanço era-me como uma falsificação e o mais próximo era-me inalcançável. Admitia mais facilmente os milagres do que o avanço real, mas era frio demais para não deixar os milagres em sua esfera e o avanço real na sua. Assim, podia me ocupar por muito tempo antes de adormecer imaginando que um dia, homem rico, entraria no bairro judeu numa carruagem puxada por quatro cavalos, libertaria, com uma palavra de autoridade, uma bela jovem espancada injustamente e a levaria embora em minha carruagem; porém, intocada por essa crença brincalhona, que provavelmente apenas se alimentava de uma sexualidade já doentia, restava a convicção de que não passaria nas provas de final de ano e, se passasse, não iria adiante na próxima classe, e, se também isso ainda fosse evitado mediante artimanhas, que seria definitivamente reprovado nos exames finais do ginásio, e que de resto, não importa em que momento, sem dúvida surpreenderia repentinamente meus pais, entorpecidos pela minha aparente ascensão regular, bem como o resto do mundo, com a revelação de uma incapacidade inédita. Porém, visto que sempre considerei apenas minha incapacidade como indicador de meu caminho rumo ao futuro – apenas raramente meu fraco trabalho literário –, uma reflexão sobre o futuro nunca me trouxe proveito; era só um prosseguimento da aflição presente. Quando queria, é verdade que podia andar ereto, mas isso me

cansava e tampouco conseguia compreender como uma postura torta poderia me prejudicar no futuro. Se eu tiver um futuro, então, tal era meu sentimento, tudo se colocará em ordem por conta própria. Tal princípio não fora escolhido por conter confiança num futuro em cuja existência, de qualquer forma, eu não acreditava; tinha antes apenas a finalidade de me facilitar a vida. Andar, vestir-me, lavar-me, ler, sobretudo me trancar dentro de casa de uma maneira que me exigisse o mínimo de esforço e o mínimo de coragem. Quando ia além disso, só encontrava saídas ridículas. Certa vez, parecia ser impossível continuar sem uma roupa de festa preta, especialmente porque eu também fora colocado diante da tarefa de decidir se queria ter aulas de dança. Aquele alfaiate de Nusle foi chamado e deliberou-se sobre o corte da roupa. Eu estava indeciso, como sempre nesses casos, em que tinha de temer, graças a uma comunicação clara, não só ser arrastado para alguma coisa desagradável imediata, mas, além disso, para uma ainda pior. Assim, de início não quis roupa preta alguma, mas quando me envergonharam diante do homem desconhecido com a observação de que eu não tinha roupa de festa, tolerei que chegassem a cogitar um fraque; porém, visto que considerava um fraque uma terrível reviravolta, da qual afinal se poderia falar mas sobre a qual jamais se poderia decidir, entramos em acordo acerca de um smoking, que, por sua semelhança com o habitual casaco, pelo menos me parecia suportável. Porém, quando ouvi que o colete do casaco era necessariamente decotado e que portanto também teria de usar uma camisa engomada, adotei, visto que cabia rechaçar algo do gênero, uma firmeza que quase ultrapassava minhas forças. Não queria um smoking desse tipo, mas, já que era inevitável, um que, embora forrado e guarnecido com seda, fosse fechado até em cima. O alfaiate não conhecia um smoking assim, mas observou que, seja lá o que

eu imaginava que fosse tal casaco, não poderia ser uma roupa de dança. Ótimo, então não era uma roupa de dança, eu nem queria dançar, isso não estava nem de longe decidido, mas, em compensação, queria mandar fazer o casaco descrito. O alfaiate estava bastante aparvalhado, pois até agora eu sempre o deixara tirar minhas medidas e sempre provara roupas novas com uma pressa envergonhada, sem observações e desejos. Por isso, e também devido à insistência de minha mãe, não me restou outra coisa, por mais embaraçoso que fosse, senão ir com o alfaiate, passando pelo Altstädter Ring, até a vitrine de um comerciante de roupas velhas, onde eu vira, já fazia muito tempo, um smoking inofensivo desse tipo e reconhecera que me serviria. Mas, infelizmente, já o haviam tirado da vitrine, mesmo olhando com esforço não era possível avistá-lo no interior da loja e não ousei entrar nela apenas para vê-lo, de modo que voltamos para casa em meio ao desacordo anterior. Mas, para mim, foi como se o futuro smoking já estivesse amaldiçoado devido à inutilidade desse caminho, pelo menos aproveitei o aborrecimento das falas e réplicas como pretexto para despachar o alfaiate com uma pequena encomenda qualquer e uma falsa esperança em relação ao smoking, e lá fiquei, cansado, em meio às repreensões de minha mãe, para sempre – tudo me acontecia para sempre – afastado das garotas, da aparência elegante e das diversões dançantes. Senti-me miserável devido à alegria que, ao mesmo tempo, senti a propósito disso, e, além do mais, tive medo de ter me tornado tão ridículo frente ao alfaiate como nenhum de seus clientes até agora.

3/1/12. Li muitas coisas na *Die Neue Rundschau*. Início do romance *Der nackte Mann* [O homem nu], uma clareza um tanto rala demais no todo,

infalível nos detalhes. *Gabriel Schillings Flucht* [A fuga de Gabriel Schilling], de Hauptmann. Formação das pessoas. Instrutivo no ruim e no bom.²⁸⁷

Véspera de ano-novo. Propusera-me ler algo dos diários para Max à tarde, alegrara-me com isso e não consegui fazê-lo. Nossas sensibilidades não estavam em harmonia, pressentia nele nessa tarde uma mesquinha e uma pressa calculistas, ele quase não era meu amigo, mas, de qualquer maneira, ainda me dominava a tal ponto que eu me via folheando os cadernos com seus olhos, repetidas vezes, inutilmente, e achei abominável esse folhear para cá e para lá que, no sobrevoo, mostrava sempre as mesmas páginas. Ao sairmos dessa tensão mútua, era naturalmente impossível trabalharmos juntos, e a única página de *Richard und Samuel* que conseguimos terminar em meio a resistências mútuas é apenas uma prova da energia de Max, mas, quanto ao resto, ruim. Véspera de ano-novo no Čada.²⁸⁸ Não foi tão ruim, pois Weltsch, Kisch²⁸⁹ e mais um acrescentaram sangue novo, de maneira que por fim, embora apenas nos limites desse grupo, me aproximei novamente de Max. No tumulto do Graben, então, apertei sua mão já sem vê-lo e fui, meus três cadernos apertados contra mim, orgulhosamente direto para casa, segundo me parece na lembrança

As chamas que, na rua, em volta de uma caçarola, diante de uma construção nova, se elevavam na forma de fetos.²⁹⁰

Pode-se reconhecer muito bem em mim uma concentração dirigida à

escrita. Quando ficou claro em meu organismo que a escrita era a direção mais produtiva de meu ser, tudo afluiu para lá e deixou vazias todas as capacidades que se voltavam acima de tudo às alegrias do sexo, da comida, da bebida, da reflexão filosófica e da música. Emagreci em todas essas direções. Isto era necessário porque minhas forças eram tão pequenas em sua totalidade que apenas concentradas poderiam servir razoavelmente à finalidade da escrita. É claro que não encontrei essa finalidade de modo autônomo e consciente, ela encontrou a si mesma, e agora só é atrapalhada pelo escritório, mas, nesse caso, de forma radical. De todo modo, não posso lamentar o fato de não tolerar uma amante, de entender do amor quase tanto quanto de música e de precisar me satisfazer com os efeitos mais superficiais, que chegam voando, de na noite de ano-novo ter jantado escorcioneira com espinafre e bebido um quarto de Ceres²⁹¹ para acompanhar e de no domingo não poder assistir à leitura do trabalho filosófico de Max; a compensação para tudo isso é evidente. Portanto, desse conjunto de coisas, apenas preciso jogar fora o trabalho no escritório para, visto que agora meu desenvolvimento está completo e, até onde vejo, nada mais tenho a sacrificar, dar início à minha verdadeira vida, na qual meu rosto finalmente poderá envelhecer de modo natural com o avanço de meus trabalhos.

A reviravolta que uma conversa experimenta quando se fala, de início, de modo pormenorizado de preocupações da existência mais interior e, em seguida, sem que ocorra exatamente uma interrupção, mas tampouco, naturalmente, um desenvolvimento a partir do primeiro tema, vem à baila quando e onde os interlocutores se verão da próxima vez e que

circunstâncias precisarão ser aí consideradas. Se essa conversa ainda termina com um aperto de mãos, separamo-nos com a crença momentânea numa estrutura pura e firme de nossa vida e com respeito por tal estrutura.

Numa autobiografia, é inevitável que com bastante frequência se coloque “várias vezes” ali onde se deveria, de acordo com a verdade, colocar “uma vez”. Pois permanecemos sempre cômicos de que a memória tira da escuridão coisas que serão despedaçadas pela expressão “uma vez”, tampouco inteiramente poupadas pela expressão “várias vezes”, é verdade, mas que pelo menos serão conservadas na opinião de quem escreve, levando-o a passar por partes que talvez não tenham existido de forma alguma em sua vida, mas que lhe dão um substituto para aquelas que ele não toca mais na memória sequer com uma suspeita.

213. Texto do autor Norbert Eisler publicado em janeiro de 1912 na revista *Deutsche Arbeit* com a seguinte observação: “Do romance *Der Doktor mit dem Heiligenschein* [O doutor com a auréola], a ser publicado no início de 1912”.

214. Anton Max Pachinger (1864-1938), natural de Linz, cidade austríaca.

215. Ver nota 29.

216. Estirpe de condes alemães do período medieval (séculos XII-XIV).

217. Na realidade, *Glaube und Aberglaube im Steinreich* [Crença e superstição no reino mineral], Munique, 1911.

218. *Die Mutterschaft in der Malerei und Graphik* [A maternidade na pintura e na gravura], Munique, 1906.

219. O poema completo foi anotado por Kafka fora do diário: *Kleine Seele / springst im Tanze / legst in warme Luft den Kopf / hebst die Füße aus glänzendem Grase / das der Wind in zarte Bewegung treib* (Pequena alma / saltas a dançar / colocas no ar quente a cabeça / elevas os pés da grama brilhante / que o vento agita em suave movimento).

220. Friedrich Rückert (1788-1866): poeta e orientalista alemão que, mediante traduções, introduziu a forma do gazel – um tipo de poema árabe – na literatura alemã. O ritornelo é um tipo de poema

italiano com estrofes de três linhas em que a primeira rima com a terceira.

221. Max Halbe (1865-1944): escritor alemão.

222. Franz Blei (1871-1942): escritor e editor alemão.

223. Blei também editou revistas erótico-literárias como *Der Amethyst* e *Die Opale*.

224. A comédia *Die Hose*, de Carl Sterheim, estreara em Munique poucos dias antes, em 20 de novembro de 1911.

225. Referente ao pintor flamengo Peter Paul Rubens (1577-1640).

226. Ou *am ha-Arez*, a designação talmúdica para os leigos ignorantes (também para os analfabetos) em contraposição aos eruditos.

227. Em hebraico, *hasidim*, “os piedosos”. Na Alemanha medieval, o chassidismo foi um movimento religioso judaico que formava uma corrente paralela, mas popular, à cabala. Em meados do século XVIII, Israel ben Elieser (1699-1760) fundou na Ucrânia outra corrente chassídica, nascida do ressentimento contra a religião oficial rabínica e que se aproximava da forma popular da cabala dos séculos XVI e XVII. Essa nova corrente se espalhou rapidamente pela Polônia e pela Romênia, tornando-se a forma predominante da devoção judaica.

228. Do hebraico *qabbalah*, “tradição recebida” (por oposição à lei escrita). O termo designa o misticismo judaico medieval.

229. Prováveis esboços de títulos para uma elaboração literária do encontro com a trupe de teatro iídiche de Jizchak Löwy.

230. Wilhelm Schäfer (1868-1952): escritor alemão. O livro em questão, de 1911, é uma autobiografia ficcional do pintor, gravador e escultor suíço Karl Stauffer-Bern (1857-1891).

231. Eduard Mörike (1804-1875): poeta alemão.

232. Ver a última anotação de 9 de novembro de 1911.

233. A maior das ilhas do rio Moldava em Praga, dotada de parques e jardins.

234. A companhia de teatro iídiche.

235. A tradução dada por Kafka é bastante literal. O provérbio judaico significa que o estudo (da Torá) é o melhor investimento.

236. Hradschin: castelo de Praga; o belvedere é o mesmo citado na anotação de 27 de setembro de 1911.

237. Rua de Praga.

238. Maria Blei, esposa do escritor Franz Blei; a srta. Haas é Helli Haas (ver p. 52).

239. As anotações de Kafka baseiam-na na leitura de *Karl Stauffer-Bern: sein Leben, seine Briefe*,

seine Gedichte (Karl Stauffer-Bern: sua vida, suas cartas, seus poemas), de Otto Brahm (Stuttgart, 1892). Ver também nota 230.

240. Felix Hermann (1911-1940), o primeiro filho de Elli, irmã mais velha de Kafka, e Karl Hermann.

241. Em carta de 19 de abril de 1887, Stauffer-Bern relata a morte de seu amigo Lissel.

242. Comédia do escritor alemão Gerhart Hauptmann (1862-1946) encenada em 12 de dezembro de 1911 pela segunda e última vez no Neues Deutsches Theater de Praga, na qual Else Lehmann, do Lessingtheater de Berlim, representou o papel de mãe Wolffen, uma ladra.

243. O chefe de polícia em *Der Biberpelz*.

244. Nos dias 10 e 11 de dezembro de 1911 encenou-se no café Savoy a peça *Mojsche Chajet oder: Der Schneider als Gemeinderat* [Mojsche Chajet ou: O alfaiate vereador], de Moses Richter.

245. Todas obras do compositor alemão Johannes Brahms (1833-1897): *opus* 93a, 82, 89 e 55, respectivamente. A *Canção das Parcas* foi extraída da peça *Iphigenie auf Tauris* [*Ifigênia em Táuride*], de Goethe; o *Canto triunfal* baseia-se em Apocalipse 19.

246. A Fábrica Praguense de Asbesto Hermann & Cia; ver nota 69.

247. Elsa Taussig (1883-1942), futura esposa de Brod.

248. A Elisabethbrücke, oficialmente denominada Kaiser Franz-Josefs-Brücke, era assim chamada devido a uma rua que a ela conduzia, a Elisabethstrasse.

249. Trata-se, provavelmente, de “*Das ist ein Anblick*” [Isto é um aspecto], resenha de Kafka, que não chegou a ser publicada, do livro *Heinrich von Kleist: Anekdoten* [Heinrich von Kleist: anedotas], organizado por J. Bab, Leipzig, 1911.

250. Pedacos de papel com presságios impressos escolhidos com a ajuda de aves ou roedores.

251. Tcheco: “Esta é uma rosa feita de couro”.

252. Jaroslav Vrchlický, pseudônimo de Emil Frída (1853-1912); a estreia de seu drama ocorreu em 17 de dezembro de 1911.

253. Jaroslav Kvapil (1868-1950): dramaturgo e diretor-chefe do Teatro Nacional Tcheco.

254. Max Reinhardt (1873-1943): diretor teatral austríaco. Foi diretor do Deutsches Theater de Berlim, que se apresentava regularmente em Praga.

255. O príncipe Franz Anton von Thun und Hohenstein (1847-1916), governador do reino da Boêmia e representante oficial do imperador austríaco.

256. Possivelmente Albert Ehrenstein (1886-1950), na época protegido de Karl Kraus (1874-1936), fundador do jornal satírico vienense *Die Fackel* [A tocha]. Décadas mais tarde, em suas memórias, Brod ainda se mostraria ressentido contra Ehrenstein devido aos trechos negativos da resenha.

257. Franz Werfel (1890-1945): escritor austríaco. Na leitura pública que fez em Berlim em 16 de dezembro de 1911, Max Brod leu cinco poemas do livro de Werfel *Der Weltfreund* [O amigo do mundo].

258. Nome desconhecido.

259. Ver p. 278.

260. Provavelmente Lise Weltsch (1889-1974), uma prima de Felix Weltsch, amigo de Kafka.

261. Alfred Löwy (1852-1923): irmão de Julie Kafka, morava em Madri, onde era diretor de uma companhia ferroviária espanhola.

262. Rudolf Löwy (1861-1921): meio-irmão de Julie Kafka, contabilista de uma cervejaria em Praga. Converteu-se ao catolicismo e era considerado o esquisito da família.

263. Willy Nowak (1886-1977), artista tcheco. Produziu quatro litografias nesse período: *Spaziergang* [Passeio], *Mädchen mit Äpfeln* [Moça com maçãs], um retrato de Max Brod e *Badenden Mädchen* [Moças no banho].

264. Felix Weltsch (1884-1964): amigo de Kafka.

265. Café e cinema de Praga.

266. Nome alemão da cidade polonesa de Wrocław.

267. Felix Hermann.

268. Lev Austerlitz, rabino da comunidade judaica de Praga.

269. Ídiche: “circuncisador”.

270. Hebraico para “Ouve, Israel”, principal oração do judaísmo, baseada em Deuteronômio 6, 4-9.

271. Adam Porias (1794-1862), cujo nome em ídiche era Amschel Brias.

272. Esther Löwy, nascida Porias (1830-1859).

273. Sara Porias, nascida Levit (?-1860).

274. Nathan Porias (1824-?).

275. Castelo em formato de estrela (*Stern*, em alemão), construído em estilo renascentista, nos arredores de Praga.

276. *Blümale ou a pérola de Varsóvia*, peça de Joseph Latteiner encenada no café Savoy com a sra. Tschisik no papel-título.

277. Elsa Taussig (1883-1942), futura esposa de Max Brod.

278. Isto é, continuação das reflexões sobre literatura das p. 260-262 e 264 (Goethe). Ver também o esquema das p. 270-271.

279. *Poesia e verdade*, a autobiografia de Goethe.

280. Julie Ehrmann (1855-1921): irmã do pai de Kafka.

281. *Poesia e verdade*, Segunda parte, Livro sexto.

282. *Ibid.*

283. Visto que o fragmento está incompleto, o substantivo “arte” é apenas uma inferência.

284. Hugo Bergmann (1883-1975): amigo de juventude de Kafka e ex-colega de escola.

285. Dotada de um relógio astronômico construído no século XV.

286. Subúrbio situado a sudeste de Praga.

287. O texto de Gerhart Hauptmann e os dois primeiros capítulos de *Der nackte Mann*, de Emil Strauss, foram publicados pela revista *Die Neue Rundschau* em janeiro de 1912 (vol. 23, nº 1).

288. Restaurante dirigido por Karl Čáda.

289. Felix Weltsch e, provavelmente, Egon Erwin Kisch, irmão de Paul Kisch, amigo de Kafka.

290. Refere-se à planta pteridófita.

291. Marca de suco de frutas.

CRONOLOGIA BIOBIBLIOGRÁFICA

Marcelo Backes

1883 – Franz Kafka nasce em 5 de julho, filho mais velho do comerciante Hermann Kafka (1852-1931) e de sua esposa Julie, nascida Löwy (1855-1934), na cidade de Praga, na Boêmia, que então pertencia ao Império Austro-Húngaro e hoje é capital da República Tcheca. Kafka teve dois irmãos, falecidos pouco depois do nascimento, e três irmãs. São eles: Georg, nascido em 1885 e falecido 15 meses após o nascimento; Heinrich, nascido em 1887 e falecido seis meses após o nascimento; Gabriele, chamada Elli (1889-1941); Valerie, chamada Valli (1890-1942), e Ottilie, a preferida, chamada Ottla (1892-1943).

1889 – Kafka frequenta uma escola alemã para meninos em sua cidade natal até o ano de 1893.

1893 – Inicia o ginásio, concluído no ano de 1901. Escreve algumas obras infantis que são eliminadas logo depois.

1897 – Faz amizade com Rudolf Illowý; toma parte em debates socialistas.

1900 – Passa as férias de verão com seu tio Siegfried, médico rural, em Triesch.

1901 – Faz o exame final do curso secundário e passa suas férias, pela primeira vez sozinho, em Nordeney e Helgoland. No outono principia os estudos na “Universidade Alemã de Praga”, começa estudando Química e em seguida passa ao Direito. Faz também alguns seminários de História da Arte.

1902 – Viaja a Munique e pretende continuar lá seus estudos de

Germanística, começaram no verão do mesmo ano. No semestre de inverno decide prosseguir os estudos de Direito em Praga. Primeiro encontro com Max Brod.

1903 – Kafka tem a sua primeira relação sexual com uma vendedora de loja. A experiência o marcaria – de insegurança – para a vida inteira. Faz a primeira de suas várias visitas a sanatório, em Dresden.

1904 – Lê Marco Aurélio e os diários de Hebbel, escritor alemão do século XIX. Inicia os trabalhos na obra *Descrição de uma luta* [*Beschreibung eines Kampfes*].

1905 – Volta a visitar um sanatório, desta vez em Zuckmantel, onde vive uma relação com uma mulher bem mais velha, o primeiro amor de sua vida.

1906 – Faz trabalho voluntário num escritório de advocacia. Em 18 de junho é doutorado, recebendo o título *Dr. juris*. No outono faz sua prática de um ano em dois tribunais. Escreve a obra *Preparativos de casamento no campo* (*Hochzeitsvorbereitung auf dem Lande*).

1907 – Conhece Hedwig Weiler em Triesch e tenta conseguir-lhe um emprego em Praga. Trabalha na empresa de seguros Assicurazione Generali.

1908 – Primeira publicação. Oito fragmentos de prosa, na revista *Hyperion*, que posteriormente receberiam o título de *Contemplação* [*Betrachtung*]. Em julho passa a trabalhar no emprego que seria, ao mesmo tempo, martírio e motor de produção: a Agência de Seguros contra Acidentes de Trabalho de Praga.

1910 – Toma parte em vários eventos socialistas. Entra em contato íntimo com uma trupe de atores judaicos, liderada pelo seu amigo Jizchak Löwy. Viaja com Max e Otto Brod a Paris. Continua suas várias viagens de

negócio.

1911 – Outra viagem de férias a Paris. Em março participa de algumas das palestras de Karl Kraus. Com o dinheiro do pai, torna-se sócio (inativo) da fábrica de asbesto de seu cunhado. Visto que Kafka se demonstrara incapaz de dirigir um negócio pessoalmente, tentou fazê-lo participando com o capital. Continua as visitas à trupe de atores de Jizchak Löwy no Hotel Savoy e apaixona-se pela atriz Mania Tschissik.

1912 – O ano capital na vida de Kafka. Viaja com Max Brod a Weimar e conhece de perto o ambiente dos grandes clássicos, Goethe e Schiller. Na visita à casa de Goethe apaixona-se pela filha do zelador. Os oito fragmentos de prosa publicados em revista no ano de 1908 são editados em livro. Nesse mesmo ano Kafka conhece Felice Bauer, com quem trocaria incontáveis cartas. Em setembro escreve *O veredicto* [*Das Urteil*], sua primeira obra de importância. Em outubro é tomado, conforme pode-se ver nos *Diários* iniciados quatro anos antes, por pensamentos de suicídio. De 17 de novembro a 7 de dezembro escreve *A metamorfose* [*Die Verwandlung*], a mais conhecida de suas obras.

1913 – Visita Felice Bauer três vezes em Berlim. É promovido a vice-secretário da Agência de Seguros. Trabalha ferozmente na jardinagem na periferia de Praga para esquecer as atribulações do intelecto. Viaja a várias cidades, entre elas Trieste, Veneza e Verona. Em setembro e outubro tem uma curta relação com uma jovem suíça de dezoito anos no sanatório de Riva. No final do ano conhece Grete Bloch, que viera a Praga para tratar do noivado de Kafka com Felice.

1914 – Continua a visitar Felice e esta vai a Praga. A correspondência com Grete Bloch torna-se cada vez mais íntima. Em 2 de junho acontece o

noivado oficial com Felice em Berlim. Kafka mora na casa de suas duas irmãs, primeiro na de Valli, depois na de Elli.

1915 – Muda-se para um quarto e vive sozinho pela primeira vez na vida. Em abril viaja a Hungria com Elli. Kafka recebe o conhecido Prêmio Fontane de literatura, mas suas obras estão longe de fazer sucesso. *A metamorfose* é publicada em livro pelo editor Kurt Wolff. Entre julho e agosto principia a escrever *O processo* [*Der Prozess*], sua obra-prima.

1916 – Permanece dez dias com Felice em Marienbad. É publicada sua obra *O veredicto*. Faz leituras públicas de seu livro *Na colônia penal* [*In der Strafkolonie*] em Munique.

1917 – Começa seus estudos de hebraico. Noiva pela segunda vez com Felice. Adoece de tuberculose. Viaja a Zürau e vive uma vida rural na casa da irmã Ottla, sua preferida. Em dezembro separa-se em definitivo de Felice Bauer, depois de vários conflitos interiores, medos, alertas alucinados feitos à moça e a seus pais em cartas. Kafka, na verdade, procurava afastar a moça de si há anos.

1918 – Volta à Agência de Seguros depois de vários meses afastado devido à doença. Já em Praga acaba sendo vítima da gripe hispânica, que grassava pela cidade.

1919 – Conhece Julie Wohryzek na pensão Stüdl em Schelesen e vive mais uma de suas várias relações. Em abril volta a Praga. Noiva com Julie Wohryzek, apesar de não alcançar a aprovação do pai. É publicada *Na colônia penal*. Escreve *Carta ao pai* [*Brief an den Vater*] e enfim estabelece, de maneira concreta, os problemas de relação entre ele e seu pai, indiciados em toda sua obra ficcional. Depois de curta temporada em Schelesen, onde desta vez conhece Minze Eisner, volta a Praga em

dezembro.

1920 – É promovido a Secretário da Agência e seu salário é aumentado. Troca intensa de cartas com sua tradutora para o tcheco, Milena Jesenská. Viaja a Viena, onde Milena reside, e passa quatro dias com ela. Escreve várias narrativas curtas. Termina o noivado com Julie Wohryzek. Escreve um esboço para *O castelo* [*Das Schloss*]. Em dezembro volta ao sanatório em Matliary (Hohe Tatra).

1921 – Continua em Matliary. Faz amizade com Robert Klopstock. No outono volta a Praga. Entrega todos seus diários a Milena.

1922 – Começa a escrever *O castelo*, a mais extensa e mais ambiciosa de suas obras. É promovido a Secretário-geral da Agência. Escreve *Um artista da fome* [*Ein Hungerkünstler*]. Aposenta-se devido à doença. Passa alguns meses com Ottla, sua irmã, numa residência de verão em Planá. Kafka solicita a Max Brod que depois de sua morte ele deve destruir todas suas obras.

1923 – Volta a estudar hebraico. Faz planos de mudar-se para a Palestina. Conhece Dora Diamant. Volta a passar dois meses com sua irmã Ottla em Schelesen. Em final de setembro muda-se para Berlim, onde vive com Dora Diamant. Escreve *A construção* [*Der Bau*].

1924 – Em março volta a Praga. Escreve sua última narrativa curta, *Josephine, a cantora* [*Josephine, die Sängerin*]. O pai de Dora Diamant não concorda com um noivado entre a filha e o escritor. A partir de abril vive com Dora e Robert Klopstock no sanatório Hoffmann, em Kierling, onde Kafka vem a falecer dia 3 de junho. É enterrado em Praga. No verão é publicado o volume *Um artista da fome*.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Tagebücher 1909-1912*

Tradução e notas: Renato Zwick – Tradução baseada no vol. 9 das *Gesammelte Werke in zwölf Bänden*, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 2^a ed., 2014

Apresentação e cronologia: Marcelo Backes

Capa: Ivan Pinheiro Machado

Preparação: Mariana Donner da Costa

Revisão: Patrícia Yurgel

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

K16d

Kafka, Franz, 1883-1924

Diários 1909-1912 / Franz Kafka; tradução e notas Renato Zwick; apresentação e cronologia Marcelo Backes. – 1. ed. – Porto Alegre: L&PM, 2018.

Tradução de: *Tagebücher 1909-1912*

ISBN 978.85.254.3849-2

1. Kafka, Franz, 1883-1924 - Diários. 2. Escritores tchecos - Biografia. I. Zwick, Renato. II. Backes, Marcelo. III. Título.

18-51809 CDD: 838

CDU: 82-94(436)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

© da tradução, notas, apresentação e cronologia, L&PM Editores, 2017

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

[Apresentação - A unidade essencial de Kafka](#)

[Nota do tradutor](#)

[Diários 1909-1912](#)

[Primeiro caderno](#)

[Segundo caderno](#)

[Terceiro caderno](#)

[Quarto caderno](#)

[Cronologia Biobibliográfica](#)

KAFKA

O PROCESSO



L&PM POCKET

O Processo

Kafka, Franz

9788525421944

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O processo" apresenta ao leitor o drama de Josef K., funcionário respeitado de um banco que, na manhã do seu trigésimo aniversário, é acusado e detido, apesar de não precisar ir para a prisão. A vida de K. se transforma rapidamente já que a partir desse momento passa a ser um suspeito aos olhos de todos, que começam a tratá-lo com desconfiança – inclusive em seu trabalho. K. inicia então uma longa peregrinação burocrática na tentativa de descobrir por que o acusam. Esta nova tradução de Marcelo Backes inclui um prefácio sobre o autor e a obra e um apêndice com trechos dos "Diários de Kafka" sobre o romance, além dos capítulos incompletos e dos trechos riscados pelo autor no manuscrito.

[Compre agora e leia](#)

ANAÏS NIN

Incesto

Os diários não expurgados de Anaïs Nin 1932-1934

LPA

Incesto: diários não expurgados de Anaïs Nin 1932-1934

Nin, Anaïs

9788525435835

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após os acontecimentos relatados em "Henry & June", este volume dos diários não expurgados de Anaïs Nin detalha o conturbado período de sua vida entre os anos de 1932 e 1934. Mesmo nutrindo grande amor e ternura pelo marido, Hugh Guiler, Anaïs não consegue dar vazão a seus desejos sexuais dentro do casamento e entrega-se a aventuras com os doutores René Allendy e Otto Rank, seus psicanalistas, e com Henry Miller. Para complicar ainda mais a equação amorosa, em 1933 a autora reencontra o pai, a quem não via desde menina, e acaba envolvida em um perturbador relacionamento incestuoso. O livro relata, inclusive, em páginas comoventes e atualíssimas, a decisão impossível que ela se vê obrigada a tomar quando descobre uma gravidez indesejada. Em uma prosa arrebatadora e repleta de nuances poéticas, Anaïs Nin aborda temas como esperança, amor, sexo e frustração, sempre no tom intimista de uma mulher que escreve para si mesma, sem nada esconder.

[Compre agora e leia](#)

NIALL KISHTAINY

UMA BREVE
HISTÓRIA
da



ECONOMIA



Uma breve história da economia

Kishtainy, Niall

9788525438478

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro fascinante, muito longe de ser acadêmico e também isento de termos técnicos, o economista e professor Niall Kishtainy apresenta em capítulos curtos ordenados cronologicamente como se deu o desenvolvimento da economia humana, da época das cavernas aos dias de hoje. São abordados episódios cruciais da história, como a invenção do dinheiro, a descoberta do Novo Mundo, a ascensão do capitalismo, as crises de 1929 e de 2008, bem como seus ensinamentos e legados. Uma obra que ilumina as ideias, as forças e os dilemas econômicos que dão forma ao nosso universo.

[Compre agora e leia](#)

BEST-SELLER INTERNACIONAL

Uma breve história da humanidade

Sapiens

Yuval Noah Harari

"Harari é brilhante [...]. *Sapiens* é realmente impressionante, de se ler num fôlego só. De fato questiona nossas ideias preconcebidas a respeito do universo."

The Guardian



Sapiens

Harari, Yuval Noah

9788525432407

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que possibilitou ao Homo sapiens subjugar as demais espécies? O que nos torna capazes das mais belas obras de arte, dos avanços científicos mais impensáveis e das mais horripilantes guerras? Yuval Noah Harari aborda de forma brilhante estas e muitas outras questões da nossa evolução. Ele repassa a história da humanidade, relacionando com questões do presente. E consegue isso de maneira surpreendente. Em "Sapiens", Harari nos oferece não apenas conhecimento evolutivo, mas também sociológico, antropológico e até mesmo econômico. Ele se baseia nas mais recentes descobertas de diferentes campos como paleontologia, biologia e antropologia. Esta edição traz dezenas de imagens, mapas e tabelas que deixam este best-seller mundial ainda mais dinâmico.

[Compre agora e leia](#)

WALTER RISO
JÁ TE DISSE
ADEUS,
E AGORA, COMO
TE ESQUEÇO?

UM GUIA PARA TIRAR O **EX**
DA CABEÇA E DO CORAÇÃO

LePA

Já te disse adeus e, agora, como te esqueço?

Riso, Walter

9788525438485

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Enfrente a perda amorosa de cabeça erguida e saia dessa com mais amor pela pessoa que realmente importa: você! Neste novo livro, Walter Riso examina o luto afetivo, suas características, etapas e armadilhas correntes, e como fazer para tornar mais leve esse processo. Com toda sua experiência de terapeuta cognitivo, ele dá dicas para que se possa transformar este sofrimento atroz em algo útil. Afinal, uma separação é uma crise, e todas as crises também significam novas oportunidades.

[Compre agora e leia](#)